

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

*IMPACTO DOS CONTEXTOS DE FORMAÇÃO INICIAL E DE TRABALHO NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DAS EDUCADORAS DE INFÂNCIA*

ESTUDO EXPLORATÓRIO DE COMPARAÇÃO DO SECTOR PÚBLICO E DO SECTOR PRIVADO

ANEXOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
- ESPECIALIDADE FORMAÇÃO PROFISSÕES E IDENTIDADES -
SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROFESSORA DOUTORA AMÉLIA LOPES

MARIA MARGARIDA CAMPOS MARTA
PORTO, 2003

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

*IMPACTO DOS CONTEXTOS DE FORMAÇÃO INICIAL E DE TRABALHO NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DAS EDUCADORAS DE INFÂNCIA*
ESTUDO EXPLORATÓRIO DE COMPARAÇÃO DO SECTOR PÚBLICO E DO SECTOR PRIVADO

ANEXOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
- ESPECIALIDADE FORMAÇÃO PROFISSÕES E IDENTIDADES -
SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROFESSORA DOUTORA AMÉLIA LOPES

MARIA MARGARIDA CAMPOS MARTA
PORTO, 2003

ANEXOS

ANEXO 1

INVENTÁRIO DE IDENTIDADE PSICOSSOCIAL (IIP)

INVENTÁRIO DE IDENTIDADE PSICOSSOCIAL
(IIP)

(adaptado de:
ZAVALLONI e LOUIS-GUÉRIN, 1984
LOPES e RIBEIRO, 1992)

Sinal de identificação: _____

Inventário

No âmbito da dissertação a desenvolver no Mestrado em Ciências de Educação, na área de especialização “Formação, Profissões e Identidades” da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto (orientada pela Professora Doutora Amélia Lopes), onde se visa conhecer o impacto dos contextos de formação e dos contextos de trabalho na construção das identidades de Educadoras de Infância, agradecemos, como profissional de educação de infância, a sua colaboração para o que se segue.

Cada um de nós é, por identidade e afinidade, membro de vários grupos sociais diferentes.

Neste inventário, pedimos-lhe para descrever certos grupos aos quais pertence (ou pertenceu) e outros aos quais não pertence e que são constituídos por pessoas mais ou menos diferentes de si.

Por favor, responda individualmente e progressivamente às questões seguintes. Se ao responder às questões mais ideias lhe surgirem, escreva-as nos espaços previstos.

Para o preenchimento dispõe do tempo que precisar.

Este inventário é de carácter confidencial. Comprometemo-nos, por isso, a assegurar o anonimato.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Qual a sua profissão actual ou a sua ocupação principal
(1) _____
(leia a nota antes de continuar. Faça o mesmo sempre que lhe
apareça uma nota.)

Nós os (as) _____, somos (2):
(a) (b) _____ (coluna reservada)

_____	1	_____
_____	2	_____
_____	3	_____

Acabou de descrever o grupo profissional a que pertence em termos
de NÓS. A seguir pedimos-lhe que descreva o mesmo grupo em
termos de ELES. Para todos os outros grupos proceda da mesma
forma.

Eles (elas) os (as) _____, são (2):
(a) (b) _____ (coluna reservada)

_____	1	_____
_____	2	_____
_____	3	_____

- 1. Especifique
- 2. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)
escrevendo-as em frente dos números respectivos. Não se
preocupe, para já, com as restantes colunas. Proceda da
mesma forma nas folhas seguintes.

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	
Eles:	

Considere o grupo de colegas do Jardim de Infância.

Nós os (as) _____, somos (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

Eles (elas) os (as) _____, são (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	
Eles:	

Sou educador (educadora) no sector _____ (1)

Nós, os (as) educadores (as) do sector _____ somos (2) (4)

(a) (b) _____ (coluna reservada)

_____ 1 _____

_____ 2 _____

_____ 3 _____

_____ 4 _____

_____ 5 _____

_____ 6 _____

Eles (elas) os (as) educadores (as) do sector _____ são (2) (4)

(a) (b) _____ (coluna reservada)

_____ 1 _____

_____ 2 _____

_____ 3 _____

_____ 4 _____

_____ 5 _____

_____ 6 _____

Eles (elas) os (as) educadores (as) do sector _____ são (3) (4)

(a) (b) _____ (coluna reservada)

_____ 1 _____

_____ 2 _____

_____ 3 _____

_____ 4 _____

_____ 5 _____

_____ 6 _____

1. Especifique o sector: público ou privado
2. Especifique o sector a que pertence
3. Especifique o sector a que não pertence
4. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:

Eles:

Eles:

Os contextos de formação inicial e os contextos de trabalho têm implicações directas e cruciais na construção da identidade pessoal e social da pessoa, enquanto membro activo da sociedade. Assim, pedimos-lhe que (re)lembre esses contextos.

O que a minha escola de formação inicial teve de melhor foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

O melhor que os formadores/professores tiveram foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

A acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Melhor da escola:	Melhor dos formadores:

O que a minha escola de formação inicial teve de pior foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

O pior que os formadores/professores tiveram foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

A acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Pior da escola:

Pior dos formadores:

O que o meu primeiro contexto de trabalho teve de melhor foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

O que o meu primeiro contexto de trabalho teve de pior foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

1. Dê pelo menos três respostas (palavras ou frases curtas)

A acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Melhor:	
Pior:	

O que o meu segundo contexto de trabalho teve de melhor foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

O que o meu segundo contexto de trabalho teve de pior foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____	1 _____	_____
_____	2 _____	_____
_____	3 _____	_____
_____		_____

1. Dê pelo menos três respostas (palavras ou frases curtas)

A acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Melhor:	
Pior:	

O que o meu terceiro contexto de trabalho teve de melhor foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

O que o meu terceiro contexto de trabalho teve de pior foi (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

1. Dê pelo menos três respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Melhor:	
Pior:	

O que outro contexto de trabalho teve de melhor foi (1) (2):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____
	_____	_____

O que outro contexto de trabalho teve de pior foi (1) (2):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____
	_____	_____

- 1. Estas respostas são facultativas
- 2. Dê pelo menos três respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Melhor:	
Pior:	

Qual a sua origem religiosa (1)? _____

Nós os (as) _____, somos (2):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____
	_____	_____

Eles (elas) os (as) _____, são (2):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____
	_____	_____

- 1. Especifique a sua origem religiosa: protestante, ortodoxa, católica, etc.
- 2. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	
Eles:	

Nós as mulheres, somos (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

Elas as mulheres, são (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

Descreva, agora, os elementos do sexo oposto ao seu.
Eles os homens, são (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

A acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser	
Nós:	
Elas:	
Eles:	

A família é um grupo-base na construção da nossa identidade.

Na nossa família nós somos (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

Eles (elas) na família são (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	
Eles:	

Há certamente outro grupo ao qual pertence e que não foi mencionado como por exemplo, os (1): _____
Nós os (as) _____, somos (2): _____

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

Eles (elas) os (as) _____, são (2): _____

(a)	(b)	(coluna reservada)
1	_____	_____
2	_____	_____
3	_____	_____

- 1. Mencione um grupo que lhe pareça essencial na sua identidade e que tenha muita importância presentemente na sua vida.
- 2. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	_____
Eles:	_____

Se houver outros grupos aos quais pertence e que gostaria de mencionar continue (1) (3):

Nós, os (as) _____ somos:

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____ 1	_____	_____
_____ 2	_____	_____
_____ 3	_____	_____
_____	_____	_____

Eles (elas), os (as) _____ são (1) (2):

(a)	(b)	(coluna reservada)
_____ 1	_____	_____
_____ 2	_____	_____
_____ 3	_____	_____
_____	_____	_____

- 1. Estas respostas são facultativas
- 2. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)
- 3. Se necessitar de outra folha, peça-a ao investigador

Acrescentar neste espaço outras ideias, se quiser

Nós:	Eles:

Acréscitar neste espaço outras ideias, se quiser

Pessoa ideal:	
Pessoa mais oposta a si:	

Descreva a pessoa ideal tal como a imagina (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

De uma maneira geral, descreva as pessoas mais opostas a si, que não se identificam com a sua maneira de ser e o seu modo de vida.

As pessoas mais opostas a si são (1):

(a)	(b)	(coluna reservada)
1		
2		
3		

1. Dê pelo menos 3 respostas (palavras ou frases curtas)

Se quiser releia tudo o que escreveu e faça, ainda, outros acrescentos que considerar importantes.

Agora leia as instruções que se seguem até ao final e depois responda progressivamente.

Retome as suas respostas desde o início até à página 5 (inclusivé) e da página 12 (inclusivé) até ao final, indicando para cada uma das características que descreveu por um lado, as que se aplicam a si pessoalmente e por outro lado aquelas que não se aplicam a si.

Para isso:

a) Faça um círculo **em torno** de características que (de perto ou de longe) “fazem parte da sua personalidade” ou que reflectem aspectos da sua vida.

Faça uma cruz (sem apagar) **sobre** todas as características que “não fazem parte da sua personalidade”, ou que não reflectem nenhum aspecto da sua vida.

TODAS AS SUAS RESPOSTAS DEVEM SER CLASSIFICADAS COM UMA OU OUTRA DESTAS DUAS CATEGORIAS.

b) Retome todas as características em torno das quais fez um círculo e ponha, para cada uma e na coluna assinalada **com (a)**,

o nº1 naquelas que se aplicam completamente a si

o nº2 naquelas que se aplicam bastante a si

o nº3 naquelas que se aplicam um pouco a si

Retome todas as suas respostas (as que têm círculo e as que têm cruz):

Classifique-as em termos de **favorável, desfavorável ou neutro**, colocando os seguintes sinais com os seguintes critérios na coluna assinalada **com (b)**:

Ponha o sinal + nas características que julga favoráveis

Ponha o sinal – nas características que julga desfavoráveis

Ponha o sinal 0 nas características que considera neutras (nem favoráveis nem desfavoráveis)

Nas características em que colocou o sinal + e a que dá grande valor, quer dizer que considera importantes e essenciais na sua vida, ponha ainda um **E (ESSENCIAL)**

Agora, por favor, retome as suas respostas **entre a página 6 (inclusivé) e a página 11 (inclusivé)**.

c) Faça um círculo **em torno** de características que (de perto ou de longe) “fazem parte da sua personalidade”.

Faça uma cruz (sem apagar) **sobre** todas as características que “não fazem parte da sua personalidade”.

TODAS AS SUAS RESPOSTAS DEVEM SER CLASSIFICADAS COM UMA OU OUTRA DESTAS DUAS CATEGORIAS.

d) Retome todas as características em torno das quais fez um círculo e ponha, para cada uma e na coluna assinalada **com (a)**,

o nº1 naquelas que se aplicam completamente a si

o nº2 naquelas que se aplicam bastante a si

o nº3 naquelas que se aplicam um pouco a si

ANEXO 2

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Sinal de Identificação _____

Educadora de Infância a trabalhar no:

Público ☐

Privado ☐

Zona de residência _____

Idade _____

Estado civil _____

N.º de filhos _____

Região de origem:

Rural ☐

Urbano ☐

Escola de formação inicial _____

Data da conclusão do curso de Educadora de Infância _____

Data de início do exercício da profissão _____

Tempo de serviço _____ anos

Jardins de Infância onde trabalhou/trabalha: _____

Cargos que tem desempenhado na profissão: _____

Habilitações adicionais: _____

ANEXO 3

GUIÃO DA ENTREVISTA DO IIP

GUIÃO DA ENTREVISTA DO IIP

Fase II – Nível 2 – A identidade social subjectiva: o microcosmos social

Grupos de pertença: - “Ocupação”

- “Colegas de J. I.”

- “Educadora do sector público/privado” *

1 – Falando de (dizer o grupo) ... deu as seguintes respostas ... tem a impressão de ter dado respostas diferentes em Nós e em Elas? Se sim, porquê?

2 – Quando respondeu Nós somos ... estava a pensar num conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

3 – Quando respondeu Elas são ... estava a pensar num conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

4 – Quando pensa nas (dizer o grupo) ... que imagem lhe vem ao espírito? Tem a mesma imagem para Nós e Elas? Essa imagem é agradável ou desagradável, no caso de Nós e no caso de Elas?

5 – O que disse sobre Elas e a imagem é igualmente agradável ou desagradável? Se não, porquê?

*Ao especificar o sector (público ou privado) a que não pertence disse ... que imagem lhe vem ao espírito? Perante essa imagem como se sentiria a trabalhar nesse sector? Gostava de fazer a experiência? Se sim, porquê? Se não, porquê?

“Conceito” “Contextos de formação inicial”: públicos e privados

MELHOR

1 – Falando do contexto de formação inicial ... disse que o que tinha de melhor era ... estava a pensar em pessoas, coisas, situações?

2 – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)

3 – Porque é a imagem desagradável se é o que a escola teve de melhor?

1 – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tinham de melhor era ... estava a pensar num conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

2 – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de melhor que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)

3 – Porque é a imagem desagradável se é o que os professores do contexto de formação inicial tiveram de melhor?

PIOR

1 – Falando do contexto de formação inicial ... disse que o que tinha de pior era ... estava a pensar em pessoas, coisas, situações?

2 – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)

3 – Porque é a imagem agradável se é o que a escola teve de pior?

1 – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tinham de pior era ... estava a pensar num conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

2 – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de pior que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)

3 – Porque é a imagem agradável se é o que os professores do contexto de formação inicial tiveram de pior?

“Conceito” “Contextos de trabalho”: públicos e privados

MELHOR

- 1 – Falando do contexto de trabalho ... disse que o que tinha de melhor era ... estava a pensar em pessoas, coisas, situações?
- 2 – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)
- 3 – Porque é a imagem desagradável se é o que o contexto de trabalho teve de melhor?

PIOR

- 1 – Falando do contexto de trabalho ... disse que o que tinha de pior era ... estava a pensar em pessoas, coisas, situações?
- 2 – Quando pensa no que de pior teve o contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito? Essa imagem é agradável ou desagradável? (sentimentos)
- 3 – Porque é a imagem agradável se é o que o contexto de trabalho teve de pior?

Fase II – Nível 3 – Significação semântica

Unidades Representacionais (UR)

1 – Grupo (Nós e Elas)

Quando pensa no grupo ... o que significa ser ... , em quem ou em quê pensa quando diz isso?

2 – UR egomórfica

O que significa quando se aplica a si, e ao grupo, é diferente? Se sim porquê?

3 – UR alomórfica

Não se aplica a si, em que é que é diferente?

4 – Quando pensa no Contexto de formação inicial o que significa a UR ...? Tente especificar o sentido da classificação de Melhor e de Pior

5 – Quando pensa nos ... Contextos de trabalho o que significa a UR ...? Tente especificar o sentido da classificação de Melhor e de Pior

Para terminar a entrevista, o que pensa que teve mais importância no seu percurso como educadora de infância: a sua formação inicial e/ou os contextos de trabalho?

OBRIGADA

ANEXO 4

ENTREVISTA A UMA EDUCADORA DE INFÂNCIA DO SECTOR PÚBLICO

ENTREVISTA A UMA EDUCADORA DE INFÂNCIA DO SECTOR PRIVADO

ENTREVISTA A UMA EDUCADORA DE INFÂNCIA DO SECTOR PÚBLICO

Símbolo Flor

Código A11

A sua profissão actual que é Educadora de Infância (E: Inf.).

Q – Falando nas educadoras de infância deu a seguinte respostas, nós as educadoras de infância somos: criativas, independentes e empreendedoras; elas as educadoras de infância são: criativas, independentes e empreendedoras, deu a mesma resposta em nós e em elas?

R – Sim.

Q – Quando respondeu nós somos: criativas, independentes, empreendedoras, estava a pensar em quem, nalgum grupo em particular, em pessoas específicas?

R – Eu estava a pensar sobretudo nas colegas com quem eu ultimamente tenho trabalhado, as que estão assim mais próximas e com quem eu tenho.

Portanto, porque achei que realmente, por um lado acho que somos bastante criativas e temos feito coisas interessantes; por outro lado continuamos a ser independentes, mesmo apesar das orientações curriculares, portanto, somos independentes porque somos donas do nosso currículo, continuamos a fazer e a planificar de acordo com os nossos ideais e somos empreendedoras porque continuamos a ter que trabalhar muito sem muitas condições e fazer do nada tudo.

Q – Quando respondeu elas são: criativas, independentes, empreendedoras, estava a pensar em quem, num conjunto de pessoas ou num grupo particular?

R – O grupo de educadoras que eu acho que apesar de tudo, apesar de haver muito gente que ultimamente me tem desgostado em termos de profissão, mas eu acho que no global as pessoas continuam a ser criativas, independentes e empreendedoras.

Q – Aqui está em elas a pensar de uma maneira em geral?

R – No grupo, como grupo e como profissão.

Q – Quando pensa nas educadoras de infância que imagem lhe vem ao espírito?

R – Eu tenho uma imagem muito positiva apesar de tudo, acho que o global é uma profissão bastante criativa, acho que dá para muita coisa para termos muita, para inovarmos imenso e acho que o geral que é um grupo com essas características.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – Muito agradável.

Q – É a mesma imagem que tem para nós e para elas, a imagem que tem para nós e elas é a mesma ou é diferente?

R – De certa forma é, de certa forma é, embora haja nuvens negras pelo caminho mas de certa forma eu acho que acaba por ser, eu quero querer.

Q – Falando no grupo de colegas do Jardim de Infância (J: Inf.) deu as seguintes respostas nós as colegas do J. Inf. somos: colegas às vezes amigas, colaboradoras, partilhamos, elas as colegas do J. Inf. são: colegas, colaboradoras e partilham, tem a sensação de ter dado respostas diferentes em nós e em elas?

R – Não mas é assim; relativamente há primeira sim, ao nós e aí centro-me sempre particularmente na minha pessoa é assim eu acho que em primeiro lugar somos colegas de trabalho mas às vezes há uma empatia que se cria tão grande que ficamos amigas.

Q – Quando respondeu nós somos: colegas às vezes amigas, colaboradoras, partilhamos, então aqui em que é que está a pensar num grupo de colegas amigas?

R – Sim, as pessoas que se calhar mais me marcaram durante os anos de carreira.

Q – Quando respondeu elas as colegas do J. Inf. são: colegas, colaboradoras e partilham, em que é que estava a pensar?

R – Eu acho que aí também é o geral e se calhar aí ficava mesmo só pelas colegas porque há muitas que não chegam lá ao estatuto de amigas.

Q – Quando pensa nas colegas do J. Inf. que imagem lhe vem ao espírito?

R – No grupo concreto que eu conheço e com quem me tenho relacionado mais, com as educadoras da rede pública eu encontro muito esse, esse nós colegas e amigas que partilham as experiências, que colaboram umas com as outras e que levam a cabo projectos em conjunto.

Q – É uma imagem agradável ou desagradável?

R – Muito agradável.

Q – E para elas educadoras que imagem é que tem?

R – Para elas também acabo por ter uma imagem positiva se calhar porque tenho tido a sorte de encontrar, de ir encontrando pelo caminho colegas com quem me tenho identificado.

Q – E a imagem é agradável ou desagradável?

R – Também é agradável.

Q – É educadora do sector público. Falando nas educadoras do sector publico deu as seguintes respostas nós somos: dinâmicas, trabalhamos em equipa, trabalham em comunidade; elas as educadoras do sector público são: dinâmicas, trabalhamos em equipa, trabalham com a comunidade, tem a impressão de ter dado respostas diferentes em nós e em elas?

R – Não, porque isso veio no seguimento do que tenho para trás e há um grupo muito próximo com quem eu me identifico muito mas ao mesmo tempo não se distancia muito do grupo em geral que eu acho que é, grupo profissional.

Q – Quando respondeu nós somos: dinâmicas, trabalhamos em equipa e o trabalham com a comunidade, estava a pensar no conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

R – No grupo de educadoras em geral, de educadoras em geral, da rede pública.

Q – Quando respondeu elas são: dinâmicas, trabalhamos em equipa e o trabalham com a comunidade, estava a pensar no conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

R – Também no grupo de educadoras da rede pública.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector público que imagem lhe vem ao espírito?

R – É assim ultimamente a imagem tem-se vindo a alterar um bocadinho mas no geral e nos anos nos muitos anos que eu já tenho de serviço, era essa imagem que eu tinha e que eu ainda tenho que são pessoas que lutaram muito por um estatuto, foram pessoas que dinamizaram um grau de ensino ou de educação que ainda não estava implementado e por isso lutaram muito para conseguir aquilo que têm neste momento, actualmente esta imagem tem-se vindo a alterar um bocadinho em virtude de terem chegado à rede pública pessoas que durante muitas anos tiveram a trabalhar no sector privado. A imagem sim, no geral ou acho que sim que é positiva, é de lutadoras e agradável.

Q – O aspecto negativo é a integração das educadoras do privado no público?

R – Sim, sim.

Q – Porquê?

R – Porque sobretudo eu acho que elas têm formas de trabalhar um bocadinho diferentes, porque têm dinâmicas absolutamente diferentes, porque estão sujeitas a uma direcção muitas vezes, porque não estavam habituadas a trabalhar muito para si e eu penso que é isso que tem dificultado um bocado a integração delas connosco vá.

Q – Quando se refere às educadoras do sector privado diz que são: fechadas em si próprias, não partilham e não colaboram, quando deu esta resposta estava a pensar em quem, no sector privado em geral ou nalgum grupo específico?

R – É assim quando se pensa num grupo geral há sempre a tendência para se pensar em determinadas pessoas, ou determinados grupos mais pequenos que conhecemos mais directamente, a imagem que eu tenho de algumas colegas que conheço do sector privado é esse mesmo, é uma imagem de um medo muito grande de se ligarem connosco, de fazerem de elaborarem projectos em conjunto connosco, de não partilharem aquilo que têm e se calhar até mais rico ou mais do que nós temos, retraem-se na colaboração.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado qual é a imagem que lhe vem ao espírito?

R – Se calhar influenciada por essas imagens de pequenos grupos é um bocado essa são pessoas fechadas, que trabalham muito para mostrar aos pais que se faz muito bem e não há grande colaboração, nem partilha com as outras educadoras e depois à em virtude de diferenças que à mesmo a nível de salários, o que acontece é que há uma distância que se cria e depois não há espaços comuns, não há espaços comuns em nomeadamente a nível de formação por vezes aparecem, colegas do sector privado mas nem sempre, as reuniões do sindicato por exemplo também aparecem pouco, portanto acaba por a imagem que transmitem é um bocado essa de serem fechadas.

Q – É uma imagem agradável ou desagradável?

R – Muito desagradável.

Q – Com essa imagem de muito desagradável já se imaginou ou gostaria de trabalhar no sector privado?

R – Nunca, de maneira nenhuma eu não conseguiria nunca trabalhar sozinha numa sala ou numa instituição sem poder sem trabalhar com a comunidade, sem trabalho sem trabalhar com os pais, sem trabalhar com outras colegas acho que era muito difícil.

Q – Falando do contexto de formação inicial disse o que teve de melhor foi: abriram-me caminhos, prepararam-me para nunca deixar de aprender, ensinaram-me a nunca desistir, quando referiu estas características estava a pensar em pessoas, situações ou coisas?

R – Eu estava a pensar sobretudo num conjunto de circunstâncias que constituíram a minha formação inicial, eu na altura achei que foi uma formação muito adequada.

Q – Quando pensa no que teve de melhor o contexto de formação inicial que imagem lhe vem ao espírito, com estas características?

R – É uma imagem muito agradável, é uma imagem agradável apesar de na altura, não ser em termos de curso muito reconhecido socialmente ainda era um bocadinho perante o que tenho aí, é assim foi sobretudo uma formação muito aberta, não no sentido de fazermos o que nos apetecesse mas com muito orientação mas sempre a permitir-nos o salto para o degrau seguinte.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – Muito agradável.

Q – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi: partilharam saberes, colaboraram e souberam transmitir, aqui estava a pensar nos professores todos ou nalgum grupo específico?

R – É assim, de uma maneira geral eu acho que os professores tinham essas características, era um curso, era o segundo ano que funcionava no ensino público portanto as pessoas também estavam a aprender connosco com o que vinha a seguir o que era a educação de infância e penso, mas essa imagem é sobretudo de três ou quatro professores que me marcaram muito durante a formação.

Q – De que disciplinas?

R – Psicologia, expressão dramática, expressão eu não sei qual era o nome da disciplina em si mas tinha haver com a expressão física educação física por aí, e literatura infantil.

Q – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de melhor que imagem ou sentimento lhe vem ao espírito?

R – É uma imagem muito boa.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – Muito agradável.

Q – Falando do contexto de formação inicial disse o que teve de pior foi: os espaços físicos exíguos, falta de equipamento e material adequados e não teve tradição na educação de infância, quando respondeu estas características estava a pensar, em pessoas, coisas ou situações?

R – Mesmo coisas em si portanto eram os espaços realmente era um espaço adaptado não era uma escola de raiz portanto embora fosse Magistério Primário, mas não estava de maneira nenhuma nem direccionado para receber um numero tão grande de alunos porque fomos partilhar o espaço com os futuros professores do ensino primário, os formandos na altura, nem em termos de equipamentos porque nós tínhamos salas com mesas e cadeiras, não havia material didáctico quase nenhum, era o segundo ano que existia o curso de educação de infância, não havia realmente tradição, era uma escola de formação de professores primários do primeiro ciclo, por isso é, sobretudo essa imagem negativa é do físico em si, do espaço físico.

Q – Essa é uma imagem agradável ou desagradável?

R – Muito desagradável.

Q – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi: falta de professores nalgumas áreas, falta de experiência de professores na educação de infância e o espírito de grupo, estava a pensar em pessoas, coisas ou situações?

R – Sim, em pessoas concretas, nomeadamente havia muita falta na altura de professores ligados à pedagogia, não havia, sempre difícil, nunca começava o ano com professores, depois a questão, lá está, de ser uma escola de formação de professores do primeiro ciclo não estava vocacionado para a educação de infância, e os professores sentiam-se, sendo essa insegurança, e transmitiram-nos um bocado essa insegurança, e depois a questão de espírito de grupo aqui, porquê, porque nós partilhávamos alguns professores com outros alunos do primeiro ciclo, de modo que às vezes havia alguma disputa entre eles e competição entre os próprios professores, e eu acho que isso de certa forma que nos prejudicava um bocadinho também a nós.

Q – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de pior que imagem ou sentimento lhe vem ao espírito?

R – Dessa situação concreta, sim, desagradável, bastante desagradável.

Q – Falando do seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi: ser um contexto rural, a primeira experiência enquanto educadora, os colegas de trabalho, estava a pensar em pessoas, coisas, ou situações?

R – Ora bem, situações e pessoas. É assim, realmente foi um espaço, era um contexto de vida completamente oposto ao que eu estava habituada, pronto, eu vivi toda a vida numa cidade grande e de repente via-me numa aldeia completamente isolada, sem serviços, sem um hospital sem nada, a minha aflição quando eu comecei a trabalhar, era se acontecesse alguma coisa a um miúdo o que é que eu fazia, porque nós nem hospital tínhamos perto, tínhamos que andar cinquenta quilómetros até ao centro de saúde, portanto, foi realmente um grande choque para mim nesse sentido; por outro lado foi muito bom porque era um contexto rural, em termos de natureza era óptimo, era um sítio muito bonito, um ar puro, puríssimo, uma água magnífica, era o oposto do que eu estava habituada, mas acabou por ser agradável por um lado e angustiante por outro.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho tem uma imagem dupla?

R – Dupla sim, mas nesse sentido, muito boa porque realmente foi o facto de ser natural, a natureza, um contacto completamente directo com a natureza, mas por outro lado realmente essa situação que me punha um bocado angustiada, além de ser o primeiro ano que estava a trabalhar, que é sempre, também angustiante.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – É agradável.

Q – Falando do seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi: o primeiro choque com a realidade, ter de resolver os problemas sozinha e receio de não ser capaz, estava a pensar em pessoas, situações ou coisas?

R – Não eu aí estava a pensar na minha pessoa concretamente, porque é assim, realmente foi o choque com a realidade, que é deparar-me com uma situação, um contexto completamente diferente, uma situação à qual eu não estava habituada, viver numa aldeia isolada, quase ter que ir buscar água para casa; depois o facto de quando eu comecei a trabalhar os Jardins de Infância da rede pública não tinham muito boas condições, portanto era uma adaptação de um edifício velho ou a cair, e pronto, realmente de repente ver-me com vinte e cinco meninos sozinha, não tinha auxiliar, sozinha, dá sempre a sensação de que não se vai conseguir fazer nada não é?

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Porque é assim, eu tenho uma referência muito boa, porque marcou-me muito positivamente, apesar de ter esses aspectos todos negativos, mas realmente a forma como eu consegui lidar com os problemas fizeram-me vê-lo como um aspecto muito positivo apesar de tudo.

Q – Isso é que transforma a imagem?

R – De desagradável num imagem agradável.

Q – Falando do seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi: as colegas com quem trabalhei, o projecto de trabalho, os colegas de outros níveis de ensino, aqui estava a pensar em pessoas, coisas ou situações?

R – Mais pessoas, mais pessoas, realmente esse segundo contexto de trabalho influenciou-me imenso no rumo que tomou a minha carreira, eram pessoas que tinham mais anos do que eu de serviço, tinham alguma experiência e já trabalhavam à alguns anos juntas. Portanto eu quando comecei a trabalhar com elas, e não tive muito, só tive dois anos, mas foi o suficiente para as conhecer bem, manter ainda hoje contacto com elas, realmente eram pessoas já com uma vontade de trabalhar muito grande, trabalhavam muito em equipa, desenvolviam projectos muito interessantes, e este segundo contexto de trabalho foi também muito importante, eu acho que foi dos mais importantes de toda a vida, de toda a minha carreira.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Muito agradável. Sim, muito agradável.

Q – Falando do seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi: a distância que tinha que percorrer diariamente, as condições físicas do Jardim de Infância e a escassez de material, estava a pensar em pessoas, coisas ou em situações?

R – Situações e lá está, é essa a velha questão que se tem mantido, não tanto ultimamente mas que se manteve durante muitos anos na rede pública, que é a falta de condições físicas, materiais, realmente, pronto, e o facto que também me constrangia bastante que é a mobilidade a que nós estamos sujeitas e nessa situação concreta eu tinha que fazer muitos quilómetros, eu tinha que fazer cerca de cento e cinquenta quilómetros todos os dias para trabalhar, pronto para conseguir ficar em casa e não ter que estar alojada fora de casa.

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito com estas características?

R – De certa forma acaba por, quer dizer, embora fosse, não fosse mau de todo, mas, porque me compensou realmente o outro lado, mas realmente faz-me pensar um bocadinho e é desagradável, esta situação continua a ser desagradável.

Q – Acha que hoje em dia os Jardins de Infância da rede pública já têm condições físicas?

R – Alguns, nem todos. Há muitos Jardins de Infância que continuam a manter estas características, embora, eu acho que ultimamente há um investimento muito grande quer por parte das autarquias quer por parte de outras, dos que tem financiado e que tem direccionado, canalizado até, financeiramente verbas para esses, para os Jardins de infância da rede pública, mas realmente nessa altura era um bocado assim.

Q – Falando do seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi: a colega (amiga) com quem trabalhei, trabalho com a comunidade e trabalho em equipa, aqui estava a pensar em pessoas, coisas ou em situações?

R – Numa pessoa concretamente, portanto foi assim, foi um Jardim que estava, que ia ser, que ia-se iniciar nesse ano, portanto era uma comunidade que não tinha, embora não fosse muito distante do centro da cidade era uma comunidade que não tinha tradições de Jardim de Infância, portanto foi necessário não só montar toda uma estrutura, mas também fazer um trabalho de divulgação e de sensibilização da comunidade para a importância do Jardim de Infância. E nesse sentido essa colega com quem trabalhei e de quem me tornei grande amiga teve muita importância, porque só conseguimos fazer esse trabalho porque

realmente conseguimos trabalhar em equipa, porque senão nunca conseguiríamos ter implementado o J. Inf. nessa altura.

Q – Quando pensa no melhor que teve o 3.º contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Vem uma imagem muito boa, foi um trabalho muito gratificante.

Q- Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – Agradável, muito agradável sim.

Q – Falando do seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi: as relações com a autarquia, implementação da rotina do J. de Inf. e o trabalho com outros professores, estava a pensar em situações, coisas ou pessoas?

R – Situações, sobretudo e pessoas também. É assim, realmente este contexto de trabalho foi muito interessante pelo facto de realmente ter que implementar um serviço que não existia na comunidade, mas que se teve, como ponto marcativo realmente a relação que se estabeleceu com a autarquia, eram pessoas muito fechadas, muito sensíveis até, e foi um bocado difícil lidar com elas, porque nós queríamos realmente arrancar com o J. Inf., porque fazia falta, tínhamos muitas inscrições, e eles queriam que nós começássemos, mas não queriam nem fornecer material, nem investir, queriam que nós trabalhássemos com mesas e cadeiras.

Q – Quando pensa no pior que teve o 3.º contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Desagradável porque realmente não havia, penso que esta situação hoje em dia é quase impossível de acontecer, mas é muito desagradável.

Q – É uma educadora rica em contextos de trabalho, falando no último contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi: a colega com quem trabalhei, o projecto desenvolvido, o trabalho com a comunidade, estava a pensar em pessoas, coisas ou situações?

R – Portanto, estava a pensar realmente em pessoas, numa pessoa também com quem trabalhei muito especial e na situação, realmente foi um contexto de trabalho horrível, num sítio muito degradado, numa população completamente marginalizada, mas realmente conseguimos fazer, consegui com essa colega, porque realmente era uma colega muito especial, conseguimos fazer um trabalho extraordinário com a população.

Q – Quando pensa no melhor que teve o último contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Apesar de tudo muito boa, muito agradável.

Q – Falando no último contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi: o estado deplorável em que se encontrava o J. de Inf., as histórias de vida das crianças, o abandono a que a população (comunidade) estava, aqui estava a pensar em situações, coisas ou em pessoas?

R – Estava a pensar em situações e em pessoas, que realmente era uma comunidade muito, era uma comunidade completamente posta de lado, portanto era uma, era uma situação em que a freguesia, o centro da freguesia estava desenvolvido e aquela comunidadezinha mais pequena e mais localizada, portanto tinha ocupado, eram as pessoas menos favorecidas tinham ocupado os terrenos baldios, e os terrenos baldios tiveram um crescimento tão grande populacional que tinham mais, a densidade populacional neste terrenos era superior

à do centro da freguesia. Portanto as pessoas viviam sem condições nenhuma, não tinham água, não tinham luz, as casas tinham sido construídas por elas sem condições mínimas, e o Jardim de Infância tinha o mesmo estado, portanto era um dos pavilhões pré-fabricados completamente velhos a cair de podres, e as condições eram horripilantes; depois claro que a juntar isto tudo eram crianças com umas histórias de vida incríveis, eram miúdos que vendiam droga à porta da escola, que eram mal tratados, que eram, tudo que se possa imaginar de mal em termos sociais existia na sua comunidade e apesar de tudo, lá está, nós conseguimos fazer, realmente foi um trabalho sobretudo um trabalho, o nosso projecto foi social, foi muito grande, trabalhamos muito muito com os pais, com a comunidade, com a Junta, porque era, era preciso fazer tudo, foi um trabalho de educação comunitária.

Q- E qual é a imagem que tem deste contexto de trabalho com estas características?

R – Realmente o que me deixou, a marca desagradável da questão realmente foi as condições do Jardim de Infância que não eram muito melhores das que as condições que as pessoas tinham em casa. Por isso, isso realmente foi muito desagradável, e pronto, porque quando nós, uma das vezes que tivemos que fechar o Jardim porque entrava água por todos os lado, chovia pelas lâmpadas, os miúdos se se encostassem à parede, a parede andava um bocadinho para fora, quando tivemos que fechar o Jardim porque era impossível, não é, não conseguíamos, não havia condições, era perigoso, as mães diziam em casa, também me acontece o mesmo, eles aqui estão melhores do que em casa.

Q – Que imagem lhe vem ao espírito perante este cenário?

R – Desagradável sim, sim, mesmo com um trabalho, por muito bom que se faça eu acho que é, nunca chega porque estas crianças precisam de muito mais do que propriamente outra criança qualquer.

Agora vamos voltar ao princípio para perceber um pouco o sentido das palavras, o significado das unidades representacionais (UR) quando as utilizou para caracterizar cada grupo nas condições nós e elas.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – Ora bem, criativas é conseguirem de qualquer coisa fazer tudo, ter uma imaginação que não acaba, conseguirem transformar situações más em situações boas, sei lá, tudo o que vai surgindo, vai conseguir ultrapassar todos os obstáculos que vão surgindo.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si, é positiva e até considera uma característica essencial quando aplicada a si o significado mantém-se ou é alterado?

R – Não, eu acho que também se mantém, acho que ainda consigo me incluir aí nesse grupo.

Q- Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem independentes?

R – Significa nós podermos tomar decisões, construir o nosso currículo, construir o nosso projecto pedagógico sem grandes interferências embora sempre de acordo com as instruções que vão surgindo do Ministério, mas eu acho que é fazermos, conseguirmos adequar sempre os nossos projectos às realidades que vão surgindo e imposições.

Q – Também é uma unidade representacional que se aplica muito a si, é positiva e também considera essencial na profissão, quando aplicado a si o significado altera-se ou é o mesmo do grupo?

R – Não, eu acho que, o que está aí, é realmente aquilo que eu acho que também se aplica a mim.

Q- Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem empreendedoras?

R – Ora bem, significa que nunca se cansam de fazer coisas, que estão sempre a construir, sempre a, nunca se dão por satisfeitas com nada, querem sempre mais e melhor.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e considera essencial na profissão, quando aplicado a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Não mantém-se.

Q – No elas as educadoras deu as mesmas respostas: criativas, independentes e empreendedoras, tem um significado diferente ou tem o mesmo quando se refere no nós?

R – Não, era muito nesse sentido, sim, sim.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colegas, às vezes amigas?

R – É assim, durante o nosso percurso, e no nosso caso, as da rede pública que mudam muitas vezes de sítio, por situações de concurso ou por outras situações, mas a verdade é que as pessoas mudam mesmo muitas vezes de lugar, conhecemos muita gente, conhecemos muitas colegas, trabalhamos com muitas colegas, às vezes ficamos muito amigas de algumas, outras vezes nem por isso, mas realmente tem-me acontecido muitas vezes quando trabalho, ficar amiga das pessoas porque há uma empatia que se cria, que, acontece.

Q – Também se aplica a si, considera essencial e é positiva essa unidade representacional, quando é aplicada a si o significado do grupo mantém-se ou altera-se?

R – Sim, sim, mantém-se.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colaboradoras?

R – É assim, portanto as pessoas perante um determinado contexto de trabalho e os grupo que têm pela frente colaboram, colaboram com as colegas educadoras colaboram com os pais, colaboram com as outras pessoas que rodeiam, que nos rodeiam, sejam as auxiliares, sejam outro tipo de pessoal é portanto, eu acho que é fundamental esta colaboração entre todos.

Q – Aplica-se muito a si, considera-a essencial na profissão, é positiva, quando aplicada a si o significado é o mesmo que o do grupo?

R – É, sim.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa partilharmos?

R – Ora bem, partilhar, aí no sentido de reflectirmos em conjunto, partilharmos as nossas experiências, o que se passa dentro da sala do Jardim de Infância, partilhar com os pais o que vamos descobrindo nos meninos, o desenvolvimento deles, partilharmos com a comunidade, portanto acho também uma característica de uma troca entre todos.

Q – Também se aplica muito a si, considera essencial, quando aplicado a si o significado é o mesmo de partilhar ou altera-se?

R – Sim, não é o mesmo.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colegas?

R – Enfim, o que eu tenho, o que eu às vezes noto entre as colegas é que às vezes as pessoas são demasiadamente formais nas suas relações e então não estabelecem muitas vezes relações de amizade, para mim é um bocadinho fundamental, por isso eu acho que quando estou a pensar em nós reporto-me muito à minha pessoa, quando estou a pensar nelas acho que é um pouco mais em geral, acho que no geral se calhar não há tanto esta sensação de amizade, de que eu tenho necessidade não é?

Q – Quando aplicado muito a si, é positiva e essencial, o significado é o mesmo aqui de colegas?

R – Não, nesse sentido acho que não, acho que eu me enquadro mais na outra, mais no nós, mais no sentido de limitado.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colaboradoras?

R – Sim, sim, eu acho que aí, pronto, lá está, é o grupo, portanto, sim é o mesmo significado que atribui em nós, é o mesmo. E o significado de partilhamos também é o mesmo.

Q – É educadora do sector público. Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa serem dinâmicas?

R – Ora bem, em permanente movimento e agitação e estão, de qualquer coisa fazem muito e constróem muito nesse sentido.

Q – Também se aplica muito a si, quando aplicado a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Sim, não não se altera, é o mesmo ainda, é.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa trabalhamos em equipa?

R – É assim, durante muitos anos houve necessidade de se trabalhar em equipa porque como já expliquei anteriormente para a implementação da rede pública na educação pré-escolar. Houve muita necessidade de se trabalhar em equipa, de se trabalhar em conjunto e reflectir em conjunto, e eu acho que isso que ficou, que me deixou marcas.

Q – Este significado, quando aplicado a si, que se aplica bastante é uma característica essencial, muda de sentido ou é o mesmo?

R – Não, é isso mesmo, gosto de trabalhar em equipa.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa trabalham com a comunidade?

R – Com a comunidade, eu acho que é mais no sentido de com a comunidade, é assim, era um dos aspectos fundamentais e para o qual nós fomos muito orientadas, vá ou treinadas até quando fiz a formação inicial, havia na altura, não sei se por moda se realmente já demonstravam isso, havia muito essa questão da intervenção comunitária, de se trabalhar muito com os pais e as pessoas que rodeavam o Jardim de Infância, e também havia essa necessidade pelo facto de os Jardins não terem grandes condições, portanto era necessário contactar-se com as autarquias, com as Juntas de freguesia, com as paróquias para se conseguir muitas vezes implementar o Jardim de Infância e ter material. Portanto eu acho que isso também ficou, e eu acho que é uma característica também fundamental, e cada vez mais.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial quando aplicado a si o significado é o mesmo ou altera o sentido?

R – Não, é o mesmo é.

Q – No elas no público o mesmo significado é o mesmo?

R – Sim, é assim, é por o seguinte, porque, e eu quando pensei aí, quando respondi nós, centrei-me muito em mim, e quando respondi elas centrei-me no grupo, no grupo embora no grupo geral, mas fruto das muitas experiências positivas e diversas que eu tenho tido, portanto porque foram muito nessa linha.

Q – Então estas características no elas: dinâmicas, trabalham em equipa, trabalho com a comunidade têm o mesmo sentido do nós?

R – Sim, tem o mesmo sentido, tem, tem.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa serem fechadas em si próprias?

R – É a questão, de realmente da percepção que eu tenho delas ser muito, no sentido de fazerem as coisas para si, entre paredes, não partilham com as outras colegas que estão de outros sectores.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – É diferente, quer dizer eu nunca posso vir a trabalhar só, voltada para o meu grupo.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa não partilham?

R – Mostrarem o que fazem, quer dizer, colaborarem com os outros em vez de se fecharem.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Muito, eu gosto de partilhar.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa não colaboram?

R – É o mesmo, nessa mesma linha precisamente.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não, gosto de colaborar.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi abriam-me caminhos, quer especificar um bocadinho o que é isto abriam-me caminhos?

R – É assim, não foi aquela formação para transmissão de conhecimentos apenas, não foi aquela formação em que os professores são detentores de todo o conhecimento e os alunos nunca podem saber tanto como os professores, e portanto não foi, nunca foi nesse sentido, foi sempre de estamos aqui para partilhar saberes, estamos aqui para, também para conseguirmos nós aprender alguma coisa, e pronto, foi realmente prepararem para iniciar uma profissão, foi mesmo para iniciar a profissão.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi prepararam-me para nunca deixar de aprender, o que significa, isto é muito giro?

R – É assim, é aquela, é também no seguimento da questão anterior, realmente era, a sensação que nós tínhamos era, o que sabemos hoje amanhã não é verdade nenhuma, portanto há sempre coisas novas a chegar, há sempre situações, há estudos que se vão fazendo e que vão contribuindo para o desenvolvimento da profissão e portanto foi muito nessa, a minha formação foi muito nessa linha.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi ensinaram-me a nunca desistir, quer especificar?

R – Aqui é sobretudo porque era assim, nós sabíamos que quando terminássemos a nossa formação inicial, que não iríamos trabalhar propriamente na cidade onde estávamos inseridas não é, por isso nós estávamos todas ávidas de tentar a rede pública, estava no início, portanto eu comecei a minha formação inicial em oitenta e a rede pública tinha sido iniciada em 1978. Portanto a rede pública estava no início e estava toda a gente entusiasmadíssima em começar a trabalhar na rede pública, portanto era a grande novidade e grande aposta, por isso; mas também sabíamos que era muito difícil porque, íamos trabalhar para uma aldeia, para aldeias, ou para zonas menos desenvolvidas, íamos ter muitas dificuldades e portanto havia, por um lado nós tínhamos muita expectativa e por outro estávamos conscientes de que não ia ser fácil, porque sabíamos que não havia materiais, eu acho que para isso estávamos preparados. Portanto eles incentivaram-nos sempre muito a lutar por aquilo que queríamos e que acreditávamos.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi partilharam os saberes, o que significa?

R – Sim, no seguimento do que tínhamos dito anteriormente, não é, portanto estavam ali, e nós tínhamos a sensação realmente que eram mais do que professores, ou não tanto aquele estatuto de professor, mas eles estavam um bocado a descobrir o que era a educação de infância que também a novidade era tanto para eles, como para nós, embora eles é evidente dentro das áreas que estavam, não é, vocacionados, mais vocacionados ou que tinham a sua formação, pronto é evidente que também sabiam, não é, mas acho que era uma descoberta mutua.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi colaboravam, o que significa?

R – Sim, sim, muito, mesmo quando em situações de estágio, são sempre situações mais constrangedoras e angustiantes, nunca tiveram numa atitude de nós somos os professores e estamos aqui para avaliar, mas nós também porque já passamos por essa situação quando estudávamos, e se calhar sabemos avaliar o que isso é, portanto sempre nessa na linha sim, sim, de colaboração.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa souberam transmitir?

R – Tudo, segurança, os saberes que eles traziam destas das suas disciplinas, mas foi muito importante.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa estes espaços físicos exíguos?

R – A escola era pequena para os alunos que tinha, não estava preparada para receber tantos alunos, e de apesar de tudo, embora fosse depois acabou com a ESE, existia tudo na mesma escola, não é, e ao fim ao cabo estávamos todos para o mesmo fim, mas o que acontecia realmente é que a escola não estava preparada para receber tanta gente, e foi num ano em que, entraram bastantes alunos, quer para o curso de primeiro ciclo quer para o curso de educadores de infância, portanto era desconfortável. Nós tínhamos aulas em pavilhões pré-fabricados.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa a falta de equipamento e materiais adequados?

R – Não estava tanto a dizer, nessa própria biblioteca da escola, tinha sobretudo livros direccionados para os alunos do primeiro ciclo, os futuros professores do primeiro ciclo.

Q – E não tinham para as futuras educadoras?

R – Muito pouco, muito pouco mesmo, muitas vezes eram os professores que traziam os seus próprios livros e materiais e investiam muito, eu lembro da professora de matemática, que tive uma professora de matemática também me marcou bastante, à bocado não me lembrei dela mas também me marcou bastante, nós construíamos imensos jogos, imensos materiais e ela estava sempre a procurar e quando ia a qualquer congresso fora, procurava coisas novas e diferentes porque na altura não havia Internet e realmente era muito, portanto a informação chegava muito atrasada não é, e nós tínhamos realmente nós tínhamos, ainda me lembro dos nossos livros, muitos dos nossos livros eram fotocopiados, não havia, nem sequer tinham-se os livros originais.

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa não ter tradição na educação de infância?

R – É isso mesmo, quer dizer, é uma escola que durante mais de vinte anos formou professores do ensino primário, mais de vinte, sei lá, muito mais do que vinte anos, portanto, não tinha era o segundo ano, o primeiro ano foi um bocado a experiência, tinham entrado uma turma de vinte e cinco alunas, e no segundo ano, foi no ano em que eu estive lá, éramos duas turmas, portanto estávamos ainda a começar, sempre provisoriamente, a ESE já tinha sido criada, não tinha entrado em funcionamento ainda, não, portanto estávamos lá emprestados, e faziam-nos sentir um bocado isso, os próprios professores que davam as aulas, mais aulas aos alunos do primeiro ciclo, futuros professores do primeiro ciclo faziam-nos sentir isso, nós estávamos lá de empréstimo, estávamos lá a mais, para cortar florzinhas não valia a pena estar lá a ocupar o lugar.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de professores nalguma áreas, que áreas?

R – Era sobretudo, o meu, parece que já anteriormente é sobretudo a nível de, na área das pedagogias que havia, tenho essa sensação de não termos assim, era na pedagogia e na sociologia da educação que nós tivemos, nunca começávamos o ano com professores, porque não havia, sim, não havia professores, e depois dos que havia eram os professores do secundário que depois faziam o favor de nos ir dar umas aulas, pronto que se calhar até investiram bastante e foi importante, não é, mas na altura era isso.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de experiência dos professores na educação de infância?

R – Sim são as mesmas razões que já referi.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa espírito de grupo?

R – Pronto, é assim, realmente havia essa questão das duas formações distintas, que eles faziam muita questão em serem realmente formações distintas, e eu lembro-me que eles tinham avaliação era diferente, eles tinham umas, tinham frequências semestrais e nós não tínhamos, nós tínhamos uma avaliação continua, e fazíamos os nossos testes, mas não nunca, não me lembro de ter exames, mas eles tinham, tinham as frequências, paravam, deixavam de ter aulas, faziam frequências e depois voltavam ao normal. E nós tínhamos,

portanto eles faziam muito essa questão de marcar a diferença e eu acho que entre os próprios professores, era esse aspecto negativo, porque quando, havia professores que eram só professores das educadoras e havia professores que eram só dos professores do primeiro ciclo, e depois tínhamos os que eram comuns, e eu acho que eles faziam muito, faziam sentir, faziam-nos sentir essa diferença.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi ser um contexto rural, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, acho que há bocado já falei bastante sobre ele, embora não me referia a essa questão que foi para mim também fundamental que foi os colegas de trabalho, porque eu era, estava sozinha, estava completamente desenraizada e foi um aspecto muito importante para conseguir ter superado essa dificuldade. Eram os professores, eu era a única educadora da freguesia, portanto eram os professores do primeiro ciclo e do segundo ciclo, o segundo ciclo que eram professores do primeiro ciclo que estavam na telescola, foram fundamentais.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi a sua primeira experiência enquanto educadora, acho que já falámos, quer acrescentar alguma coisa mais?

R – Foi, foi realmente essa, eu acho que eu ainda me recordo como se fosse ontem esse primeiro ano, foi uma marca muito forte no meu percurso todo.

Q – Acha que o contexto de trabalho marca o percurso profissional?

R – Muito, muito, eu acho que sim, e eu acho que as primeiras experiências também marcam muito, e eu tive a sorte de ter realmente muito boas experiências, as primeiras experiências foram todas muito boas, o que de certa forma se calhar agora me ajuda a integrar as menos boas de uma forma positiva.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi o 1.º choque com a realidade, quer especificar?

R – Não, o choque com a realidade no sentido de, foi o meu primeiro contexto de trabalho, eu vinha com uma, portanto vinha com ideias, cheia de ideias ainda fruto da formação, não é, e é evidente que há sempre um choque quando se começa a trabalhar e as coisas não são assim tão bonitas como nos fazem acreditar apesar de eu ter tido uma formação que nos orientou muito para esse sentido para as diferenças e para as dificuldades.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa ter de resolver os problemas sozinha?

R – Era, o Jardim de Infância era lugar único, a freguesia só tinha esse Jardim de Infância, portanto todas as situações que surgiam quer a nível administrativo, quer a nível logístico, quer a nível pedagógico eu tinha que resolver sozinha, porque eu era directora de mim própria.

Q – Não tinha mais ninguém?

R – Ninguém, nem sequer auxiliar eu tinha nesse ano, portanto eu tinha realmente uma senhora da escola primária que ia ajudar a limpar o Jardim de Infância, que limpava no final do dia, portanto eu durante o dia estava sozinha com as crianças.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa este receio de não ser capaz?

R – É isso mesmo, era primeira vez que eu estava a trabalhar com um grupo de crianças, ter que começar a pegar num trabalho do principio até ao fim. Há aqui uma coisa neste contexto que também me ajudou imenso e que penso que nessa altura funcionavam muito bem, que era o facto de o departamento de ensino básico, uma vez que era o primeiro ano

que estava, o segundo, os primeiros anos da rede pública, apoiavam bastante as educadoras, sobretudo educadoras que estavam isoladas como eu estava, não é, portanto havia, elas reuniam connosco várias vezes no ano e iam fazendo o ponto da situação para nunca deixar, nunca se perdiam muito, elas nunca perdiam o contacto connosco e depois incentivaram muito à formação dos núcleos pedagógicos, que também nesta altura foram fundamentais, nós reuníamos uma vez por mês e normalmente eram educadoras na mesma situação, primeiros anos porque eram zonas isoladas, portanto eram educadoras nos primeiros anos de trabalho fora da sua área de residência e pronto, penso que aí não referi essa questão, mas penso que foi fundamental também.

Q – E os núcleos pedagógicos serviam para quê?

R – Para reflectir, quebrar o isolamento nas pessoas, era sobretudo para nós preparávamos o ano lectivo, definíamos os nossos projectos pedagógicos, os nossos projectos educativos e durante o ano íamos discutindo aquilo que íamos fazendo, de certa forma era a partilha que se tornou, sim, para mim indispensável.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa as colegas com quem trabalhei?

R- Realmente era um grupo, lá está, também, era um grupo muito coeso, este aqui, eu se calhar abrangia mais o grupo pedagógico onde eu me inseria, portanto que coincidia com o concelho onde eu estava a trabalhar, portanto eram todas educadoras do concelho, que na altura éramos poucas, portanto era, ainda existiam muito poucos lugares de Jardim de infância, e portanto acho que aí não só as condições de infância tiveram importância mas sobretudo o núcleo em si, acho que nessa altura foi absolutamente fundamental.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa projecto de trabalho?

R – Foi o projecto que nós desenvolvemos a nível do núcleo, também, que coincidiu também com o projecto que nós desenvolvemos também a nível de Jardim de Infância e que foi muito importante.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa os colegas de outros níveis de ensino?

R – É assim, nós estávamos nesse ano inseridas numa escola primária, portanto era, funcionávamos no recreio da escola primária, num pré-fabricado e havia um trabalho de intercâmbio muito grande com os colegas e portanto as crianças não sentiam a transição do Jardim de Infância para a escola primária, havia sequência no que se fazia.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a distância que tinha de percorrer diariamente?

R – Já referi eram cento e tal quilómetros, assim como as condições físicas também, era um pré-fabricado, sem grandes condições.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a escassez de material didáctico?

R – Sim, nessa altura, era quase inexistente.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de de melhor a colega (amiga) com quem trabalhei, quer acrescentar mais alguma ideia?

R – Não, não, vem sempre, é muito importante e cada vez mais, portanto haver uma ligação à pessoa ou às pessoas com quem se trabalha, um entendimento, porque se não

houver esse entendimento e um bom ambiente entre as colegas reflecte-se em tudo, no trabalho e no trabalho que se faz com os pais.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho com a comunidade?

R – Com autarquias, os seus pais, às vezes até pessoas que embora não tenham filhos na escola mas que estão ligados, ou porque são pequenos artesãos, ou porque são pessoas que se interessam pela, ou que nos podem também ou que nos interessam a nós na comunidade e que são elementos, que partilham e que podem gerar trabalho interessante na escola.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho em equipa?

R – Era, aqui neste caso concreto, mas é em qualquer situação acontece, é o trabalho, com a colega com quem se está, ou com as colegas com, e o estar também com a escola primária também é fundamental e ao fim ao cabo depois com todas as pessoas que estão envolvidas, porque também os outros elementos da comunidade, pois também estão integrados, não é?

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior foram as relações com a autarquia, quer especificar?

R – Não, eu penso que há bocado já expliquei a situação, era uma câmara muito fechada.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a implementação da rotina do Jardim de Infância?

R – Pois, aqui, foi a, o que teve de pior realmente esse contexto de trabalho foi essa questão, é assim, portanto era um serviço para o qual as pessoas não estavam preparadas, portanto pensavam que o Jardim de Infância era uma preparação para a escola primária, as crianças depois iam para a escola primária, para o Jardim de infância e aprendiam as letras, aprendiam a ler, e portanto era óptimo, quando chegassem à escola primária já levavam a escola primária feita, portanto, foi nesse sentido, foi difícil fazer perceber àquela comunidade que o Jardim de Infância era um espaço para os meninos crescerem e se desenvolverem e que se calhar o aprender a ler e a escrever tinha o seu tempo, foi muito difícil e só conseguimos ao fim de um trabalho de um ano inteiro. Os pais depois perceberam realmente que era importante por exemplo sujarem os, as mães em principio não gostavam que os filhos fossem com a bata suja para casa, a bata era para não sujar, e demorou tempo a perceberem que era importante, que o irem sujos para casa significava que tinham trabalhado, que tinham mexido na terra, que tinham mexido nas tintas, que tinham brincado, que era para isso que eles lá estavam, não é, mas tivemos, inclusivamente tivemos, portanto, nós fizemos um trabalho, a escola era novinha em folha, era óptima, essa aí tinha boas condições físicas, era uma escola integrada, portanto tinha Jardim de Infância, escola de primeiro ciclo e tinha também um ginásio óptimo, era uma escola muito boa em termos físicos, e portanto nós fizemos um trabalho muito interessante, um dos nosso projectos era manutenção da limpeza dos recreios, a plantação de flores, pronto, um ajardinamento e então, um dia fizemos um trabalho muito engraçado, andamos com os miúdos, decoramos os baldes do lixo e andamos a apanhar papeis do recreio pronto para incutirmos um bocado essa necessidade nas crianças e então aí, foi por acaso, a nossa colega embora não exercesse, não estava, já não exercia, portanto tinha trabalhado um ou dois anos e aí tinha ficado à família e então veio-nos dizer que o marido achava que a filha não tinha nada que ir para a escola e estar no recreio, para isso é que existiam empregadas de limpeza, portanto, e demorou, mesmo estas pessoas.

Por isso demorou, realmente as pessoas demoraram um ano inteiro a perceber o que era o trabalho do Jardim de Infância, rotina é nesse sentido, portanto as actividades que se desenvolvem habitualmente no Jardim de Infância, não uma rotina rotineira, realmente as actividades que se fazem sempre repetitivas.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa o trabalho com outros professores?

R – Foi nesse sentido, quer dizer, que teve, foi uma situação agradável e desagradável ao mesmo tempo porque, lá está, era a primeira vez que também funcionava como uma escola básica integrada, portanto os professores do primeiro ciclo não estavam minimamente preparados para isso e fizeram alguma resistência, nomeadamente eles no princípio do ano não queriam que nós deixássemos os pais entrarem na escola, porque achavam que se os pais entrassem na escola que estavam a interferir no trabalho deles e no nosso, portanto e não perceberam que o pai de uma criança de três anos tem que entrar dentro da sala para ver se a filha ficou lá ou não, não deixar à porta da escola, portanto foi nesse sentido que eu referi como um assunto menos importante mas que depois se mostrou agradável no final.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a colega com quem trabalhei?

R – No contexto anterior, mas quer num quer noutro foram fundamentais, porque, um no anterior por ser realmente uma situação com que me deparei, nova, porque realmente era, o edifício em si era excelente, mas não havia tradição do trabalho do Jardim de Infância, portanto foi um trabalho que foi necessário fazer, e que também foi importante a colaboração da colega. Aqui educadora, a colega educadora sim, e aqui, por realmente as condições do contexto serem tão más, que também foi importante, e só conseguimos desenvolver o projecto porque nos entendemos enquanto pessoas.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa, o projecto desenvolvido?

R – Este aqui concretamente foi o projecto que realmente que nós desenvolvemos com a comunidade e portanto intervenção comunitária que foi fundamental para conseguirmos realmente sobreviver às adversidades do contexto.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa, trabalho com a comunidade?

R – Vem na sequência precisamente do projecto, sim, sim.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior o que significa, o estado deplorável em que se encontrava o Jardim de Infância, penso que já falamos?

R – Sim, respondi há bocado sim.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior quer especificar só mais um bocadinho as histórias de vida das crianças?

R – Ora bem, eram crianças muito, portanto de três, quatro anos, tinham alguns de cinco, é evidente, mas as que mais me marcaram foram as mais pequenas e que apesar de terem três ou quatro anos de vida tinham umas histórias de, que correspondiam a quase vinte, vinte anos quase de uma vida normal, não é, porque são crianças que têm de lidar diariamente com tantas situações negativas, sei lá, desde pais que estavam presos até miúdos que

tinham sido abandonados pela família e estava a ser criados por vizinhos, haviam assim tantas situações complicadas, pronto que realmente, eram histórias muito marcantes. Aliás, é no primeiro dia em que fui colocada nesse Jardim, no primeiro dia de escola um menino rachou a cabeça e eu quando vou ao centro de saúde a enfermeira deitou as mãos à cabeça e disse: aí onde a senhora foi parar, coitada de si realmente foi para ao pior lugar da freguesia; e pronto, realmente, quer dizer foi no princípio um choque muito grande mas por outro lado também conseguem-se, eu acho que quando se vê algum trabalho feito também é mais gratificante.

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior o que significa, o abandono que a população (comunidade) estava?

R – Realmente era quase como nós vemos na televisão as comunidades de minorias étnicas, até aquilo que a gente pensava que só existia nos filmes e que sabíamos que era a realidade mas que não podíamos acreditar que era realidade e realmente estas pessoas portanto eles faziam na freguesia, no centro da freguesia faziam turmas à parte para os meninos desta, deste lugar desta comunidade, o centro de saúde tratava-os de forma diferente, eram marginalizados em todos os lados.

Q – A freguesia era perto do B?

R – Muito perto, sim.

Q – Às vezes pensamos que isto só existe noutros países de terceiro mundo?

R – Isto existe aqui, e era mesmo em termos eram pessoas assalariados mal pagos, depois eles eram explorados no trabalho havia pessoas que não, sabiam assinar mas não percebiam o que liam e depois assinavam coisas que não deviam assinar, punham-lhe os papéis à frente e eles assinavam de cruz. O nosso trabalho foi muito nesse sentido, mesmo de incentivar as pessoas a sei lá, a inscreverem-se numa escola para aprenderem a ler, a não serem sobretudo para evitar a serem enganados, porque eles eram enganados pelos patrões.

Q – Antes de terminarmos, eu gostava de lhe perguntar no seu percurso profissional e pessoal, como educadora de infância, o que é que acha que teve mais importância: a formação inicial e/ou os contextos de trabalho, o que é que acha que contribuiu mais?

R – É assim a formação inicial teve realmente, foi importante mas eu penso que os contextos de trabalho e sobretudo a formação contínua que eu fui fazendo que marcaram também, agora eu acho que a formação inicial foi um trampolim, foi um trampolim, na altura lá está como trampolim, agora penso que se não tivesse feito mais formação nenhuma que não era suficiente.

Q – E os contextos de trabalho que teve?

R – Sim, enriquecedores, eu acho que marcam muito e que nos ajudam muito a reflectir o trabalho, a programar o trabalho, a qualificar o trabalho acho que marcam eu tive a sensação de me marcarem pela positiva mais do que pela negativa.

Muito obrigada.

ENTREVISTA A UMA EDUCADORA DE INFÂNCIA DO SECTOR PRIVADO

Símbolo ANA

Código B8

A sua profissão actual é Educadora de Infância (E. Inf.).

Q – Falando do grupo de educadoras de infância deu as seguintes respostas, nós as educadoras somos: polivalentes, criativas e dinâmicas. Elas as educadoras são: autónomas, com iniciativa e livres. Tem a impressão de ter dado respostas diferentes em nós e em elas? Se sim porquê?

R – Porque penso que em termos de nós no particular, seguimos uma ordem superior, não é, e obedecemos a uma hierarquia que, nem sempre em concordância, mas de certa forma imposta, portanto, é assim, porque a instituição é que tem o direito, não é, coordena e dirige. Tenho a ideia que no oficial, não sei se errado ou não, que há uma autonomia própria em termos de escola, não é, e agora também mais até em termos de agrupamento. Mas há sempre o factor autonomia e, por vezes, aqui no particular falta, mesmo inclusive uma autonomia em termos de sala mesmo, não só em termos de trabalho, mesmo em termos de trabalho sala, não é?

Q – Quando respondeu nós somos: polivalentes, criativas e dinâmicas estava a pensar num grupo restrito, num conjunto de pessoas ou em pessoas específicas?

R – Estava, nomeadamente polivalentes, nomeadamente agora numa festa de fim de ano em que tem que ser dramatizada e fazer uma coreografia, tem que ter expressões, tenho que ser costureira, não é? Tenho que ser costureira, tenho que ser modelista, tenho que desenhar modelos, tenho que fazer uma série de coisas que, só mesmo com uma polivalência que nem o curso me dá.

Estava a pensar num grupo aqui da instituição.

Q – Quando respondeu no elas são: autónomas, com iniciativas e livres estava a pensar em quem, em que grupo, ou nalgum grupo específico?

R – Estava a pensar no grupo da rede pública.

Q – Quando pensa nas educadoras que imagem é que lhe vem ao espírito? Ser educadora, qual é a imagem que lhe desperta ou o sentimento?

R – Pronto, uma imagem de coragem, uma imagem de coragem.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – É agradável, é agradável embora as condições envolventes condicionem por vezes essa imagem que se tenha, não é?

Q – Tem a mesma imagem em nós e em elas, ou em elas a imagem de coragem já não é tanto?

R – Não, também, também.

Q – É uma imagem agradável ou desagradável?

R – É um desafio muito grande trabalhar com esta primeira infância, é um desafio muito grande em qualquer sector seja público ou privado, sem dúvida.

Q – Falando no grupo de colegas do Jardim de Infância (J. Inf.) deu as seguintes respostas, nós as colegas do J Inf. somos: equipe, cooperação, interajuda. Elas as colegas do J. Inf. são: responsáveis, organizadas e profissionais. Tem a impressão de ter dado respostas diferentes em nós e em elas?

R – Não, são semelhantes.

Q – Quando respondeu nós somos: equipa, cooperação e interajuda, estava a pensar em quem, num grupo específico ou num conjunto de pessoas?

R- Num grupo aqui da instituição.

Q – Quando respondeu elas são: responsáveis, organizadas e profissionais, estava a pensar num conjunto de pessoas, num grupo particular ou em pessoas específicas?

R – Educadoras mas em ninguém em particular.

Q – Quando pensa nas colegas do J. Inf. que imagem lhe vem ao espírito?

R – Uma imagem de mãe, muito positiva, que é uma boa imagem no geral.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – Agradável, agradável.

Q – Tem a mesma imagem para nós e para elas?

R – Não, em elas, também, penso que certamente terá sido, se nós fôssemos um grupo grande e de certa forma ter um trabalho em equipa maior ou menor, acho que no elas, sendo grupos mais restritos, mais pequenos, não é, colegas de sala que possivelmente até, a imagem existirá também, mas acho que sim, é capaz de ser mais fácil haver uma equipa num grupo pequeno, mais restrito, é a imagem que eu tenho, não sei se é real ou não, mas penso que sim, por isso é agradável.

Q – É educadora do sector privado. Falando das educadoras do sector privado deu as seguintes respostas, nós as educadoras do sector privado somos: sobrecarregadas, prima-se pelo secundário, prioridades nem sempre valorizadas. Elas as educadoras do sector privado são: grupo, desiguais em opiniões, nem sempre coerentes. Tem a impressão de ter dado respostas diferentes no nós e no elas? Se sim porquê?

R- Não, são mais ou menos diferentes, no mesmo sector privado.

Q – Quando respondeu nós somos: sobrecarregadas, prima-se pelo secundário e prioridades nem sempre valorizadas, estava a pensar num grupo particular, num conjunto de pessoas ou em pessoas específicas?

R – Num grupo particular da instituição.

Q – Quando respondeu elas são: grupo, desiguais em opiniões e nem sempre coerentes estava a pensar em quem, num grupo particular, num conjunto de pessoas ou em pessoas específicas?

R- Sim, noutra privado.

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado que imagem lhe vem ao espírito?

R – Que me vem ao espírito, eu acho que é mesmo um bocado dizer isso numa palavra, portanto, há um rigor na exigência de trabalho, que nem sempre os maiores beneficiários vão ser a criança, daí eu achar que é uma valorização de aspectos não primordiais, que eu considero primordiais, não é? Muito concreto, acabou um ano com uma mega festa, porque temos uma organização de um pedido, em que para estarmos com um trabalho de costura, de coreografia, um trabalho de importância da criança, da continuação das explorações das suas potencialidades em todas as outras áreas segundo as orientações curriculares, pura e simplesmente praticamente fica paralisado, não é, é a minha maneira de ver.

Q – Mas qual é a imagem mesmo que tem?

R – Eu tenho uma imagem muito positiva, acho que em termos de desenvolvimento global das crianças, nesta instituição em função de equipamentos, em função de condições de trabalho, no geral o somatório é positivo. É uma imagem boa, claro que com algumas discordância, nomeadamente essas não é, algumas opiniões discordantes, mas no somatório a imagem é positiva, bastante positiva.

Q – Quando respondeu elas educadoras do sector público são: têm opções, oportunidades e escolha, estava a pensar nalgum grupo particular ou no sector público em geral?

R – Sim, no oficial, na rede pública.

Q – Quando pensa nas educadoras da rede pública que imagem ou sentimento lhe vem ao espírito?

R – De que têm maior autonomia, maior coerência em função dos valores, dos conteúdos programáticos que têm que obedecer de certa forma. É uma imagem de maior liberdade.

Q- Essa imagem é agradável ou desagradável?

R- É boa, acho que é uma componente fundamental, muito agradável.

Q – Tem uma boa imagem do sector público e trabalha no privado, gostaria de fazer a experiência de trabalhar no sector público? Se sim porquê?

R- Claro, por essa liberdade e pela inovação da experiência em si mesmo não é? Pela inovação da experiência, porque afinal eu mantenho-me dezasseis anos na mesma instituição é porque realmente, encontrei muitas coisas positivas nela, não é, que me favorece em alguns aspectos, não é? Em alguns aspectos pessoais e profissionais, que me levaram a estar aqui dezasseis anos, não é, só que realmente no final deste tempo todo, gostava imenso de ter outras experiências.

Q – Só pela experiência de trabalho pedagógico ou tem outra?

R – Pela experiência do trabalho pedagógico e pela experiência de outras condições também que o oficial penso que tem.

Q – Pensa vir um dia, ter a oportunidade de ir para o público?

R – Penso, não sei, é um sonho, se calhar não vai sair do sonho.

Q – Mas tem concorrido?

R – Na desportiva, na desportiva, com muito pouca, muito pouca arrogância de ir para longe e não naquela, naquele dê para onde der, não é, é o publico é o público, não seja essa a prioridade.

Q – Portanto quer, mas não quer ir longe?

R – Sim, exacto, exacto, a distância é um factor impeditivo.

Q – Falando do contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi: a formação profissional, valores humano-cristãos e a exigência, estava a pensar em pessoas, coisas ou em situações quando referiu estas características que teve de melhor a sua escola de formação?

R – Em situações, em situações de todo o currículo, da formação de curso e comparando agora, uma vez que temos protocolo com a instituição formadora em que vamos vendo a evolução através dos tempos, não é, de saudosismo que se diz: ai no meu tempo é que era bom, não. É evidente que a inovação, porque também temos essa vantagem de estar sempre, acompanhamento com as estagiárias; mas penso que a formação foi, foi exigente e foi boa, até porque eu por acaso tive um ano numa instituição superior, numa faculdade, pronto, embora o ambiente não fosse naquela mesma faculdade porque havia sempre um ambiente que tentasse ser familiar, muito mais reduzido, não é, mas espremendo assim a

formação curricular e oficial dos três anos de curso foi muito boa, tanto que o curso tinha uma grande componente prática, que nestas situações é bom.

Q – O curso de educadora de infância não foi a sua primeira opção?

R – Foi, foi a primeira opção, tanto é que eu no primeiro entrei para lá, só depois de estar uma semana, saiu a colocação da faculdade e, pronto, por questões familiares em que o curso de educadora não é, muito bem visto lá, e tomar conta de miúdos e aturar meninos e não sei o quê, então eu vacilei e resolvi ir para a faculdade de biologia e geologia. Quando estava em A., o tempo ia passando e cada vez via mais que fiz a opção errada, no ano seguinte voltei a ir à escola de formação, onde tinha estado inscrita. Foi feita a inscrição e a directora disse-me que não interessava fazer provas de admissão porque tinha estado na escola e automaticamente estava admitida e continuei lá na Universidade porque tinha psicologia de evolução, ciências da educação, sociologia, cadeiras pedagógicas para o curso de via ensino e foram essas pedagógicas que me seguraram lá.

Q – Quando pensa no que teve de melhor no seu contexto de formação inicial qual é a imagem que lhe vem ao espírito, quando pensa na sua escola de formação inicial?

R – Uma imagem boa, de globalidade no fundo.

Q – E essa imagem é agradável ou desagradável?

R – É boa, é agradável.

Q – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi: profundidade na transmissão de conteúdos, a exigência e o testemunho, estava a pensar nos professores todos ou nalgum conjunto de professores mais em particular?

R – Sim, num conjunto de professores, é evidente que alguns deles tiveram essas características.

Q – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de melhor que imagem lhe vem ao espírito?

R – Muito agradável, muito boa:

Q – Falando do contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi: diferentes critérios de avaliação, imparcialidade e incoerência em algumas situações, aqui estava a pensar em pessoas, situações ou coisas?

R – Penso que estava a pensar nalgumas situações que a escola como sendo um contexto de certa forma fechado não é, uma coisa pequena em que de certa forma havia uma imparcialidade, que eu não como tinha tido essa necessidade de comparar com uma Universidade, achava que numa Universidade não se via esse certo tipo de injustiças que ali era muito visível em critérios de avaliação não é?

Q – Quando pensa no que teve de pior no seu contexto de formação inicial qual é a imagem que lhe vem ao espírito?

R – Pronto é um bocadinho desagradável na medida em que nos confrontam com uma situação de injustiça, que tinha uma certa injustiça não é, para mim, é uma imagem de injustiça.

Q – Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi: superficialidade na transmissão de conteúdos, falta de rigor na avaliação e falta de incentivo e apoio - estágio, estava a pensar em que grupo de professores ou em pessoas específicas?

R – Num grupo de professores, nomeadamente o de apoio de estágio em que pronto, foi a pessoa que estava directamente responsável ficou de parto, tivemos uma mudança de acompanhamento de estágio, na carga prática tinha uma importância, muito grande sempre. Mas nomeadamente no terceiro ano, quatro dias de práticas, sentia muito aí a instabilidade e, portanto, conheci pessoas novas e a avaliação que é uma avaliação prática, nem sequer depois se resume a um exame no final de ano, não é, que é avaliado por competências, são avaliadas as competências nomeadamente a subjectiva, em que só uma pessoa avalia, não é, portanto, alguém que nos conheceu durante dois anos, depois vem avaliar uma parte de final de estágio, a parte mais importante tem uma componente e peso muito grande na nota final. É uma pessoa que não nos conhece muito bem, pronto, e também achei que realmente houve injustiças.

Q – Quando pensa no que os professores do contexto de formação inicial tiveram de pior que imagem lhe vem ao espírito?

R – É uma imagem um pouco triste porque não foi muito agradável.

Q – Falando do seu contexto de trabalho penso que o seu contexto de trabalho, é o único, não é?

R – Sempre o mesmo, exacto só tenho um, foi único para além das experiências de estágio em que se passou. Por exemplo, nalgumas centros mas claro dois dias aqui ou três é pouquinho, mas quando foi isso que me deu alguma experiência realmente no dia, se não tivessem sido na altura na formação inicial os conteúdos práticos se não fossem tão grandes comparativamente agora, em que no primeiro ano nem há estágio não é, e eu fazia um dia inteiro não é, na semana intensiva deu para passar por bastantes centros de inserção e foi isso que me deu alguma diversidade de comparação porque, se não, em termos profissionais mesmo é o único.

Q – Falando do seu único contexto de trabalho que teve e tem de melhor foi: proximidade da área de residência, trabalhar na cidade com idade entre um ano e dez anos, evitar o isolamento, estava a pensar em situações, coisas ou em pessoas?

R – Estava a pensar em situações e pessoas aqui da instituição, onde permaneço há 16 anos.

Q – Quando pensa no que de melhor teve e tem o contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – É uma imagem agradável, embora se me dessem a possibilidade de escolher, de escolha a nível da autonomia e de opção havia algumas coisas que eu mudaria, fazia uma diferença, mas no somatório é uma imagem agradável, por isso permaneço. É uma imagem mais ou menos de bem estar.

Apesar, que ao fim de 16 anos, estou a concorrer há 3, se começa a fazer uma saturação e um cansaço muito grande e a necessidade de realmente de mudar porque realmente o bem estar que, a exigência que é exigida, vai para além daquilo, começa a ir para além de aquilo que eu considero fundamental.

Q – Falando do seu único contexto de trabalho que teve e tem de pior foi: limitação do conhecimento e de outras realidade, acomodação e os hábitos adquiridos, estava a pensar em pessoas, coisas ou em situações?

R – Em situações, em situações da casa que temos, que fazer uma mega festa no final do ano, que se adquiriu há anos, numa parte para cá, também nas pessoas porque há pessoas

que trabalham cá na instituição e já com trinta e tal anos, estão cá pessoas muito antigas com uma série de hábitos adquiridos.

Q – Há cá educadoras com trinta anos de serviço?

R – Há, há a que foi coordenadora administrativa muito tempo, já para aí há 35 anos, foi do 1.º curso da P. F., com no quinto ano (actual 9.º) e depois dois anos de curso da P. F. do particular.

Q – Mas a maior parte das educadoras são novinhas?

R – É a seguir estou eu com 16 anos, depois a coordenadora do pedagógica com 12 ou 13, depois outra educadora com 11 anos de serviço e as outras com menos de 6 anos de serviço.

Q – Então só há uma educadora com 35 anos de serviço?

R – Sim, com 33 de casa.

Q – E está no activo, ainda está em contacto com as crianças?

R – Está, aqui nesta casa, porque teve cinco antes em S. J. da M. portanto deve ter 35 anos de serviço, mas não só desta instituição.

Q – Quando pensa no que de pior teve e tem o contexto de trabalho que imagem lhe vem ao espírito?

R – Por certas exigências, que exigem muito desgaste físico, emocional, a todos os níveis e saem para além dos parâmetros pedagógicos, dos conteúdos pedagógicos.

Q – Essa imagem é agradável ou desagradável?

R – É desagradável, é desagradável porque se reflecte imenso a nível geral da pessoa não é, porque mexe mesmo com o cansaço, com a saturação e com o desgaste físico muito grande.

Agora vamos voltar ao princípio, para percebermos melhor o significado das palavras, das unidades representacionais (UR) que utilizou para caracterizar cada grupo, nas condições nós e elas.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem polivalentes?

R – Ter que saber um bocadinho que tudo para além da formação base ,portanto, temos que sair, obrigatoriamente, não é, para além da nossa formação pedagógica profissional, por exemplo, o ser costureira, ser carpinteira, ser desenhadora, ser actriz, ser bailarina, ser coreógrafa...

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si e considera-a essencial na profissão, quando se aplica a si o significado mantém-se, o polivalente, mesmo do grupo ou altera-se?

R – Mantém-se, nesta instituição.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – É preciso ter muita imaginação, muita criatividade, isso é para todas na profissão mesmo, não é?

Q – Considera uma unidade muito importante que se aplica muito a si, e essencial na profissão, quando se aplica a si muda o sentido ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

Q – Mantém-se o mesmo, porque é que acha que é essencial na profissão de educadora?

R – Acho que é importante, não quer dizer que seja assim essencial, mas acho que é muito importante, porque realmente as crianças hoje em dia estão cheias de tudo, ao mesmo tempo com tão pouco, que realmente para lhes cativarmos a atenção, eu estou a falar deste meio em que já foi um meio económico-social médio para o alto, hoje já não é tanto mas continua a ser um meio social médio não é, em que as crianças estão cheias de tudo, de maneira para lhes despertar a capacidade de concentração e de atenção é preciso já bastante criatividade e imaginação não é com duas conversas que eles se prendem a algumas coisa.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem dinâmicas?

R – Dinâmicas na medida em que o trabalho nos exige um dinamismo, uma actividade constante porque dois olhos e duas mãos para tantas crianças como vê, 25 crianças sozinha, sem auxiliar neste momento há dois meses e meio, eu até gostaria de conseguir manter mais uma certa calma porque acho que se calhar uma certa passividade ia fazer bem ao meu sistema nervoso só que realmente não consigo, ou que seja nato ou porque me seja já exigido das circunstâncias envolventes, eu acho que o dinamismo neste momento é uma coisa inerente mesmo, não posso estar passiva, não posso estar muito tempo sem nada, com este meu grupo não consigo.

Q – O significado de ser dinâmica aplica-se muito a si, também é essencial, altera o sentido ou é o mesmo quando pensa no grupo?

R – É o mesmo.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser autónomas?

R – Ter capacidade de escolha e autonomia de gerir os tempo e as opções, os recursos da maneira que entendem.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, porque tenho, tenho conteúdos, tenho situações obrigatórias mesmo que fazer, que são impostas, não é. Uma rotina, nomeadamente actividades da instituição que não me dão possibilidade de escolha e de autonomia, portanto, goste, não goste, se estou de acordo, concordo ou se não concordo, é assim, e, portanto, tem que ser feito assim.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa educadoras com iniciativa ?

R – Exactamente, está directamente relacionado com autonomia portanto se eu tenho autonomia tenho iniciativa numa serie de actividade, de formas de estar que tem essa possibilidade, de ter essa iniciativa.

Q – Mas esta unidade aplica-se muito a si, consegue ter alguma iniciativa?

R – Dentro das limitações que são impostas, tenho alguma iniciativa, não tanta como gostaria e como acho que as colegas que no oficial têm.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem livres?

R – Terem capacidade de autonomia e com a capacidade e iniciativa poderem gerir de forma autónoma e livre o seu trabalho.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, uma serie de limitações que não me deixam ser livre.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância (J. Inf.) o que significa serem equipa?

R – Significa serem sempre o mesmo, no sentido de colegas educadoras não é, muito trabalho, fazermos, haver muita colaboração, cooperação e essa é uma das coisas boas que a instituição ainda tem, portanto, as relações humanas que vai permitindo que realmente eu também vá ficando por cá, porque vai havendo apesar das pessoas terem mudado há muito esse sentido.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial, o significado altera-se ou é o mesmo quando aplicado ao grupo?

R – Sim, é o mesmo.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. Inf. o que significa terem cooperação?

R – Portanto, essa relação de cooperarem umas com as outras, nessa relação de inter-ajuda.

Q – Se lhe perguntar se inter-ajuda significa serem interligadas à equipa, a cooperação e a inter-ajuda, também se aplicam muito a si e são essenciais?

R – Sim, acho que sim.

Q – Em termos pessoais ou profissionais ou em ambos?

R – Em ambos, portanto olhando para esta instituição em ambos.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. Inf. o que significa serem responsáveis?

R – Significa exactamente isso mesmo, inclusive uma responsabilidade que vai para além do horário de trabalho, que não acaba mesmo sempre às cinco, acaba ser sempre mais, trabalha-se o dobro e quando saímos o portão não acabou. Porque a responsabilidade e exigência que nos é feita em determinados serviços transporta-se também para casa porque tem que funcionar em casa, eu tenho que apresentar, é-me imposta de certa maneira determinado tipo de trabalho e tenho que ir para casa pesquisar e trabalhar para depois as coisas funcionarem no trabalho. Porque a exigência é de tal ordem que nas horas de trabalho que é para estar com as crianças, não é possível fazer esse trabalho, que é necessário de pesquisa, de sem estar com as crianças e portanto a responsabilidade passa por isso.

Q – Também se aplica muito a si e é uma característica essencial, é diferente ou significa o mesmo?

R – O mesmo, é o mesmo em termos da equipa que temos, essas pessoas realmente, às vezes, vêm trabalhar doentes, deixam os filhos nos avós, portanto têm uma responsabilidade, o trabalho está em primeiro lugar e nós passamos aqui um ano sem termos um dia de baixa, vimos com um bocado de febre, sei lá, pronto, e nós dizemos isso porquê? Isso é só responsabilidade, é responsabilidade mas penso que também é um bocado aquela exigência e, depois que também no dia seguinte vai-se ter uma má cara, vai dizer ai, pronto, se calhar um bocado aquela ideia de falta de responsabilidade nesta altura do campeonato e uma pessoa estar a faltar. Mas a responsabilidade no geral, no global de todo o trabalho tem que ter a responsabilidade toda a profissão tem que ter responsabilidade, acho que é um dos factores primordiais nós levarmos as coisas a sério ou então muito mais nesta área, que material e salários não se assemelham a recursos humanos não é?

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. Inf. o que significa serem organizadas?

R – Organizadas, acho que a dinâmica da profissão é tanta que se não houver uma organização com essa responsabilidade, que as coisas não correm tão bem, a organização, não é muito fácil não é, mas tem que haver mesmo uma organização muito grande.

Q – É aplicado a si, que é bastante aplicado, muito até e considera essencial, o significado altera-se ou é o mesmo quando aplicado ao grupo?

R – Não, é o mesmo.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. Inf. o que significa serem profissionais?

R – Significa podermos usar critérios dentro da profissão e exercer essa mesma profissão com alguma liberdade sem deixar de ser profissional e não estar limitada a conceitos preconcebidos de quem acha que deve ser feito assim, porque assim é que está bem e muitas vezes não é uma atitude correcta profissionalmente, mas porque alguém acha que deve ser assim porque a ordem é assim, eu tenho que respeitar a hierarquia.

Q – Também se aplica a si, é uma característica essencial o significado altera-se quando se aplica-se a si ou mantém-se?

R – Se calhar altera-se um bocadinho na medida que estou a achar que, muitas vezes, não posso ser profissional como gostaria, quando tenho que dar prioridade a situações que considero secundárias e abandonar as situações que eu considero prioritárias.

Q – É educadora do sector privado. Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem sobrecarregadas?

R – Significa exactamente isso, temos uma série de tarefas que nos sobre carregam, primeiro não sendo correcto a começar pela legislação laboral, porque vai-me obrigar formosamente a ter que levar trabalho para casa, porque a sobrecarga é de tal ordem que eu no meu horário de trabalho não consigo fazer as duas coisas, nenhuma bem feito, estar com as criança e estar a preparar uma série de coisas que me são exigidas e é nesse sentido.

Q – Esta unidade aplica-se a si em grau médio, não é muito favorável, quando aplicado a si altera esse significado ou mantém o mesmo significado do grupo?

R – Não, mantém o mesmo.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa prima-se pelo secundário?

R – É exactamente isso, é valorizar questões que muitas vezes fogem ao âmbito pedagógico e à formação global da criança, para se valorizar aquilo que se acha que é uma imagem de marca da instituição, uma festa, o mega passeio não sei onde, essas coisas assim.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que diferente?

R – Não, mas aplica-se a mim na medida em que estou inserida nesta instituição e tenho que obedecer a ordens.

Q – Mas não se aplica à sua personalidade?

R – Não, se eu pudesse escolher teria que ser uma coisa completamente diferente.

Q – O que é que alteraria, só uma situação, um exemplo?

R – Valorizaria muito mais as capacidades da crianças, os seus interesses e não lhe imporia nada, uma mega festa porque é bonito e importante para os pais, por exemplo.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa prioridades nem sempre valorizáveis?

R – Essas festas, uma aparência de sala com sentido estético e decorativo feito pela educadora em vez de valorizarem o trabalho feito e exposto pelas crianças, muitas coisas das crianças.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Se pudesse mudava, aplica-se a mim na medida que sou obrigada a fazer isso, correndo o risco de me submeter à censura, mas só para mudar um bocadinho porque tal com o grupo de crianças de 4 ou 5 anos encher a sala com uma decoração, uma obra prima decorativa minha não tenho que estar a castrar as criatividade das minhas crianças e não as pôr a render as potencialidades, mas há uma censura.

Q – Mas vale a pena?

R – Vale a pena, se calhar também 16 anos de casa, vão-me dando esse privilégio se tivesse problemas hoje não arriscaria.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser grupo?

R – O grupo significa um bocadinho o significado da equipa, quando há cooperação e se calhar também não sei se respondi o significado um bocadinho pejorativo em que há dentro de um grupo, há pequenos grupos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – É diferente, aplica-se a mim enquanto grupo de trabalho, grupo equipa, grupo cooperação, não se aplica a mim enquanto grupo de trabalho, não misturo o trabalho com amizade, convívio, pronto, a palavra trabalho é trabalho e nesta instituição mistura-me muito as coisas, onde resulta muitas situações de injustiça, de imparcialidade, de falta de coerência. É uma instituição muito grande com trinta e tal pessoas a trabalhar e, portanto, há muitas situações que realmente não são geridas com imparcialidade e com a justiça porque dentro do grande grupo de funcionários há pequenos grupos, há centros de interesse e de motivações diferentes.

Q – Às vezes diversidade é boa ?

R – A diversidade é ótima desde que haja unidade na diversidade.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa desiguais em opiniões?

R – Exactamente isso, valorizar-mos os contextos diferentes e portanto e ideias diferentes o que é ótimo, mau era se toda a gente tivesse a mesma opinião, mas mau é quando uma opinião prevalece e vai ser assim concordem as restantes vinte ou não.

Q – Esta unidade aplica-se a si em médio termo?

R – Sim, porque tenho opiniões diferentes dos outros, acho que toda a gente tem não é?

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa nem sempre coerentes?

R – Exacto nem sempre coerente, não sei o que hei-de dizer, nem sempre coerente porque nem sempre o que gere e o que predomina é a coerência, num ambiente pedagógico de qualidade, há muitas interferências que mexem com este fio condutor, muitas vezes esse não é o fio condutor principal depois há uma certas influências que chocam com estes aspectos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, eu procuro ser coerente com o meu trabalho, ser coerente com o meu grupo de trabalho, valorizando aquilo que eu considero mais importante para as minhas crianças e pondo-as sempre em primeiro lugar a elas como seres em crescimento, evolução e em desenvolvimento e não as circunstâncias aparatosas, não é, e envolventes que toda a aparência, entrar numa sala e ver uma salinha com umas lindas cortinas feitas ou uma

festinha com os meninos todos em palco, pronto pode transparecer uma aparência que no fundo não é, não é, não significa às vezes uma boa qualidade de trabalho que aparenta.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa têm opções?

R – Penso que é essa liberdade que têm e essa hierarquia de valores diferentes, que realmente penso que se centra muito mais num trabalho pedagógico da crianças do que naquelas imagem de aparência que tenta transmitir aos pais, porque não têm esse tipo de iniciativas que valorizam esses aspectos e aquilo que fazem, penso que é um pouco a ideia que eu tenho, penso que aquilo que fazem tem o abono primário de valorizar a criança enquanto criança e não o aparato, conceito do Jardim tal, no concelho comparativamente ao Jardins envolventes é a ideia que eu tenho.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu tenho opções se pudesse aplicava.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa terem oportunidades?

R – Significa exactamente isso, poder escolher, poder optar, e não lhes ser imposto determinadas regras e exigências.

Q – Também não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, sinto a falta desse espaço.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa terem escolha?

R – Significa isso, terem a possibilidade, são livres têm a possibilidade de escolha não é, escolha, escolha enquanto que eu, por exemplo, numa instituição particular não tenho possibilidade de escolha não é, eu não posso escolher o material, não posso escolher a actividade pedagógica, se não escolheria estar a trabalhar com as minha crianças, estar a primar na vivência dum projecto directamente com eles, sem ter que estar envolvida numa festa para, portanto não posso escolher, significa mesmo essa possibilidade de escolher, gerir, os meios e os tempos com alguma opção de escolha.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pelos motivos que acabei de dizer.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa esta formação profissional?

R – Significa mesmo a formação curricular, duma certa forma fazendo um balanço foi positiva, ter outros aspectos que eu à pouco dizia que há uma situação de injustiça, de imparcialidade e critérios de avaliação, tirando isso, no global foi positivo, eu aceito que contribuiu para a minha personalidade, sim em alguma parte, mas não foi fundamental, porque quando cheguei à escola com 19 anos já tinha uma personalidade como é óbvio.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significam os valores humano-cristãos?

R – Esta escola de formação é uma escola de educadoras católicas na altura era, agora é uma escola católica de educadoras, e portanto primava pelos valores cristãos.

Q – Porque é que faz esta dicotomia?

R – Porque há uma diferença não é, é completamente diferente uma escola católica de educadoras, do que uma escola de educadoras católicas.

Q – Em que é que é diferente, a escola de educadoras católicas?

R – A escola de educadoras católicas é uma escola, em que as educadoras tinham que ter uma exigência para entrarem uma formação católica de base.

Q – No seu tempo era assim?

R – Era sim, agora não, agora é uma escola católica de educadoras.

Q – Como é que eram admitidas?

R – Que fossem baptizadas, um atestado de validade de estado cristão do pároco, um acompanhamento, era necessário saber que sabe a Avé Maria, o Pai Nosso, hoje em dia elas não precisam de saber, portanto nessa escola continua a administrar conteúdos programáticas de formação cristã da criança e depois as alunas chegam com uma grande dificuldade em transmitir esses conhecimentos que não têm, que ninguém pode dar aquilo que não tem.

Q – Por isso é que agora se chama escola católica?

R – Não se chama eu é que digo, mas continua a ser escola de educadoras, mas só que na altura realmente ninguém entrava lá sem data de baptizado, hoje em dia já entram algumas alunas que não foram baptizadas, já há mais abertura, não digo que esteja mais, mas na minha altura realmente primava pelos valores humano cristãos.

Q – Tinham mesmo formação nesta área?

R – Tínhamos, tanto é que nós damos formação cristã às crianças, todas as salas têm cantinho de Jesus, mas pode ver é um cantinho onde se vai trabalhando o ano litúrgico com coisas bonitas, Deus criou as coisas bonitas, Jesus, Maria percebe, Jesus à um trabalho do ano cristão que é trabalhado nas salas, o ano todo as crianças trabalham no cantinho de Jesus.

Q – E contempla outras religiões?

R – Não, só a religião cristã.

Q – E não têm crianças de outras religiões?

R – Até à data não temos tido como me tem acontecido a mim, já me aconteceu haverem pais que se consideram completamente ateus, não queria realmente que a criança assistisse aos momentos onde Jesus está, a mãe era muito flexível, o pai não era mesmo e, pronto, aconteceu isso e a criança nessa altura, nesses momentos de formação cristã começou a sair da sala para ir outra sala.

Q – Mas a criança sentia ideia do que se passava?

R – Não a criança quanto mais lhe proibiam de falar de Jesus em casa, nomeadamente na altura do Natal, fazermos trabalhos desde Jesus pequenino, Maria pequenina, nascimento de Jesus, trabalho de presépio, todas as prendas, o pinheiro de Natal todo nesse contexto cristão a criança em casa quanto mais o pai lhe proibía de falar mais ela falava.

Q – Como é que geria essa situação?

R – Geria tentando não dar muito a entender que ia a falar de Jesus, ia um bocadinho até à sala do mano e, pronto, não ia obrigar uma criança de 5 anos a perceber. Este ano, tenho uma criança que me parece que era doutra religião, mas os pais nunca disseram que não queriam que ela assistisse aos momentos de formação cristã, mas só contemplamos a religião cristã, o cantinho de Jesus.

Q – Como pessoa também valoriza muito estes valores?

R – Sim, acho que a formação global da pessoa, o ser, valoriza como católica praticante valoriza.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa a exigência?

R – Pronto, eram muito exigentes embora essa exigência realmente não fosse equivalente e lá está uma escola tem os seus critérios de avaliação que não dá possibilidade de serem questionados, mas era uma escola muito exigente porque já na altura considero que a carga horária e a carga prática comparativamente com outras escolas de formação particulares que existiam na altura, era uma escola que tinha imensa prática, uma das melhores cargas teóricas também, mas sobretudo a carga prática de estágio era a maior logo no primeiro ano de formação inicial.

A exigência foi boa, boa acho que sim evidente, que a formação prática mas depois a situação prática em campo com diversidade de situações e de idades e de instituições de meio foi muito bom.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi a profundidade na transmissão de conteúdos, quer especificar?

R – Sim no geral, no geral há sempre uma ou outra que, pronto, a formação dos professores não era tão profunda, porque não eram professores de faculdade não é, na altura não eram licenciados e havia alguns professores que eram educadoras e tinham uma componente prática e não tinham uma componente de formação superior, mas no geral sim.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi a exigência, o que significa?

R – Significa porque no fundo isto tudo tinha que estar na prática.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi o testemunho, tem um significado especial?

R – Tem , tem um significado mais ou de pessoa ou mais concretamente da monitora de estágio, que me acompanhou aqueles três anos e era sempre a mesma e muito de perto portanto tem assim o factor particular de testemunho de educadora de infância.

Q – Este testemunho aplica-se também bastante a si?

R – Em grau médio porque parece há algumas situações muito concretas nomeadamente lá está a formação cristã, em que é uma actividade que temos, que faz parte da instituição, eu tenho que transmitir esses valores, porque tenho essa noção, eu para a transmitir também valor humano, o meu testemunho eu penso que sai e tem muito mais impacto se eu falar com conhecimento, com o meu testemunho e não só uma transmissão se assim fizer, se não estiver a sentir, o que estou a dizer, não é?

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior o que significa diferentes critérios de avaliação?

R – Significa exactamente isso, não haver um rigor de avaliação e enquanto escola, eu não chamava avaliação, em que nomeadamente a estágio não há uma prova de 1 a 20 e eu tenho um 17 porque realmente havia ali um erro e eu posso recorrer portanto e então aí favorece não é, um rigor de avaliação diferente subjectivo, não é uma avaliação muito objectiva, há uma avaliação objectiva com as frequências, com as matérias teóricas, mas há uma componente que me vai dar a avaliação que é uma componente prática que tem uma avaliação subjectiva e portanto quanto isso começa logo por aí não há imparcialidade.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi a incoerência em algumas situações, o que significa?

R – Significa exactamente essa falta de rigor e algumas situações em que realço avaliação muito particularmente, em relação muito ao lema da escola como a escola é católica mas

no fundo depois com o passar das situações olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi a superficialidade na transmissão de conteúdos, quer especificar?

R – Sim porque, algumas matérias, por exemplo, literatura infantil ou sei lá educação musical no fundo como nós tínhamos uma componente prática tão grande transmitia-nos o quê, um bocadinho de cada e muito de nada e portanto os conhecimentos eram assim um bocadinho superficiais ficava assim, pronto. É o que eu digo nós sabemos um bocadinho de cada e não sabemos muito de nada; o curso tem uma carga teórica tão grande com tantas disciplinas que no fundo é mesmo isto, era preferível estar mais condensado e realmente ter uma profundidade maior de conteúdos do que ter um bocadinho de cada e, pronto, e à medida que a pessoa vai fazendo alguma formação ao longo da vida profissional é que realmente vai vendo que ficou a aprender umas coisinhas só no curso e que há muito mais para saber não é, isso também haverá sempre não é, mal era se os conhecimentos tivessem esgotado.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de rigor na avaliação?

R – Essa injustiça e imparcialidade de que já falei.

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de incentivo e apoio-estágio?

R – Exactamente isso, porque nós tínhamos uma cadeira de estágio que fazia parte da formação dos 3 anos e como essa monitora de estágio era a principal, o principal veículo que nos acompanhava, foi muito próxima, nessa altura sentiu-se que quando ela foi embora no último ano, que houve mais duas pessoas a avaliarmos, houve aí a falta de apoio.

Q – Ela era uma pessoa que incentivava ?

R – Portanto, a monitora original era, depois lá está, as que vieram substituir no terceiro ano em que era fundamental, era um ano terrível porque nos era exigido uma apresentação de um trabalho profissional, enquanto nós estávamos numa fase de aprendizagem não é, e portanto foi muito complicado nessa situação concreta, tivemos duas substituições de monitora no primeiro período e no segundo período e senti isso na minha formação. Depois também, às vezes, o corpo da equipa que se fazia com a educadora que nos acompanhava também às vezes não era dos melhores, também nesse sentido, a educadora cooperante nem sempre era a melhor porque as pessoas saíam da sala, que agora a escola não permite, mas na minha altura passava o dia fora da sala, uma semana fora da sala, nós éramos estagiarias mas eram-nos postas nas costas todas as competências profissionais, estar com 33 crianças sozinhas enquanto nós estávamos em formação, a educadora simplesmente saía, portanto é muito nesse sentido e imagem no estágio final que realmente foi terrível, uma pessoa nem tempo para comer um pão ou ir fazer um chichi tinha, era completamente das 9h às 17h com os meninos exaustivamente e portanto nesse sentido que a imagem foi um bocadinho mais negativa na formação.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor o que significa esta proximidade da área de residência?

R – É eu estar perto, realmente na deslocação, da família, é dar-me tempo que eu considero mesmo necessário para dar apoio à família.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor foi e é trabalhar na cidade com idades entre um a dez anos, quer especificar um bocadinho?

R – Sim estar num meio economico-social não é, um bem em si, é mais o medo do isolamento porque também já fiz estágio, lá está em que estive mais numa aldeia e também gostei imenso de trabalhar com essas crianças, mas é mesmo, pronto, a proximidade, é também a possibilidade que a instituição proporciona estarmos em faixas etárias em níveis de ensino desde creches, pré-escolar e em ATL, é um leque grande para a comunidade de um ano e dois anos, já é uma experiência grande.

O trabalhar na cidade é um pouquinho neste sentido, um bocadinho do medo do estar no isolamento de ir para uma aldeola, em que tivesse umas casas, não o meio rural que não me assusta, vivo no meio rural e gosto imenso, gosto imenso do meio rural, da calminha e isso mais nesse sentido.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor foi e é evitar o isolamento é nesse aspecto?

R – Exacto, eu não me assustava portando o que me assustava era o isolamento isso sim, estar-se completamente isolada, agora o meio rural não me assusta, é nesse sentido exacto estar pronto, também não gostava não sei até que ponto gostaria de estar a trabalhar sozinha, por exemplo, uma educadora sozinha numa sala sozinha, completamente isolada, acho que não gostava.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa a limitação no conhecimento de outras realidades?

R – Exacto na medida em que me é imposto esta rotina, esta forma de trabalhar, as condições são assim e eu no fundo não é um meio de trabalho mas eu é que me acomodei por que devia ter lutado por outras realidades e outras experiências. Por exemplo, ter arriscado e deixar de estar tão perto, não valorizar a proximidade, estar com a família, ter posto a minha profissão à frente da família, por exemplo, eu não pus.

Q – E aí conhecer que outras realidade?

R – Outras no oficial, muito mais, basta que não estaria no mesmo sítio, dois anos seguidos certamente, que a possibilidade de conhecer novas experiências é muito maior do que os dois anos na mesma instituição. Nesta realidade em que mudar de idade, as valências creche, J. de infância, o ATL e essa é uma mudança porque realmente estar na mesma instituição só com pré-escolar como fazíamos dantes, não fazíamos essa rotatividade. Agora levamos o grupo desde a valência de creche até à segunda classe, até ao ATL, só de há dois anos a esta parte.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa acomodação?

R – Significa uma parte minha que me acomodei por maioria de valores pessoais, acabei por me acomodar enquanto não sentia o cansaço enquanto não sentia.

Q – Esta acomodação refere-se só a si?

R – Sim só a mim que me acomodei a esta instituição e optei, fiz uma opção de realmente não arriscar, porque se tivesse arriscado, como muitas das outras pessoas o fazem, já poderia estar com uma realidade diferente não é, poderia perfeitamente estar no oficial.

Q – Mas sente-se acomodada no contexto trabalho em termos profissionais?

R – Não sinto-me acomodada, só tem termos de instituição, porque em termos profissionais tenho feito formação, algumas coisa, realmente enquanto educadora cooperante, enquanto a instituição onde trabalho fizer protocolo como uma instituição formadora não me posso acomodar, tenho que estar sempre em contínua formação, em

adaptação às novas realidades, porque cada ano que passa a escola formadora tem diferenças não é, na formação dos educandos e portanto nós temos que estar em contínua formação, também acomodação à instituição de trabalho por causa do local de trabalho e da proximidade.

Q – Todos os anos é educadora cooperante?

R – Quase todos, quase todos, nem sempre, nem todos os anos, já tive bastantes.

Q – Educadora cooperante em que género de formação?

R – No último, aí sim sou sempre, porque posso não ser do último ano de curso mas sou do terceiro ou segundo portanto neste caso não sou do 4º ano, mas sou do 2º e 3º anos que são estagiárias, agora o curso de educadora são 4 anos.

Q – O estágio é no último ano?

R – O estágio final é de 4 dias no 4º ano, no terceiro ano é um dia, no segundo ano é uma manhã e no primeiro não há, há só uma observação da instituição e relatório, não há trabalho directo com as crianças.

Q – A sua rotina diária altera-se, a sua maneira de trabalhar é alterada pelo facto de ser educadora cooperante?

R – De certa forma um bocadinho, porque há uma preocupação enquanto educadora cooperante, enquanto está uma estagiária presente na sala e vem no horário que entrega da escola de ante mão a preocupação maior de cumprir aquele horário.

Q – Horário de que actividades?

R – De actividades, horário de trabalho de rotina diária, o que não quer dizer que por qualquer coisa que eu considere mais importante que esse horário não seja alterado, é muitas vezes alterado, previsto que era aquele e depois temos o horário realizado que foi diferente do previsto, elas têm que pôr a justificação do motivo da alteração do horário, mas como dante não há um horário prévio da instituição, na escola não é, isso quer dizer que pode aparecer uma monitora a vir observar a actividade da estagiária, uma preocupação maior em que esse horário seja cumprido realmente.

Q – Então não há grande flexibilidade?

R – Nesse sentido não, não quer dizer que não possa haver, haja, muitas vezes, uma mudança de horário mas muito mais nas actividades de educadoras do que propriamente nas estagiárias, porque como estão sujeitas ao aparecimento, à observação da monitora, que é duma forma imprevisível não é, duma forma surpresa, visita de estágio que temos que realmente que o horário seja cumprido.

Q – Nota que há muita rigidez na instituição de formação?

R – Não tanto, agora acho que isso não é muito maior do que uns tempos atrás.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa estes hábitos adquiridos?

R – No contexto de trabalho, somos uma instituição já muito antiga com pessoas que por vezes testavam os hábitos adquiridos e não há uma preocupação de mudar ou de sondar a opinião geral das pessoas se é essa, o hábito adquirido é uma festa ou um passeio ou uma noite no parque biológico, é assim pronto esses hábitos vão permanecendo.

Q – Para terminar, no seu percurso profissional de educadora de infância o que é que teve e tem maior importância: a sua formação inicial e/ou o contexto de trabalho para o seu percurso profissional?

R – Para o percurso profissional, eu acho tão difícil responder a isso pela quantidade de proporções o contexto de formação inicial foi muito importante, agora o conhecimento que o contexto de trabalho me tem dado ao longo destes anos todos é muito importante também, mas acho que se completam é evidente, não poderá existir um sem o outro não é, penso que se completam.

Muito obrigada.

ANEXO 5

SISTEMA CATEGORIAL

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
1. ^a POSTURA EM RELAÇÃO À PROFISSÃO	a) EMOÇÕES
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as atitudes das educadoras de infância em relação à profissão em geral.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem aos sentimentos afectivos que caracterizam as educadoras.

Q – Quando pensa no grupo educadoras de infância o que significa serem meigas?

R – Hm, sermos carinhosas com as crianças e estarmos disponíveis para elas essencialmente.

Q – Considerou esta característica essencial, positiva e que se aplica muito a si. Quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Quando aplicada a mim é o mesmo. Considero-me uma pessoa meiga.

(A4)

Q – E quando pensa no grupo de educadoras o que significa não somos reconhecidas pelo trabalho desenvolvido?

R – A bem dizer ninguém percebe muito bem o que é a educação pré-escolar, ninguém sabe muito bem para que serve portanto esta discussão não está feita e depois há muitos discursos contraditórios e agora com esta nova situação política mais contraditório vai ser; pensam que é uma questão de preparação para a escola mas não é, é muito mas muito mais que isso, é dar novas possibilidades de vida. Por ex. eu considero que a educação pré-escolar é fundamental nas crianças porque é possível outros caminhos, outra questão que acho fundamental é o gosto por aprender, que eu acho que o J. I. desperta, pela conquista da aprendizagem.

Q – Também se aplica a si e o significado do grupo muda ou é o mesmo?

R – É o mesmo, por muito bom que seja o trabalho, enquanto a nível nacional não for resolvido o problema, vamos todas sofrer do mesmo mal.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa gostamos da profissão?

R – Gostar da profissão, estar bem como um peixe dentro de água.

Q – Também se aplica muito a si, é positivo e condição essencial para a profissão?

R – Exactamente e tem o mesmo significado.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem voluntárias?

R – Eu quando digo voluntárias estou-me a referir que os J. I., actualmente quase todos metidos dentro das escolas primárias para rentabilizar recursos, e acho que as professoras do 1.º ciclo ainda são mais conservadoras que as educadoras e então qualquer coizinha, às vezes, é uma grande complicação e então o que eu vejo na minha escola é que são sempre as educadoras de infância que voluntariamente cedem e aceitam para que se acabe com o impasse e as coisas andem para a frente. E também as acho voluntárias no trabalho e no dia a dia, mesmo quando não são coisas da sua alçada como por ex. as cantinas acabam por fazer.

Q – Também se aplica a si, quando aplicada a si o significado é o mesmo?

R – Sim é o mesmo.

(A9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
1. ^a POSTURA EM RELAÇÃO À PROFISSÃO	b) QUALIDADES ESSENCIAIS À PROFISSÃO DE EDUCADORA
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as atitudes das educadoras de infância em relação à profissão em geral.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que os sujeitos mencionaram referentes às qualidades de ser educadora.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem profissionais da educação?

R – É mesmo isso, portanto nós, pronto é trabalhar com seres humanos, educar os seres humanos, os seres humanos, é de momento, é a base da educação, pronto nós temos ferramentas, o nosso curso, a nossa formação e tudo o que nós fazemos ao longo da vida acho que nos dá ferramentas, imagens, ideias e estratégias para poderemos trabalhar e oficialmente representar a nossa profissão, pronto, como profissionais da educação.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, é positiva e considera-a essencial, quando aplica a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Não, mantém-se, mantém-se.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem acolhedoras?

R – Acolhedoras, pronto, recebermos bem as crianças e os pais. Estarmos abertas para tudo que nos possa surgir, não é, porque temos crianças muito diferentes e pais também, temos de estar disponíveis para aceitar todas as situações e tudo aquilo que nos vier.

Q – Também se aplica a si e considera essencial, quando aplicado a si altera o significado ou é o mesmo?

R – É assim, eu aí, em relação a mim, tenho algumas reservas pelo facto de ser uma pessoa um bocadinho introvertida. E logo de início, com as crianças não, pronto, consigo abrir-me bastante, mas com a comunidade e com os pais não sou logo assim uma pessoa muito acolhedora. Aos poucos é que vou melhorando. Mas considero-me uma pessoa acolhedora, agora, não posso pôr muito muito acolhedora.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem dedicadas?

R – Pronto, eu aí considero que nós temos de estar disponíveis para ajudar, para colaborar com os pais, para ajudar as crianças, porque estamos a lidar com pessoas e não com papéis, não é, embora há um dia que não estou com tanta disposição, ou que estou mais cansada, portanto, eu tenho que pensar nas crianças que precisam de nós. Portanto, eu acho que essencialmente temos que nos dedicar a eles, temos de nos entregar de corpo e alma, e deixar um bocadinho para trás das costas os problemas que nos vêm de casa e deixá-los fora da porta e estarmos ali só para elas.

Q – Aplica-se muito a si, é positivo e essencial, quando aplicado a si altera o significado ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem participativas?

R – Significa estarem empenhadas naquilo que estão a fazer.

Q – Também se aplica a si, é positiva e classificou-a com médio quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – O significado é ligeiramente diferente aqui e ao grupo, no geral eu participo se houver pessoas que queiram colaborar comigo eu gosto, não sou pessoa das que avançam quer dizer, se for preciso eu sou capaz de avançar e de fazer coisas, e houver outras pessoas à volta acho que, com o grupo, com outras pessoas também envolvidas é mais fácil eu entrar nas coisas e participar mais, é.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem motivadas?

R – Se calhar já referi isso, é não se deixarem estar no ram ram, naquilo, não é, no deixar fazer, no fazer aquelas rotininhas e não passar disso.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – A mim aplica-se, eu acho que este ano não andei muito motivada.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – Criativas no sentido de muitas vezes resolverem situações, por exemplo a nível de espaço, se nós temos salas que não podem, que temos poucos móveis ou que temos as janelas que nos impedem pronto colocar o móvel de uma forma ou em cima do outro ou colocar uma cortina ou pronto, arranjar soluções para os problemas que existem muitas vezes de formas práticas, que até se possa muitas vezes numa sala, por exemplo, uma pessoa tem que trabalhar nessa sala 3 ou 4 anos com o mesmo grupo e é uma sala pequena e difícil pronto alterar os espaços muitas vezes torna-se difícil pronto e criatividade também está aí nessa situação.

Q – Também se aplica muito a si, considera essencial, quando aplicado a si e ao grupo, o significado mantém-se ou altera-se?

R – Mantém-se.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser criativas?

R – Criativas significa criar, inovar, ser mágicas, transformadoras sei lá.

Q – Não se aplica muito, aplica-se mais ou menos, aplica-se a si, quando aplicada a si esta unidade representacional tem o mesmo significado ou altera-se, quando se aplica a si é o mesmo significado de criativas?

R – Sim.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem muito práticas?

R – Significa que isso é bom, é essencial, mas tem uma parte que eu acho que é uma falha do grupo das educadoras que é a parte teórica, nós sabemos o que fazemos, fazemo-lo e quando vamos justificar o que fazemos e porque fazemos e tentamos escreve-lo ficamos com o nó não conseguimos, somos práticas o que é bom, mas falha-nos a parte da teoria, não quer dizer que não saibamos, não conseguimos transmitir o que acontece, vem uma inspectora ou vem outra pessoa qualquer que são parceiros, são parceiros por e simplesmente, as pessoas ficam entupidas, não sabem passar o que fazem, as pessoas sabem o que estão a fazer mas reflectir pronto, às vezes acontecem muitas coisas as pessoas sabem que fazem o que acho essencial na nossa profissão mesmo quem não está integrado num modelo curricular. Eu lembro-me no início quando comecei a trabalhar que se falava muito no trabalho de projecto e não sei o quê, e havia uma discussão que era: só se é bom educador se trabalhar em projecto e alguém dizia e eu concordo plenamente nem que se trabalhe por objectivos ou logo que se trabalhe que se sinta segura, que se transmita segurança à criança, que faça a criança feliz e que não ande ali a contrariar a criança, que se deixe a criança que esteja com ela que acompanhe como ela sabe e que não pare no tempo, agora fazer um trabalho e aplicar um modelo em que as pessoas não sabem o que

estão a fazer às vezes, mas neste sentido só se aplica a mim, estou a aplicar já um bocado já.

Aplica-se a mim, gosto muito da prática tentei ao longo deste tempo reflectir, estou num grupo, pertença ao movimento da escola moderna há muitos anos portanto faço reflexões sistematizadas, tento reflectir.

Q – Aplica-se a si, mas num significado já diferente?

R – Como prática não é, só como pessoa que acha que a prática é muito importante, porque depois teorizar, pessoas que só teorizam e ficam lá sentadas e vão tomar o café e mais nada.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem comunicativas?

R – Comunicativas, tudo o que é essencial, nós na nossa profissão comunicamos muito, ou é essencial comunicar, não só com as crianças, comunicar com os nossos parceiros, seja auxiliar, seja os pais, seja os outros colegas dos outros ciclos.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial, quando aplicado a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Muito.

Q – O significado é o mesmo?

R – É, sou muito comunicativa.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem de grande adaptabilidade?

R – As educadoras como estão quase sempre a mudar de lugar em lugar, apesar de serem conservadoras numa forma de pensar, acho que circunstancialmente às coisas adaptam-se com bastante facilidade mais do que as do 1.º ciclo, com quem tenho estado ultimamente, que vejo que elas não mudam, a gente tenta e diz porque é que fecham a escola aos pais, porque os pais devem entrar cá dentro, não, não, os pais sempre foi assim há 20 anos ficam fora do portão para não virem para aqui fazer confusão.

Nós temos que ter esta capacidade de adaptabilidade porque as coisas estão sempre em mudança, a nossa inteligência hoje mede-se pela nossa capacidade de mudança, se tu não mudas, se não te adaptas ficas para trás e eu acho que as educadoras têm uma adaptabilidade maior às coisas, às situações.

Q – Esta característica aplica-se bastante a si e o significado é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem práticas?

R – Na actividade delas nem podem ser muito teóricas e portanto acho que somos muito mais práticas, muito mais funcionais, muito mais no dia a dia do trabalho e depois isto reflecte-se no grupo de trabalho em que te insere, porque se tu dentro da tua sala és prática, não estás sentada ali com teorias, temos mesmo que ser bastante práticas, ser pacientes e práticas, deixar a criança experimentar, experimentar... até à exaustão. Temos que ter um sentido prático das coisas que se reflecte na nossa acção.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – É o mesmo só com uma nuance eu prefiro ser mais dinâmica do que ser só prática.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem disponíveis?

R – Tem a ver com esse aspecto voluntarioso que elas têm, da adaptabilidade portanto se elas se adaptam facilmente, se são voluntariosas logo elas têm que mostrar uma certa disponibilidade, não é? E portanto estão sempre disponíveis para as tais mudanças, somos

mais abertas, por ex. lá na escola ninguém queria o horário da ginástica das 10 às 10,30 porque coincidia com o recreio, claro lá houve uma educadora que se disponibilizou para ir a essa hora porque nenhuma do 1.º ciclo aceitou.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – Sim, sim é o mesmo.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem lutadoras?

R – São as pessoas que tendo um objectivo em vista não desistem perante a primeira dificuldade.

Q – Considera esta unidade essencial, aplica-se muito a si, o significado altera-se quando aplicado a si ou é o mesmo?

R – Eu penso que não, que é o mesmo.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem diferentes dos restantes profissionais de ensino?

R – Dos outros sectores de ensino é diferente, por natureza, portanto, as pessoas também, para estarem adaptadas e para melhor processarem o seu trabalho, têm que ser diferentes, naturalmente, devido à sua especificidade.

Q – Esta unidade também se aplica a si, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, é o mesmo.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem profissionais responsáveis?

R – Significa que as pessoas têm conhecimento das suas funções, dos seus deveres e portanto tentam cumpri-los.

Q – Esta unidade aplica-se a si, é uma característica essencial, quando aplicada a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – Ora bem, criativas é conseguirem de qualquer coisa fazer tudo, ter uma imaginação que não acaba, conseguirem transformar situações más em situações boas, sei lá, tudo o que vai surgindo, vai conseguir ultrapassar todos os obstáculos que vão surgindo.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si, é positiva e até considera uma característica essencial quando aplicada a si o significado mantém-se ou é alterado?

R – Não, eu acho que também se mantém, acho que ainda consigo me incluir aí nesse grupo.

(A11)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem independentes?

R – Significa nós podermos tomar decisões, construir o nosso currículo, construir o nosso projecto pedagógico sem grandes interferências embora sempre de acordo com as instruções que vão surgindo do Ministério, mas eu acho que é fazermos, conseguirmos adequar sempre os nossos projectos às realidades que vão surgindo e imposições.

Q – Também é uma unidade representacional que se aplica muito a si, é positiva e também considera essencial na profissão, quando aplicado a si o significado altera-se ou é o mesmo do grupo?

R – Não, eu acho que, o que está aí, é realmente aquilo que eu acho que também se aplica a mim.

(A11)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem empreendedoras?

R – Ora bem, significa que nunca se cansam de fazer coisas, que estão sempre a construir, sempre a, nunca se dão por satisfeitas com nada, querem sempre mais e melhor.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e considera essencial na profissão, quando aplicado a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Não mantém-se.

Q – No elas as educadoras deu as mesmas respostas: criativas, independentes e empreendedoras, tem um significado diferente ou tem o mesmo quando se refere no nós?

R – Não, era muito nesse sentido, sim, sim.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	a) RESPONSABILIDADE EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam a importância de trabalhar com as crianças.

Q – Quando pensa nas educadoras de infância, o que significa serem orientadoras?

R – Portanto as crianças com quem trabalhamos são crianças muito pequenas, com muito pouca idade, três anos, portanto vêm de um meio familiar muito, pronto, muito reduzido, não é, normalmente têm poucos contactos com o exterior e como hoje em dia as crianças estão muito pouco tempo com os pais, portanto não podem ou não conseguem receber todos os, enfim, todos os apoios e todas as orientações, estou a repetir a palavra mas, que deveriam não é, e portanto eu acho que nós temos esse papel muito importante em orientar os meninos porque o seu crescimento e o seu desenvolvimento, principalmente não é, portanto, dentro das, portanto, essa orientação logicamente é dentro dos objectivos do Jardim de Infância, não é?

Q – Esta característica aplica-se a si e considera positiva, o significado é o mesmo quando aplicado ao grupo ou altera-se?

R – É porque é aquilo que eu faço com a minha filha, portanto eu acho que está tudo dito e que faço como educadora logicamente.

(A1)

Q – Quando pensa do grupo de educadoras de infância o que significa serem facilitadoras?

R – Pronto, nós sermos, estarmos a facilitar, facilitamos de certo modo todo um conjunto de actividades e de acções que vão ajudar os meninos a portanto a desenvolverem-se, portanto nós facilitamos, o trabalho, facilitamos a linguagem de modo a podermos ajudar e a tentar fazer com que os meninos cresçam, se desenvolvem, actuem, pronto, sejam interventivos, sejam participativos, pronto, nós facilitamos de certo modo o trabalho e todo, tudo o que existe no Jardim de Infância para aí chegarmos aos objectivos, pronto.

Q – Também se aplica a si, é positiva, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo, é o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância, o que significa serem dinâmicas?

R – Portanto eu acho que quando se trabalha com crianças pequenas já existe um certo dinamismo implícito, portanto as crianças são agitadas por natureza e nós temos que de certo modo acompanhar aquele dinamismo, mas ao mesmo tempo ir refreando um bocadinho e tentando chamar-lhes a atenção para o mundo, pronto, para tudo que existe, mas de uma forma assim dinâmica para eles não, para entenderem, é a maneira de nós descermos talvez ao nível deles, eles entenderem ou pelo menos aperceberem-se de que as coisas existem e que há uma razão para fazer as coisas e chamar-lhes a atenção, pronto.

Q – Quando aplicada a si, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Não, é o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem preocupadas com a realidade social e psicológica das nossas crianças?

R – Significa de facto procurar caminhos alternativos para tentarem resolver ou dar resposta a essas realidades.

Q – Esta característica aplica-se a si no grau 1 e é também essencial, quando aplicado a si o significado mantém-se ou é diferente?

R – Mantém-se. E para mim é muito importante, as educadoras têm aí um papel muito importante de alerta e de procurar os caminhos de resolução.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser importantes no desenvolvimento global, psicológico, afectivo das crianças?

R – Acho que sim, ao permitirmos novas situações de aprendizagem, novas situações de conhecimento, novas estratégias, ao mostrarmos novas realidades do mundo social e do mundo cívico, ao conversarmos muito com eles, penso, isto é uma característica muito boa da educação pré-escolar, conversa-se muito, o discurso verbal é muito importante. Para mim é muito importante, ouvi-las acho que se pode criar aí pontes que as ajudem a estabilizar as suas emoções e a despertar.

Q – Também se aplica bastante a si, o significado para o grupo e para si é o mesmo ou é diferente?

R – Penso que é o mesmo, penso que sim.

(A3)

Q – No grupo de educadoras o que significa muitas preocupam-se com as suas crianças?

R – Preocupam-se mesmo, preocupam-se se elas comem bem, se elas têm algum problema, acho que genericamente todas são assim.

Q – Esta unidade aplica-se a si e bastante, o significado altera-se ou não?

R – Altera-se no sentido de que depois fazem pouco para resolver os problemas e eu sinto que luto mais.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem muito preocupadas com as nossas crianças?

R – Muito preocupadas em conhece-las, em trabalhar os temas que lhes são queridos, em ajudá-las neste início de caminhada, não é por acaso que o símbolo das educadoras continua a ser ilumina, ampara e liberta, liberta para a vida, portanto, essa é a nossa função, e temos de o fazer de uma forma lúdica, de uma forma agradável, mas é preciso conhecer muito bem as nossas crianças e a preocupação essencialmente, também, um bocadinho daquilo que se passa fora do J. I., se às vezes suspeitarmos ou soubermos de alguma coisa que se passa foram tentar ajudar a resolver, porque nós temos de nos considerar pessoas integrantes do meio, da comunidade.

Q – Esta unidade também se aplica muito a si, considera-a positiva e essencial na profissão, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A5)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	b) ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à capacidade de organização do trabalho com as crianças, com o espaço físico e com outros intervenientes educativos.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem investigadoras?

R – Como eu já tive oportunidade de referir, portanto eu acho que uma educadora quando tira o curso nunca mais deve parar de investigar, de ler, de trocar conhecimentos com outras colegas, de se valorizar de modo a portanto estar sempre actualizada, porque, pronto nós trabalhamos com seres humanos e as mentalidades evoluem, há sempre muita coisa em mudança e temos que estar a par, pronto.

Q – Também se aplica a si, é positiva, o significado é o mesmo ou altera-se?

R- Sem dúvida, que é o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem empenhadas?

R – Acho que faz parte, acho que quando há empenho está tudo dito, o empenho significa o interesse, um envolvimento, pronto, o estar dentro da situação, o estar por dentro.

Q – Também se aplica muito a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, não, é o mesmo, é aquilo que eu penso.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa ser profissionais?

R – Profissionais?! Levar o seu trabalho a sério, programando devidamente e é isso basicamente.

Q – Esta característica aplica-se muito a si e é bastante positiva e essencial quando se aplica a si o significado mantém ou altera-se?

R – Não, não, mantém o mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem dedicadas?

R – É um bocado ser profissional, mas às vezes acrescidamente a esse profissionalismo tem que haver uma dose de dedicação extra porque a pessoa para além daquilo que lhe é exigido se calhar vai um bocadinho mais além não é?! Porque o trabalho em si o requer.

Q – E quando aplicado a si este significado mantém-se?

R – Também se mantém.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem cumpridoras?

R – Se calhar é isso tudo são sinónimos umas das outras, pois é isso também é serem assíduos, pontuais, cumprirem com o que lhes é exigido a nível de aspectos burocráticos e relatórios e essas coisas assim.

Q – Quando se aplica a si tem o mesmo significado?

R – Também algumas coisas, normalmente quando respondo assim aplica-se a alguns conceitos e normalmente deixo-me ir.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras, o que significa serem competentes?

R – São pessoas que, que realizam todo o seu trabalho tanto a nível burocrático, como a nível de trabalho com as crianças. Portanto são pessoas organizadas, que têm um projecto educativo, que têm planos de intervenção e que têm em conta o meio onde estão inseridas e o grupo de crianças que têm pela frente, que fazem essa observação, esse registo e que a partir daí começam a trabalhar com as crianças.

Q – Esta unidade aplica-se a si, é positiva e essencial, quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – O significado é o mesmo.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa o bom relacionamento com os outros?

R – O bom relacionamento com os colegas da escola, se o J. I. for lugar único, é com os colegas da escola primária, se for com mais do que um lugar com a colega da outra sala, com as colegas do primeiro ciclo, com os pais, com a comunidade, com o padre, com o presidente da junta, com a câmara e tudo aquilo que for necessário.

Q – Aplica-se a si, considera-a positiva e essencial, quando aplicada a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se, e aliás, eu tinha-me esquecido de uma coisa, bom relacionamento com as crianças também é muito importante.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem interessadas?

R – Significa quererem fazer, não se contentarem com aquilo que estão a fazer mas interessarem-se por fazer alguma coisa diferente. Procurarem sempre algo de novo e investigar e é isso, mas principalmente isso, não estarem muito estanques só naquilo, querendo-se fazer aquilo faz-se aquilo, de vez em quando surge uma coisa nova mas cada vez se deve investigar mais, acho que é preciso investigar mais e saber mais, acho que, eu sei que isso me faz falta e que sinto necessidade disso.

Q – Aplica-se a si, considera positivo e classificou de médio que é o facto de sentir falta não é?

R – Sim, sim, sim, sim.

Q – Mas o significado é o mesmo quando aplicado a si?

R – É, é, é.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem dinâmicas?

R – São pessoas que procuram ser, fazer situações, procuram levar o grupo a espaços diferentes, procuram em pouco tempo resolver os problemas que têm, não ficam à espera que os venham resolver, procuram estar sempre em acção, propor coisas diferentes.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, é positiva e considera-a essencial, quando aplicada a si o significado de dinâmico é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa trabalharmos em equipa?

R – Significa que as pessoas partilham os problemas e tentam resolver os problemas em conjunto, programam as actividades em conjunto e dividem tarefas, pronto respeitam a opinião da outra colega, aceitam mesmo às vezes não gostando tanto de uma ideia aceitam porque aceitam a diferença do outro, e pronto vão tentando sempre pronto, colaborar e manter sempre todas as pessoas dentro do grupo, não excluindo ninguém.

Q – Também é uma unidade que se aplica muito a si, positiva e também considera essencial na profissão, quando aplicado a si o significado mantém-se ou é diferente?

R – Mantém-se.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem dinâmicas?

R – Dinâmicas, multifacetadas, mexidas, todo o tipo de situações que desenvolvemos, que mexemos com este com aquele, não ficamos numa sala de aula, a ministrar conhecimentos.

Q – Também se aplica muito a si e é positiva o significado é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem críticas?

R – Portanto o ser crítico é não estar acomodado, é estar alerta.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É, às vezes sou crítica de mais.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de E. Inf^a o que significa serem dinâmicas?

R – É promoverem uma série de coisas, eu por ex. se quero fazer um passeio só encontro barreiras, é mais fácil acomodar-me e não fazer o passeio, porque vou ter um desgaste enorme e não o ser dinâmicas não nos leva a desistir, fazem rodar a máquina, movê-la.

Q – Essa característica aplica-se a si, mesmo muito, quando aplicada o significado é o mesmo?

R – Também e mais um pouco porque ser dinâmica é ter ideias novas e lutar por elas não é acomodarmo-nos, às vezes é muito mais cómodo concordar do que discordar. Ser dinâmica não é fazer só uma acção é tentar impor, é ser persistente por ex. no início do ano os lanches são só guloseimas e é preciso muita persistência para que os pais percebam que uma peça de fruta e uma fatia de pão é mais saudável do que a comida plástica e lá para o meio do ano os lanches já vêm bem.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem dinâmicas?

R – Significa que as pessoas, procurem encontrar estratégias para resolver as situações que têm, de forma activa.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Também acho que sou uma pessoa de algum modo dinâmica, agora, considero que há pessoas mais dinâmicas do que eu.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem empenhadas?

R – São pessoas que têm formação e força para trabalhar e aplicam-na.

Q – Considera uma característica essencial, aplica-se muito a si, positiva, o significado altera-se quando aplicado a si ou é o mesmo?

R – Não é o mesmo.

(A10)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO	c) LIMITAÇÕES E SEU IMPACTO
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às limitações sentidas na realização do trabalho e suas implicações nas motivações profissionais.

Q – Quando pensa no grupo de educadores o que significa serem pouco implicados?
R – São educadores que fazem o seu trabalho só nas 4 paredes da sala e depois o resto, o meio, família não sei, isso irá alguém tratar assistentes sociais, o resto das pessoas porque chegou a horinha vão se embora e amanhã há mais e portanto fica ali paradinho.
Q – Não se aplica a si e considera desfavorável porquê? Em que é que é diferente?
R – Porque eu acho que as coisas são se resumem às 4 paredes da sala quer dizer nós temos que ter um trabalho muito para além disso, não estou a dizer que façamos o papel dum educador social ou dum assistente social mas temos sem dúvida de conhecer o ambiente da criança com quem estamos a trabalhar, para podemos programar um trabalho com pés e cabeça.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa não se preocupam nem com a comunidade nem com o meio onde se inserem?
R – Há pessoas que chegam, fazem, desenvolvem o seu trabalho com as crianças, tem um plano de acção para desenvolver com as crianças, desenvolvem, mas sem estar muito preocupadas com realidade em que as crianças estão inseridas ou que vivem, nem se lhes são coisas próximas ou completamente distantes.
Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?
R – Eu tento sempre primeiro fazer uma observação do grupo de crianças, como atrás já referi, fazer a observação do meio e então a partir daí estabelecer o meu plano de acção.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem desmotivadas?
R – Significa estarem ali por, enfim, à espera que chegue o fim do mês e pouco mais, e não sempre necessariamente por aquilo que estão a fazer.
Q – A aplica a si, este ano, não é, apesar de a ter classificado com pouco e considerar desfavorável?
R – Este ano aplica-se, por questões pessoais.

(A6)

Q – Ainda quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem conservadoras?
R – É mais nos conceitos, na forma de estar na vida e nas metodologias mas penso que as educadoras, mesmo assim, são menos conservadoras que os outros professores. Quer em relação à arte e às coisas todas que os rodeia têm uma atitude conservadora.
Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?
R – Não porque eu sinto a minha mente aberta para a cultura, não vivo sem o teatro, sem o cinema, sem livros, gosto de mudar.

(A9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector público

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO	d) APRECIÇÃO DAS COLEGAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às apreciações feitas pelo grupo de pares.

Q – Quando pensa no grupo das educadores o que significa serem baldas?
R – É o oposto de profissionais, não ligarem muito e não estarem preocupados com a sua postura, como é que as pessoas vêem a educação, serem baldas é chegar tarde não ligarem nenhuma, é faltar quando dá cá aquela palha.
Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?
R – Não. Se calhar é por ser muito profissional e acabo-o por ser, exactamente, mesmo quando estava distante e tudo mais.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores o que significa serem faltosos?
R – É mesmo isso, é faltarem muito.
Q – Também não se aplica a si e não considera favorável?
R – Não, por sistema nunca faltar.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa nem todas valorizam realmente o seu estatuto profissional?
R – Pois, quer dizer algumas talvez por se acomodarem ficam na questão da guarda, de fazer mais do mesmo, todos a cantar, depois desenhar, depois lanchar e depois não sei quê, não se valorizam e ao quererem fazer a proximidade ao 1.º ciclo tornando o J. I. igual ao 1.º ciclo, não se valorizam profissionalmente, isto no meu entender, fazem o caminho inverso.
Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?
R – Olhe eu não faço esse caminho, eu faço o caminho ao 1.º ciclo mas na troca de experiências e de fazer coisas em conjunto, por ex. este ano estamos a fazer o jornal, há troca de notícias e de quem fez o quê. Esta proximidade é diferente do ensinar a ler, a escrever e a contar.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa nem todas apostam na inovação e abertura a novas experiências?
R – Há muitos preconceitos nas educadoras, eu também tenho concerteza, e por isso é que eu digo que carregam muito a formação inicial porque há escolas que criam mesmo muitos preconceitos. Acho que era interessante fazer uma comparação entre os diferentes tipos de formação na educação de infância, o problema também passa por haver variadíssimas escolas de formação inicial dispaes onde cada uma defende a sua filosofia, e carregam muitos preconceitos pedagógicos mais modestos ou mais inovadores.
Q – Esta característica não se aplica a si, em que é diferente?
R – Eu faço por inovar, um esforço por fazer coisas diferentes com as crianças. Quando eu digo aí inovo não é na pedagogia mas na metodologia, quero fazer coisas diferentes por ex. este ano nunca tinha feito um jornal e este ano fiz, todos os anos faço coisas novas porque tenho medo da rotina que é aterrador, às vezes até me ponho a comparar as planificações dos anos anteriores e fico contente por não ver as mesmas coisas. Gostava muito que ao

longo do meu percurso profissional me fosse permitido fazer novas experiências e até me chamarem para novos desafios, por ex. em relação à história da menina do mar lia e trabalhei-a quando tive nos Açores e este ano li-a novamente e fi-la completamente diferente também porque eram outras crianças, outro meio, outro tipo de material, por isso vivênciada de forma diferente.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem demasiado benevolentes nas regras?

R – Pronto, acho que é assim, nós vivemos numa sociedade em que há regras e logo desde início também devemos, no fundo, motivar as crianças, ensinar, transmitir-lhes, passar-lhes essas regras, porque eles depois mais tarde, no seu dia a dia, se desde pequenos forem habituados a lidar com essas situações e a terem regras, pronto, embora eu considere que as regras são fundamentais para o desenvolvimento delas e também para uma boa integração na sociedade. Porque senão depois mais tarde gera muitos conflitos. E aqui, pronto, eu acho que tanto as educadoras como os pais, mas aqui estamos a referir-nos às educadoras, muitas vezes deixam andar, e depois mais tarde já é mais difícil incutir certas regras nas crianças.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa primar pelo bonito e não pelo educativo?

R – Pronto, preocupam-se mais pela beleza da sala em si e não tanto com a parte pedagógica ou com o desenvolvimento das crianças.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pronto, porque é assim, o facto do bonito das colegas que querem é pôr coisas bonitas, muitas vezes pode trazer prejuízos para a criança, não é, porque nós estamos ali não para mostrar aquilo que nós sabemos fazer, é para ajudar as crianças a desenvolverem-se. Portanto, não interessa expor as minhas coisas, interessa expor as coisas deles e ajudá-los a desenvolver, se eles um dia mais tarde forem arquitectos ou desenhadores para depois serem eles a primar pelo bonito.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa não são competentes a nível administrativo?

R – Pronto, aí nessa parte eu se calhar, como fui formada por uma escola oficial - U, sinto que neste momento deparo às vezes com situações, com colegas que andam aos papéis entre aspas, porque não sabem resolver certas situações e eu acho que para um bom funcionamento de um Jardim, a parte administrativa é também importante, embora pense que não devia competir a nós fazer essa parte, mas temos de ser polivalentes, temos que ser um bocadinho para tudo.

Portanto, já disse também porque é que não se aplica a mim.

(A4)

Q – E o que significa no grupo das educadoras não são tão preocupadas com a funcionalidade do J. I.?

R – Sei da existência de colegas que por ex. não estão muito preocupadas em arquivar papéis, com a burocracia do J. I. em geral.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu sou muito preocupada com essas coisas todas e não ocupo o espaço do tempo lectivo para o fazer, faço extra tempo lectivo.

(A5)

Q – Ainda no grupo de educadoras o que significa preocupam-se demasiado em sair a hora?

R – As pessoas são muito preocupadas, se calhar têm os seus direitos, porque têm, é hora de saída é hora de sair, como isto, isto a mim não funciona bem assim, porque se for preciso dar mais tempo ao J. I. eu dou e fico para além da hora. Por isso não se aplica a mim.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem arrogantes?

R – É pensarem que só elas é que sabem, só elas é que são capazes, é isso, acho que é isso.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não, não se aplica. Há coisas que reconheço que não sei e que gostava de saber muito melhor e que, pronto, às vezes penso, o que é que eu estou aqui a fazer, será que eles estão aprender alguma coisa comigo, penso muitas vezes nisso, questiono muito isso, mas o que é que eu vou fazer para dar a volta, não é? Eu se calhar estou a tomar conta de meninos, não estou a trabalhar com eles, enfim, mas se calhar deviria mudar alguma coisa, se calhar devia mudar alguma coisa, eu não sou ... vamos lá ver para o ano.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem exibicionistas?

R – Ai isso significa aquelas que fazem coisas muito lindas e gostam muito de aturar os pais e mostrar o que fazem, é isso.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, de mostrar só para os outros verem, para se dizer que fazem muito bem, não.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa quando têm capacidade de liderança nem conseguem trabalhar em equipa?

R – Pronto quando essa capacidade de liderança é muito forte, quando as pessoas têm para além dessa capacidade de liderança têm uma, uma ideia de que são umas pessoas muito especiais só elas é que são capazes de fazer determinados coisas, têm dificuldade de deixar as outras pessoas expressar-se, têm dificuldade de aceitar as ideias dos outros e acabam por serem dominadoras e muitas vezes acusam as pessoas às outras pessoas de não trabalhar porque elas próprias não as deixam trabalhar, mas dinamizam as situações, as pessoas tentam trabalhar mas só, elas só aceitam se for feito da forma que elas pensam.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu, diferente porque eu trabalho em equipa e respeito as pessoas diferentes, claro que como todas as situações, já tive pequenas situações de conflitos, já tivemos mas sempre consegui respeitar as pessoas e aceito muitas vezes porque às vezes do conflito nasce a luz, pronto mas tenho conseguido trabalhar em equipa apesar de às vezes também eu poder ser líder em certas situações, também já trabalhei com grupos em que haviam pessoas líder, com situações de liderança e que eu sentia que fazia parte do grupo mas eu quando, quando trabalho, pronto quando lidero uma situação pronto às vezes tento que as pessoas participem e dêem opiniões e pronto que o seu trabalho também seja, seja e esteja reconhecido.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem desorganizadas?

R – Desorganizadas porque de cada vez que eu chego a uma instituição, quando mudo de lugar, não encontro documentos, inventários, não sei nada do que se passa no ano anterior e isso angustia-me um pouco, porque é um espaço público que é de todos nós e sinto que se deve deixar organizado para a colega que entra. A parte escrita é onde são mais desorganizadas.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, sou organizadíssima.

(A9)

Q – Ainda quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem pouca auto-avaliação?

R – Acho que nós temos que ser autocríticas e auto avaliarmo-nos permanentemente por ex. quando eu disse lá na escola critiquem sem medo, de início ficaram todas assustadas comigo, mas as pessoas têm que saber aprender a lidar com os problemas e com as suas incapacidades para os resolver, têm medo de se auto avaliarem e nós para crescermos e evoluirmos temos que ser auto-críticas e fazer auto-avaliação. Por ex. quando se está avaliar o projecto é sempre a mesma lengalenga: correu tudo muito bem, os objectivos foram conseguido, isto irrita-me e eu sou sempre a voz discordante porque acho que este aspecto correu bem, mas aquele não...nós só evoluímos quando pararmos para pensar e fazer uma introspecção.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque quando faço coisas erradas eu digo, eu fiz isto e poderia ter feito isto melhor. Ainda no outro dia disse a uma colega eu não gosto desta sala, eu não tenho esta sala bem montada, desmotivei-me com estes móveis tão velhos, mas acho que não estou a gostar disto mas também não faço nada para que isto fique melhor e deveria fazer, então vim para casa pensei todo o fim de semana, cheguei na 2.^a feira virei tudo e consegui uma disposição mais espaçosa e com mais luz, dá ilusão que tem mais luz porque a janela não aumentou, agrada-me mais agora.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa dificuldade em ouvir?

R – É uma coisa para mim ... fala tudo ao mesmo tempo, à uma dificuldade em ouvir entre os professores, que eu não sei quem quer que um aluno numa turma fale um de cada vez, quando os professores falam todos ao mesmo tempo. Sempre que estamos numa hora de café, numa hora de convívio, numa actividade em conjunto, numa hora de reunião peço sempre encarecidamente, ainda não desisti, que falem para o centro da mesa e uma de cada vez, então estou eu, pareço um militar, sempre a bater na mesa parou uma de cada vez, ninguém ouve ninguém.

Q – Esta característica não se aplica a si?

R – Não, mas às vezes estou tão isolada que também já falo.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser pouco confiante em si em comparação com os outros?

R – Porque eu acho que efectivamente há muitas educadoras que se consideram inferiores, como profissionais, em relação aos outros professores dos outros ensinos, nos outros graus de ensino.

Q – Esta unidade representacional não se aplica a si?

R – Não.

Q – Em que é que é diferente? Não se considera inferior?

R – Não, não considero.

(A10)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
1.ª POSTURA EM RELAÇÃO À PROFISSÃO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as atitudes das educadoras de infância em relação à profissão em geral.	a) EMOÇÕES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem aos sentimentos afectivos que caracterizam as educadoras.

Q – E o que significa no grupo das educadoras serem alegres?

R – Acho que todas as educadoras são alegres. Mas eu acho que nós somos todos, temos que ser, temos que ser mesmo, porque senão, acho que...

Q – E o que é que significa alegria no grupo das educadoras?

R – Alegria, pronto, a gente acaba por se adaptar às situações, no fundo, no meio de alguma situação pior, acaba sempre por dar a volta e sorrir.

Q – Também se aplica a si e o significado é o mesmo?

R – É o mesmo.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem alegres?

R – Alegres é estarem sempre contentes, sempre felizes pelo menos com as crianças, isso acontece comigo posso estar muito mal, posso estar com muitos problemas mas quando chego à sala os problemas ficam fora e acho que elas puxam mesmo, as crianças puxam essa alegria.

Q – Aplica-se bastante a si o significado é o mesmo, que acabou de dizer?

R – É.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem compreensivas?

R – Há muitas situações em que às vezes, bom entre aspas, se pode perder a cabeça neste meio, estamos a lidar com crianças temos que pôr o paninho e uma dose de compreensão muito forte, muito forte, porque não se pode na hora, mesmo que se queira explodir ou dizer qualquer coisa, temos que sossegar porque temos meninos à volta, uma situação complicada, não é, não pode ser lidada com papéis ou coisas do género. Ali na hora, não faço nada, não quero, com os meninos acho que se deve contar até dez ou qualquer coisa.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, é o mesmo.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem acolhedoras?

R – Acho que é muito importante nós mostrarmos uma postura às crianças, principalmente nos inícios dos anos lectivos, não é, que eles vem todos a chorar. É que nós substituímos um bocadinho as mães, não é, não substituímos mesmo, é um bocadinho, passam se calhar eles mais tempo connosco do que com as mães e com os pais. E é muito importante a postura da educadora mostrar-se mais meiga, carinhosa, no mínimo às vezes basta passar a mão que eles já se contentam.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R- Sim, o significado é o mesmo.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem queridas?

R – Queridas, pronto serem meigas, carinhosas, atenciosas, conseguir descer ao nível das crianças.

Q – Quando se aplica a si tem o mesmo significado?

R – Sim.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem alegres?

R – Eu acho que é ser como as crianças não é, as crianças por norma ou por característica são alegres.

Q – E está a pensar assim no alegre num todo ou nalguma situação específica que acha que o grupo de educadoras tem?

R – Não, eu acho que a educadora tem de ser uma figura bem disposta não é, airoso, alegre, não pode ser assim aquela figura pesada.

Q – Alegres. Também se aplica a si?

R – Uma certa dúvida não sei.

Q – É uma certa sim, diz que é pouco, pelo que me parece acho que é uma pessoa muito alegre, mas pronto.

R – Já fui mais.

Q – Acha que há diferença entre o alegre do grupo e o alegre para si?

R – Com as crianças temos que estar sempre alegres, acho que é condição essencial, embora eles percebam quando nós estamos alegres, não é, mas em relação a mim já fui mais alegre do que o que sou. É como se costuma dizer, são coisas da vida.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem carinhosas?

R – Carinhosas é serem ... é dar-lhe colinho, é dar o maminho, é pegar quando a criança quer ser pegada, é brincar, é estar com ela envolver-se é tudo.

Q – Também é positivo esta característica e também a considera essencial quando se aplica a si, altera o significado que acabou de dizer quando se aplica ao grupo ou é o mesmo?

R – Não eu acho que é o mesmo, em relação a essas características, eu acho que o carinho até é mais importante que o ser responsável.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem felizes?

R – Serem felizes é terem sempre um sorriso no rosto, mesmo quando estamos tristes, eu acho.

Q – E isso ajuda em quê na nossa, na sua profissão?

R – Em tudo, em tudo. Eu acho que em tudo. Depende, principalmente nos momentos em que nós estamos infelizes, porque no meio das crianças, pelo menos eu sinto isso, muitas vezes venho, prontos, porque também tenho os meus problemas como qualquer humano, e prontos estou com eles, começo a fazer uma meiguice daqui, um carinho dali, e prontos, acho que no final vemos que realmente estamos felizes, pelo menos no momento que conseguimos que isso passasse, só nem que seja de minutos, não é, mas que prontos, estivemos felizes.

Q – O que significa ser feliz quando se aplica a si. É o mesmo significado quando se aplica ao grupo?

R – Eu gostava que fosse. Eu gostaria muito que fosse.

Q – Não se aplica muito muito a si?

R – Aplica-se a mim, mas nem sempre consigo dominar isso, se calhar é isso, acho que às vezes é falta de ainda de anos de vivência, porque ainda sou novata, não sou assim tão...

Q – Considerou esta unidade essencial assim como activas. Porque acha que são essenciais na profissão de educadora de infância?

R – Acho que sim, acho que sim.

Q – Está a ver uma educadora pachorrenta e sempre com uma cara de infelicidade no meio de um grupo de crianças?

R – Se calhar existe. Se calhar não, acho que deve existir infelizmente.

Q – E se existir, o que é que pensa do grupo de crianças que ela tem à frente, que devem ter sorte ou azar?

R – Não, claro, azar. Muito azar.

(B9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
1.ª POSTURA EM RELAÇÃO À PROFISSÃO	b) QUALIDADES ESSENCIAIS À PROFISSÃO DE EDUCADORA
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as atitudes das educadoras de infância em relação à profissão em geral.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que os sujeitos mencionaram referentes às qualidades de ser educadora.

Q – O que significa no grupo das educadoras serem criativas?

R – Criativas, nós às vezes deparamos lá está, naquelas situações em que por limitações de espaço, de condições e não sei o quê, não temos aqui com que poderíamos fazer, nós temos que ser mesmo criativas, tentar arranjar alternativas, para conseguirmos fazer aquilo que nos propomos fazer.

Q – Também se aplica a si?

R – Claro está, sim às vezes surpreendo, acho que às vezes fico surpreendida como nós, eu estou a falar em mim e também nas colegas, acho que realmente a nível de criatividade que nós superamos qualquer outro grupo profissional a não ser os cientistas ou os inventores.

(B1)

Q – E o que significa no grupo de educadoras serem dinâmicas?

R – Eu acho que aí o dinâmico é essencialmente quando temos que ser criativas temos que agarrar a qualquer coisa e então aí nada nos pára.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – Eu acho que sim.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem profissionais?

R – O profissional eu acho que em qualquer profissão, toda a gente deve ser profissional, deve haver, porque há pessoas que não o são, não é? E acho que isso, para mim é uma característica que qualquer pessoa independentemente de ser educadora ou outra deve ser, deverá ser.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – Terem bastante imaginação com poucas coisas criarem coisas muito interessantes.

Q – Também se aplica muito a si, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem cumpridoras?

R – Cumpridoras é assim, cumpridoras tanto tem um lado positivo como um lado negativo, lado positivo é cumprir com as suas responsabilidades, o lado negativo é eu chegar aquela hora e ir embora, pronto, chegar às 4.30h e ir embora, já não tem muito a ver comigo, nunca saio às 4.30h.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem responsáveis?

R – Responsáveis, atentas a todos os pormenores de problemas de meninos, de pais, prontas para as diferentes situações e eu sempre achei tipo responsável, eu acho que as educadoras são responsáveis, das muitas profissões que eu acho que é a mais responsável ou que tem que ser a mais responsável possível.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, é o mesmo.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem criativas?

R – Criativas em termos de decoração de salas, em festas, em saber cativar as crianças com uma pequena coisa, eu acho que isso também é um bocado criatividade pensar num momento para cativar uma criança, para tornar as coisas mais acolhedoras.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R- Sim, o significado é o mesmo.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem imaginativas?

R – Criativas e imaginativas acho que pus no mesmo, é mais ou menos a mesma coisa.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem activas?

R – Activas tem que estar sempre prontas para fazer várias coisas e várias situações e sei lá, estar disponíveis para tudo, que às vezes de um dia para o outro pedem-nos coisas e nós temos que estar todos em actividade, coisas que se façam, pronto para inventar uma história, uma canção, um jogo ou qualquer coisa.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R- Sim, o significado é o mesmo.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que é que significa ser versáteis?

R – Versáteis, temos um bocado de fazer de tudo, temos que saber fazer de tudo, acho que é um bocado isso, saber um bocadinho de tudo e fazer um bocadinho de tudo sei lá se for preciso pôr uma cama, fazer o almoço nunca chegou a esse cumulo, mas ter que levantar os pratos, tem que se saber fazer de tudo e estar disponível a fazer de tudo.

Q – Aplica-se a si, num grau médio mas positivo, o versáteis muda de sentido ou tem o mesmo significado que quando se aplica ao grupo?

R – Lá está porque eu se calhar também tenho a noção que em certas áreas não sou assim tão forte como noutras áreas, eu não posso ser tão versáteis como em, certas colegas minhas não é?! Muda um pouco mas não é totalmente acho que não é de falar em ninguém porque ninguém é perfeito nem sabe de tudo.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem imaginativas?

R – Ter muita imaginação não é?! Para imaginar temos que ter imaginação para fazer as prendas, temos que pensar no caso do grupo eu tenho que pensar, agora no dia da mãe tenho uma criança que a mãe lhe tinha falecido em Novembro e tinha que pensar numa criança que é deficiente visual que não pode ser uma simples prenda, temos que fazer uma prenda e tenho que pensar nisso tudo de jogar e lá está às vezes uma pessoa num papel ou num caixote tem que imaginar o que é que pode sair dali não é?! Em certos infantários que não há facilidade de compra do dia da mãe e que uma pessoa não tem dinheiro nós temos que imaginar, temos que fazer outras coisas e outras situações todas.

Q – Quando se aplica a si tem o mesmo sentido ou tem o mesmo significado?

R- É o mesmo sentido, é o mesmo significado.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem profissionais?

R – É assumir o estatuto de profissionalismo. Ser educadora não é ser ama, mas quando eu digo ser profissionais é ser, ter um estatuto próprio.

Q – Acha que a educadora não tem estatuto próprio?

R – Já tem, começa a ter. Agora eu acho que está a mudar de dia para dia acho que as coisas estão a mudar, mas as educadoras também têm que se mostrar profissionais, que são profissionais, porque quando se não mostram os pais também não percebem, os pais e a sociedade em geral não percebe o que é uma educadora, dizem educadora infantil, educadora de infância, eu não admito que ninguém diga educadora infantil, não é. E porquê? Porque uma educadora não é infantil é uma educadora de infância, é diferente e a gente põe-se a pensar nisso.

Q – Então acha que para o grupo de educadoras o ser profissionais ainda não está com a mesma força que está nos outros sectores de ensino?

R – Não, não.

Q – Diz que se aplica, significa bastante para si, é positiva. Existe diferença entre o que significa para si e para o grupo ou é a mesma coisa?

R – O quê?

Q – O ser profissional, tem a mesma conotação?

R – Tem a mesma conotação. Se calhar eu exijo mais de mim própria do que no grupo em si e acho que se cada uma exigir de si própria contribui para que o grupo seja mais profissional.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem exclusivas?

R – Eu acho que são, têm uma profissão exclusiva mesmo, é característica deste grupo profissional, eu acho que mais ninguém, é assim, uma professora do primeiro ciclo tem outras características, se calhar acho que devia ter mais características de educadora do que tem de professores, porque são, é aquela aproximação do primeiro ciclo, acho que as professoras deviam baixar ao Jardim de Infância, baixar, estamos a falar em termos de níveis de ensino não é, aproximar-se mais a educadoras de infância, e não nós do primeiro ciclo, que é uma tentativa de muita gente, pensar que as educadoras têm que preparar os meninos para a primária, preparar os meninos para estarem sentados, concentração, e eu acho que deve ser o contrário, não é, porque, pronto, é uma lógica minha que pode estar errada, mas acho que os meninos precisam de tempo para crescer.

Q – Também se aplica bastante a si, é uma unidade positiva aplica-se pouco a si, em que é que é diferente?

R – Não, penso que não, quer dizer no grupo de educadoras sou, mas não me sinto assim exclusiva, sinto-me igual ao ver uma delas.

Q – Tem uma imagem, a diferença de significado não altera muito quando especifica para o grupo ou para si?

R – Não, o significado é o mesmo, o grau é que é diferente não é acho que faço parte do grupo delas, não sou assim exclusivas do grupo não é, quando falo em exclusivas é do grupo mesmo e eu própria não sou assim nada de especial quer dizer não sou exclusiva no meio do grupo não é.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser dinâmicas?

R – Quer dizer exactamente dinamismo.

Q – Pode dizer simultaneamente em quem ou em que pensa quando diz dinâmicas?

R – Em todas, acho que somos um grupo bastante dinâmico, mas dinâmico no próprio sentido da palavra, actividade.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem activas?

R – Penso que é o mesmo que dinâmicas, somos um bocado enérgicas.

Activo é apanhar mais uma migalhinha e dinâmica é ser estar disponível para agir.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser criativas?

R – Ah, criativas é não se acomodar às situações e às ideias que nós temos e tentar sempre ser inovadora e surgir com novas propostas para o grupo e andar a motivar, motivar as crianças não deixa-las sempre a fazer o mesmo.

Q – Também se aplica muito a si, é positivo e é uma característica essencial, o ser criativa quando se aplica a si é diferente do que quando se aplica ao grupo ou é o mesmo?

R – Não eu acho que é o mesmo nessas em relação a essas características ao grupo e a mim acho que é o mesmo.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem polivalentes?

R – Ter que saber um bocadinho que tudo para além da formação base ,portanto temos que sair, obrigatoriamente não é, para além da nossa formação pedagógica profissional, por exemplo o ser costureira, ser carpinteira, ser desenhadora, ser actriz, ser bailarina, ser coreógrafa...

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si e considera-a essencial na profissão, quando se aplica a si o significado mantém-se, o polivalente, mesmo do grupo ou altera-se?

R – Mantém-se, nesta instituição.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem criativas?

R – É preciso ter muita imaginação, muita criatividade isso é para todas na profissão mesmo, não é?

Q – Considera uma unidade muito importante que se aplica muito a si, e essencial na profissão, quando se aplica a si muda o sentido ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

Q – Mantém-se o mesmo, porque é que acha que é essencial na profissão de educadora?

R – Acho que é importante, não quer dizer que seja assim essencial, mas acho que é muito importante, porque realmente as crianças hoje em dia estão cheias de tudo, ao mesmo tempo com tão pouco, que realmente para lhes cativarmos a atenção, eu estou a falar deste meio em que já foi um meio económico-social médio para o alto, hoje já não é tanto mas continua a ser um meio social médio não é, em que as crianças estão cheias de tudo, de maneira para lhes despertar a capacidade de concentração e de atenção é preciso já bastante criatividade e imaginação não é com duas conversas que eles se prendem a algumas coisa.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem activas?

R – Activas ... é capazes de fazer qualquer coisa, não estarem a pensar se vai resultar se não vai, é força, vamos em frente. Mais força.

Q – Pensa em alguém assim específico no grupo ou não?

R – Que haja alguém assim? Acho que sim, sim.

Q – Diz que se aplica, esta unidade de activas, que se aplica bastante a si, o que significa quando se aplica a si? É diferente de quando se aplica ao grupo ou tem o mesmo significado?

R – Não eu acho que é assim, não somos todos iguais, como é obvio, não é?

Q – Então para si, é muito activa?

R – Sim, que vou em frente, que vou com força, quando pego numa coisa é para ir, vamos ver se resulta, mas vamos em frente, não vamos estar cá com será que vai, que o que vai acontecer, não acho que vamos aos poucos vendo isso.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa ser polivalentes?

R – Para o grupo de educadoras é uma educadora tanto pode, as educadoras tanto podem fazer actividades, não é, como se tiver o chão sujo limpar, como se precisar de mudar uma fralda ir fazer, pronto é isso, não haver preconceitos, nada, porque eu sou educadora e não posso ir fazer, limpar, isso é trabalho da minha auxiliar. Não, acho que não é isso.

Q – Quando se aplica a si o polivalente, tem o mesmo significado ou altera o significado?

R – Não, é o mesmo significado, claro.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem polivalentes ?

R – Sabermos fazer um pouco de tudo.

Q – Quando se aplica a si, o polivalentes tem o mesmo significado ou é alterado?

R – Tem o mesmo significado.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem polivalentes?

R – É estarem abertas e disponíveis para fazer qualquer tipo de trabalho, que seja preciso fazer, não só com o seu grupo específico mas com outros grupos, a necessidade de isso e mesmo no apoio a dar à equipa de trabalho.

Q – Também esta polivalente também se aplica-se a si, aplica-se muito quando aplicado a si, muda de sentido ou o significado é o mesmo?

R – Não é o mesmo.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	a) RESPONSABILIDADE EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam a importância de trabalhar com as crianças.

Q – E ainda acrescentou atentas, conhecer e diferenciar a atitude pedagógica, o que significa?

R – Exactamente. Muitas vezes significa que muitas vezes nós definimos os objectivos no início do ano, embora conhecendo o grupo, mas durante o ano há coisa que nós vamos ter que, que ajustar, não é, ou porque não estamos a obter resultado e o estar atenta acho que é, em relação às necessidades e aos objectivos, atenta às necessidades das crianças, eu isso aí o atenta, estava-me a especificar, estava a referir-me mais um bocado ao grupo.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem responsáveis ?

R – Saberem que estão a trabalhar com crianças e saberem que têm uma grande responsabilidade que é a formação e a influência nas crianças.

Q – Também se aplica muito a si, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem inovadoras?

R – Eu acho que é nunca estagnar, é procurar sempre arranjar estratégias diferentes de estar com as crianças e de estar consigo própria.

(B5)

Q – Quando pensa ainda no grupo de educadoras o que significa serem dedicadas?

R – Eu acho que é dar tudo por tudo para que as crianças estejam bem não é, são muito preocupadas em fazer os outros crescer sem estar preocupadas com o currículo, embora estejam sempre com a preocupação de os fazer crescer não é, os meus meninos não é, um cumprimento de programas não há outros níveis de ensino, não há esses condicionalismos que as fazem perder a dedicação, dedicam-se para o seu grupo para os seus meninos não é, porque alguém mandou, nesse sentido a dedicação que eu falo, a dedicação ao seu grupo isso torna-as dedicadas porque procuram os interesses deles e o que eles querem, não é.

Q – Acha que as orientações curriculares poderão retirar esta características às educadoras de infância de serem dedicadas neste sentido?

R – É assim elas já existem, quem sempre trabalhou nesse sistema de dedicar e considerar adequados o trabalho ao grupo não é por haver orientações curriculares agora que se vai preocupar em deixar de o fazer, até porque no meu ponto de vista e no devido respeito a mim como educadora, as orientações curriculares souberam sistematizar aquilo que eu acho que deve ser feito, porque continuo a fazer, agora não estou a exercer mas continuarei a fazer o que sempre fiz e a abranger aquelas áreas curriculares, para quem não tem método de trabalho, para quem nunca soube muito bem o que andou a fazer com o seu grupo de crianças, apenas são uns desenhinhos, umas historinhas, as canções acho que deve ajudar muito, lá está depende mas não acho quem é dedicado por natureza não acho que as orientações curriculares venham prejudicar.

Q – E qualquer outro tipo de currículo?

R – O currículo sim, agora se vêm com programas obrigatórios e cumprimento aí.

Q – Uma coisa são linhas orientadoras?

R – Exacto, outra coisa é ser um programa obrigatório por cumprir até porque eu acho que não se justifica e nem tem lógica nenhuma crianças tão pequeninas terem um programa obrigatório, penso que isso iria implicar uma violação das próprias crianças.

Q – Quando se aplica a si, aplica-se a si grau médio, é positiva, o dedicadas é diferente ou tem o mesmo significado quando aplicado ao grupo de educadoras?

R – É assim, eu sou dedicada ao grupo de trabalho, neste momento aí eu dedico-me de maneira diferente como coordenadora porque não estou com meninos, como profissional, como educadora de infância mais com outras educadoras.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem preocupadas com o bem estar das crianças?

R – Quando se trata de crianças, por ex. uma situação concreta em termos de alimentação, em termos de adaptação, mesmo no início do ano, estar mais atento a ver se está bem.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem responsáveis, educadoras responsáveis?

R – Responsáveis eu acho que é estar atenta ao grupo, estar atenta às crianças e ao grupo em geral, conseguir estar atenta também a cada um em especial, é lembrar, ter aquela cabeça sempre a funcionar e lembrar-se dos recados, situações, tipo, ver determinada situação e é giro não se acomodar, não fechar os olhos nem virar a cara para o lado não é, sei lá se uma criança está com calor tirar o casaco, se está com frio vestir o casaco, se uma criança tem sede dar-lhe água, estar sempre atenta.

Q – Esta característica aplica-se muito a si, é positiva e essencial o significado quando aplicado a si de ser responsável é diferente do grupo ou é o mesmo do que acabou de dizer?

R – Não eu acho que é mesmo.

(B7)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	b) ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à capacidade de organização do trabalho com as crianças, com o espaço físico e com outros intervenientes educativos.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras o que significa serem responsáveis?

R – Ser responsáveis é quando levam no fundo, quando se propõem, todas nós no nosso trabalho temos objectivos, temos que planear o nosso trabalho, e portanto o ser responsável, o ser responsável no fundo é tentar com responsabilidade e com dedicação levar avante aquilo que nos propomos, ajustando, fazendo ajustes, como é evidente.

Q – E quando, aplica-se a si, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, penso que não quero dizer que sou a cem por cento, porque sou humana, e todos os humanos, todos erramos, mas, mas tento, tento.

(B1)

Q – E o que significa planeamos o processo educativo?

R- Exactamente, é isso. No início do ano nós fazemos, definimos as nossas orientações, não é, e acho que é isso que nos leva a bom porto não é, mas também há muitas, e daí eu ter feito em baixo, que levam as coisas de uma maneira mais soltas.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem empenhadas?

R – Empenhadas é trabalharem com afinco como eu costumo fazer.

Q – Também se aplica a si, e tem o mesmo significado?

R – Tem.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem próximas?

R – Próximas falo em equipa, equipa com as crianças, equipa com as colegas, têm que estar muito próximas.

R – Ser próxima é estar com. E eu gostava de estar com toda a gente. Estar com.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem inteligentes e refere-se ao grupo em geral?

R – São pessoas com muitas capacidades. Há coisas que nós vivemos, que discutimos, que decidimos juntas, por isso acho que somos um grupo inteligente.

Q – Se eu lhe perguntar em quem pensa exactamente, está a pensar em situações de tomada de decisões?

R – Exacto, em vivências no dia a dia, nas práticas rotineiras que nós temos que tomar decisões, que às vezes não estão previstas e é preciso resolver, situações em que é preciso dar uma resposta mais rápida.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem companheiras?

R – Porque nós somos realmente companheiras porque há colegas que até mesmo a planificar actividades nós damos dicas umas às outras porque conhecemos os grupos muito bem e damos ideias ... sei lá ... fundimos um bocado as nossas ideias nos outros, acho que isso acaba por ser um trabalho em equipa.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem descontraídas?

R – Significa que há um descontraído de bem estar, de situações que nós fazemos, por ex. irmos passear até ao parque e decidimos que vamos almoçar lá. Telefonamos para cá e descontraídas pedimos para nos levarem o almoço, que se calhar à 1.ª vista vai dar uma grande confusão, mas nós mantemos a calma sempre. Outro ex. irmos ao jardim zoológico a Lisboa com cento e tal meninos em 5 ou 6 autocarros, mas sempre de boa disposição.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem dinâmicas?

R – Dinâmicas na medida em que o trabalho nos exige um dinamismo, uma actividade constante porque dois olhos e duas mãos para tantas crianças como vê, 25 crianças sozinha, sem auxiliar neste momento há dois meses e meio, eu até gostaria de conseguir manter mais uma certa calma porque acho que se calhar uma certa passividade ia fazer bem ao meu sistema nervoso só que realmente não consigo, ou que seja nato ou porque me seja já exigido das circunstâncias envolventes, eu acho que o dinamismo neste momento é uma coisa inerente mesmo, não posso estar passiva, não posso estar muito tempo sem nada, com este meu grupo não consigo.

Q – O significado de ser dinâmica aplica-se muito a si, também é essencial, altera o sentido ou é o mesmo quando pensa no grupo?

R – É o mesmo.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser autónomas?

R – Ter capacidade de escolha e autonomia de gerir os tempo e as opções, os recursos da maneira que entendem.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, porque tenho, tenho conteúdos, tenho situações obrigatórias mesmo que fazer, que são impostas não é, uma rotina nomeadamente actividades da instituição que não me dão possibilidade de escolha e de autonomia portanto goste, não goste se estou de acordo, concordo ou se não concordo, é assim, e portanto tem que ser feito assim.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa educadoras com iniciativa?

R – Exactamente, está directamente relacionado com autonomia portanto se eu tenho autonomia tenho iniciativa numa série de actividade, de formas de estar que tem essa possibilidade, de ter essa iniciativa.

Q – Mas esta unidade aplica-se muito a si, consegue ter alguma iniciativa?

R – Dentro das limitações que são impostas, tenho alguma iniciativa, não tanta como gostaria e como acho que as colegas que no oficial têm.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem livres?

R – Terem capacidade de autonomia e com a capacidade e iniciativa poderem gerir de forma autónoma e livre o seu trabalho.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, uma série de limitações que não me deixam ser livre.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa as educadoras serem dinâmicas?

R – Dinâmicas que, estão sempre, ao fim ao cabo, dinâmica e activa é um pouco a mesma coisa não é, dinâmicas têm sempre trabalho para fazer, estão sempre prontas a ajudar não há aqueles momentos de pausas, de relaxamento não é, temos que estar sempre a trabalhar, sempre atentas ao grupo não há aqueles momentos de relaxe, activas, também, há sempre trabalho para fazer.

Q – Tanto dinâmicas como activas acabam por se interligar uma com a outra e aplicam-se muito a si, positivas, quando se aplicam a si o significado de dinâmicas e de activas altera-se ou mantém-se em relação ao grupo?

R – Não mantém-se.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem responsáveis?

R – As pessoas terem consciência do trabalho que têm desempenhar, terem consciência das crianças que têm à sua responsabilidade não é, no crescimento deles, estarem presentes, saberem estar presentes com sentido de responsabilidade saber mesmo o que estão a fazer.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, ser responsável e considera também uma característica essencial quando aplicado a si o sentido é o mesmo que é aplicado ao grupo ou altera-se?

R – Não é o mesmo, mesmo.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem dinâmicas?

R – Estar sempre atentas, estar sempre predisposta para trabalhar, a estar, a dar o máximo que pode pela instituição, pelo seu grupo e pela sua forma de trabalhar e estar.

Q – Também se aplica a si, muito e considera uma característica essencial, o significado altera-se ou é o mesmo do grupo?

R – É o mesmo.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO	c) LIMITAÇÕES E SEU IMPACTO
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às limitações sentidas na realização do trabalho e suas implicações nas motivações profissionais.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem desinteressadas?

R – Desinteressadas é precisamente porque levam o trabalho com um certo ritmo.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque eu sou interessada e tento ser o máximo.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem pouco criativas?

R – É acomodaram-se às situações que surgiram e prolonga-las se calhar quando elas já têm pouco interesse e não sugerirem com coisas novas.

Q – Não se aplica a si, considera uma característica desfavorável na profissão, acho que o facto de ter respondido em cima que é muito criativa já tenho o porquê de não se aplicar a si, não é?

R – Claro.

(B7)

Q – E quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem preguiçosas?

R – Preguiçosas é, que pensam duas vezes para fazer as coisas, é que se determinado trabalho der muito trabalho, muitas horas de sacrificio entre aspas, porque nada é sacrificio eu acho, para as crianças também serem felizes nada é sacrificio. ... quer dizer, não vão fazer isto porque me dá muito trabalho, então vou fazer, eu vou por ali porque me dá menos trabalho, nem sequer vou estar com isso.

Q – Está a pensar em alguém em específico que conheça?

R – Não.

Q – Também na instituição não há gente preguiçosa? Ou mais ou menos?

R – Quer dizer, eu nunca reparo para essas coisas. Mas reparo quando há em grupo, quando estamos, não é, a fazer um trabalho em grupo, há pessoas mais activas, mas acho que sim, pessoas que eu acho que não é ser preguiçosas, mas que deixam correr.

Q – Esta unidade não se aplica a si, não se considera preguiçosa?

R – Não, não me considero preguiçosa, talvez haja coisas que eu talvez tenha mais vontade, não é vontade, é assim mais entusiasmo faze-las, e menos entusiasmo, mas faço sempre, quer dizer, preguiçosa é não querer fazer, é o desinteresse total, não é, prontos, deixo correr.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem pouco activas ?

R – Como é que hei-de, quer dizer não há, não há uma grande preocupação a nível de trabalho são capazes por exemplo de estar sentadas e deixar um bocado o grupo trabalhar à vontade e com poucas preocupações, enquanto que nós somos capazes de ir brincar com eles nos momentos de brincar, saltar à corda, de jogar um jogo com eles, quando eu refiro que são pouco activas não têm essas preocupações deixam mais estar eles a brincarem e estão um bocado mais relaxadas.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não se aplica pelas razões que acabei de dizer.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem desinteressadas?

R – Eu falo nas desinteressadas porque é assim há pessoas que até podem ser um bocadinho interessadas no seu próprio trabalho e não estarem minimamente interessadas no trabalho das outras colegas, no trabalho dos outros grupo aí não pronto, eu sou apologista dum trabalho integral e em equipa e acho que é essencial não só pelos grupos como para toda a dinâmica do Jardim de Infância, principalmente aquelas que não se empenham não estão preocupadas com o trabalho das outras nem em saber mais.

Q – Também não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pelas razões que já referi.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Ocupação” no sector privado

Categorias	Subcategorias
2.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à responsabilidade e à capacidade de trabalhar.	d) APRECIÇÃO DAS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às apreciações feitas pelo grupo de pares.

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem inconstantes?

R – Inconstantes são aquelas, aí refiro-me às pessoas que realmente não, poderão ou não traçar uma linha de orientação, mas que são inconstantes nesse trabalho.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu gosto de seguir uma linha, um processo educativo.

(B1)

Q – E o que significa no grupo de educadoras serem alheias?

R – Alheias é estar na sala e não estar. É estar no sítio de trabalho e não estar.

Q – Não se aplica a si?

R- Não, estar alheia a muita coisa, não quer dizer, eu lá está, quando aí vocês falam, o que se aplica é aquilo que muitas vezes, eu não quero dizer que eu não seja, ou que não tenha momentos, que é diferente. Eu acho que todas nós tentamos não ser, não é, mas sei que deve haver, que há momentos em que nós, por uma coisa ou por uma circunstância ou outra que também tenho essas falhas todas.

(B1)

Q – E o que significa no grupo de educadoras serem passivas?

R – Acho que aí, esse também esse bate aí nos outros todos, o passiva é deixarem as coisas andarem ao sabor do vento.

Q – Não se aplica a si, porquê?

R – Não, tento não fazer, mas é como lhe digo aí o elas, aí está-se a referir ao elas, não está-se a referir a mim, portanto, quando eu falo o elas é tudo com que eu não me quero identificar, mas...

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa pouco profissionais?

R – Tem a ver com isto que nós acabamos de dizer.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem curiosas?

R – Gostar de saber o que se passa com os pais e com os meninos e não sei o quê, é uma coisa que eu não percebo muito as pessoas com quem eu trabalho, eu pessoalmente não sou assim tão curiosa, venho a saber das coisas depois de toda a gente saber, interessa-me mais a criança, como é que está, claro que é evidente se eu noto uma alteração na criança não é, claro que vou falar com a família e saber o que é que se passa, mas isso acho que não é ser curiosa, agora saber se a mãe anda com A, B ou C ou se o pai, isso já não me interessa.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras que significa serem conflituosas?

R – Conflituosas são aquelas colegas que têm que sempre arranjar problemas, que há uma tarefa de grupo para realizar e se calhar não são capazes de ceder, pronto são pessoas que estão mesmo ali para, infelizmente e não é só na nossa profissão em todas as profissões não é? Gostam muito de cortar, de criar mau ambiente.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não sou conflituosa, os conflitos dão cabo de mim.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem antipáticas?

R – Antipáticas pronto é ser antipáticas quer para os pais não é ser daquelas pessoas disponíveis pronto também é assim.

Nem sempre dá para a gente estar com sorrizinhos, pronto, há mínimos, acho que há mínimos, uma pessoa pronto de uma maneira delicada sim, uma pessoa também de uma maneira delicada pode também saber dizer as coisas aos pais e também fazer entender não é? Lá está é o mesmo com as próprias crianças, não é, pessoas que infelizmente a gente sabe que são super antipáticas com os miúdos.

Q – Também não se aplica a si?

R – Não, não, eu penso que às vezes até sou simpática de mais e depois as pessoas pensam que podem trepar.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem distantes?

R – Distantes, é isso, não saberem descer ao nível da criança, não serem capaz de dar um beijinho ou um maminho, de estar ali com os meninos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não sou muito meiga.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa ser irresponsáveis?

R – Olhe irresponsáveis é estar a ver determinadas situações e por comodismo virar a cara e não se chatear.

Q – Não se aplica a si e considera desfavorável, em que é que é diferente?

R – Tem a ver com a consciência de cada um, mas é diferente pelo facto de não se querem chatear penso eu ou não ligarem patavina ao que se está a passar não é, e à coisas tão evidentes e eu tenho consciência que determinadas educadoras lhes passa completamente ao lado não é, e eu isso não consigo, mesmo que me dê o dobro do trabalho não consigo ver determinadas situações e virar costas.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa ser indiferentes?

R – Exactamente isso que eu acabei de dizer, indiferentes quer dizer não se ralarem com o que está a acontecer não é, para elas pode acontecer uma situação que esteja a prejudicar a crianças, se calhar ou não.

Q – Também não se aplica a si e considera desfavorável, em que é que é diferente?

R – Não, não viro as costas às situações, só se não vir mesmo alguma coisa mas dificilmente, ou imagino até que alguma colega olha alerta para alguma situação e à pessoas que pura e simplesmente encolhem os ombros, não é.

(B7)

Q – Ainda quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem infelizes?

R – É estarem a exercer uma profissão que não gostem, porque os pais gostavam que elas tivessem essa profissão, então foram, porque foi mais fácil, não sei, uma série de razões que existem. Porque não conseguiram entrar no curso que queriam e foi um escape o curso de E. Inf.^a.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, nem eu conseguia que isso acontecesse.

Q – Veio como 1.^a opção para a profissão?

R – Sim, uma segunda, uma segunda profissão, mas relacionada com crianças.

Q – Qual era a outra que gostava?

R – Professora do ensino básico.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa serem indispostas?

R – Indispostas, que nem sempre estão bem dispostas. Foi isso que se calhar...

Q – E estava a pensar em alguém?

R – Ah, sim, sim, sim, claro, claro que estava, aí por acaso.

Q – Não quer especificar?

R – Às vezes até em mim.

Q – Mas não se aplica a si?

R – Não se aplica a mim totalmente, não é, não é uma coisa, prontos, que uma pessoa fica indisposta todo o dia. Eu posso vir indisposta, mas logo me passa.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa por vezes são pouco aplicadas ao trabalho?

R – Não têm grandes preocupações, fazem um bocado aquilo que querem e aquilo que não querem não fazem.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não se aplica a mim porque me considero muito dedicada ao trabalho.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras o que significa ser pouco esforçadas no seu trabalho pedagógico ?

R – Que a nível de trabalho pedagógico junto das crianças há pouco, são poucas as actividades realizadas por elas, são capazes de fazer uma actividade por dia quando fazem, porque muitas vezes não fazem não é enquanto nós temos aquele horário de trabalho em que temos umas 3, 4 actividades por dia, a nível de trabalho pedagógico as outras educadoras são capazes de fazer uma actividade se fizerem essa actividade não é, portanto o trabalho pedagógico delas não é tão grande quanto o nosso trabalho pedagógico.

Q – Quando se refere a trabalho pedagógico está a pensar essencialmente em que tipo de actividades?

R – Todo o tipo de actividades, desde matemática à iniciação à leitura e à escrita, a histórias, a canções, a jogos tudo o que seja pedagógico e tudo aquilo que a gente possa fazer junto das crianças.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem pouco empenhadas?

R – Por vezes pronto as pessoas para não fazerem o trabalho ou para não, principalmente quando estão menos disponíveis, porque têm que ir embora não podem ficar mais tempo, porque normalmente as 6 horas que nós temos que estar a trabalhar não chegam, porque há todo o trabalho de preparação, de planificação, de planeamento de trabalho que temos que fazer a planificação, pronto estarem pouco empenhadas é que é mais fácil deixar para aquelas que até gostam muito de fazer e até têm muito tempo disponível porque eu tenho que me ir embora não é, é nisso que digo pouco empenhadas quer dizer não, aquelas pessoas que não vêm e não sabem, qual é o sentido do trabalho de equipa.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras de infância o que significa serem pouco polivalentes?

R – É as pessoas acharem que só têm, só que fazer o seu trabalhinho de educadoras estarem com os meninos e se houver necessidade fazer outras coisas, que portanto seja um prolongamento, seja qualquer coisa uma casa de banho que esta cheia de água e a empregada de limpeza não está, não podem pegar numa esfregona porque são educadoras é nesse sentido.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – De tudo um pouco sempre fiz tudo.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de “Colegas de Jardim de Infância” – Público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	a) RELAÇÃO DE TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às diferentes formas de trabalhar em conjunto.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem unidas?

R – Eu acho que a união faz a força, neste tipo de trabalho em que há uma diversidade de estratégias, uma diversidade de actuações, se houver uma união acho que o trabalho é muito mais, é mais sucedido, bem sucedido, duas ou três cabeças pensam melhor e mais rápido do que uma só, pronto, é nesse contexto.

Q – Também se aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado a si e ao grupo?

R – É o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem cooperantes?

R – Pronto, de certo modo é a mesma ideia, para haver um trabalho coerente, para se poder desenvolver um trabalho com algum interesse e com frutos, que possam dar frutos tem que haver cooperação de várias pessoas para podermos seguir em frente. Se cada um trabalha só para si individualmente, se fecha, se não mostra, se não diz, eu acho que há muita coisa que fica por dizer e muita coisa que se perde.

Q – Também se aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado a si e ao grupo?

R- Sem dúvida. É o mesmo.

(A1)

Q- Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem activas?

R – Pronto, é a tal, é a dinâmica, portanto eu acho que na nossa profissão tem que haver uma certa dinâmica, uma certa actividade, a pessoa tem que dar alguma coisa de si, tem que haver movimento em tudo que a gente faz, em tudo que a gente diz, porque, pronto são seres humanos, está tudo em desenvolvimento, está tudo, é activas no sentido de acção.

Q – Também se aplica a si, é positiva, quando aplicada a si o significado é o mesmo?

R – Sim, sim, é o mesmo, exactamente.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. Inf. o que significa serem responsáveis, em quê?

R – Pronto, responsabilidade eu acho que todos devemos ser responsáveis de um modo geral. Quando se trabalha com crianças acho que tem que haver consciência acima de tudo. Essa responsabilidade é no sentido de sermos conscientes daquilo que estamos a fazer, acima de tudo, acho que é essa, e é muito importante porque as crianças não são bonecos, são, e devemos respeitá-los acima de tudo.

Q- Aplica-se a si, é positiva e considera essencial, quando aplicada a si o significado é o mesmo?

R – É o mesmo, é o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem inovadoras? Em quem ou em quê pensa quando diz isso?

R – Olhe, inovadoras no sentido de trabalhar, porque, pronto, o nosso trabalho no J. I. é um bocadinho repetitivo, no sentido em que pronto, nós trabalhamos para o Carnaval, para o Natal, para a Páscoa e há sempre umas coisinhas que a gente tem que repetir, mas que, acho que deve haver sempre a possibilidade de inovarmos naquilo que fazemos, apesar de haver coisas, pronto que forçosamente têm que ser repetidas, acho que temos que tentar acrescentar ou as novas tecnologias ou outra maneira, outra forma de ver, portanto as mesmas situações, pronto.

Q – Também se aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado a si e ao grupo?

R – É o mesmo.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores estudantes o que significa serem interessados?

R – São pessoas que procuram ir para além, que sabem pesquisar, aprofundar conhecimentos é mais ou menos isso nesse campo.

Q – É positiva, aplica-se muito a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores estudantes o que significa serem reflexivos?

R – Pessoas que executam determinada coisa, mas que reflectem constantemente a sua prática, as suas posturas, tudo aquilo que estão a fazer não fazem de ânimo leve, regularmente reflectem e avaliam as situações.

Q – Também se aplica muito a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores estudantes o que significa serem participativos?

R – Eu acho que a palavra diz tudo, é envolverem-se, é participarem tanto em trabalhos da própria escola como da comunidade, é mais ou menos isso.

Q – Também se aplica muito a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Sim sim.

(A2)

Q – Quando pensa nas colegas do agrupamento o que significa serem unidas na necessidade de impor a nossa profissão como importante?

R – Como estamos no agrupamento com comissão instaladora há uma união para nós nos marcarmos como grupo de docência em igualdade de circunstância com os outros grupos de docência e aí nós somos unidas e eu identifico-me.

Q – O significado é o mesmo já que se aplica muito a si, é positivo e essencial?

R – É essencial e nestas questões dos agrupamentos o pré-escolar tem que ter a capacidade de se organizar como grupo de docência e de mostrar aquilo que somos, o que podemos fazer e a importância que temos. Além da questão dos nossos direitos profissionais eu acho que isso não pode ser dissociado da nossa valorização profissional enquanto profissionais de educação de infância.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa somos preocupadas com as crianças?

R – Acima de tudo é assim, somos responsáveis pelo tempo que elas lá estão e temos que nos preocupar com o bem estar delas.

Q – Aplica-se muito a si, é positivo, e considera uma característica essencial, o significado altera-se ou mantém-se?

R – Para mim mantém-se.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa o gosto pelo desempenho da profissão?

R – É assim, quem corre por gosto não cansa. Se uma pessoa está ali a fazer uma coisa que não gosta, está ali a fazer um frete, à partida os benefícios não vão ser muitos e os resultados também não serão muito positivos. Portanto, como em todas as profissões, eu acho que é importante gostarmos daquilo que estamos a fazer, mas quando se lida com pessoas e com crianças muito mais.

Q – Esta característica aplica-se muito a si, é positiva e essencial. Quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Sim, é o mesmo. Porque eu estive num curso de Física e mudei para educadores de infância, porque realmente era aquilo que queria. Portanto, lutei por aquilo que gostava.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem carinhosas e meigas para com as crianças?

R – Pronto, é assim, temos de ser carinhosas, as crianças precisam de afecto, para terem um crescimento harmonioso. Muitas vezes não devíamos ser, mas somos um bocado substitutos dos pais, porque elas passam a maior parte do tempo connosco e se em casa não têm esse carinho, também ao menos o tempo que estão ali connosco, devíamos aproveitar a compensar, exactamente.

Q – Esta característica também se aplica a si, é positiva e essencial. Quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do agrupamento o que significa serem colaboradoras umas com as outras?

R – Essencialmente a partilha de ideias. O partilhar, o toda a gente estar, porque quando estamos num agrupamento estamos mais ou menos todas inseridas no mesmo meio, o meio é o mesmo, as crianças normalmente têm características parecidas e é todos a trabalhar em função dos mesmos objectivos para que tudo seja conseguido.

Q – Esta característica aplica-se muito a si, é positiva e essencial, quando aplicada a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do agrupamento o que significa não estar só no meio da serra?

R – Significa exactamente aquilo que disse, eu acho que deve ser assim, a mim assustar-me-ia muito saber que estava num J. I. no meio da serra, e que não tinha ninguém com quem conversar, ninguém com quem partilhar, era só eu e as minhas crianças, eu acho que isso significa atraso. Isso significa um retrocesso na carreira, aqui que nós aprendemos porque depois não partilhamos, se calhar não nos chega toda a informação acerca de acções de formação para serem realizadas e não vamos estando tão a par daquilo que se ai passando e das alterações que vão existindo.

Q – A característica aplica-se a si, é positiva e essencial, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A5)

Q – E quando pensa no grupo de educadoras do agrupamento o que significa poder proporcionar melhores condições às crianças?

R – Como estávamos todas a trabalhar os mesmos objectivos, nesse caso foi um caso particular, nós trabalhamos, tentamos valorizar tudo o que era da terra, trabalhamos todas em função do mesmo e no final acabamos até por ir a um concurso, as crianças do agrupamento ganharam o prémio. Portanto foi tudo muito na base de valorizar aquilo que era do meio, valorizar as crianças e as suas realidades, aquilo que elas vivenciavam todos os dias para além das portas do J. I..

Q – Esta característica também se aplica muito a si, é positiva e essencial, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A5)

Q- Quando fala elas educadoras do agrupamento, disse exactamente as mesmas características do nós. Tem algum significado, alguma alteração a fazer ou o significado é exactamente o mesmo?

R – O significado é exactamente o mesmo. Todos trabalhamos para os mesmos objectivos.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem participativas?

R – Significa quando as pessoas quando se propõem a alguma situação ou a um projecto ou alguma actividade e as pessoas se oferecem pronto para participar, para estar, fazer essa actividade e partilhar.

Q – Também se aplica muito a si, considera essencial e positivo, quando aplicado a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem interessadas?

R – Quando as pessoas estão, vão e conseguem quando se está a tratar dum assunto as pessoas estão a ouvir, estão falar sobre esse assunto e não a falar doutras coisas, pronto às vezes só de facto de estarem ali a ouvirem ou pronto a participar não é, ou a querer saber o que se passa e não a ter conversas com outras colegas com outros assuntos.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial, quando aplicado a si, e ao grupo, o significado é o mesmo ou é diferente?

R – Sim é o mesmo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem colaborantes?

R – É quando se propõe alguma tarefa ao grupo, têm alguma tarefa e as pessoas colaboram pronto.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, também a considera essencial, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo do grupo?

R – É o mesmo do grupo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem competentes?

R – Competentes, nós as educadoras competentes quer dizer que desempenhamos bem a função, como achamos que devemos.

Q – Considera essencial e aplica-se muito a si, o significado mantém-se?

R – Isto é ser gabarola? Eu acho que sou e gosto de ser competente.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem aplicadas?

R – Aplicadas quer dizer que adjectivam o seu trabalho, não andam ali a navegar, isto podia ser dito em palavras mais ricas mas, é trabalhar para ali, estamos ali a trabalhar para os meninos e discutimos isso como discutimos outras coisas, porque eu acho que a leveza, a leveza do trabalho e a interacção com outras formas de estar e uma boa gargalhada lá no meio quer venha de coisas nossas quer venha de coisas dos meninos é óptimo, o aplicado, o ser pessoas aplicadas é pessoas que estão ali para fazer aquilo pronto é, e faz-lo.

Q – Aplica-se muito a si, é positivo o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Às vezes sou gozada por ser de mais, acabam por me chamar aplicada de mais, sou estressada dizem-me que não deixo as pessoas acalmar, e acham que devia ser menos aplicada.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa ser um grupo cooperativo?

R – Ah isso é a parte que eu gosto mais, acho que a cooperação e a partilha é essencial, até aí há qualquer sítio para pormos isto, em qualquer situação mas não na nossa situação, é acho que é a melhor coisa que há, é a cooperação se os meninos pudessem escrever, a cooperação é essencial e a partilha, e eu tento que os meus meninos trabalhem isso, nós formamos um grupo cooperativo; quando falava no núcleo pedagógico é um grupo cooperativo, e se nós, se eu cooperar contigo, e se partilhar contigo é cooperar e saímos todos ricos, estou a trabalhar para ti ou tu estás a trabalhar para mim, eu sei isto tu sabes aquilo e a rigidez não ajuda em absolutamente nada, nem eu te vou passar o meu modelo e tu vais fazer como eu, podes achar engraçado; eu este ano senti muito isso porque eu trabalhei com uma colega que não me conhecia de lado nenhum e foi pura simplesmente fantástico trabalhei pela primeira vez com uma pessoa que era muito idêntica a mim na maneira de estar, era extrovertida, comunicava imenso com os pais era, pronto normalmente eu faço esse papel, as pessoas embora colaboram ficam mais na retaguarda pela maneira de ser, de estar, era o meu espelho ser fantástico senti-me assim, muito mais descansada, e embora tivéssemos dois modelos de trabalhos diferentes foi muito interessantes interligar e interagir, foi interessantíssimo.

Q – Considera uma característica essencial, aplica-se muito a si, o significado é o mesmo que acabou de dizer?

R – Sim exactamente.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem abertas?

R – Abertas, não ser um grupo fechado, ser receptivo.

Q – Aplica-se a si?

R – Sou uma pessoa aberta.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem interessadas?

R – Interessadas é não desistir, é ter os olhos postos no futuro e não no ram ram do passado.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – Sim é o mesmo.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem capazes de partilha?

R – É partilhar, emprestar livros, jogos, ideias... Somos 3 salas de J. I. e tudo circula, não ficamos agarradas a isto é só meu.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – Eu gosto de partilhar.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem criativas?

R – Criativas porque inventamos coisas, no outro dia fizemos um teatro de fantoches só com sapatos, adaptamos a história da carochinha para não ser sempre igual. É fazer coisas novas apesar de termos grupos muito grandes (25 crianças) e ainda crianças com NEE. Nem sempre temos disposição e tempo para criar. Ao longo deste ano criamos uma cidade para trabalhar-mos a prevenção rodoviária, foi um trabalho muito criativo porque as crianças a darem ideias, a recolhermos materiais pelos supermercados, pelas ruas, as discussões, a maquete que eles construíram são coisas novas.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si o significado é o mesmo?

R – É o mesmo.

(A9)

Q – E o que significa no grupo das colegas do J. I. serem organizadas?

R – Planeamos as coisas e concretizamos dentro de uma certa ordem e também organizadas no material que é de todas, temos uma biblioteca onde catalogamos os livros, estão organizados, a qual está ao serviço das 3 salas.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si o significado é o mesmo?

R – Sim, sim.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colaboradoras?

R – É assim, portanto as pessoas perante um determinado contexto de trabalho e os grupo que têm pela frente colaboram, colaboram com as colegas educadoras colaboram com os pais, colaboram com as outras pessoas que rodeiam, que nos rodeiam, sejam as auxiliares, sejam outro tipo de pessoal é portanto, eu acho que é fundamental esta colaboração entre todos.

Q – Aplica-se muito a si, considera-a essencial na profissão, é positiva, quando aplicada a si o significado é o mesmo que o do grupo?

R – É, sim.

(A11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa partilharmos?

R – Ora bem, partilhar, aí no sentido de reflectirmos em conjunto, partilharmos as nossas experiências, o que se passa dentro da sala do Jardim de Infância, partilhar com os pais o que vamos descobrindo nos meninos, o desenvolvimento deles, partilharmos com a comunidade, portanto acho também uma característica de uma troca entre todos.

Q – Também se aplica muito a si, considera essencial, quando aplicado a si o significado é o mesmo de partilhar ou altera-se?

R – Sim, não é o mesmo.

(A11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colaboradoras?

R – Sim, sim, eu acho que aí, pronto, lá está, é o grupo, portanto, sim é o mesmo significado que atribui em nós, é o mesmo. E o significado de partilharmos também é o mesmo.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Colegas de J. I.” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	b) RELAÇÕES DE AMIZADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem características de amizade relevantes para o desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem solidárias?

R – Acho que há muito pouca solidariedade hoje em dia e também se verifica na nossa profissão um bocadinho isso, não é? Mas ainda há colegas felizmente que são solidárias, que pronto, e acho que é um valor que devemos preservar e como as crianças aprendem por exemplos, se nós educadoras formos solidárias acho que já estamos a dar um bom exemplo e que as crianças o poderão seguir, pronto é isso mais, nessa perspectiva, não é? E também pronto, quando uma pessoa verifica que outra colega precisa de apoio por qualquer motivo acho que devemos dá-lo.

Q – Também se aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado a si e ao grupo?

R- Sim, igual, aí mantém-se.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa serem cooperantes?

R – Significa ser capaz de partilhar, de colaborar com os outros.

Q – Considera essencial, positivo, aplica-se pouco a si, o significado altera-se ou mantém-se?

R – Eu, quando eu posso eu sou colaborante, mas também não sou das que avança logo, isso não.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem amigas?

R – É, não é aquela amizade de amizade pronto que nós, que eu tento pronto de uma pessoa, que nós temos há muitos anos, é aquela amizade verdadeira de partilha, de troca de muitos e muitas vivências boas e más na vida, mas facto de estarem em sintonia, de partilharem os problemas, de não estarem ali só para criar problemas, mas para sim entre ajudarem e poderem colaborar e partilhar materiais e ideias.

Q – Aplica muito a si, é positiva, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Não , é o mesmo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem cúmplices?

R – Isso tem um bocadinho a ver com a resposta anterior, a cumplicidade é um bocado, eu falava contigo sobre isto, a cumplicidade é positiva, numa cooperação, ser cúmplice de alguém numa de cumplicidade aquela cumplicidade para encobrir, ah deixa lá olha ela!, há uma situação não são pessoas assim frontais, uma cumplicidade para encobrir situações há alguém que não está para se chatear, ela foi ali mas vem já, porque é que não diz ela foi não sei onde, porque é que as pessoas não põe as coisas não as assumem, e isso é negativo e não tem nada a ver comigo nesse sentido.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem amigas?

R – Eu não sei se sou eu que vejo as coisas desta maneira e se será correcto mas nos lugares onde eu trabalhei fomento a amizade, que para mim é uma coisa essencial, é evidente que as pessoas não são aquele género de amigo íntimo, quando eu estou num lugar de trabalho eu passo lá muitas horas por isso eu tenho que me sentir bem aí, mas até hoje tenho conseguido dar-me bem, aceitando a diferença e o modo de estar, amizade de trabalho de emprestar, partilhar para criar um bom ambiente entre colegas.

Q – Quando se aplica a si o significado é o mesmo?

R – É muito importante a gente ser amiga, a gente está bem, agora se está num lugar onde nos hostilizam, onde se está em guerra isso vai-se reflectir nas crianças, temos de fazer este esforço de tentarmos no lugar de trabalho sermos amigos.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem pacíficas?

R – É não serem muito conflituosas as colegas do pré-escolar, até hoje não conheço excepto quando estive em Macau que éramos 20 e só havia um conflituosa por causa de problemas de álcool. Há pontos de vista diferentes mas que esclarecem.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si o significado é o mesmo?

R – Eu não sou assim tão pacífica porque eu sou muito legalista, mas não deixo de ser pacífica. Às vezes sinto que irrita um pouco as pessoas porque sou muito frontal, directa e legalista, sou muito lutadora mas também não sou conflituosa.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem tolerantes?

R – Quem é pacífico é tolerante, é aceitar coisas que até não queríamos, no meu J. I. temos 2 casas de banho para 60 crianças, isto é ser tolerante porque às vezes estão 8 ou 9 e para que não haja brigas cantamos uma canção. Ser tolerante faz parte da capacidade de uma boa educadora.

Q – Esta unidade representacional aplica-se muito a si o significado é o mesmo?

R – A mim e à maioria das colegas.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colegas, às vezes amigas?

R – É assim, durante o nosso percurso, e no nosso caso, as da rede pública que mudam muitas vezes de sítio, por situações de concurso ou por outras situações, mas a verdade é que as pessoas mudam mesmo muitas vezes de lugar, conhecemos muita gente, conhecemos muitas colegas, trabalhamos com muitas colegas, às vezes ficamos muito amigas de algumas, outras vezes nem por isso, mas realmente tem-me acontecido muitas vezes quando trabalho, ficar amiga das pessoas porque há uma empatia que se cria, que, acontece.

Q – Também se aplica a si, considera essencial e é positiva essa unidade representacional, quando é aplicada a si o significado do grupo mantém-se ou altera-se?

R – Sim, sim, mantém-se.

(A11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. de Inf. o que significa serem colegas?

R – Enfim, o que eu tenho, o que eu às vezes noto entre as colegas é que às vezes as pessoas são demasiadamente formais nas suas relações e então não estabelecem muitas vezes relações de amizade, para mim é um bocadinho fundamental, por isso eu acho que quando estou a pensar em nós reporto-me muito à minha pessoa, quando estou a pensar nelas acho que é um pouco mais em geral, acho que no geral se calhar não há tanto esta sensação de amizade, de que eu tenho necessidade não é?

Q – Quando aplicado muito a si, é positiva e essencial, o significado é o mesmo aqui de colegas?

R – Não, nesse sentido acho que não, acho que eu me enquadro mais na outra, mais no nós, mais no sentido de limitado.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Colegas de J. I.” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	c) PERSPECTIVAS CRÍTICAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que incluem críticas sobre o trabalho que é exercido pelas colegas.

Q – Quando pensa no grupo dos educadores não estudantes o que significa serem pouco criativos?

R – São pessoas que estão muito presas a programas e à procura de receitas para as aplicar e portanto a criatividade fica na gaveta.

Q – Isto não se aplica a si?

R – Não, porque acho que tenho criatividade.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores não estudantes o que significa serem acomodados?

R – Fazerem aquilo do ram ram, do dia a dia e não pensarem em muitas coisas é o contrário de reflexivo um bocado acomodado.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não sou acomodada.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores não estudantes o que significa não defendem o seu perfil profissional?

R – Exacto é não, não ter orgulho um bocado na profissão em que têm e por isso muitas vezes não se demarcam com aquela postura que deveriam demarcar-se como educadores de infância não é?! Portanto o papel deles é um bocado indefinido desde que não chateiem muito, vão fazendo isto vão fazendo aquilo mas não ultrapassou a postura enquanto tal.

Q – Acha que as educadoras já têm um perfil profissional?

R – Eu acho que têm, é mais visível nos educadores de infância do que nos educadores sociais, eu acho que esses é que tem um perfil um bocado vago.

Q – Qual a diferença entre uns e outros?

R – Eu acho que é muita, os educadores sociais estão muito mais próximos de técnicos de serviços social, os educadores de infância não, têm uma prática específica para crianças embora tenham que lidar com questões sociais e com as famílias é completamente diferente dos outros.

(A2)

Q – Quando pensa nas colegas do agrupamento o que significa serem muito divergentes do que deve ou é a educação de infância?

R – Muito ... muito porque lá está temos formações diferentes e então temos maneiras de encarar a educação pré-escolar, maneiras muito, muito diferentes, se às vezes é positivo outras lá está criam-se os tais preconceitos e os medos de mexer naquela maneira e isso é negativo eu acho.

As educadoras do agrupamento são oriundas de escolas de formação inicial públicas e privadas e eu que sou de uma escola pública fico a pensar como pode haver nas escolas públicas uma diferença tão grande na formação, por ex. eu sou da ESE do P. e já trabalhei com uma colega da ESE de V. e era completamente diferente, não há um fio condutor, se calhar isto está relacionado com a autonomia das escolas mas devíamos conhecer os

currículos, isto já para não falar das privadas onde eu aí sou muito crítica e acho que são as principais culpadas da actual situação de descrédito da educação pré-escolar, por acaso acho que era interessante fazer um trabalho sobre isso, são escolas que seguem uma linha e não dão outras possibilidades enquanto que a minha, que era a ESE, era seguida uma linha que era o trabalho de projecto, que era o que vigorava na altura, mas havia informações sobre outras linhas de trabalho: sobre pedagogia por objectivos, sobre pedagogia não directiva ... a informação sobre estas metodologias não era muito profunda mas era pelo menos uma visão.

Q – Esta característica aplica-se a si, não muito, e considera-a negativa porquê?

R – Considero negativa as grandes divergências, não por ser divergentes, mas por nós não termos encontrado, ainda, mecanismos de ligação e articulação entre uns e outros, aí é preciso agir, penso eu com muito cuidado, para não se ferir susceptibilidades porque todas somos muito zelosas da nossa prática como sendo a melhor e eu também sofro desse mal, sofro de certeza, mas é importante criarem-se mecanismos de abertura e de outras experiências.

(A3)

Q – Ainda no grupo das colegas do agrupamento o que significa nem sempre críticas das nossas acções?

R – Pois ... lá está não fazemos as coisas, por ex. quando o conselho executivo pediu uma grelha de avaliação das crianças, havia ali colegas que por elas tudo bem não estavam minimamente preocupadas qualquer coisa serve, para quê levantar problemas se no agrupamento ao lado se faz assim e ninguém chateia. Perante isto até se fica envergonhada, eu às vezes tenho vergonha de pertencer à classe que pertenço, tenho que dizer, quando vejo essa falta ... às vezes até penso se eu e outras como eu somos tolas e não pertencemos a este mundo, não não deve ser, aqui alguma coisa não deve funcionar, não sei, não percebo muito bem.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não sei se sou muito crítica mas às vezes critico e reflecto sobre acções que tomei com as crianças e nem sempre chego à conclusão de que foram as melhores, muitas vezes concluo que não fiz o melhor caminho. Devemos ser críticas ao que os outros nos querem impingir e acho que algumas nem esse esforço fazem que é para não terem chatices.

(A3)

Q – Quando pensa nas colegas do agrupamento o que significa enervam-me nalgumas posturas?

R – Estou a pensar nas que acham que está tudo, para que é que a gente se vai chatear, é mais fácil dizer mal do que fazer ou pensar, isto cria mau ambiente e até cria umas rivalidades e incompatibilidades pessoais que depois claro aniquilam o trabalho todo. É preciso que eu digo que nestas coisas de profissionais de educação, isso e se me permite introduzir algumas questões da licenciatura em Ciências da Educação, permitiu-me perceber que tem que se entrar com pezinhos de lã e têm que ser as próprias pessoas a construir o seu conhecimento porque dar não vale a pena, é preciso criar vontade para e só depois se pode produzindo algumas alterações, porque chegar de fora e blum, só cria o inverso, o fechamento, o enconchar, nós é que temos razão e os outros é que têm a mania.

(A3)

Q – Agora ainda no grupo das colegas do agrupamento o que significa muitas vezes acrícticas da realidade social?

R – Acho que estão preocupadas com as crianças e tal, bem mas aí tem mais haver com uma postura ideológica, de aceitar a realidade social porque se o pai é toxicodependente o que é que se vai fazer com o filho, e usam a expressão já lhe está no sangue?

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não é só por questão pessoal mas também por formação académica; a minha formação de base e a complementar fez-me perceber que não é assim, não quer dizer que seja fácil.

(A3)

Q – Ainda no grupo das colegas do agrupamento o que significa serem pouco abertas à mudança?

R – É não reflectirem, não procurarem experiências, coisas diferentes para fazer, eu acho que só vale apena, e na educação de infância é assim, só vale apenas fazer as coisas se houver prazer, isto foi uma máxima que uma professora da formação inicial me ensinou: “você têm de gostar daquilo que fazem enquanto educadores” e eu sou assim se não gostar é um frete, não consigo fazer, não faço, se calhar é por isso que sou educadora e não sou secretária ou outra coisa qualquer, porque me permite fazer precisamente aquilo que eu gosto, claro nesta relação que envolva o grupo de crianças, as colegas e a comunidade ...

Q – Por isso não se aplica a si?

R – Não, não pelas razões atrás referidas.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem pouco rigorosas a níveis de regras sociais?

R – Deixar andar tudo à lei da natureza, pronto, não criar dentro da sala de aulas acho que é preciso haver uma organização, porque as crianças precisam de ter regras para crescerem, não é? E deixar andar tudo assim ao acaso, sem haver o mínimo de ordem, acho que não é favorável para nós que estamos a trabalhar com eles e para as próprias crianças. Temos 25 crianças dentro de uma sala, muitas vezes até não com as melhores condições, se não houver o mínimo de regras, porque eles precisam dessas regras para crescerem e acho que é fundamental para um bom desenvolvimento de um trabalho.

Por isso é que esta característica não se aplica a mim.

(A4)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem pouco competentes no desenrolar do trabalho?

R – Pronto é assim, fazem um bocado, fazem por fazer, não é? E eu aqui queria-me referir que não há, muitas vezes as pessoas mesmo em relação ao desenrolar dos projectos pedagógicos e educativos e tudo isso, muitas vezes não há continuidade, até se tenha um projecto qualquer lá e o trabalho que se desenvolve é completamente diferente. Portanto não há coerência entre aquilo que lá está e o que se desenvolve. Faz-se as coisas por fazer, não se preocupam se vai haver um bom desenvolvimento para as crianças, se há proveitos com o trabalho final.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Porque eu sou preocupada, tento sempre cumprir, acho que é fundamental nós termos um ponto de partida e vermos quais são as dificuldades, porque cada grupo, todos os grupos são diferentes, cada criança é diferente e quando chegamos a uma escola acho que é necessário ver as dificuldades que há, vermos o grupo que temos e tentarmos desenvolver um trabalho que prontos, cheguemos ao final do ano lectivo e que tenha havido um crescimento e um bom desenvolvimento a nível das crianças. E acho que se nós programarmos o trabalho é muito mais fácil de trabalhar, não andamos ali embaraçadas com as situações. Pronto, embora não seja tudo rígido, não é, há coisas que não se cumprem, mas acho que é fundamental pelo menos ter uma orientação.

(A4)

Q – Ainda quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem preocupadas mais com o que está à vista?

R – Pronto, é a tal coisa, as pessoas preocupam-se mais com o bonito, com dar festas muito engraçadas, as crianças andam ali estressadas a ensaiar, muitas vezes contrariadas e não se preocupam tanto se a criança está a gostar, se vai contribuir para um bom desenvolvimento para ela, se estão ou não a criar frustrações e conflitos internos. É nesse ponto.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Pronto, eu dou mais valor, se calhar não me interessa tanto ter lá uma coisa bonita ou fazer uma festa muito bonita, interessa-me que tenha havido evolução da criança ao longo do ano. E eu sinto-me orgulhosa quando chego ao fim e vejo crianças que no início tinham certas dificuldades e que no fim essas dificuldades foram conseguindo sendo vencidas.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa serem pouco motivadas?

R – Eu acho que as pessoas estão cada vez mais a voltar-se para os cursos, para as licenciaturas, também fiz a literatura quer dizer comprei-a, mas se calhar deixam o trabalho em segundo plano percebe?

Q – E será que a culpa também é delas?

R – Se calhar é, o grupo é delas, é da classe em geral, não é, que se calhar não valoriza, se calhar o sistema obrigou a isso, quer dizer, não são muito valorizadas, continuo a ficar com a imagem de que é tomar conta de meninos e pouco mais.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa serem pouco cooperantes?

R – Significa que, eu notei isso muito este ano, eu notei isso este ano que só apareciam quando era necessário, quer dizer, o que é que se faz, o que é que não se faz, porque é que, se for para fazer uma festa para toda a gente ver tudo bem, mas não passa disso. Quer dizer, não há, o que é que nós estamos aqui a fazer, investigar mais e cooperar mais nas actividades do Jardim de Infância, não é.

Q – O pouco cooperante aplica-se muito a si mas considera desfavorável, o significado é o mesmo?

R – Este ano, este ano sim. Mas eu gosto de colaborar, se eu poder e se eu souber...

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa serem individualistas?

R – Ai individualidades há muitas, é pensarem cada uma por si, não partilharem, não partilharem ideias, não partilharem coisas, acho que é muito isso, é não partilhar.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não. Eu gosto de saber o que as pessoas estão a fazer, não é para copiar, mas para trocar ideias, e não houve isso, esse intercâmbio este ano.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa serem desinteressadas?

R – Significa, não estão para se chatear muito, não estão ali, faz o trabalhinho delas e pouco mais.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, eu este ano, digo este ano é um ano à parte. Digo umas coisas, mas no geral eu gosto de participar e gosto de trabalhar com as crianças, os pais e a comunidade.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância o que significa muita aparência pouca essência?

R – É o bonito, é o fazer para ser visto, para a comunidade ver que se faz, mas depois, independentemente de quem faz, não é, mas depois fica muito à quem daquilo que foi feito a nível do Jardim de Infância o que é que foi feito a nível dos miúdos, é um bocado disso, é muita aparência só.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Também não tenho muito jeito para aparências, ou é ou não é, se faço bem feito faço bem feito, se faço mal feito vai mal feito, não tenho jeito para coisinhas assim muito lindas, muito lindas, para encher os olhos, não tenho jeito para isso, não tenho.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem desinteressadas?

R – É quando as pessoas vão mas, pronto não fazem nada e estão a conversar sobre os filhos ou pronto outros assuntos e estão mesmo só porque são obrigados a ir um pouco.

Q – Essa unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Pronto posso também ter já, em algumas situações da minha vida, também ter alguns momentos desinteressada, mas a maioria das vezes penso que sou interessada.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância, considera o grupo de colegas do núcleo pedagógico, o que significa serem desmotivadas?

R – Penso que é o facto de as pessoas às vezes estarem longe da sua casa, da sua família, serem obrigadas a trabalhar em Jardins com problemas ou ao nível das auxiliares da educação educativa ou com problemas de espaço ou com outros problemas e também às vezes o facto de todos os anos terem que mudar de Jardim para outro sítio, isto é uma realidade que muitas vezes desmotiva as pessoas porque todos os anos têm que recomeçar com um grupo novo, tudo de novo e há alturas que desmotiva mesmo.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Neste momento já não se aplica a mim, talvez houvesse alguma altura que andasse um pouco mais desmotivada mas nunca desisti de fazer as coisas e de trabalhar, é diferente porque eu apesar de trabalhar em espaços com problemas e com pessoas às vezes com personalidades difíceis não desisti, pronto de tentar resolver as situações mesmo que tivesse que estar muitas vezes nas salas de espera das Câmaras Municipais, mesmo que às vezes tivesse que conversar com as pessoas e às vezes ter algumas situações de mais conflito, ou de situações menos agradáveis de momento, mas tentei sempre resolve-las da melhor forma, claro que também passei por algumas situações de estar desmotivada mas só pontuais.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem acomodadas em alguns aspectos?

R – Acomodadas em alguns aspectos são pessoas que deixa lá, deixa estar assim, deixa já é assim há muito tempo, atropelam situações algumas situações por acomodação.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, de maneira nenhuma.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem desorganizadas?

R – É a gente chegar a um J. I. e ter livros misturados com jogos, os registos não existem...

Q – Esta característica não se aplica a si?

R – Não, sou muito organizada.

(A9)

Q – O que significa no grupo serem pouco inovadoras?

R – Vejo fazer actividades que se repetem muito, fazem fichas, dão por temas, acho que não andam para a frente.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Pelos motivos que já disse, gosto de criar algo de novo.

(A9)

Q – O que significa no grupo serem pouco interessadas pela cultura?

R – Porque quando às vezes leio livros ou vou ao teatro, na minha escola há 20 e tal pessoas e nunca nenhuma foi e ao fim do ano às vezes faz-me confusão, porque ninguém vai ver uma exposição de arte, mas aqui em G. há o auditório municipal que faz frequentemente teatro onde chegam à escola convites e a Directora leva-os directamente a mim porque sabe que eu vou e gosto de ir. Na minha escola recebe-se o jornal de Letras e vai para o lixo sem ser lido, olhe veio hoje comigo ... Poesia ninguém gosta ... As férias a lugares diferentes não vão ... Feira do livro ninguém foi a não ser eu, então os professores não vão à feira do livro? Depois a gente queixa-se que ninguém lê no país mas se os professores não lêem como vão incentivar os alunos, se tu gostas de ler sem querer passas esse gosto.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pelo que acabei de dizer, eu gosto e tenho muito interesse pela cultura.

(A9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Colegas de J. I.” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	a) RELAÇÃO DE TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às diferentes formas de trabalhar em conjunto.

Q – E o que significa no grupo de colegas do J. I. serem unidas, bem dispostas e alegres?

R – Olhe, é assim, eu acho que em cada grupo, eu estou a falar, quando falo em unidas, bem dispostas, acho que é em relação ao grupo, aí o que falei foi em relação aqui, especifiquei um bocado. O serem unidas é precisamente nos momento em que é preciso fazer as coisas, poderemos ter as nossas, ter maneiras de ser diferentes, mas quando é preciso as coisas, tudo se reúne em esforços para as coisas serem feitas.

Q – Bem dispostas e alegres acaba por ser isso, a mesma coisa?

R – É.

(B1)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem sociáveis e profissionais?

R – Olhe o sociáveis é assim, nós estamos aqui nesta instituição e temos muita gente de estratos diferentes, crianças de níveis diferentes e acho que uma característica que nós temos que ter é saber chegar a todos, portanto aí o sociáveis eu acho que era um bocado em relação saber chegar principalmente aos pais, quer aos de estrato social elevado como aqueles, acho que devemos ser para todas iguais e portanto falar com todo o respeito e com toda a coisa com a com b ou com c, com toda a gente.

Q – E profissionais, é o mesmo significado?

R – Profissionais eu estou-me a referir, pronto, é um bocado em relação ao trabalho, quando eu falo de profissionais em relação a esquematizar, acho que a todo, portanto, é um bocado em relação a isso.

(B1)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa discutimos opiniões e somos atentas?

R – Acho que é .. e que é proveitoso, acho que as opiniões, diversas opiniões que é óptimo, discuti-las ainda melhor porque muitas vezes nós temos, eu penso que terei razão em relação ao trabalho, a uma coisa, mas quando as ideias são postas em comum, outra pode-me fazer pensar de maneira diferente e até pensar que realmente a minha não é aquela que está mais certa, e portanto acho que isso que é proveitoso.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. I. o que significa serem participativas?

R – Participativas é estarem sempre prontas para ajudar, participarem em todos os eventos que haja extra horário.

Q – Essa aplica-se bastante a si e é muito essencial, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. I. o que significa serem cumpridoras?

R – É a mesma coisa que referi à bocado atrás, é cumprir com o trabalho essencialmente, pronto depois há aquele lado negativo que eu acho que é exagerado, por ex. sair às 4:30h.

Q – Também considera essencial quando aplica a si, o significado é o mesmo?

R – Acho essencial o lado positivo de cumprir com as responsabilidades, o lado negativo eu nunca saí às 4:30h.

(B2)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem responsáveis?

R – Uma pessoa responsável é pronto uma pessoa que, lá está, que não precisa que haja ali uma directora ou alguém atrás dela olha faz isto, olha tens que fazer isto, tens que fazer aquilo, não é, que é capaz de coordenar o seu trabalho e de realizar as suas actividades a tempo e horas.

Q – Esta unidade aplica-se a si, o significado altera ou é uma pessoa responsável?

R – Sim, significa o mesmo.

Q – Porque até considerou o grau médio?

R – Sim, médio, porque lá está, também ninguém é perfeito, às vezes também uma pessoa facilita, não vou estar a dizer que sou super responsável porque eu sei que não sou. Tenho as minhas falhas, não é, mas acho que até nem são falhas muito graves, não são assim nada de u.i.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem cooperativistas?

R – Conseguirem trabalhar em grupo, repartir ideias, defenderem-se umas às outras.

Q – Aplica-se bastante e é positivo quando se aplica a si tem o mesmo sentido ou muda de significado?

R – Sim, sim, o mesmo sentido que nas outras colegas.

(B4)

Q – Quando pensa nas colegas de J. I. o que é que significa ser partes de um todo?

R – Quando penso nas colegas que trabalham comigo, era o que eu gostava que elas se sentissem, acho que algumas já sentem as outras não.

Q – Não quer especificar?

R – Eu não sei como hei-de especificar, se calhar o facto de eu ser tão benevolente ou de líder que deixa as coisas correrem por elas próprias e vai apontando, vou abrindo caminho e gostava só que me vissem assim, porque isto vem de há muitos anos atrás que era: tu fazes isto, isto, isto eu não sou assim. É o que é que vamos fazer, e às vezes lá está agora nem tanto, tenho dificuldades em perceber que elas estão parte deste todo e que sem elas, elas eu sou uma delas.

Q – Também tem tanta responsabilidade como outros?

R – Exactamente eu acho que já entendem melhor, mas às vezes dá-lhes jeito não entenderem.

Q – Quando se aplica a si e aqui aplica-se bastante a si, tem o mesmo significado quando se aplica ao grupo ou acha que é diferente?

R – Como parte de um todo eu sou, aplica-se muito a mim, pelo mesmo significado mas eu sinto-me mesmo uma parte deste todo.

Q – Tem uma conotação ainda um bocadinho mais forte?

R – Muito forte.

(B5)

Q – Quando pensa nas colegas de J. I. o que é que significa o núcleo da inovação para neste grupo, o que é que significa para si?

R – Eu conto com elas para inovarmos as coisas, para se mudar as coisas.

Q – Mudar o quê ?

R – Mudar a forma de trabalhar, eu gostava, tenho um sonho de montar-mos a história dos campinos que trabalha nas estradas quero virar isso ao contrário e ainda não consegui porque ó Sofia: como é que nós fazemos? Não sei pensem mas não quero mudar eu sozinha, eu acho que se me dedicar arranjo um estratagema de mudar, mas não queria chegar à sala e agora a partir de agora vamos mudar isto e cada uma faz assim, gostava que

surgisse delas, a vontade de quebrar esta rotina dos cantinhos, das áreas disto daquilo e ainda não consigo.

Q – Então aqui quando o núcleo de inovação, o sentido é diferente para o grupo quando se aplica a si?

R – É.

Q – Qual é o sentido para si?

R – Só porque não consigo embora me sinta um núcleo não consigo fazer nada sozinha não consigo.

Q – É difícil inovar aqui na instituição?

R – Aqui porque tem uma tradição já esta casa não é, eu pensei que mudar de instalações, que mudamos à pouco tempo que ia ser mais fácil e tem gente nova que me parece que parou um bocadinho no tempo de repente não sei porque parou um bocadinho no tempo, há coisas que eu não consigo perceber também com esta história da licenciatura elas andaram a estudar, complementos de formação, portanto acho que foi uma má fase, as mudanças de instalações para estas, não é assim uma fase muito boa eu pensei que mudando inovamos a casa, inovávamos tudo mas ainda não deu.

(B5)

Q – Quando pensa nas colegas de Jardim de Infância o que é que significa referência para as crianças?

R – Para o grupo eu acho que elas são mesmo, cada educadora é uma referência para as suas crianças, elas sentem-se pela educadora e auxiliar, muitas vezes, porque sentem-se perdidas sem elas.

Q – Esta referência não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Porque eu não tenho o grupo de crianças, simplesmente por isso.

Q – Mas acha que se tivesse que elas que eram referências?

R – Ah claro que maravilha porque é assim eu acho que cada grupo de crianças reflecte as características da educadora, e eu se calhar observo isso porque estou mais de fora não é, eu sei que há grupos que mantêm passam despercebidos tal como a educadora passa despercebida não por mau sentido, há outros grupos que são completamente activos e mexericos e não param porque a própria educadora é assim, são o nome de referência para o grupo e a convivência para aqueles grupos, eu consigo identificar as educadoras pelos grupos.

Q – Referência mas não modelo estereotipado?

R – Não, não é modelo mas acabam por assumir as características da educadora que é uma coisa muito curiosa porque eu conhecendo as educadoras como conheço e depois acabo por ver os grupos a ser como elas.

Q – Identifica-se?

R – Quer dizer não são o espelho, mas têm ... são mais activas ou canta mais ou canta menos ou faz isto ou é assim um grupo irrequieto e tem a ver com a própria educadora.

(B5)

Q – Quando pensa nas colegas de Jardim de Infância o que significa partes de um grupo?

R – Muitas vezes as educadoras não pertencem ao todo, para a infelicidade minha, mas são mais parte de um grupo, subgrupo de educadoras.

Q – Quando se aplica, o significado é o mesmo ou altera-se, já que ela aplica-se bastante a si?

R – Considero o grupo, o grupo todo.

(B5)

Q – Quando pensa nas colegas de Jardim de Infância o que significa ser responsáveis pelas crianças? Em quem é que está a pensar?

R – Quer dizer eu aí estava a pensar em educadoras não é, em todas as educadoras.

Q – Em todas de uma maneira geral?

R – Como grupo profissional têm que ser responsáveis por estas crianças.

Q – Responsáveis no sentido de guarda ou responsáveis no sentido de quê?

R – Responsáveis em todos os sentidos não é, elas estão a crescer e temos que cumprir a nossa função como profissional, não é só recebemos as crianças direitinhas e entrega-las direitas é assim auxilia-los a crescer e a serem felizes, é a base, a educadora é assim é a primeira pessoa não que os molda, porque eu não gosto dessa palavra moldar, mas que lhes dá ferramentas para a vida.

Q – Quando se aplica a si muda de significado ou tem o mesmo?

R – Responsabilidade pelas crianças, não é tudo o mesmo, só que sinto-me, procuro assumir essa responsabilidade por essas crianças que nos passam aqui.

(B5)

Q – Ainda referente às colegas da instituição quando pensa nesse grupo o que significa ser mulheres?

R – Significa uma carga de trabalhos, não é, mas não sei muito bem.

Q – Pensa em alguém específico?

R – Não, é o facto de ser só mulheres como educadoras.

Q – Quando se aplica a si, muda de sentido ou mantém o mesmo sentido?

R – Eu gosto muito de ser mulher mas também gostava de experimentar ser homem, não mas gosto de ser mulher.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa um todo profissional?

R – Nós temos que pensar um por todos e todos por um e funcionamos um bocado nessa lógica mesmo quando há às vezes há situações mais complicadas de pais, nós pedimos sempre opinião às colegas e acho que funcionamos como um todo, mesmo que não concorde muito com algumas coisas, eu até digo sim para uniformizar.

Q – Aplica-se a si em 2 mas acha que o significado que tem para o grupo e que terá para si é diferente?

R – Não, acho que é igual.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem referência para as crianças e para os pais?

R – Significa que nós funcionamos como um pilar ... sei lá ... nós somos a cara do infântario para os pais, para as nossas crianças, para o nosso grupo.

Q – Aplica-se a si em 2 mas acha que comparada com as outras colegas é mais ou menos uma referência para as crianças e para os pais?

R – Mais.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem dinâmicas e criativas? A palavra dinâmica já referimos e o que significa concretamente criativas neste dia a dia no exercício profissional?

R – Temos que dar largas à nossa imaginação, às nossas experiências e daí tirar novas coisas para se fazer, mesmo que estas práticas sejam de rotina, nós tentamos fazer coisas diferentes, nós tentamos dar-lhe coisas novas a eles para não se tornarem maçadores.

Q – Acha que para si é mais ou menos dinâmica e criativa? Tem o mesmo significado para si e para o grupo.

R – Tem o mesmo significado, às vezes considero-me menos criativa e outras vezes mais criativa, depende das situações.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem dinâmicas?

R – Significa não parar e estarem sempre em acção, vai ali, vai ali, uma pessoas numa sala é difícil manter um papel inactivo porque está sempre em constante movimento não, não paramos um bocadinho e eu acho que ora uma mímica, ora uma canção, não deixa-los pegarem-se, tentar sempre estar atenta, falar e comunicar acho que há um dinamismo enorme na aula do Jardim.

Q – Considera uma característica que aplica-se muito a si, essencial e positiva quando aplicada a si este dinamismo muda de significado ou mantém o mesmo?

R – Não mantém o mesmo.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o significado de ser dinâmicas é o mesmo ou altera-se no elas?

R – É o mesmo. Significa não parar e estarem sempre em acção, vai ali, vai ali, uma pessoas numa sala é difícil manter um papel inactivo porque está sempre em constante movimento não, não paramos um bocadinho e eu acho que ora uma mímica, ora uma canção, não deixa-los pegarem-se, tentar sempre estar atenta, falar e comunicar acho que há um dinamismo enorme na aula do Jardim.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem equipa?

R – Significa serem sempre o mesmo, no sentido de colegas educadoras não é, muito trabalho fazermos, haver muita colaboração, cooperação e essa é uma das coisas boas que a instituição ainda tem portanto as relações humanas que vai permitindo que realmente eu também vá ficando por cá, porque vai havendo apesar das pessoas terem mudado há muito esse sentido.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial, o significado altera-se ou é o mesmo quando aplicado ao grupo?

R – Sim, é o mesmo.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa terem cooperação?

R – Portanto essa relação de cooperarem umas com as outras, nessa relação de inter-ajuda.

Q – Se lhe perguntar se inter-ajuda significa serem interligadas à equipa, a cooperação e a inter-ajuda, também se aplicam muito a si e são essenciais?

R – Sim, acho que sim.

Q – Em termos pessoais ou profissionais ou em ambos?

R – Em ambos, portanto olhando para esta instituição em ambos.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem responsáveis?

R – Significa exactamente isso mesmo, inclusive uma responsabilidade que vai para além do horário de trabalho, que não acaba mesmo sempre às cinco, acaba ser sempre mais, trabalha-se o dobro e quando saímos o portão não acabou, porque a responsabilidade e exigência que nos é feita em determinados serviços transporta-se também para casa porque tem que funcionar em casa, eu tenho que apresentar, é me imposta de certa maneira determinado tipo de trabalho e tenho que vir para casa pesquisar e trabalhar para depois as coisas funcionarem no trabalho, porque a exigência é de tal ordem que nas horas de trabalho que é para lá estar com as crianças não é possível fazer esse trabalho, que é necessário de pesquisa, de sem estar com as crianças e portanto a responsabilidade passa por isso.

Q – Também se aplica muito a si e é uma característica essencial, é diferente ou significa o mesmo?

R – O mesmo, é o mesmo em termos da equipa que temos, essas pessoas realmente às vezes vêm trabalhar doentes, deixam os filhos nos avós, portanto têm uma responsabilidade, que eu acho que se pensarem, se muitas vezes o trabalho está em primeiro lugar e nós passamos aqui um ano sem termos um dia de baixa, vimos com um bocado de febre, sei lá pronto e nós fazemos isso porquê? Isso é só responsabilidade, é responsabilidade mas penso que também é um bocado aquela exigência e depois que também no dia seguinte vai-se ter uma má cara, vai dizer ai pronto, se calhar um bocado aquela ideia de falta de responsabilidade nesta altura do campeonato e uma pessoa estar a faltar, portanto, mas a responsabilidade no geral, no global de todo o trabalho tem que ter a responsabilidade toda a profissão tem que tem responsabilidade, acho que é um dos factores primordiais nós levarmos as coisas a sério ou então muito mais nesta área, que material e salários não se assemelham a recursos humanos não é?

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem organizadas?

R – Organizadas, acho que a dinâmica da profissão é tanta que se não houver uma organização com essa responsabilidade, que as coisas não correm tão bem, a organização, não é muito fácil não é, mas tem que haver mesmo uma organização muito grande.

Q – É aplicado a si, que é bastante aplicado, muito até e considera essencial, o significado altera-se ou é o mesmo quando aplicado ao grupo?

R – Não, é o mesmo.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem profissionais?

R – Significa podermos usar critérios dentro da profissão e exercer essa mesma profissão com alguma liberdade sem deixar de ser profissional e não estar limitada a conceitos preconcebidos de quem acha que deve ser feito assim, porque assim é que está bem e muitas vezes não é uma atitude correcta profissionalmente, mas porque alguém acha que deve ser assim porque a ordem é assim, eu tenho que respeitar a hierarquia.

Q – Também se aplica a si, é uma característica essencial o significado altera-se quando se aplica-se a si ou mantém-se?

R – Se calhar altera-se um bocadinho na medida que estou a achar que muitas vezes não posso ser profissional como gostaria, quando tenho que dar prioridade a situações que considero secundárias e abandonar as situações que eu considero prioritárias.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância, o que significa serem disponíveis?

R – É estarem prontas para fazer qualquer coisa, quer dizer, quer dizer, imagine que vamos fazer um trabalho e que vamos sair mais tarde, não é, prontos, e podemos sair mais tarde, não saímos a horas, já não pode ser, então, ou então a pessoa chega aquela hora vai embora e deixa as outras colegas a trabalharem, ou assim, eu acho que isso não é ser disponível.

Q – Também uma das características essenciais?

R – Ah, sim, claro, claro que é. Ou trabalhamos todas, não é, ou então é desagradável trabalhar umas e não trabalhar outras.

Q – Então o significado quando se aplica ao grupo das colegas e a si é o mesmo?

R – Quando se aplica ao meu grupo sim, sim.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa serem responsáveis?

R – Têm o trabalho organizado, são responsáveis também com as crianças, são pessoas que estão atentas a eles e às necessidades de cada uma das crianças, principalmente isso, são organizadas.

Q – Está a pensar em alguém específico?

R – Sim, por exemplo considero-me que sou uma pessoa responsável a nível de trabalho.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, é positiva e considera essencial?

R – Exacto, eu acho que as pessoas se não foram responsáveis no seu trabalho ou pelo menos não tiverem o mínimo de responsabilidades não se conseguem organizar não é, e acho que a responsabilidade é bastante importante.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa serem trabalhadoras?

R – Realizam trabalhos pedagógicos com as crianças, quer dizer não há trabalhos pobres, os trabalhos, são trabalhos que as pessoas fazem com empenho e dedicação, também com bastante responsabilidade.

Q – Também se aplica a si, é uma característica essencial, aplica-se bastante, é positiva, quando se aplica a si altera o sentido ou mantém o mesmo significado do grupo?

R – Não, mantém-se.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa serem empenhadas?

R – Dedicadas ao trabalho.

Q – Também se aplica a si, aplica-se muito, é essencial, quando se aplica a si altera-se o significado ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem interessadas?

R – É como já disse, é estar sempre interessada em saber mais, em ajudar, em saber o que é que as colegas precisam, o que é que as crianças precisam e não estar à espera que a educadora da sala do lado chegue porque uma criança precisa que lhe desapertem umas calças ou precisa de ir à casa de banho, pronto, é estar sempre dentro do trabalho de toda a gente.

Q – Aplica-se a si esta unidade, aplica-se muito e considera uma característica essencial, quando aplicado a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem dinâmicas?

R – É estar sempre disponível para trabalhar, para pronto para tudo o que é preciso, tudo o que é preciso fazer.

Q – Também se aplica muito a si e considera uma característica essencial o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Sim, é o mesmo.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância o que significa serem disponíveis?

R – É estarem disponíveis para tudo o que é preciso.

Q – E o significado altera-se quando aplicado a si, que se aplica muito e que considera também uma característica essencial?

R – Não.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Colegas de J. I.” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	b) RELAÇÕES DE AMIZADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem características de amizade relevantes para o desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no grupo de colegas de Jardim de Infância o que significa serem alegres?

R – Alegres pronto acho que já me referi, um bocadinho atrás e é nesse sentido.

Q – E tem o mesmo significado para si?

R – Sim é o mesmo. Alegres é estarem sempre contentes, sempre felizes pelo menos com as crianças, isso acontece comigo posso estar muito mal, posso estar com muitos problemas mas quando chego à sala os problemas ficam fora e acho que elas puxam mesmo, as crianças puxam essa alegria.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem criativas, alegres e responsáveis?

R – São os mesmos, os mesmos significados, sim, sim, eu noto isso, acho que não há diferenças. Uma poderá mostrar mais um bocadinho de ternura ou menos, mas é também se calhar é da maneira de ser.

Criativas em termos de decoração de salas, em festas, em saber cativar as crianças com uma pequena coisa, eu acho que isso também é um bocado criatividade pensar num momento para cativar uma criança, para tornar as coisas mais acolhedoras.

Responsáveis, atentas a todos os pormenores de problemas de meninos, de pais, prontas para as diferentes situações e eu sempre achei tipo responsável, eu acho que as educadoras são responsáveis, das muitas profissões que eu acho que é a mais responsável ou que tem que ser a mais responsável possível.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem divertidas?

R – Ai as divertidas, há sempre mais alguém se calhar mais, sempre para a brincadeira ou mais com uma postura divertida, alegre, não quer dizer que as outras não o sejam. Tentam levantar o ânimo, para quebrar a monotonia, que nunca haverá, sim, mas há um dia ou outro que uma pessoa está mais chateada, e se calhar uma colega que seja mais alegre, mais, dá-nos outro sentido.

Q – Esta unidade aplica-se a si, quando aplicada a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É o mesmo significado, é, às vezes temos, mesmo estando chateada até me dá se calhar mais força aos outros de que a mim.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa serem alegres?

R – Pessoas bem dispostas, sempre com sorriso, sei lá, que gostam de rir, que gostam de fazer os outros rir e brincar.

Q – Pensa assim, quando diz alegres em alguém em específico, no nome de uma colega, numa situação?

R – Não, acho que identifico mais comigo.

Q – Pois, porque aplica-se a si, aplica-se muito, é positivo e significa o mesmo, tem o mesmo significado quando aplicado ao grupo ou a si, o alegres, com que acabou de se identificar?

R – É assim, se calhar, não sei, estou convencida, não sei, mas não, somos todas alegres, há pessoas que são mais expressivas que outras, mais expansivas, não é, sou uma pessoa que prontos, que me acho, que sou muito alegre, sou muito expansiva, dar e não sei quê, e se calhar há colegas que são, mas são de outra forma, não somos todas iguais.

(B4)

Q – Ainda quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem meigas?

R – Meigas, são queridas pelas crianças principalmente, não é?

Q – Só para as crianças?

R – Eu digo principalmente, também pode ser, pronto, com as colegas e atenciosas com os pais, mas acho que o principal aqui é sermos meigas é com as crianças.

Q – E quando se aplica a si, aplica-se num grau um e é positivo, o significado é o mesmo ou muda de sentido?

R – Se calhar muda de sentido para certas colegas, pronto, sou como sou. É de outra maneira, lá está, é o carácter, são personalidades diferentes, se calhar demonstram de outra maneira.

Q – E em relação às crianças, significa o mesmo?

R – Sim, sim.

Q – Quando se aplica a si?

R – Sim, sim.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem unidas?

R – Unidas é estarem sempre presentes nos bons e maus momentos não é, sabermos que temos alguém com quem podemos contar, e mesmo se calhar se não for um bom momento poderá haver algum, alguma coisa que poderá ter acontecido menos agradável, mas saber que as colegas estão connosco.

Q – Também se aplica muito a si é positiva e essencial, quando se aplica a si muda de significado?

R – Não mantém-se igual, considero muito, muito essencial para relações pessoais e profissionais, eu pelo menos na minha vida acho que quando há amizade e quando há, tem que haver sempre união.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem sinceras?

R – Sinceras é pronto, é qualquer coisa mesmo com as nossas amigas e mesmo com quem nós estamos a trabalhar mais próximos, se há alguma coisa que eu não goste e se calhar até acho que não está muito bem, falar e dizer, eu não sei mas pelo menos é assim que nós funcionamos tipo: olha se calhar até fica melhor ali outra coisa.

Q – Também se aplica muito a si e considera uma característica essencial, quando aplicada a si muda de significado?

R – Não, não.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem alegres?

R – Significa isso alegres, estarem divertidas, eu acho que num Jardim com crianças não é, elas quase que puxam por nós mesmo naqueles dias em que nós não queremos muito e somos quase obrigadas a reagir.

Q – Imagina uma educadora muito sisuda e sempre com cara de má, à frente dum grupo de crianças?

R – Que eu imagine não, contudo não quer dizer que não as haja não é, eu se calhar imagino é o reflexo no grupo dessa educadora, porque devem ser umas crianças completamente apagadas e eu acho que tristes.

Q – Quando alegres se aplica a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não é o mesmo.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do Jardim de Infância, o que é que significa ser alegres?

R – Bem disposto, acho que bem disposto. Sempre com um sorriso no rosto como eu disse anteriormente.

Q – Esta unidade aplica-se a si, grau médio, mas considera essencial?

R – Claro.

Q – Essencial em que aspecto, na nossa vida pessoal, profissional?

R – Pessoal, profissional, acho que em tudo. A alegria acima de tudo, não é?

Q – O significado quer quando se aplica ao grupo ou a si é o mesmo?

R – Sim, sim.

(B9)

Q – O que significa quando pensa no grupo das colegas do Jardim de Infância serem tolerantes?

R – Tolerantes, tolerantes é uma das coisas é que, que temos que, que pensar, não é, que sentir que nem todos podemos desenhar isto são coisas minuciosas mas específicas, nem todas podemos desenhar bem, nem todas sabemos cantar bem, nem todas sabemos dançar bem, e acho tem, tem de haver uma certa tolerância, e então, então aí juntar o grupo de equipa de trabalho tu és melhor nisto, jogar aqui, tu és melhor noutra determinada actividade ou área, vais me ajudar a fazer isto, isto é ser tolerante, e não fazer chacota e não dizer já não presta.

Q – O significado quando se aplica a si ou ao grupo é o mesmo?

R – Sim.

(B9)

Q – Ainda no grupo colegas do J. I. o que significa serem agradáveis?

R – Que é bom estar com elas, que nos sentimos bem, que não são pessoas que temos que gostar que temos que fazer o frete, não!

Q – Também se aplica a si, é o mesmo significado, quando se aplica a si?

R – Eu penso que sim, eu não serei a melhor pessoa para afirmar isso, mas penso que sim.

Q – Considera uma unidade essencial, em que aspecto?

R – Também é bom nós sentirmos que somos agradáveis com as pessoas, as pessoas gostam de estar connosco.

(B9)

Q – E quando pensa no grupo colegas do Jardim, o que significa serem amigas?

R – Estarem prontas para tudo, tudo, tanto a nível pessoal, como a nível profissional estarem, serem mesmo amigas não é, quando temos um problema não é, seja profissional ou particular, há problemas então vamos virar as costas, vamos afastarmo-nos um bocadinho, são amigas porque com elas podemos contar.

Q – Aplica-se a si, tem o mesmo significado quando se aplica a si?

R – Tem.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das colegas do J. I. o que significa ser companheiras?

R – Companheira é haver equipa de trabalho, formar a equipa de trabalho, que nunca deve desistir, deve estar sempre permanente o companheirismo.

Q – Quando se aplica a si tem o mesmo significado?

R – Tem ,claro que tem, claro que tem.

Q – Também considera essencial esta característica?

R – Claro, para que as coisas resultem com uma equipa de trabalho que é uma verdadeira equipa de trabalho, acho que as coisas podem resultar muito melhor do que houver três elementos que façam a cinco mas três é que fazem a equipa de trabalho então, porque todos precisamos das ideias uns dos outros, então vamos junta-las.

Q – Imagina-se a trabalhar num sítio isolado, sozinha?

R – Não, sinceramente não.

(B9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Colegas de J. I.” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à relação com as colegas no desenvolvimento do seu trabalho.	c) PERSPECTIVAS CRÍTICAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que incluem críticas sobre o trabalho que é exercido pelas colegas.

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem convencidas?

R – São aquelas pessoas que acham que tenham sempre razão, e precisamente que, embora discutindo opiniões e muitas vezes as pessoas fazendo ver que isso não é assim, continuam não têm humildade nem terão portanto a capacidade em aceitar que as coisas são diferentes.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque eu gosto de ouvir outras opiniões.

(B1)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem pouco profissionais?

R – É isso, pronto eu já expliquei, tento ser bastante profissional, por isso não se aplica a mim.

O profissional eu acho que em qualquer profissão, toda a gente deve ser profissional, deve haver, porque há pessoas que não o são, não é? E acho que isso, para mim é uma característica que qualquer pessoa independentemente de ser educadora ou outra deve ser, deverá ser.

(B1)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem inconscientes?

R – Inconscientes é precisamente quando se vê determinadas situações e as pessoas não, não, não ou fazem que não vêem, para mim isso é inconsciência.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não senhor, tento aquilo que eu não gosto ou aquilo que eu não me identifico, manifestar-me.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. I. o que significa serem interesseiras?

R – Trabalharei muito por interesse basicamente.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não de maneira nenhuma, interesseira que dizer é trabalhar ou ir a sítios só para ter algum benefício e acho que é um bocado desonesto.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. I. o que significa serem conflituosas?

R – Conflituosas é gostarem de arranjar problemas entre colegas só para terem amizades certas doutras.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, acho que me dou bem com toda a gente, desde a cozinheira até à directora não é, claro que há sempre afinidade com outras pessoas como é evidente, mas faço por me dar bem com toda a gente, e tratar toda a gente de forma digna.

Não entro em conflito, mas também quando tenho que entrar em conflito entro mesmo, quando sou forçada a entrar em conflito, não gosto de estar chateada com ninguém nem guardo rancor de ninguém, mas há situações que não me agradam e se há uma situação que

não me agrada eu mostro-me logo que não me agrada e contesto e sou capaz de fazer aqui uma revolução.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de colegas de J. I. o que significa falsas?

R – É assim, eu quando estou desagrada com alguma coisa eu digo, digo muitas vezes e apanho na cabeça por causa disso e nem sempre isso acontece não é?! No grupo, no pequeno grupo toda a gente diz mal, toda a gente diz mal, toda a gente diz mal, mas chega ao grande grupo e perante a uma pessoa de cargo superior, neste caso a Mesária da casa, ninguém fala nada, só falo eu e depois sou eu a má da fita, sou sempre eu e pronto e neste momento nem estou assim muito bem nesta instituição por sempre gostei de estar aqui, gosto muito de estar aqui, gosto muitas das pessoas, mas este ano houve coisas que se passaram que eu não concordo muito e toda a gente sabe isso pronto, que eu é assim: a luta não foi minha mas eu encarnei a luta como minha, porque três colegas minhas estavam a ser injustamente condenadas, processadas, aquilo mexeu comigo, mexeu muito, muito mesmo então foi uma luta minha também, junto com elas as três. Acho que fui prejudicada, por dizer que estava do lado delas a criticar a instituição, quer dizer não fui prejudicada porque também tenho uma situação, sou efectiva aqui há uns anos não é?! E eles não me podem mandar embora assim sem mais nem menos, mas, pronto e lá está eu tenho que dizer o que penso eu sou assim um bocado, gosto dizer o que penso e que magoe mas também digo não é, pronto eu digo e se tiver de magoar alguém magoou-o mas se também se tiver que dizer alguma coisa eu digo, pronto e muitas vezes não é isso que acontece, porque há muita gente que trabalha aqui e portanto às vezes magoa-me imenso, as pessoas virem-me dizer uma coisa a mim e depois vir a saber por trás que disseram isto de mim, percebe o que estou a dizer?

Q – Claro que sim.

R – É isso as falsas que estou a falar, por isso esta característica não se aplica a mim.

(B2)

Q – E quando está a pensar nas colegas do J. I. o que significa serem distantes?

R – Distantes, sei lá, aqui pode-se aplicar um bocado distantes em relação às crianças e em relação às próprias colegas, não é? Fazem o seu trabalhinho ali, na sua salinha, acabou, vou-me embora e mesmo com as próprias crianças serem distantes, não descem muito ao seu nível.

Q – E não se aplica a si?

R- Não, não. Às vezes posso parecer andar distante, há coisas na vida mas...

(B4)

Q – Quando pensa nas colegas do J. I. o que significa serem arrogantes?

R – Lá está, querem impor as suas ideias, não é? Se é assim é assim, não serem flexíveis, talvez um bocado serem arrogantes, talvez às vezes pela maneira como falam com os pais.

Q – Esta não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não tento sempre ser diferente, quer com os pais e com as colegas.

(B4)

Q – Agora temos o caso das que não se aplicam a si, são as alomórficas, por ex. diz que há educadoras elitistas, em que é que é diferente?

R – Não sou elitista, por ex. quando tenho crianças com ranheta e eu tenho.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa não valorizam os pais como parte fundamental no processo educativo e criticam as educadoras que o fazem?

R – Eu e outra colega que somos mais criticadas, não somos criticadas pontualmente, mas há certas deixas, como por ex. “já tenho que aturar os filhos quanto mais os pais”.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem individualistas e em que é que é diferente?

R – Não gosto de ser individualista e há pessoas que são. Embora nós partilhemos sempre muita coisas e aquilo que nós decidimos para determinada ocasião, seja aquilo que nós fazemos, mas há sempre pessoas que gostam de mostrar mais alguma coisa, aquilo que não gostam de partilhar.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem acomodadas?

R – Aquilo que já referi, ter um papel mais de deixa andar. É acomodaram-se às situações que surgiram e prolonga-las se calhar quando elas já têm pouco interesse e não sugerirem com coisas novas.

Q – Aplica-se pouco a si e considera-a desfavorável, qual é o significado quando se aplica a si?

R – Não se aplica a mim directamente, mas às vezes o trabalho, eu pus aí uma rodinha eu nem sei porque é que pus realmente, não se aplica a mim, mas às vezes alguma situação de mais cansaço algum dia que nós não estejamos com tanta força não é, porque às vezes sinto-me aqui mesmo cansada e em baixo e às vezes acomodo-me a alguma situação que nem sei bem qual mas que sinto sem forças para reagir. Isto só em situações completamente esporádicas, mas raríssimas, mas não por me ser mais cómodo mas por não me sentir com forças para reagir.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa pouco interessadas?

R – É um bocado aquilo que eu também referi anteriormente, quer dizer deixam um bocado as crianças, um bocado soltas e a nível de trabalho pedagógico pouco existe não é, acho que o trabalho pedagógico é essencial para se ter uma boa aprendizagem na primária, todo o trabalho que a gente faça aqui no Jardim de Infância vai ser bastante positivo ou não, depois na escola primária, se a gente fizer aqui um bom trabalho provavelmente os frutos vão nascer na primária, agora se não se fizer um trabalho pedagógico junto com eles acaba por os frutos não vencerem tanto depois na escola primária.

Q – Também esta unidade não se aplica a si?

R – Não, pelos motivos que já disse.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa ser pouco dinâmicas?

R – Encostam-se um bocado, deixar andar, se fizer fez, ou se não se fizer não fez, se querem brincar connosco porque há situações em que as crianças querem brincar connosco e a gente tem muitas vezes que fazer este esforço não quer dizer que isto aconteça todos os dias, porque a gente diz aí se eles quiserem brincar a gente vai brincar sempre, há altura que nós não estamos tão dispostas para isso, mas acho que tem de que haver interesse da nossa parte não é, se eles querem porque é que a gente não há-de acompanhar não é, e acho que às vezes as pessoas acomodam-se e não participam nas brincadeiras deles, não conversam com eles e acho que isso tudo é fundamental para as crianças, as pessoas devem ser dinâmicas não é, apesar de muitas vezes não estarmos dispostas para isso mas pelo menos fazer um esforço.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Porque é assim, se me pedirem para eu jogar ou saltar às cordas um exemplo eu sou capaz de saltar às cordas porque até me agrada saltar às cordas não é, porque apesar de ter a idade que tenho, já há muitos anos que não salto às cordas e de vez em quando é agradável saltar às cordas não é, pronto enquanto que é aquilo que eu digo que à pessoas que a nível de eu falar de serem dinâmicas ou não, que são capazes de não fazer porque até

acham que nem é para a idade delas, que nem se estão para cansar e pronto estou a dar um pequeno exemplo.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das colegas de J. I. o que significa serem pouco activas?

R – Pouco paradas, sempre a um ritmo calmo, o que eu acho que no meu caso o meu ritmo não é tão calmo se calhar porque não me permite aqui ser, seja calmo não é, também não sou muito calma, nem gosto de estar sempre na brincadeira e às vezes a dizer disparates com eles e tudo.

Q – Acha que ser educadora de infância uma pessoa que seja muito pouca activa será bom para as crianças?

R – Acho que não, acho que as crianças gostam de pessoas activas, dinâmicas, despachadas não é, brincalhonas principalmente não é, e acho que quando uma pessoas que trabalha com crianças não participa nas brincadeiras deles, não participa nos diálogos deles, não os acompanha minimamente quer dizer acho que o interesse das crianças por nós vai ser mínimo não é.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem desorganizadas?

R – Pessoas que não têm trabalho que não conseguem organizar, pessoas que não conseguem criar um método para elas próprias de trabalho e depois acabam por prejudicar o trabalho de equipa porque já que não conseguem organizar muitas vezes acabaram por desorganizar as outras que pronto não têm as coisas planeadas conscientemente.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Sim, pelo menos tento ser o mais possível não é, até tenho que dar o exemplo na posição que ocupo aqui e preocupo-me muito com isso porque eu sou duma maneira geral sou muito organizada tento ser sempre mais e mostrar mais porque se eu não for não posso exigir que as outras pessoas sejam.

Q – Está só como coordenadora ou também tem um grupo de crianças?

R – Também tenho um grupo de crianças.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem pouco disponíveis?

R – É não estarem, não terem tempo para todo o trabalho que é preciso fazer extra as horas que temos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Sim, porque sou muito disponível.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo de colegas do J. I. o que significa serem menos interessadas?

R – É não estarem tão abertas, se pode dizer assim para todo o trabalho que se faz de novo, porque é preciso aprender porque nós aprendemos, estamos sempre a aprender umas com as outras, muitas vezes as pessoas não estão muito interessadas nisso porque elas próprias que criam indisponibilidade para isso.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R - Eu tenho sempre estar dentro do trabalho de toda a gente, de todas as colegas para as ajudar naquilo que elas precisam, para tirar dúvidas naquilo que precisam e muitas das vezes também para aprender com elas porque estamos em constante aprendizagem.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho na rede pública.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM A COMUNIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas educadoras do sector público com as crianças e com a comunidade em geral.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem autónomas na sala de aula?

R – Significa que, portanto nós temos a nossa sala, nós podemos fazer o que queremos na nossa sala, não temos que dar satisfações a ninguém, e ninguém vem ver o nosso trabalho, só se a gente quiser, porque, pronto, o nosso trabalho é nosso, é nosso e das crianças e acho que mais ninguém deve, portanto intervir, isto é, de uma forma negativa, logicamente, não é, porque pronto, no caso dos pais, no caso de alguém que vem ajudar aí é sempre bem vindo, agora quando é para, enfim, não facilitar a vida ou para tornar as coisas mais complicadas, aí não, e é a vantagem do público, portanto nós temos autoridade para não permitir que ninguém entre na nossa sala se nós não quisermos.

Q – Aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado ao grupo?

R – É o mesmo, exactamente.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem independentes?

R – De certo modo vai de encontro ao que já disse, portanto nós temos um bocadinho de liberdade, exacto, alargado, liberdade de podermos fazer o que queremos, logicamente com regras, pronto, não estamos dependentes de ninguém para tomar decisões básicas às vezes, como gastar algum dinheiro ou como optar por esta coisa, por aquela actividade ou por este ou por aquele trabalho, é isso.

Q – Aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado ao grupo?

R – Sim, sim, nesses termos.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores do sector público o que significa serem heterogéneos?

R – Os educadores do sector público lidam mais facilmente com crianças e com populações variadas, daí o heterogéneo porque é muito mais variado.

Q – Também se aplica muito a si, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores do sector público o que significa serem mais interventivos?

R – Mais interventivos porque cooperam muito mais, lá está com os assistentes sociais, com a comunidade e com as autarquias do que os outros, intervêm mais do que as do sector privado, não é?! Penso que é isto.

Q – Quando respondeu elas educadoras do sector público deu as mesmas características, quer acrescentar mais algumas características?

R – Não, o significado mantém-se.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem muito preocupadas?

R – Acho que genericamente há educadoras preocupadas com as suas crianças e acho que isso é positivo. Por ex. crianças com dificuldade para comer é preciso dar-lhe na boca, fazer mimos ou crianças que não têm roupa há a preocupação de se arranjar roupa dos filhos ou sobrinhos ou de amigos para se dar à mãe.

Q – Esta característica aplica-se muito a si o significado mantém-se ou é diferente?

R – Mantém-se, apesar de muitas como eu querermos ir mais além da roupa ou comida, sabermos organizarmo-nos para dar respostas melhores.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem práticas no desenrolar do trabalho?

R – Pronto, é assim, refere-se também um bocado a mim e aqui também me posso referir ao facto dos materiais e das dificuldades que a gente às vezes luta em certos Jardins, com as condições físicas, com essa dificuldade toda, e a gente tenta superar, tenta arranjar de alguma maneira que o trabalho seja proveitoso, que as crianças possam tirar benefícios com aquilo que temos. Tentamos desenrascarmo-nos.

Q – Esta característica também se aplica muito a si, é essencial. Quando aplicada a si o significado é o mesmo?

R – Sim, porque pronto, tenho andado a saltar de lado em lado e às vezes a gente chega a certos Jardins que enfim, é uma calamidade e uma pessoa tem mesmo que desenrascar e desembaraçar e ser prática.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo dos educadores do sector público o que significa serem rigorosas no trabalho com as crianças?

R – Pronto, acho que devemos ser responsáveis e pensar que estamos a colaborar no crescimento dos homens de amanhã. E acho que isso é importante, tentarmos fazer o melhor, dar o melhor de nós no desenvolver do trabalho com as crianças. Acho que não devemos fazer por fazer. Devemos ser objectivas, é isso que, é nesse ponto que falo em sermos rigorosas.

Q – Também se aplica muito a si e considera uma característica essencial. Quando aplicada a si o significado é o mesmo?

R – Sim, acho que sou um bocadinho exigente. Também é assim, nem oito nem oitenta. Acho que tudo tem um limite, tudo tem um termo médio. Mas acho que sim, é isso, porque se aplica também a mim, para o meu desenvolvimento de trabalho.

(A4)

Q- Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa ser atenta a tudo o que nos rodeia?

R – As educadoras do sector público com quem eu tenho trabalhado até agora, portanto aquelas que eu conheço melhor são e estão sempre muita atentas ao meio envolvente, às crianças, é tudo um bocadinho à volta daquilo que eu já tenho vindo a referir, tudo muito à volta da observação do meio, da observação do grupo de crianças, as características o que é que faz parte, o que é que não faz parte, para depois a partir daí podermos desenvolver o nosso trabalho.

Q – Esta característica também se aplica muito a si, o significado dela é o mesmo ou é diferente?

R – É o mesmo.

(A5)

Q – O que significa no grupo das educadoras do sector público serem competentes?

R – É fazer tudo isso, é tratar, é tratar da parte burocrática, é tratar da planificação, tratar muito bem das crianças, é essencialmente ter objectivos e fazer os projectos para os concretizar e ajudar a crescer as crianças desenvolvendo as capacidades delas.

Q – Também se aplica a si, e é essencial, o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa estar atentas às suas crianças?

R – Eu penso que toda a gente, todos os educadores que estão no activo que estão a trabalhar, estão atentos às crianças e observam-nas para poderem trabalhar com elas pelo menos eu prefiro acreditar que sim, e pelos casos que conheço tem sido por aí.

Q – Quando aplicado a si, o significado mantém-se ou é diferente?

R – É o mesmo.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem participativas?

R – Eu acho que significa ser empenhadas, colaborarem mais, eu acho que é isso que é preciso, não se isolarem tanto, acho que as pessoas estão-se a isolar cada vez mais, não é, os contextos são diferentes, umas nas cidades, umas nas vilas ou mesmo na própria aldeia, mas as pessoas não são participativas, é porque eu tenho muitos meninos eu faço muito, pois tu tens meia dúzia deles, eu tenho e então diz isso para toda a gente ouvir, eu tenho vinte e cinco meninos eu trabalho muito, não é? Porque eu faço isto aqui, porque eu faço não sei que mais, então, se está mal só porque tem vinte e cinco meninos tem a oportunidade de trocar isso com o que tenha menos, não é, mas é um bocado isso, é sempre assim, vou lá por ter muitos meninos, por ter muito trabalho, e ainda faz questão que toda a gente saiba isso.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e é uma condição essencial, quando aplicado a si, o significado mantém-se ou é diferente?

R – Mantém-se, mantém-se eu gosto de participar se puder.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem abertas à comunidade?

R – É ser capaz de ouvir os pais, de ouvir, de conhecer bem a comunidade em que estão inseridos, não é, não é preciso andar aos beijinhos aos pais ou também de criar muita confiança, muita confiança que às vezes também trepam, não é, mas ser capaz de os ouvir e de essencialmente isso, ser capaz de os ouvir, não é só falar dos meninos, porque o menino faz isto porque o menino faz aquilo, não é, exactamente, também é dizer o que é bom, e para estimular, acho que é essencialmente isso.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e quando aplicado a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público, o que significa serem autónomas?

R – Somos autónomas porque temos a possibilidade de organizar a sala da forma que queremos, de comprar os materiais que desejamos, móveis, materiais que desejamos a nosso gosto, a nosso às vezes com algumas dificuldades a nível económico, mas não temos que dar satisfações a ninguém, se vamos comprar hoje ou amanhã, ou se vamos comprar desta cor ou daquela, ou se vamos comprar maior ou mais pequeno, temos também a nível de estar com o grupo em que desejamos a nível pedagógico. De fazer o projecto que

desejamos não é, e de proporcionar às crianças as actividades, pronto de realizarmos as actividades que desejarmos e ao nível dentro da sala ou fora, visitas de estudo, de trabalharmos ou não com a com as colegas do primeiro ciclo não somos obrigadas, se gostarmos trabalhamos senão gostarmos não trabalhamos.

Q – Também se aplica muito a si, é positiva e considera uma característica essencial na profissão o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público, o que significa serem capazes de planificar as actividades mas também de improvisar se necessário?

R – É o facto de nós trabalharmos com grupos mistos não é, heterogéneos a maior parte das vezes, que por um lado em certas situações é benéfico, por outras é prejudicial, pronto trás algumas situações que a nível da planificação e da realização das actividades trava-nos em algumas situações, porque temos, para além do grupo, temos as dificuldades de espaço não é, e como temos as 3 idades não temos espaço, nem temos auxiliares com capacidade para estarem com o grupo dos mais pequeninos a fazerem uma actividade.

Em relação ao facto de termos no sector público, se trabalhar na maior parte das vezes com grupos heterogéneos em certas situações dificulta, porque para além disso temos poucos espaços e auxiliares com formação baixa, acontece que muitas vezes apesar de planificarmos as actividades, depois o grupo como é muito heterogéneo, muitas vezes não nos permite essa realização, e também o espaço também não permite, então muitas vezes temos que improvisar porque para além do grupo, se dermos também o espaço ao grupo, ter o seu o espaço de intervenção, muitas vezes o grupo leva-nos para outros caminhos, outras ideais e improvisarem é muito importante, porque o educador não se deve limitar aquilo que planifica pronto e estar só a seguir ponto por ponto aquilo que tinha escrito mas estar atenta ao grupo e improvisar aproveitando as ideias das crianças e as suas, os seus estados de espírito e as suas vontades naquele momento.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa serem criativas?

R – Olha, tu deves saber isso não é.

Q – Não, quero que me expliques.

R – Nós conseguimos fazer omeletes sem ovos, agora nem tanto, mas antigamente era isso, ainda é, pronto, é conseguir criar às vezes sem condições. É criar sem condições, somos criativas, somos mesmo criativas, inventamos situações, inventamos maneiras de estar, às vezes há soluções que ficamos admiradas umas com as outras como é que somos capazes, por ex. nós com a comunidade, porque trabalhamos muito com a comunidade, isto também podia ficar aí em algum sítio, nós, nós as colegas, as educadoras do sector público trabalham muito com os pais.

Q – Também se aplica muito a si, o significado de criativas é o mesmo ou altera-se?

R – Acho que se aplica, é igual.

(A8)

Q – É educadora do sector público. Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa serem dinâmicas?

R – Ora bem, em permanente movimento e agitação e estão, de qualquer coisa fazem muito e constróem muito nesse sentido.

Q – Também se aplica muito a si, quando aplicado a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Sim, não não se altera, é o mesmo ainda, é.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho na rede pública.	b) RELAÇÃO COM A AUTARQUIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao trabalho directo com a autarquia.

Q – Ainda quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem acomodadas?

R – Acomodadas porque são gente já da meia idade, como já disse, e às vezes a gente já não é tão lutadora como deveria ser, por ex. as instalações estão más mas já não lutamos muito, talvez devido a um cansaço porque toda a nossa vida profissional tem sido a lutar, principalmente por melhores condições de trabalho, é nesse sentido que refiro acomodadas e eu incluo-me nesse grupo. Porque noutras situações as pessoas vão fazendo mesmo com poucos recursos. O acomodado vem da descrença, eu pessoalmente tinha muitas expectativas quando ia para um J. I. e apesar de horas infindáveis na Câmara, onde todos me dão razão, fica sempre tudo igual, quer seja ao fim de 1 ano ou de 2... Eu penso que somos acomodadas nas situações que não dependem de nós.

(A9)

Q – Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa trabalham com a comunidade?

R – Com a comunidade, eu acho que é mais no sentido de com a comunidade, é assim, era um dos aspectos fundamentais e para o qual nós fomos muito orientadas, vá ou treinadas até quando fiz a formação inicial, havia na altura, não sei se por moda se realmente já demonstravam isso, havia muito essa questão da intervenção comunitária, de se trabalhar muito com os pais e as pessoas que rodeavam o Jardim de Infância, e também havia essa necessidade pelo facto de os Jardins não terem grandes condições, portanto era necessário contactar-se com as autarquias, com as Juntas de freguesia, com as paróquias para se conseguir muitas vezes implementar o Jardim de Infância e ter material. Portanto eu acho que isso também ficou, e eu acho que é uma característica também fundamental, e cada vez mais.

Q – Aplica-se muito a si, é positiva e essencial quando aplicado a si o significado é o mesmo ou altera o sentido?

R – Não, é o mesmo é.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO	c)) RELAÇÃO COM AS COLEGAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho na rede pública.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à relação entre colegas.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector publico o que significa serem colaboradoras?

R – Serem colaboradoras umas com as outras, conservaram, trocaram ideias, porque todos temos que aprender com todos, aprendemos até morrer, morremos sem saber tudo, eu acho que é muito importante ouvirmos os outros nas suas opiniões, porque podemos mudar, podemos ter ideias erradas acerca das coisas, pode uma colega saber uma coisa que entretanto mudou e que a nós nos vai fazer mudar de ideias em relação a algumas coisas.

Q – Aplica-se a si, é essencial o significado mantém-se ou altera-se?

R – Mantém-se.

(A5)

Q – Ainda sobre as educadoras do sector publico o que significa nem sempre colaboram com as colegas, pais e comunidade?

R – Lá está são casos de colegas que chegam aos locais e chegam aquelas horas começam a trabalhar com as crianças e à hora de sair vão embora e durante a hora de almoço também não estão lá, não conhecem nem sequer a família esquecem tudo o resto.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu tenho a opinião completamente contraria, pelo que já disse atrás.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem colaborantes?

R – É trocaram ideias e haver mais partilha, mais partilha, principalmente isso, partilha.

Q – Não se aplica a si, este ano, não é?

R – Este ano não, colaborei com a escola primária, as actividades que eles fizeram, também colaborei com as outras educadoras do núcleo, mas pouco.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem individualistas?

R – Significa cada uma por si e os outros que se desenrasquem.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não, eu com o que posso partilhar partilho e se sei, dou as coisas, empresto quero lá saber, quero que eles copiem, acho que aprendemos todos uns com os outros, não é?

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem arrogantes?

R – Significa que eu é que sei e os outros não fazem nada.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu não sou arrogante.

(A6)

Q – Quando pensa nas educadoras do sector público o que significa trabalhamos em equipa?

R – É assim, durante muitos anos houve necessidade de se trabalhar em equipa porque como já expliquei anteriormente para a implementação da rede pública na educação pré-escolar. Houve muita necessidade de se trabalhar em equipa, de se trabalhar em conjunto e reflectir em conjunto, e eu acho que isso que ficou, que me deixou marcas.

Q – Este significado, quando aplicado a si, que se aplica bastante é uma característica essencial, muda de sentido ou é o mesmo?

R – Não, é isso mesmo, gosto de trabalhar em equipa.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª EMPENHO PELA PROFISSÃO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao gosto pela profissão e outras funções que são exercidas pelas profissionais.	a) PERSPECTIVAS CRITICAS MAIS POSITIVAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem modos de ser profissional mais positivos.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem profissionais?

R – Significa que nós estamos na nossa sala e exercemos a nossa profissão e não estamos a servir de baby-sitters ou não não estamos a fazer outro trabalho que não seja o trabalho de uma educadora de infância, pronto, o que por vezes noutros sectores não se aplica, não é? Aqui é considerar mesmo as educadoras de infância como profissionais e não como guarda de meninos.

Portanto nós estamos a educar, estamos a fazer um trabalho pedagógico, portanto estamos a trabalhar directamente com, obedecendo a objectivos, a um currículo, a algo que já está pré-definido ou que se define na hora com as crianças e com os pais, mas não é uma coisa sem referência, sem nexos, ou só estar por estar, não, não é isso, de maneira nenhuma.

Q – Aplica a si, é positiva e o significado é o mesmo ou altera-se quando aplicado ao grupo?

R – É igual, é igual

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem desembaraçadas com as situações?

R – É assim, somos obrigadas a isso, não é, muitas vezes porque andamos a saltar de terra em terra, quando chegamos lá não está ninguém para nos receber, portanto nós temos que nos desembaraçar mesmo nós próprias, sozinhas. Temos de procurar as coisas porque não temos ninguém a dizer-nos olhe isto é assim isto é assado. Temos de ser nós a ir procurar e a tentar dentro dos possíveis resolver os problemas.

Q – Aplica-se a si, é positiva e essencial. Quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera-se?

R – É o mesmo.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa serem profissionais?

R – Gostarem da profissão e serem aplicadas à profissão, pronto e aplica-se a mim, é essencial ser profissional e tem o mesmo significado quando aplicado ao grupo.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público ser interessadas, o que significa?

R – Interessada, olha, por exemplo, acho que participamos imenso em formações, somos pessoas interessadas no saber, em conhecer outras coisas e em fugir à rotina também.

Q – Também aplica-se a si, muito, o significado é o mesmo?

R – Sim.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa ser de meia idade?

R – Porque estão na meia idade, para mim é ter entrado nos 40 anos, estão no meio como hoje em dia a longevidade vai até aos 80. Todos os lugares onde eu trabalhei eram todas de meia idade dos 40 para cima, porque as novas estão desempregadas ou andam saltitando um mês aqui, um mês ali, não as vejo fixas. Acho que isto tem a ver com o facto de ser um lugar de cidade porque se for para Bragança ou outro lugar do interior vai encontrar educadoras mais novas, para além das da meia idade que se fixaram lá. Quando se chega à meia idade também tem que se ter alguma regalia, alguma vantagem, neste circuito onde navego não vejo educadoras novas.

Q – Esta unidade representacional aplica-se a si e o significado é o mesmo?

R – É porque eu sou da meia idade e do feminino. Em 19 anos da minha prática nunca me cruzei com um educador-homem. Lembro-me de que no curso havia um rapaz, por sinal bem pequeno em altura, a tirar o curso, nunca vi mais nenhum.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem interessadas?

R – Nós com tão pouco conseguirmos sair da instituição ou mesmo dentro da instituição conseguir-se espaço por ex. para montar toda aquela cidade mas a gente como é interessadas tanto mudou móveis, tanto aborreceu a primária, que foi espalhando, espalhando ... mas muitas vezes esse interesse não depende só de nós e acaba por ser quebrado.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem dinamizadoras?

R – São as pessoas que são bastante activas e portanto têm iniciativa e vão para a frente sempre que consideram necessário.

Q – Considera uma característica essencial e positiva, mas não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Há pessoas mais dinamizadoras do que eu.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem polivalentes?

R – Polivalentes porque em muitas situações não existem outras pessoas para executarem determinadas tarefas que lhes poderiam estar incumbidas e perante um grupo que está à nossa frente e perante uma série de situações que têm que ser resolvidas nós vamos para a frente mesmo com elas não devendo ser essa a nossa função.

Q – Também considera uma característica essencial e aplica-se a si. Quando aplicado a si o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não, é o mesmo.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem mais autónomas?

R – Porque estou a pensar nas do sector privado, que existe toda uma organização ligada à gestão, uma estrutura hierárquica presente, constante, que não lhes permite ter a mesma liberdade de acção. No sector público existe mais autonomia e mais liberdade de acção.

Q – Esta aplica-se a si, considera uma característica essencial e positiva, altera o significado quando aplicado a si ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(A10)

Q – No elas educadoras do sector público caracterizou dinamizadoras e polivalentes, penso que é o mesmo significado que atribuiu em cima ou é significado diferente?

R – Não, é o mesmo significado.

Q – Em nós disse que eram mais autónomas e em elas as educadoras do público são autónomas retirou-lhe o mais, porquê?

R – Pois, por comparação com o sector público considero isso mesmo.

(A10)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª EMPENHO PELA PROFISSÃO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao gosto pela profissão e outras funções que são exercidas pelas profissionais.	b)) PERSPECTIVAS CRITICAS MAIS NEGATIVAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem modos de ser profissional mais negativos.

Q – Ainda no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco abertas à reflexão?

R – Estas questões estão todas interligadas, são todas intrínsecas, é não reflectirem que as coisas podem ser diferentes, que as festas de Natal não têm que ser todas iguais, que podem ser os pais a fazerem as festas para os filhos ou que pode passar por um piquenique ou por outra coisa qualquer diferente. Reflectirem sobre a prática, sobre as coisas, acho que é tudo muito igual e não no sentido de por ex. o Dia da Mãe ser sempre igual, as coisas são todas iguais agora por ex. cada criança fazer o que quer, cria o risco de as mães não perceberem que as crianças não têm a mesma idade, o mesmo desenvolvimento mas que o que é importante foi a forma, o gosto, o carinho com que cada criança fez a prenda para a sua mãe. Agora mais fácil é se for mesmo tudo igual, feito em série e muitas vezes feitas pelas educadoras.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Espero que não pelos motivos que acabei de referir.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa “patrão fora feriado na loja”?

R – O patrão está longe e muitas vezes faz-se assim, há situações que não são muito correctas. Pronto, como as colegas sabem que não têm quem as vigie, desleixam-se um bocado, exactamente.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, porque tanto faz que o patrão esteja presente como esteja ausente, eu cumpro, sou responsável.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa não se dedicam mais do que as horas previstas?

R – Pronto, eu aqui, eu pus essa característica, porque se calhar aplica-se mais aquelas colegas que estão desmotivadas, que não estão na profissão e que acham que não lhes pagam mais do que as horas que têm que trabalhar, portanto, não se disponibilizam a trabalhar mais um bocadinho, a sacrificarem-se um bocadinho também pela profissão.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, às vezes até prejudico-me a nível pessoal, porque me dedico e tenho já algumas críticas de algumas colegas que me dizem: Ah para que é que estás aí mais tempo, porque vais receber o mesmo, não vale a pena ficares aqui mais horas. E chega às três horas e fecham a porta, o que ficar feito ficou, o que não ficar não ficou. Não se preocupam. Pronto, eu não consigo ser assim.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa um pouco desleixadas porque ninguém lhes pede satisfações?

R – Pronto, eu aqui também se calhar estou a referir-me um pouco à supervisão. Exactamente. E também pronto, em relação à parte administrativa, porque sinto ao longo dos anos, com colegas que tenho trabalhado, que como ninguém vai ver, ninguém vai vigiar, ninguém vai pedir nada, elas vão deixando, faz-se hoje, faz-se amanhã e depois acaba por nunca se fazer. Depois é um ciclo vicioso.

Q – Esta característica não se aplica a si, porquê?

R- Eu gosto de tudo muito direitinho e não sou desleixada.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem receptivas?

R – Porque tem a ver a receptividade, com a disponibilidade, são um pouco receptivas às alterações que lhes impõem, às coisas, não as vejo a levantar muitos problemas, a serem conflituosas, acabam por ser receptivas às coisas do dia a dia que é preciso pôr a funcionar, não a grandes mudanças.

Q – Quando aplicado a si o significado mantém-se?

R – É um pouco diferente porque eu sou muito receptiva à mudança, e eu gosto muito de mudar e talvez elas não sejam receptivas a tantas mudanças que acompanham a evolução dos tempos, não sei...

(A9)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.^a DEFESA DO ESTATUTO PROFISSIONAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o caminho percorrido pelas educadoras do sector público no sentido de valorizarem a profissão.	

Q – Quando pensa no grupo dos educadores do sector público o que significa serem mais informados?

R – Estão mais atentos tanto a questões que dizem respeito à profissão em si não é?! À sua carreira mas também a questões de inovações que se fazem no campo pedagógico, penso que estão mais informadas nesse sentido.

Q – Também se aplica muito a si, o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Sim é o mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem combativas?

R – Serem combativas significa lutarem pelos seus direitos por ex. nós agora estamos com um problema em relação à Direcção Regional e à autorização para a colónia balnear, no meu agrupamento estamos muito unidas porque esta actividade insere-se no projecto educativo do J. I., não é uma actividade complementar. Houve também uma reunião do sindicato para tentar resolver este problema e estavam muitas educadoras presentes.

Q – Esta unidade aplica-se muito a si, considera-a positiva e essencial, o significado mantém-se?

R – Mantém-se, acho que as educadoras devem ser assim e eu acho que o ser combativa é uma característica minha.

(A3)

Q – Ainda no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco valorizadas?

R – É isso somos pouco valorizadas porque o pouco investimento que existe na rede pública acontece de facto porque ninguém reconhece o nosso trabalho como um trabalho importante. Dá-se muita importância à família, considera-se a família como determinante na formação da criança, e eu estou de acordo, agora não concordo de todo porque me incomoda ver crianças com graves problemas no seu desenvolvimento da linguagem, etc. que o J. I. poderia dar uma preciosa ajuda, não estão no J. I. porque os pais como não é obrigatório não os levam, isto nalgumas freguesias, e são os pais que condenam os filhos a um conjunto de dificuldades que poderiam ser superadas ou francamente diminuídas e não há ninguém no raio deste Estado que sensibilize ou que as obrigue as famílias a ter outra atitude; porque eu penso assim depois quem vai acarretar com todo este problema é o Estado com o insucesso escolar, com a marginalização ...

Q – Esta característica aplica-se bastante a si, este significado mantém-se ou altera-se ?

R – É uma coisa negativa mas aplica-se a mim de igual modo que se aplica a todas as educadoras deste país.

(A3)

Q – Ainda no grupo das educadoras do sector público o que significa auto-valorizam-se pouco?

R – Não estão preocupadas com a formação mas acho que isso atravessa todos os grupos de docência. As acções de formação são para ganhar créditos, lêem pouco, procuram pouco saber outras experiências, ficam mesmo no seu cantinho. Normalmente nas acções de formação pensam muito mal dos formadores porque não vão por prazer mas por obrigação, por isso é que eu digo que nesta questão da formação dos professores é preciso repensar e tem que ser uma coisa construída de dentro porque assim não resolve nada nem altera prática nenhuma.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Sou diferente porque invisto na minha formação, faço um esforço para investir na minha formação e reconheço o papel dos formadores e estou disposta a ouvi-los, posso não concordar inteiramente com eles mas há sempre algo de novo quando se tem uma mente aberta para ouvi-los porque há pessoas que nem os ouvem.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa pouco motivadas?

R – Eu acho que estão pouco motivadas, é cumprir horário e pouco mais, eu acho que é isso. Falta assim muito, se calhar é projecto educativo por exemplo que há nos agrupamentos e que se calhar é muito o projecto educativo continua a ser feito na vertical, em cima não é, então o pré-escolar vem por arrasto e o primeiro ciclo não é, não se ouve muito do pré-escolar para fazer os projectos, porque no início deste ano o projecto era para preparar o futuro e vêm vinte folhas com um projecto educativo para as restantes disciplinas no, qual é o assunto do terceiro ciclo, e no pré-escolar e no primeiro ciclo é assim uma folhinha com discriminado que no plano das actividades está contempladas aquelas actividades de dia da Mãe, dia do Pai, ... quer dizer, não passa disso o ram ram.

Q – Preparar o futuro é um projecto interessante, não é?

R – Pois é, mas assim uma coisa muito reduzida mesmo a nível de preparar o futuro não há nada a nível do pré-escolar, apesar de ter uma educadora lá no agrupamento a representar o pré-escolar não se vê nada que representa assim tão bem o pré-escolar.

Q – Será que a educadora não tem voz suficiente no meio dos outros níveis de ensino?

R – Se calhar pois, no meio dos outros eles são muito mais, não é, eles são do terceiro ciclo, em proporções. Tem que ser alterado o que é o projecto educativo, acho que não tem sentido não porque, continua cada uma a trabalhar por si, preparar o futuro em quê? Está a ver que nós preparamos o futuro quando falamos da alimentação e quando falamos, mas aí já estamos, não era preciso irmos a um agrupamento se não já estamos a pensar em reunir por exemplo o projecto de PES não é, portanto aí já não tem muito a ver com preparar o futuro e eles têm a ver, porque foi para miúdos que projecto é que eles faziam a trabalhar este ano, e era, tem a ver com o alcoolismo, com a droga, com a violência, mais do primeiro ciclo nesses casos, mas isso são muito mais agravantes no terceiro ciclo os casos de violência e drogas e o tabaco e não sei o quê, quer dizer.

Q – Lá está, parte, e é capaz de ser isso pouco motivado porque está-se à espera que venha de cima e não se constrói nada.

R – É isso e tem que partir de baixo tem que ser construído e vivido de dentro para fora.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público, o que significa serem obrigadas a acumularem cargos e terem que realizar trabalho pedagógico e administrativo, responsabilidade na gestão da instituição e na orientação da auxiliar da acção educativa?

R – Significa que temos que realmente que fazer essas actividades sozinhas, pronto muitas vezes pronto sozinhas, porque em muitas situações trabalha só uma educadora com a

auxiliar e tem que resolver todas essas situações sozinha, tem que fazer ela própria, tem que tratar as situações com as Câmaras e Juntas a níveis de espaço, tem que orientar a auxiliar e às vezes não tem apoio, é um acumular de trabalho e de responsabilidades.

Q – Também se aplica a si e quando aplicada a si o significado é o mesmo ou altera o sentido?

R – É o mesmo.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa serem interventivas?

R – Significa, tinha alguma coisa a ver com o que escrevi atrás, reivindicativas e interventivas, quer dizer que estamos atentas ao que se passa e ao processo todo que vai acontecendo e intervimos, estamos alerta, não ficamos acomodadas e quietas à espera que alguém venha fazer alguma coisa, lembrei-me agora neste processo e penso que o nosso poder intervertido está diminuir, e este processo agora que existiu com este da DREN do estatuto dos Jardim de Infância, com esta polémica todas as pessoas se levantaram, sentiu-se um movimento, o ser interventiva é estar à alerta e intervir quando necessário, prontos, mas penso que estamos a perder um bocadinho isso.

Q – Aplica-se muito a si, é positivo e essencial mantém o mesmo significado ou altera-se? O ser interventivo?

R – Mantém-se, mantém-se.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa serem reivindicativas? Penso que já explicou à bocado?

R – Sim, penso que sim, o facto de nos conseguirmos juntar, e de estarmos em consonância com as coisas, estarmos sempre alerta, o facto de por exemplo as pessoas se juntarem em núcleos pedagógicos, eu trabalhei imenso em núcleos pedagógicos, a partilha, não é, nesses núcleos, pelo menos por onde eu passei, foram núcleos de partilha, onde a partilha de saberes era uma constante, é a ideia que eu tenho.

Q – Eram um meio de fazer formação?

R – É a ideia que eu tenho, era um meio de fazer formação, auto-formação e cooperação, não é, é trabalho cooperativo, democrático.

Q – Ainda continuam os núcleos pedagógicos?

R – Eu ainda continuo a remar contra a corrente, ainda continuo em núcleo pedagógico, embora creio que o nosso fim está a passar já há uns tempos com o aparecimento dos agrupamentos de modelo gestão mas penso que nos faz falta como identidade o núcleo pedagógico.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem informadas?

R – Eu não sei se as do privado também são informadas ou não, mas legislação, regras são todas muito informadas e eu sentia-me um pouco desinformada, quando cheguei ao país, acho-as todas muito informadas sobre matérias referentes à parte de educação, o decreto x diz isto, por ex. não se pode fazer isso porque não está de acordo com o decerto; fez-me muita confusão porque eu vinha de uma dinâmica diferente.

Q – O que significa quando se aplica a si?

R – Eu não sou tão informada nesse sentido, sou mais informada em coisas mais do âmbito cultural mas já me estou a enquadrar ...

(A9)

Sistema Categorical – Grupo “Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.º OLHAR DO SECTOR PÚBLICO SOBRE O SECTOR PRIVADO	a) LIGAÇÃO ENTRE O SECTOR PÚBLICO E O SECTOR PRIVADO
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as posturas / atitudes e modos de ver o sector privado.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam quer vontades, quer oposições que existem entre os dois sectores.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa criam anticorpos em relação ao sector público?

R – Têm inveja ... porque todas elas queriam estar no público, eu não me considero elitista mas elas consideram isso, um certo elitismo nas educadoras da rede pública porque ganham mais, têm progressão na carreira, têm mais regalias, têm as interrupções lectivas, etc. Em vez de fazerem o caminho inverso que é valorizarem-se profissionalmente e lutarem por todos estes direitos não, e continuam a dizer que nós não fazemos nada, que estão sempre de férias, que os J.I. da rede pública não correspondem às necessidades das famílias e curiosamente colegas que vêm, estão muitos anos na rede privada a fazer de tempo de serviço, e depois vão para o público e ficam logo onde querem e passam à frente de quem sempre esteve no público, vêm com este discurso mas depois percebem que não é bem assim, algumas que entram na rede pública pensando que não se faz nada surpreendem-se com tanto trabalho, tantos relatórios. Contactei com duas que vieram do privado e estão num J. I. que tem componente sócio-educativa e são elas que têm que fazer os projectos dessa componente, têm que fiscalizarem o seu cumprimento e dizem: afinal vim eu pensando que era tudo ... um mar de rosas e trabalho que nem uma... e chateio-me muito com autarquia, com as auxiliares, com o Presidente do conselho executivo. Contudo sentem-se mais seguras ao nível do emprego e fogem dos favoritismos e dos beija-mão dos privados.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Por acaso tenho os mesmos anticorpos em relação ao privado, os mesmos que elas têm em relação a nós, mas sou muito defensora de uma escola pública e acho que a igualdade e o sucesso faz-se numa escola pública. O nosso sistema precisa de ser alargado e melhorado mas é o melhor sistema de educação, não tenho dúvidas nenhuma.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa razões alheias à sua vontade?

R – Lá têm a vantagem de estar perto de casa, porque muitas viu-se quando foi as colocações a nível de efectivação os lugares que elas apanharam era tudo pessoal que estava no sector privado, com muitos anos de serviço, o que eu acho mal, têm a possibilidade, porque quem optou pelo público, optou pelo público e que foi parar muito longe em aldeias, foi discriminada em relação às pessoas que na altura também tiveram oportunidade como elas de irem para o público então optaram pelo privado pelas razões de estar perto de casa, ter boas condições de trabalho, e agora nós que exercemos no público continuamos assim a andar a tapar buracos, elas as que vieram do privado apanharam os melhores lugares, sempre tiveram numa cidade, não que eu queira vir para a cidade, mas sempre tiveram bons lugares e continuam a ficar efectivas mais quilómetro menos quilómetro depende dos sítios em que estavam como no privado, portanto acho que quem optou pelo público está a ser fortemente penalizado.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa serem isoladas?

R – As colegas estão fechadas, às tantas porque não têm esta, não é capacidade, este poder de comunicação não é, isolam-se muito ou será também pelas hierarquias pesadas que elas têm.

Q – Não se plica a si, tu não és nada isolada?

R – Não.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa terem pouca consciência profissional?

R – Pouca consciência profissional, não são reivindicativas, não são interventivas, deixam-se estar. Uma das coisas quando me começaram a falar das colegas do sector privado era delas, não as deixarem ir a formação, elas ficavam, acomodam-se e não saltam fora. E é assim, eu acho que o mal é a pouca consciência, não sei se é política se é o que é, eu acho que é falta de consciência, a partir do momento que somos um grupo pequeno eu digo assim, aí somos poucas, o que é que vamos fazer poucas? Se nem sozinha a gente, a partir do momento que tenho uma opinião há que falar e há que fazer qualquer coisa sozinhos, vamos continuar sozinhos se não nos tentarmos abrir a mais alguém, não é, juntar as vozes, a cooperação, a tal cooperação, não é, e depois há um certo egoísmo, às vezes são as necessidades das pessoas.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem jovens?

R – São jovens de 20 e poucos anos de idade, é o sítio onde arranjam trabalho.

Q – Porque será?

R – Penso que as mais velhas deram o salto para a rede pública e as mais jovens como não conseguem emprego na rede pública, portanto acabam por ingressar no privado, não sei.

Aqui na cidade de G. não se encontram jovens, a não ser contratadas, mas no interior penso que há mais educadoras jovens no público.

(A9)

Q – Ainda quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa grande mobilidade?

R – Porque as vejo a saltitar, esse grupo já tinha feito uma série de substituições mesmo no privado, eu fiquei surpreendida com a grande mobilidade delas andarem 3 meses aqui, 2 ali.

Q – Quando aplicado a si o significado é o mesmo?

R – Sim até já saltei de país em país e tenho saltado todos os anos de J. I., tenho concorrido mas é uma mobilidade mais curta e não tão amarga, mas a minha mobilidade é por razões diferente que ainda não desisti de encontrar um J. I. com infra-estruturas para mim, já não digo essenciais, mas aquilo que eu acho que é mínimo. A minha mobilidade é muito restrita porque eu também não saio de determinada área.

(A9)

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa serem fechadas em si próprias?

R – É a questão, de realmente da percepção que eu tenho delas ser muito, no sentido de fazerem as coisas para si, entre paredes, não partilharem com as outras colegas que estão noutros sectores.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – É diferente, quer dizer eu nunca posso vir a trabalhar só, voltada para o meu grupo.

(A11)

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa não partilham?

R – Mostrarem o que fazem, quer dizer, colaborarem com os outros em vez de se fecharem.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Muito, eu gosto de partilhar.

(A11)

Q – Quando pensa nas educadoras do sector privado o que significa não colaboram?

R – É o mesmo, nessa mesma linha precisamente.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não, gosto de colaborar.

(A11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educatora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª OLHAR DO SECTOR PÚBLICO SOBRE O SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as posturas / atitudes e modos de ver o sector privado.	b) MODO COMO DESENVOLVEM O SEU TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às diversas formas como as educadoras do sector privado trabalham.

Q – Quando pensa no grupo das educadores do sector privado o que significa serem trabalhadores pouco reflexivos?

R – São pessoas que trabalham um bocado mecanicamente e portanto talvez devido à instituição que não lhe deixa grande poder de abertura eles não podem estar a pensar muito até porque podem ter grandes ideias e depois são todas cortadas então fazem o rame rame que lhes é pedido.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, também tenho a sorte de estar no público.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa adaptam-se muito à função de guarda?

R - Porque é isso, dá-lhes jeito porque fazer mais do que função de guarda dá trabalho e implica pensar, reflectir, fazer e como têm que dar almoço aos meninos, pô-los a dormir isso cansa muito e é verdade. Ainda no outro dia conversava com uma amiga e ela dizia-me isso também é uma função educativa, isso é verdade e eu não digo que seja uma função menor, não é de todo uma função menor, agora não chega, não é só isto. A educação no J. I. não pode ser só, não é, comer e dormir. Ainda nos acusam de não querermos a componente sócio-apoio à família porque não queremos dar o almoço e o almoço é importantíssimo e nós as do público somos as pessoas melhores para este acto educativo.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Aliás eu acho que nós na rede pública trabalhamos mais que no privado, em termos pedagógicos, ao contrário da ideia que elas têm que na rede pública não se faz nada é mentira porque nós na rede pública entramos às 9h ou às 9h30 e começamos a trabalhar com as crianças em termos educativos e elas não, há muitas que só entram às 10h e as crianças estão lá guardadas pelas auxiliares e às 11h já estão a preparar-se para o almoço porque às 11h30 já estão almoçar. Tempo de trabalho pedagógico é muito maior mas muito maior na rede pública que na rede privada e eu não tenho dúvidas nenhuma. Penso que era um trabalho interessante de comparação entre o trabalho pedagógico da rede pública e da rede privada e tenho a certeza que se concluiria que as oportunidades educativas, de experiências educativas, de actividades são muito maiores e mais importantes na rede pública que na rede privada.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa bonito bonito, o resto é secundário?

R – Pronto, para elas o importante é o aparato, ter tudo muito bonito e o resto, deixa-se para lá.

As crianças, se precisam de desenvolver-se nisto, se precisam de fazer isto, se precisam de fazer aquilo, não se importam tanto. Estão mais preocupadas é a pôr a sala bonita, pôr o Jardim bonito e fazer uma festa bonita. Agora se as crianças estão ali torturadas entre aspas

para realizar a festa, isso para elas não se preocupam. Preocupam-se é que saia bem e que os pais gostem muito, pronto, é nesse sentido.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Já disse em que é que era diferente, preocupo-me muito com as crianças e o seu desenvolvimento.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa acomodam-se ao longo dos anos e desmotivam-se?

R – Pronto, porque é assim, enquanto nós no público somos um bocado obrigadas, nós no público e se calhar umas com as outras acabamos por nos motivar. Uma faz assim e outra faz assado e trocamos ideias, puxamos umas pelas outras, elas estando no sector privado, pronto como têm baixos vencimentos, depois acabam por estar no mesmo sítio, não há muito intercâmbio, têm muitas dificuldades em termos de fazer acções de formação porque não lhes deixam. Isso depois acaba muitas vezes por desmotivar as pessoas e elas depois vão andando por ver andar os outros, ao sabor da onda.

(A4)

Q – Ainda quando pensa no grupo do sector privado o que significa até à pouco tempo nada preocupadas com programas educativos?

R – É assim, eu sei de casos do privado, que só há dois anos atrás é que as pessoas começaram a fazer projectos nos Jardins, até aí andava tudo a funcionar assim um bocadinho meio a bola em força, há casos de Jardins por ex. cá na zona que em que a educadora fazia de tudo e portanto estava preocupada com tudo mas não podia estar preocupada com todos, estava preocupada em fazer tudo o que lhe era pedido mas não podia estar preocupada por ex. a fazer projecto educativo, porque não tinha tempo.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem motivadas?

R – Eu acho que elas são motivadas a fazer as coisas e a ter aquilo muito bonito e se calhar são obrigadas, não tendo outra alternativa porque não têm hipótese de ser colocadas no público, então têm que estar mesmo motivadas, porque se estão dependentes de uma direcção, se elas não satisfizerem as necessidades quer da direcção, quer dos pais, quer do espaço de acordo com as expectativas que os outros têm também há a hipótese de virem para fora não é, de saírem porque quer dizer o mercado de trabalho cada vez é maior e há muita gente a sair e querer ser colocado, porque o mercado de trabalho quer seja público ou privado não absorve tudo.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem criativas?

R – Eu penso que mesmo um bocadinho diferente do nosso, porque metade delas têm menos situações de diferentes que nós, talvez tenhamos mais situações para resolver, usar essa criatividade mas são criativas na mesma a nível de realizar actividades e de proporcionar espaços agradáveis às crianças penso que nesse sentido sim.

Q – Também se aplica si, é positiva e considera essencial, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Sim, não é só por eu me considerar também as condições em que são diferentes obriga a isso, porque as capacidades do ser criativo penso noutras pessoas podem ser criativas, umas mais numa áreas, outras noutra não acho que de facto de eu ter mais criatividade numa área, não quer dizer que a outra educadora não seja criativa noutro aspecto.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem dinâmicas?

R – Também o facto de terem que organizar actividades diferentes e, neste momento penso que elas também já trabalham mais com a comunidade, que também fazem projectos organizados e planificados por isso penso que tem a ver mais a nível das actividades e proporcionar actividades diferentes não tanto a nível de resolver problemas com os espaços ou com os pais ou com a autarquia mas mais a nível das actividades e das situações dentro dos espaços.

Q – Também se aplica si, é positiva e considera essencial, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – É diferente nesse aspecto de resolver os problemas com a autarquia e com o espaços.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa realizarem trabalho condicionado?

R – Muito dirigido. O trabalho delas penso que é assim, é mesmo dirigido, não é, pelas condicionantes hierárquicas e pela forma de estar, o trabalho é rotineiro e é muito agora vamos fazer isto, aquilo, é muito condicionado, é rígido.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, eu gosto de flexibilidade.

(A8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem dinâmicas?

R – Por um grupo que conheci, numa acção de formação, elas eram todas novinhas, muito dinâmicas, elas estavam cheias de vontade de fazer coisas, se uma sugeria fazer uma coisas, saíam logo 4 ou 5, eu achei fantástico e foi essa a imagem que retive delas, acho que é próprio da gente jovem.

Q – Apesar que também se aplica a si?

R – Dinâmica mas mais no sentido de pensar, qual a função que pode desempenhar no desenvolvimento das minhas crianças, não queremos abarcar tudo, somos mais selectivas não quer dizer que não seja dinâmica mas é uma dinâmica já mais comedida.

(A9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa trabalham menos isoladas?

R – Porque normalmente as instituições têm um maior número de salas, um maior número de pessoas. A equipa é mais alargada.

(A10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem mais limitadas na sua intervenção ao nível da comunidade?

R – Porque muitos dos contactos com a comunidade são feitos por outras pessoas da instituição, não propriamente as educadoras de infância.

Q- E esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque já disse que trabalho com a comunidade.

(A10)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector público”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª OLHAR DO SECTOR PÚBLICO SOBRE O SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as posturas / atitudes e modos de ver o sector privado.	c) RELAÇÃO COM AS DIRECÇÕES DAS INSTITUIÇÕES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as condicionantes das relações educadoras – direcções.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem dependentes de uma instituição?

R – Portanto, normalmente o sector privado, tem, portanto interesses financeiros, portanto, o lucro, portanto é um dos objectivos, exactamente, e para haver lucro tem que haver por vezes um maior número de crianças, um trabalho se calhar mais ao jeito desse lucro, não é, e quando os pais pagam um serviço, portanto querem uma contrapartida e portanto a educadora no sector privado está dependente da instituição que lhe pede essa contrapartida para poder gastar.

Q- Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R- Não, se maneira nenhuma, nunca trabalharia no privado.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem instruídas pela sua instituição?

R – Pronto vai de encontro ao que acabei de dizer, portanto a instituição, a ideia que eu tenho é que manda as educadoras fazerem o que a instituição quer, ou pelo menos não.

Q – Mesmo o trabalho pedagógico?

R – Eu acho que sim, porque já tive a oportunidade de contactar com colegas que trabalham, portanto no sector privado e que me confirmam esta ideia que eu tenho, portanto há certas actividades que têm que ser feitas como as festas no Natal, na Páscoa, portanto é o trabalhar para o bonito, para justificar de certo modo o dinheiro que os pais pagam, exactamente, esse trabalho muitas vezes é feito única e exclusivamente pelo pessoal docente e não docente, a maior parte das crianças não faz esse trabalho, portanto não há benefício à partida.

Q- Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, de maneira nenhuma. Portanto em mim, sou eu, eu é que decido o que devo ou não fazer, tenho a liberdade, exactamente de acção.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa limitadas pela sua instituição? Limitadas no carácter pedagógico, nas acções de formação, em quê?

R – Exactamente, portanto, não podem, portanto há limitações de horários, há limitações de faltas, há limitações de trabalho, de dinheiro, acho que há limitações aí em todos os aspectos, quando há fins lucrativos dificilmente se pode alterar.

Q – Acha que o grupo das educadoras do sector privado também está limitadas para fazer formação acrescida ou contínua?

R – Sim, sem dúvida. Sim, sim, acho que agora julgo que há mais um bocadinho de facilidade mas pelo que conheço as educadoras do sector privado, pronto, não, eu pelo menos é raro ver educadoras do sector privado a fazerem formação, muito raro mesmo.

Q – Esta unidade também não se aplica a si?

R – Não, não, nem pensar.

(A1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem submissos?

R – São submissos a nível de instituição, porque eu já referi isso para atrás, porque não fazem ondas entre aspas não é?! Portanto seguem as directivas que lhe são sempre dadas.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não costumo seguir muitas directivas, às vezes até as leis protesto um bocado, mas acho que nós temos cabeça e temos que reagir, temos que dizer o que pensamos, agora eu compreendo que muitas pessoas do sector privado sujeitam-se a determinadas situações, que muitas vezes são temporárias, não sei se vão ficar lá muito tempo, arranjam aquele emprego e portanto às vezes são submissas porque têm mesmo que ser porque podem perder o emprego é outra questão também não é?!

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, exacto porque o ser submissa atrofia-me as ideias.

(A2)

Q – Quando pensa no grupo das educadores do sector privado o que significa serem explorados?

R – É um bocado isso são submissos e são explorados, porque às vezes têm mesmo de ser porque eu acho que muitas vezes trabalham horas a mais e não são nada bem pagos, portanto eu acho que nesse aspecto são mesmo explorados.

Q – Não se aplica a si, não se sente explorada no sector público?

R – Não, agora considero-me razoavelmente bem paga.

(A2)

Q – Agora no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem passivas?

R – É aceitarem tudo, aceitarem aquilo que dizem as direcções, não lutarem pelos seus direitos, também porque se é verdade que os direitos do privado, nomeadamente as IPSS, e eu tenho colegas que trabalham lá, têm poucos direitos apesar que elas também trabalham muito pouco para os conquistar. E aqueles que depois da Lei-Quadro lhe reconhecem alguns direitos foi porque as educadoras e nomeadamente as educadoras da rede pública lutaram por esta Lei com ajuda dos Sindicatos e elas por arrasto foram contempladas com isso, não mexem uma palha para mudar. Claro que têm medo de perderem o emprego, o que nós isso não temos, mas às vezes elas também pensam que nós não temos chatices e é absolutamente errado porque nós temos o Delegado que nos ameaça com processos disciplinares e porque temos um Presidente da comissão executiva que também nos ameaça com uma inspecção, como o meu ameaçou ao nosso grupo de docência, elas às vezes pensam que na rede pública não há patrão e elas desconhecem a nossa realidade tal como ela é e não é como elas a imaginam.

Q – Esta característica não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Passiva não, eu defendo aquilo em que acredito.

(A3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado, o que significa trabalhar em função do vencimento?

R – Pronto, são elas próprias a dizer, não é? Portanto, eu compreendo a situação delas, elas ganham tão pouco, não é, que muitas vezes não estão para se estar a sacrificar, porque estão ali mesmo para passar as horas e muitas vezes estão no privado para estarem perto de casa, para terem melhores condições nessa situação a nível familiar e então pronto, é mesmo trabalhar em função do dinheiro, para receber.

Q – Esta não se aplica a si. Não trabalha em função do vencimento?

R – Não, até às vezes ponho do meu bolso, gasto mais do que aquilo que devia.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem exploradas?

R – As colegas do sector privado são exploradas em várias medidas, por ex. na medida da carga horária de trabalho, são exploradas quando não lhes pagam salários justos, são exploradas quando são obrigadas a fazer coisas que às vezes vão contra a sua formação de base e ainda são exploradas noutra coisa que eu já não me lembro mas tinha a ideia. .

Q – Esta característica não se aplica si, acha que não é explorada no sector público?

R – É assim, eu acho que devia ganhar mais dinheiro porque eu já tenho tempo de serviço que dava para estar no terceiro escalão e não estou porque sou contratada, mas isso é uma das injustiças e também continuo a achar que os professores são mal pagos, mas pelo menos não temos alguém que nos dite nos outros sentidos.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado, o que significa serem desmotivadas?

R – Eu penso que muitas vezes elas estão desmotivadas porque precisamente por essas características todas, não têm opção, elas até podem observar o grupo das crianças e observar o meio mas depois têm, não podem criar um projecto a partir da cabeça delas porque normalmente é mandado e tens que por ali um quadro muito bonito naquela parede porque fica ali muito bem e isso tudo para mim é entrar, é ir contra os princípios das pessoas.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque eu considero-me uma educadora motivada.

(A5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem pressionadas?

R – Significa que, não sei como é que funciona a nível de projectos pedagógicos, projectos educativos das instituições e elas têm sempre que fazer em função da direcção porque têm uma direcção e nós temos agrupamentos, mas acho que elas são pressionadas a nível de trabalho, a nível dos pais e o que fazem não corresponde à realidade.

Q – É a percepção que tem?

Q – É a percepção que tenho, é uma profissão que já tem muitos anos, mas agora é diferente a realidade, agora é diferente não sei porque não conheço, conheço pessoas da direcção mas não tenho contacto directo com elas, conheço uma educadora que trabalhou no particular e gostou de estar lá, mas quando pode também foi para o público por alguma razão a levou a sair, porque normalmente elas usam o privado como alavanca para ir para o público, é por ter mais horas de trabalho, também terá mas muitas têm condições melhores de trabalho do que têm no público.

A nível de trabalho está mais ou menos igual têm 5/6 horas não é mais, mas será por vencimento também algumas saem mais ou menos equiparadas, depende dos sectores, de que organismo é que eles estão dependentes, mas elas quando convém é a alavanca mesmo do privado, é a alavanca para ir para o público e que não abarca, não pode abarcar toda a gente.

Q – Não se aplica a si, não se sente pressionada?

R – Não.

(A6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa (não são autónomas) dependentes das orientações da administração?

R – Significa que têm que dar satisfações à direcção a nível dos espaços e têm que pedir os materiais, em certas instituições penso que têm alguma autonomia pedagógica, outras não

tenho a certeza penso que não, mas a nível pronto administrativo, de espaço e de a nível de materiais são dependentes.

(A7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem menos autónomas?

R – Significa que estão, que os seus movimentos estão, são mais restritos, portanto não podem tomar decisões do mesmo modo. Têm uma hierarquia mais forte.

Q – Esta não se aplica a si, é diferente?

R – Como estou no sector público tenho autonomia nas tomadas de decisões e no plano pedagógico.

(A10)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E PAIS
Pertencem a esta categoria os enunciados que estruturam as relações de trabalho das instituições.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho com as crianças e pais.

Q – Quando fala no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem cumpridoras?

R – Cumpridoras para explicar é assim: acho que no público daquilo por colegas que tenho ouvido falar tão doentes, tão mal disposta não lhes apetece ir trabalhar metem o artigo e pronto as coisas vão, não quer dizer que sejam todas lá está, mas agora que há mais facilidade, aqui tentamos, pronto há um trabalho diferente quer se queira quer não até porque nós seguimos os grupos, da creche aos 5 anos de idade e conhecemo-los bem, temos uma relação e acabamos por ter outra relação com os pais que no público muitas vezes...

Acho que esse espaço que nós estamos com os pais, com as crianças, forçosamente nós conhecemos melhor as crianças, é evidente que se todos os anos tiver um grupo diferente, eu quando estou a conhecer o grupo acho que no público deve funcionar assim, quando as pessoas se estão a adaptar, quando as educadoras estão a regressar ao sítio, quando começam a conhecer melhor as crianças, quando começam a conhecer melhor os pais provavelmente está quase no final do ano e já estão a ir para outro lado.

(B1)

Q – E o que significa no grupo do sector privado serem dedicadas?

R – Olhe, é isso. Muitas vezes esta dedicação, muitas vezes não é pela casa eu falo por mim, eu muitas vezes muitas das coisas que faço não é pronto, também é evidente que também a casa é o meu posto de trabalho e também, mas essencialmente há coisas que só faço mesmo pelas crianças porque senão, não as fazia.

Q – Estas características de cumpridoras e dedicadas aplica-se a si?

R – Aplicam-se e muito porque não sei trabalhar de outra maneira.

(B1)

Q – Quando fala no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem zelosas?

R – Acho que essa característica está ligada à dedicação porque eu de facto considero aquelas crianças tão, tão minhas que zelo como uma mãe coruja acho que no fundo esse zelosas gira como um todo.

Q – Também se aplica a si?

R – Sou como uma mãe coruja.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem lutadoras?

R – Lutadoras significa serem o que eu tinha referido ao bocado, lutar por lutar sempre para dar o melhor às crianças principalmente.

Q – Esta característica também se aplica muito a si, o significado mantém-se ou altera-se?

R – Sim, sim o significado altera-se um pouco porque eu luto pelas crianças e luto pelos direitos da classe.

Mas é assim eu acho que estou a aprender um bocadinho, tenho que acalmar a minha forma de ser, depois da experiência que tive aqui há uns tempo já há dois meses e não foi

boa, foi muito má, porque o que não estava a contar, eu estava do lado delas e tudo o que se passava eu, e pronto, cheguei até a fazer cartas por elas para mandar para direcção, fui eu que redigi as cartas para elas mandarem, só que depois uma pessoa chega a uma reunião com as altas instâncias e ninguém fala e só eu é que fiquei mal.

É assim, não é que eu esteja arrependida, não é isso que eu estou a dizer, não estou minimamente arrependida, simplesmente fico um bocado desiludida com as pessoas.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem empenhadas?

R – Empenhadas é darem o máximo, darem o máximo.

Q – Aplica-se a si e o significado é o mesmo?

R – O mesmo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem responsáveis?

R – Responsáveis pelas crianças, pelo trabalho por toda uma dinâmica não é.

Q – Esta característica aplica-se muito a si é essencial e o significado é o mesmo ou altera-se?

R – Sim é o mesmo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem objectivas?

R – Objectivas é serem mais práticas e objectivas, eu também tenho um bocado a ver com isso, comigo.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem criativas?

R – Falei já anteriormente, também, não é? Já falei no criativas, responsáveis e activas. Eu caracterizo da mesma forma. Criativas em termos de decoração de salas, em festas, em saber cativar as crianças com uma pequena coisa, eu acho que isso também é um bocado criatividade pensar num momento para cativar uma criança, para tornar as coisas mais acolhedoras.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem alegres?

R – Acho que andamos sempre um bocadinho com cara bem disposta, embora, eu acho, sinto isso, que os problemas ficam um bocadinho fora da porta, o que não diz respeito aqui à instituição, ao Jardim de Infância, acho que as pessoas tentam dar uma postura alegre para não, para as crianças não se aperceberem, porque elas apercebem-se muito das nossas tristezas e do nosso nervosismo e dessas coisas não é? E manter uma postura alegre acho muito importante.

Q – Acha que é esta alegria é mesmo fundamental na profissão?

R – Acho, acho que sim, por isso é que o ser alegre se aplica muito a mim.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo do sector privado o que significa serem dinâmicas?

R – É um grupo dinâmico, prontos, pessoas que estão sempre disponíveis, que são, sei lá, dinâmicas, não só no horário de trabalho mas depois, e que fazem isto, e que fazem várias actividades e vão para aqui e que vão para ali, é um bocado isso.

Q – Quando se aplica a si aplica-se bastante o significado é o mesmo?

R – Sim é o mesmo. Acho que sou dinâmica com tudo, com tudo.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo do sector privado o que significa serem versáteis?

R – Pronto, lá está, é um bocado, fazer de tudo, não é, do que for preciso, não quer dizer que todas nós, que a gente faça tudo, mas se for preciso até numa situação de desenrasque, somos capazes de o fazer.

Q – Também se aplica a si, aplica-se médio, positivo, o significado é o mesmo?

R – Lá está, foi o que eu também já disse á bocado. Se calhar nem todas as áreas, porque também em todas as áreas nós temos as nossas limitações.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo do sector privado o que significa serem dedicadas?

R – É principalmente gostarem do que fazem, da profissão, dedicarem-se à profissão, dedicarem-se às crianças e à instituição neste caso.

Q – É muito mesmo dedicada e considera uma característica muito positiva e quando se aplica a si tem o mesmo significado?

R – Não, porque infelizmente há colegas que não são assim, eu acho que sim, que sou. Acho que se calhar já fui mais, porque depois uma pessoa também começa a levar e também começa a aprender, mas tento sempre ser dedicada, sempre que posso.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo do sector privado o que significa serem meigas?

R – Meigas, lá está, serem queridas, quer para os pais, quer principalmente com as crianças neste caso. Elas estarem ali no chão com eles e dar beijinhos.

Q – Aplica-se bastante a si é positiva, muda de significado?

R – Ser meiga, pronto, lá está é um bocado, eu falo por mim, estar no chão com os miúdos, conseguir, pronto, estar ali a brincar com eles, descer ao nível, dar beijinhos, e não sei o quê. Só que quando infelizmente uma pessoa não é assim e eles não conseguem distinguir. E eu vejo que desde bebés fui assim com eles, tenho um grupo, como já pôde ver, que são uns traquinas, hoje em dia passo um bocado com eles para conseguir impor um bocado de regras, porque eles também, nem eles também conseguem distinguir, como descí muito ao nível deles, eles também agora.

É um bocado para me conseguir impor com eles, é mesmo difícil porque eles são mesmo traquinas, são mesmo do pior.

(B4)

Q – Quando pensa no sector privado, diz que o grupo de educadoras são cumpridoras. O que significa ser cumpridoras?

R – É um bocado serem responsáveis, são responsáveis, cumprem, lá está, não só a nível de horários, mas com tudo, tarefas, actividades. Quando falo aí prontos, em comparação ao público são cumpridoras, lá está, eu não estou a dizer que elas não estão a cumprir, não é, mas é aquela coisa, têm um passeio de manhã, de tarde não vão trabalhar ou vice versa. Quer dizer, nós aqui também temos os nossos passeios de manhã ou de tarde e vamos trabalhar. Não é, é um bocado, é tudo aqueles que não estão a cumprir, não é, não é isso? Lá está, um dia quando eu chegar ao público, de certeza que vou fazer o mesmo, não é, e vou dizer olha que bom, tive um passeio de manhã e de tarde vou-me embora, não é? Se calhar vou pensar nisso, não é? Prontos, ser cumpridoras são capazes de trabalhar.

Q – Também esta unidade aplica-se a si, em grau médio e positiva. O significado é o mesmo que acabou de dizer?

R – Sim, sim, sim.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser dedicadas?

R – O ser dedicado é pronto dar o seu melhor.

Q – Quando se atribui a si como característica essencial, é positivo também tem o mesmo significado?

R – Tem.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser educadoras a tempo inteiro?

R – Eu acho que é o pensarem sempre nas suas crianças que as obriga a ser mais tempo educadoras.

Q – Quando se aplica a si, tem o mesmo significado?

R – Tem.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa trabalham mais?

R – Trabalham mais horas e pensei no trabalho diferente porque eu não sei como trabalham no público portanto eu respondi porque trabalham mais porque é a sensação que eu tenho.

Q – Não no sentido de não parar?

R – Não parar, não há férias, não há tudo, trabalham mais tempo, estão mais tempo com as crianças, dão almoço às crianças, é mais um esforço físico não quero comparar pedagogicamente as coisas, trabalhar mais porque estão muito mais tempo com eles.

Q – Quando se aplica a si, significa o mesmo ou acha que é diferente?

R – Eu trabalho muito.

Q – Acha que trabalha mais que o grupo?

R – Eu não acho que trabalho mais do que o grupo, acho que trabalho de mais, muitas vezes.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa “mais profissionais”?

R – Nós acabamos por dar mais tempo dentro da casa, temos outros tipos de problemas que é o início da manhã e o fim da tarde, temos mais tempo com as crianças e acabamos por nos envolver mais e a pensar melhor no bem estar delas e se elas estão aqui das 7h30m às 19h, nós tentamos proporcionar-lhe cada vez mais coisas, coisas melhores para eles, bem estar físico.

Q – Esta unidade tem muito significado para si?

R – Porque eu tenho casos complicados e acho que temos que ser mais profissionais com estas crianças, não é só ser educadora no sentido pedagógico.

Q – Casos complicados em que aspecto?

R – Familiares, em termos de alimentação, descanso, higiene, há um menino que eu tenho que dar banho e há pessoas que não o fazem. Ou mesmo quando há crianças que vão à casa de banho e não limpam o rabiote, há aqui colegas que mandam chamar a auxiliar.

(B6)

Q – Prejudicadas em termos de condições penso que já explicamos atrás.

R – Que somos um grupo ao qual as pessoas ainda não dão a devida importância, somos uma classe que ainda não é reconhecida.

(B6)

Q – Agora quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa mais dedicadas a uma causa, pode explicar melhor?

R – A causa aí são as próprias crianças, os casos complicados que nos aparecem aqui, o facto de lhes darmos assistência.

Q – E acha que esses casos complicados aparecem mais no privado do que no público?

R – Acho que sim, até porque no privado há esta componente de famílias mais carenciadas e não pagam, normalmente são pessoas que têm que ir trabalhar muito cedo e acabam muito tarde, estas instituições acabam por poder abarcar o horário que eles não estão em casa porque nós estamos abertos das 7h30m às 19h e é muito fácil a um pai vir cá trazer a criança às 7h30m da manhã e ir trabalhar numa fábrica qualquer às 8h.

Q – Não quer com isto dizer, que esta seja a causa da instituição?

R – Não, acaba por ser também.

Q – E tem o mesmo significado para si e para o grupo?

R – Talvez, há pessoas que pura e simplesmente, passo a expressão, se estão a marimbando para estas causas.

(B6)

Q – É educadora do sector privado. Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser dinâmicas?

R – Eu acho que a dinâmica é sempre uma característica dum Jardim não é, posso dizer se não houver dinâmica alguma coisa que está mal, porque é quase imediato não, não pode haver crianças que não tenham uma dinâmica na sala.

Q – Aplica-se muito a si, é essencial, quando aplicado a si altera-se o significado?

R – Não é o mesmo.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem meigas?

R – Pronto é os laços afectivos e o desenvolvimento afectivo que se mantém com as crianças que eu acho que é fundamental para o crescimento e desenvolvimento global, se não houver afecto, carinho com uma criança dificilmente conseguem se calhar obter desenvolvimento nas outras áreas.

Q – Quando se aplica muito a si é positiva e essencial tem o mesmo significado ou altera-se?

R – Eu acho que, que é igual e os bebés têm muita meiguice para dar e receber.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem relaxadas?

R – É assim ,não quer dizer que sejam todas, porque não quer dizer que no privado não haja pessoas relaxadas, não é, isso pronto não dá para generalizar e há pessoas como em todo lado.

Pronto isso vem de encontro com aquilo que eu já tinha dito, realmente que há pessoas no sector privado que prontos, as pessoas não trabalham todas da mesma maneira, que se acomodam e relaxam, e se calhar com situações que para outras são mais preocupantes para essas pessoas não são tanto.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa prima-se pelo secundário?

R – É exactamente isso, é valorizar questões que muitas vezes fogem ao âmbito pedagógico e à formação global da criança, para se valorizar aquilo que se acha que é uma imagem de marca da instituição, uma festa, o mega passeio não sei onde, essas coisas assim.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que diferente?

R – Não, mas aplica-se a mim na medida em que estou inserida nesta instituição e tenho que obedecer a ordens.

Q – Mas não se aplica à sua personalidade?

R – Não, se eu pudesse escolher teria que ser uma coisa completamente diferente.

Q – O que é que alteraria, só uma situação, um exemplo?

R – Valorizaria muito mais as capacidades da crianças, os seus interesses e não lhe imporia nada, uma mega festa porque é bonito e importante para os pais por exemplo.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa nem sempre coerentes?

R – Exacto nem sempre coerente, não sei o que hei-de dizer, nem sempre coerente porque nem sempre o que gere e o que predomina é a coerência, num ambiente pedagógico de qualidade, há muitas interferências que mexem com este fio condutor, muitas vezes esse não é o fio condutor principal depois há uma certas influências que chocam com estes aspectos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, eu procuro ser coerente com o meu trabalho, ser coerente com o meu grupo de trabalho, valorizando aquilo que eu considero mais importante para as minhas crianças e pondo-as sempre em primeiro lugar a elas como seres em crescimento, evolução e em desenvolvimento e não as circunstâncias aparatosas, não é, e envolventes que toda a aparência, entrar numa sala e ver uma salinha com umas lindas cortinas feitas ou uma festinha com os meninos todos em palco, pronto pode transparecer uma aparência que no fundo não é, não é, não significa às vezes uma boa qualidade de trabalho que aparenta.

(B8)

Q – É educadora do sector privado. Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem organizadas?

R – No privado em geral, também acho que são pessoas tal e qual como nós, também se organizam a nível de trabalho, não se deixam arrastar pelo relaxe.

Q – O significado mantém-se ou é alterado quando se aplica a si?

R – Eu portanto, eu considero-me uma pessoa organizada a nível de trabalho e acho que as outras pessoas aqui que também são bastante organizadas.

Q – Acha que esta unidade representacional é essencial, quer especificar?

R – Sim a falta de organização dá sempre confusão, dá sempre pronto é a opinião que eu tenho, que quando não há organização, há uma confusão total, havendo confusão as coisas não vão adiante nem o trabalho funciona de maneira positiva.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem dinâmicas?

R – Serem pessoas activas, no trabalho que não deixam, são pessoas que não estão paradas, estão sempre a trabalhar, que gostam principalmente daquilo que fazem porque acho que as pessoas para serem dinâmicas têm que gostar daquilo que fazem, acho que é essencial, acho que senão gostasse do trabalho não conseguiam ser dinâmicas.

Q- Quando se aplica a si, o significa é o mesmo ou é diferente?

R – Não, é o mesmo e é uma característica essencial na nossa profissão.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem polivalentes, penso que já explicou anteriormente, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Sabemos fazer um pouco de tudo é o que eu referi anteriormente, não é.

R – Porque é a ideia que eu tenho, portanto, a nível de, a nível aqui no meu trabalho nós, pronto, essas três qualidades que eu pus dinâmicas, activas e polivalentes é aquilo que eu sinto. Nós temos pouco tempo para nós, o tempo que temos é sempre de bastante trabalho junto com as crianças e pronto, a nível de polivalentes também sabemos fazer de tudo um pouco, aqui também damos educação física, damos catequese, música, a nível de expressão

plástica, portanto, sabemos fazer um pouco de tudo. Relativamente às outras educadoras aquilo que eu sinto é que muitas vezes elas não são tão esforçadas quanto, nós, portanto isso aí é a parte do elas.

E em conversas que tenho com outras pessoas também que tiraram o curso comigo o trabalho não é tão pesado entre aspas quanto eu sinto que é aqui, por isso é que lhe dei estas três respostas.

Q – Também se aplica a si, o significado mantém-se ou altera-se quando aplicado a si e ao grupo?

R – Sim é o mesmo.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem activas?

R – São pessoas que trabalham activamente, que também não se deixam encostar, que têm sempre algo para fazer.

Q – Também se aplica a si, é positiva e essencial, quando se aplica a si o significado altera-se ou mantém-se?

R – Mantém-se.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa com alguma responsabilidade?

R – Acho que as responsabilidades, portanto, as outras educadoras do privado acho que elas também têm responsabilidades, se calhar o que sinto aqui acho que tenho muito mais responsabilidades propriamente eu, do que propriamente em conversas que tenho com colegas, as responsabilidades não são tão grandes quanto aqui.

Q – Portanto o que significa a grande responsabilidade?

R – A grande responsabilidade significa, ser responsável em relação a tudo, em relação à sala, em relação às crianças, em relação aos almoços, em relação aos passeios que a gente faça, portanto nós temos aquele grupo somos responsáveis por aquele, não só por aquele por exemplo nós agora estamos com festa de final de ano e eu sou a responsável pelas roupa, eu sou responsável por tudo o que seja acessórios, quer dizer há muita carga de responsabilidade e enquanto que sinto que outras colegas minhas a carga de responsabilidade é apenas com um grupo e com a sala e o resto tratam as outras pessoas, nós aqui não, a nossa responsabilidade é muito mais acrescida do que das outras colegas. Por isso é que esta característica não se aplica a mim.

(B10)

Q – É educadora do sector privado. Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem polivalentes?

R – É podermos estar a fazer um pouco de tudo.

Q – Também se aplica a si o significado é o mesmo?

R – Sim.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem responsáveis?

R – É ter consciência do trabalho que estamos a desempenhar tendo em conta que estamos a trabalhar em função das crianças e da aprendizagem e do crescimento delas.

Q – Também é uma unidade que se aplica muito a si, é uma característica essencial, o significado altera-se ou é o mesmo?

R – Não é o mesmo.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que estruturam as relações de trabalho das instituições.	b) RELAÇÃO ENTRE COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem bem dispostas?

R – Eu sou muito bem disposta e pronto acho que se aplica-se muito a mim, porque eu adoro o que faço e com as crianças sou sempre feliz.

Q – Acha que esta característica também se aplica a outras educadoras do sector privado?

R – A algumas sim, claro.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem solidárias?

R – Solidárias também se aplica um bocado ao mim, sempre a pensar nos outros e raro a pensar em mim, depois tenho que pensar em mim, é por isso que eu digo que tenho que mudar um bocado a minha forma de estar, às vezes é melhor ficar calada e ficar num cantinho do que assumir e há lutas que depois não dão em nada, só eu é que quando chego a casa sofro muito, sofro muito.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras dos sector privado o que significa serem alegres?

R – Acho que andamos sempre um bocadinho com cara bem disposta, embora, eu acho, sinto isso, que os problemas ficam um bocadinho fora da porta, o que não diz respeito aqui à instituição, ao Jardim de Infância, acho que as pessoas tentam dar uma postura alegre para não, para as crianças não se aperceberem, porque elas percebem-se muito das nossas tristezas e do nosso nervosismo e dessas coisas não é? E manter uma postura alegre acho muito importante.

Q – Acha que é esta alegria é mesmo fundamental na profissão?

R – Acho, acho que sim, por isso é que o ser alegre se aplica muito a mim.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras dos sector privado o que significa serem comunicativas?

R – Comunicativa, ora bem, as educadoras, acho que trabalhar num Jardim, numa instituição com crianças, com pessoas, não é estar a trabalhar sozinho, portanto é preciso haver boa relação, ligação entre nós, é muito importante dizer vou fazer isto ou aquilo, queres ajudar a fazer isto, ou precisas de fazer aquilo. É importante haver uma troca de formação. Nós às vezes falha-nos uma ideia, aí não sei o quê fazer para a prenda do pai ou mãe, lembras-te de alguma coisa, a comunicação é importante entre por nós.

Q – Aplica-se muito a si, quando aplicada muito a si o significado mantém-se?

R – Sim.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo do sector privado o que significa serem alegres?

R – É o grupo com quem eu me identifico. São as pessoas alegres, bem dispostas, brincamos muito com as situações, independente de nós, educadoras, brincamos com as

situações se calhar de adultos, não é? Mas tentamos sempre manter aquela ambiente de boa disposição.

Q – Também se aplica a si e aplica-se muito, é o mesmo o significado?

R – Sim, eu já por mim tenho uma expressão de alegria.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser originais, educadoras originais?

R – Eu penso que isso já respondi na outra parte, não é?

Q – Existe alguma diferença em relação ao grupo ou em relação a si já que considera uma das características essenciais?

R – Eu procuro ser original, não aquele original por ser diferente, de dar nas vistas ou já mudei tantas vezes por ligar ao grupo: tu devias ser assim e tu devias ser assado e tu devias mandar mais, porque tu devias mandar menos, acabei por dizer assim, eu tenho que ser como eu sou não é e eu sou uma pessoa original como qualquer uma das pessoas, eu acho que qualquer um é um ser original e é igual ao próprio é nesse sentido.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem alegres?

R – Tem que ser alegres, como tanto algumas do público, quando me referi aí às do privado, é porque se calhar se não somos muito, temos alguém se calhar a chamar-nos atenção e a dizer há muito tempo que já não te ouço cantar, ou o que é que se passa e pronto já se sabe que há educadoras com mais jeito para o teatro, outras para a expressão plástica, outras para outras coisas, mas eu acho que a nível de Jardim as canções, as musica e o divertimento é uma coisa que devia estar sempre presente.

Q – Quando se aplica a si altera o significado ou mantém-se?

R – Não mantém-se.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser conflituosas?

R – Pronto, porque se as pessoas fossem mais sinceras e mais unidas, se calhar, haviam conflitos que nem sequer surgiam, acabavam por se resolver, não é, porque embora cada uma tenha a sua opinião e discorda que há sempre, não é, onde há muita mulher é sempre um meio confuso, e de facto as pessoas às vezes, o facto de não omitirem opiniões e se porem um bocadinho à margem, isso só por essa atitude já é conflituoso, não é, e as pessoas não gostam e depois surgem conflitos se calhar que às vezes até eram escusados de aparecer.

Q – Não se aplica a si, também a considera desfavorável, em que é que é diferente?

R – Não, pelo facto de as pessoas serem pouco sinceras, não é, não tentarem resolver os problemas logo na hora, não omitirem a sua opinião, porque eu posso-me dar muito bem com uma pessoa e ter opinião diferente, não quer dizer que eu tenha que dizer que sim a tudo que essa pessoa diga.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser grupo?

R – O grupo significa um bocadinho o significado da equipa, quando há cooperação e se calhar também não sei se respondi o significado um bocadinho pejorativo em que há dentro de um grupo, há pequenos grupos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – É diferente, aplica-se a mim enquanto grupo de trabalho, grupo equipa, grupo cooperação, não se aplica a mim enquanto grupo de trabalho não misturo com trabalho com amizade, convívio pronto a palavra trabalho é trabalho e nesta instituição mistura-me

muitas as coisas onde resulta muitas situações de injustiça, de imparcialidade, de falta de coerência, é uma instituição muito grande com trinta e tal pessoas a trabalhar e portanto há muitas situações que realmente não são geridas com imparcialidade e com a justiça porque dentro do grande grupo de funcionários há pequenos grupos, há centros de interesse e de motivações diferentes.

Q – Às vezes diversidade é boa ?

R – A diversidade é ótima desde que haja unidade na diversidade.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa desiguais em opiniões?

R – Exactamente isso, valorizar-mos os contextos diferentes e portanto e ideias diferentes o que é ótimo, mau era se toda a gente tivesse a mesma opinião, mas mau é quando uma opinião prevalece e vai ser assim concordem as restantes vinte ou não.

Q – Esta unidade aplica-se a si em médio termo?

R – Sim, porque tenho opiniões diferentes dos outros, acho que toda a gente tem não é?

(B8)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa ser cooperantes?

R – Haver inter-ajuda, cooperar com tudo, haver inter-ajuda.

Q – Quando se aplica a si, tem o mesmo significado?

R – Tem claro que tem.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa ser atenciosas?

R – É não precisar que ao verem que a colega está atrapalhada, e que a olha tu precisas, olha como é que vamos fazer isto, como é que, o que é que está mal.

Q – Quando se aplica a si tem muita importância para si?

R – Claro.

Q – É essencial, positiva, o significado é o mesmo ou é diferente?

R – É o mesmo, é o mesmo.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa ser bem dispostas?

R – Bem dispostas e alegres, no fundo é ter boa disposição é não haver nada que prejudique, que uma pessoa faça menos bem e já fica ali desmotivada, é uma boa disposição que nem sempre acontece.

Q – Muda ligeiramente o significado quando se aplica a si ou não?

R – Depende as situações, há situações que sim e há situações que não.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa ser alegres?

R – Alegres, o significado que tem para mim ser alegres, isso é assim, é uma coisa que é um bocadinho complicado o alegres ... sim tem a ver realmente tem a ver com o ser bem dispostas, atenciosas, cooperante, com essas coisinhas todas, tem a ver é isso, esse conjunto é que vai fazer vai dar lugar a alegres.

Q – Aplica-se a si muito, acha que é uma característica essencial quando se aplica a si tem algum significado diferente ou é o mesmo, quando se aplica ao grupo?

R – É o mesmo.

(B9)

Q – Ainda neste grupo do sector privado o que significa ser dinâmicas?

R – Nunca parar, sempre pronta para avançar.

Q – Está a pensar em alguém, nalgumas situações específicas?

R – Sim, sim, sim.

Q – Um exemplo de dinamismo no grupo?

R – Há sim, claro que estou a pensar, claro não vou dizer o nome. Uma colega que eu acho que é super alegre é super dinâmica, é cooperante portanto é isso, é uma colega que eu acho que tem essas características, que eu aprecio imenso, que é preciso mesmo não sei como que ela tem sempre essas características, mas que é certo que consegue te-las e transmiti-las também muito bem, só quem não as quiser aproveitar.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector privado o que significa ser cooperantes?

R – Cooperante que está pronta para ajudar.

Q – Quando se aplica a si, o significado é o mesmo?

R – É o mesmo.

Q – Por ex. uma situação que goste de cooperar com os outros?

R – No que eles quiserem, no que eles precisarem, que eu veja, que por exemplo, estar a fazer uma actividade, imagine; estar numa roda, estar a fazer uma actividade e porque o grupo não está tão interessado, tão motivado, eu claro na altura não digo nada mas depois quando tiver oportunidade falo e digo: olha que isto se calhar devias fazer assim, olha o que é que achas, olha eu fiz assim e deu resultado ou fiz assim e também não deu resultado e se acharmos que entre as duas vamos ver qual é a melhor solução acho que isso é cooperar.

Q – Aplica-se a si o significado é o mesmo ?

R – Claro e é essencial tanto na vida pessoal como profissional.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem interessadas?

R – Interessadas que também se interessam, enquanto que nós aqui se tivermos alguma dúvida somos interessadas, estamos interessadas e perguntamos, somos capazes de perguntas às colegas: olha sabes como é que se faz isto? Como é que se faz que eu já não me lembro? Mostramos interesse em saber, em aprender, penso que as minhas colegas também do sector privado, outras colegas também se mostram interessadas também em saber mais.

Q – Por isso que considera uma característica que as aplica muito a si, positiva e essencial?

R – Sim, sim acho que é essencial porque acho que primeiro acho que devemos estar sempre actualizadas, quando existe algo de também não sou perfeita, também não sei tudo há coisas que não sei, há coisas que já soube entretanto esqueci, acho que é fundamental as pessoas perguntarem, terem a humildade de dizer olha eu já esqueci como é que se faz, lembras-te, ou demonstrar interesse em saber coisas que outras pessoas sabem, têm conhecimento e eu não tenho, acho que isso se aplica tanto a mim, tanto como a outras colegas de trabalho.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem pouco disponíveis?

R – É as pessoas só estarem, querem fazer só aquilo que lhe diz respeito e não querem entrar no trabalho das outras e vai sempre a mesma coisa não é, acaba sempre por ser a mesma coisa.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Sou, pronto também tenho disponibilidade de tempo para isso mas eu como normalmente em vez de trabalhar seis horas por dia trabalho doze, onze também tenho tempo para isso não é, mas tenho sempre que fazer não estou aqui por estar não é? Trabalho muito mais horas, não porque me é imposto não é, porque eu só tenho que trabalhar seis horas por dia só que acumulo duas funções e o tempo não me chega para fazer tudo portanto tenho que ter mais disponibilidade para estar aqui porque senão consigo abarcar tudo e fazer tudo não é, para além não são só as horas que estão aqui porque em casa também é preciso trabalhar para aqui porque não chega.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem pouco interessadas?

R – Pouco interessadas pronto, as pessoas é quase a mesma coisa quer dizer é não estarem, é só se preocuparem com o seu trabalho da sua sala, dentro das suas quatro paredes, só o seu grupo e não com os outros grupos e com as restantes colegas.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Claro tenho que em interessar duma maneira geral por tudo, tenho que me interessar mesmo até pelas funções que exerço aqui na instituição.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem desorganizadas?

R – É não terem método de trabalho por vezes, é querer fazer as coisas e não pronto mesmo por falta de método começam a fazer uma coisa depois passam a outra e não conseguem dar seguimento e depois acabam por perder o fio à meada e as coisas não ficam feitas e mesmo em questão de tempo acabam por não fazerem as coisas dentro dos timing que lhes é pedido, mesmo essa desorganização.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não porque já disse que sou muito organizada.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “ Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que estruturam as relações de trabalho das instituições.	c) RELAÇÃO COM A DIRECÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às atitudes da direcção em relação às educadoras.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem muito disponíveis?

R – Pronto, é assim, há sempre aquelas pessoas que têm mais facilidade ou porque não têm muitos encargos, ou porque não têm filhos, e estão sempre disponíveis e são capazes de prolongar a sua, as suas horas de trabalho ou não, e que às vezes podem parecer uma imagem que não corresponde à verdade, porque eu posso estar aqui no meu horário de trabalho das nove às quatro e meia e fazer muito mais do que uma pessoa que esteja por exemplo das nove às seis, não é? Só o facto de estar aqui poderá eventualmente estar encostado ou estar a conversar, mas está cá, ou porque não, não tem pressa de ir embora. E eu de facto tenho consciência que dentro do meu horário dou o meu máximo, vou de consciência tranquila porque faço o meu melhor e tento sempre exercer um bom papel de educadora, só que também tenho consciência que há minha horinha de trabalho que gosto de me ir embora, e que, pronto, que, exacto, deixo sempre aqui na instituição, às vezes me pediam para ficar ou porque não sei o quê, e eu na hora não consigo resolver e não consigo dizer tudo bem eu vou ficar. Realmente quando me pedem essa disponibilidade eu tenho que estar a contar não é, e pedirem-me que é para eu tentar também resolver, porque eu saio daqui, vou buscar a minha filha, e pronto, e depois tenho que ir buscar o meu filho, e depois não sei o quê, pronto e há pessoas que têm mais disponibilidade, podem ficar com outra imagem, não é, quando às vezes não corresponde de todo à verdade, não é? E eu sei que há pessoas muito mais disponíveis aqui dentro do que eu sou e que às vezes eventualmente poderia ser prejudicada ou não pelo facto de não o ser, não é? Porque às vezes surge um imprevisto, alguém se vai embora, não há ninguém para o final de tarde ou não sei o quê, podes ficar, e eu digo assim, não, quer dizer, como é que eu vou ficar, não consigo, não sei o quê. Mas se calhar se as coisas forem tratadas com antecedência consigo, mas pronto.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem disponíveis?

R – Pronto é estarem sempre participativas, participarem em todo o trabalho que se faça seja entre o horário de trabalho ou seja fora do horário de trabalho.

Q – Também se aplica a si muito, é uma característica essencial, significa o mesmo ou ser disponível para si tem outro significado?

R – Não, significa o mesmo.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa nem sempre coerentes?

R – Exacto nem sempre coerente, não sei o que hei-de dizer, nem sempre coerente porque nem sempre o que gere e o que predomina é a coerência, num ambiente pedagógico de qualidade, há muitas interferências que mexem com este fio condutor, muitas vezes esse

não é o fio condutor principal depois há uma certas influências que chocam com estes aspectos.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, eu procuro ser coerente com o meu trabalho, ser coerente com o meu grupo de trabalho, valorizando aquilo que eu considero mais importante para as minhas crianças e pondo-as sempre em primeiro lugar a elas como seres em crescimento, evolução e em desenvolvimento e não as circunstâncias aparatosas, não é, e envolventes que toda a aparência, entrar numa sala e ver uma salinha com umas lindas cortinas feitas ou uma festinha com os meninos todos em palco, pronto pode transparecer uma aparência que no fundo não é, não é, não significa às vezes uma boa qualidade de trabalho que aparenta.

(B8)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as posições hierárquicas de regalias profissionais.	a) HIERARQUIA DAS INSTITUIÇÕES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as directrizes das direcções em relação ao trabalho desenvolvido com as crianças e também em relação aos direitos profissionais.

Q – Quando se refere ao grupo mal pago dá-me a impressão que já respondeu e significa sem vencimento, não se aplica a si, a Sofia é bem paga?

R – Neste momento não, nem me importava de ver mais alguma coisa mas acho que neste momento não estou mal paga.

R - As condições de trabalho eu não sei se será melhor ou pior eu nunca tive no ensino público portanto não posso referir, eu tenho uma imagem do ensino público que se calhar é errado, agora em relação ao privado e as colegas que eu tenho falado, aquilo que nós sentíamos até há um pouco tempo atrás é que realmente éramos muito mal pagas quer financeiramente, o trabalho até acho que temos boas condições até acho que tínhamos muito boas condições de trabalho mas há muita gente que não tem, no sector privado que não tem condições de trabalho.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa mal informadas?

R – Significa que a maior parte da informação que nos vem ter aqui, mesmo até ... sei lá ... que faz parte do público, nós não sabemos. Eu não sei muito bem como funciona o ensino público, o que é que se faz e penso que há muita informação para nós em relação a sindicatos.

Q – Acha que para si tem o mesmo significado?

R – Isto é muito partilhado, sabemos que fulaninha fez isto ou aquilo mas nós dizemos: a nós ninguém nos disse nada, não sabemos de nada.

Q – É uma característica do grupo profissional do sector privado?

R – Sim.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa mais negligenciadas?

R – Mais esquecidas que o público, eu acho.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem sobrecarregadas?

R – Significa exactamente isso, temos uma série de tarefas que nos sobre carregam, primeiro não sendo correcto a começar pela legislação laboral, porque vai-me obrigar formosamente a ter que levar trabalho para casa, porque a sobrecarga é de tal ordem que eu no meu horário de trabalho não consigo fazer as duas coisas, nenhuma bem feito, estar com as criança e estar a preparar uma série de coisas que me são exigidas e é nesse sentido.

Q – Esta unidade aplica-se a si em grau médio, não é muito favorável, quando aplicado a si altera esse significado ou mantém o mesmo significado do grupo?

R – Não, mantém o mesmo.

(B8)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO	b) ASPIRAÇÕES
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as posições hierárquicas de regalias profissionais.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem quer em relação ao trabalho com as crianças, quer em relação a outras condições de trabalho (salários, férias ...).

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa serem lutadoras?

R – Lutadoras significa serem o que eu tinha referido ao bocado, lutar por lutar sempre para dar o melhor às crianças principalmente.

Q – Esta característica também se aplica muito a si, o significado mantém-se ou altera-se?

R – Sim, sim o significado altera-se um pouco porque eu luto pelas crianças e luto pelos direitos da classe.

Mas é assim eu acho que estou a aprender um bocadinho, tenho que acalmar a minha forma de ser, depois da experiência que tive aqui há uns tempo já há dois meses e não foi boa, foi muito má, porque o que não estava a contar eu estava do lado delas e tudo o que se passava eu, e pronto, cheguei até a fazer cartas por elas para mandar para direcção, fui eu que redigi as cartas para elas mandarem, só que depois uma pessoa chega a uma reunião com as altas instancias e ninguém fala e só eu é que fiquei mal.

É assim, não é que eu esteja arrependida, não é isso que eu estou a dizer, não estou minimamente arrependida, simplesmente fico um bocado desiludida com as pessoas.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa ser esforçadas?

R – É um grupo que se esforça, está começar a esforçar-se primeiro lutar pelo seu direito finalmente, que também não lutava muito e agora está a começar a reivindicar, também houve um certo apoio que permitiu que elas reclamassem.

Q – O facto de serem educadoras muito jovens influenciou?

R – Muito jovens no sindicato também há, o sindicato para o apoio ou a Lei Quadro isto vem tudo dar outra força às educadoras não é, porque as instituições serem obrigadas a pagar o que manda o contracto colectivo de trabalho pronto veio verificar-se esse fosso que havia, mas eu acho que apesar de serem mal pagas as educadoras do privado são muito esforçadas muito, além disso trabalhavam mais horas e festa das salas, festas daqui, pelo menos as que conheço.

Q – Quando se aplica a si, o sentido é alterado ou mantém-se o significado de esforçadas?

R – É mais entre elas, é mais isso, o esforço transforma-se um bocado em vício.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa não usufruirmos das mesmas condições (horário de trabalho, tempo lectivo, não é igual o ordenado)?

R – Não temos as mesmas condições do público.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector privado o que significa prioridades nem sempre valorizáveis?

R – Essas festas, uma aparência de sala com sentido estético e decorativo feito pela educadora em vez de valorizarem o trabalho feito e exposto pelas crianças, muitas coisas das crianças.

Q – Não se aplica a si, em que é que diferente?

R – Se pudesse mudava, aplica-se a mim na medida que sou obrigada a fazer isso, correndo o risco de me submeter à censura, mas só para mudar um bocadinho porque tal com o grupo de crianças de 4 ou 5 anos encher a sala com uma decoração, uma obra prima decorativa minha não, tenho que estar a castrar a criatividade das minhas crianças e não as pôr a render as potencialidades, mas há uma censura.

Q – Mas vale a pena?

R – Vale a pena, se calhar também 16 anos de casa, vão-me dando esse privilégio se tivesse problemas hoje não arriscaria.

(B8)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.^a ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA REDE PÚBLICA VISTA SOB O OLHAR DO SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas educadoras do sector público, direitos e regalias.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS, PAIS E COMUNIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho pedagógico que as educadoras do sector público desenvolvem.

Q – E o que significa no grupo de educadoras do sector público serem dedicadas?

R – Olhe eu por acaso aí pus dedicadas precisamente porque acho que também estava a dar a ideia que elas também não seriam dedicadas e acho que elas também são dedicadas à maneira delas não é, as pessoas, alguns profissionais também, e portanto foi um, um voto amigável que eu pus às colegas, não é, do público porque eu acho que lá também o são, agora acho que nós somos mais precisamente porque seguimos com o grupo, acho que há outro elo, é diferente.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras dos sector público o que significa serem responsáveis?

R – Ao sector público, foi como eu disse à bocado, já referi-me a pessoas que eu conheço. Mas mantém, é da mesma forma que eu já respondi antes, pelas pessoas que eu conheço, por aquilo que eu caracterizei, fui buscar as pessoas que eu conhecia que trabalham no público e identifico-me, também, são responsáveis, muito, muito.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras dos sector público o que significa serem activas?

R – Também, sempre prontas para fazer tudo, para ajudar e para participar.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras dos sector público o que significa serem criativas?

R – Também da mesma forma que eu já falei anteriormente, imaginação, criatividade, sempre prontas para trabalhos. É assim, eu falo em relação a, é como disse à bocado, a um grupo restrito, não é?

Q – Acha que estas características são condição sina qua none para a profissão de educadora de infância?

R – Eu acho que sim. É importante ser responsável, activa, criativa, nós não podemos chegar aqui e cruzar os braços, por muita vontade às vezes que nos dê, num dia ou outro estarmos mais cansados, ou chateadas com qualquer coisa lá em casa, ou, acho, é muito importante nós mantermos a postura, mesmo que lá dentro não estejamos bem, mas exteriormente temos que estar. Afecta-os a eles, muito, muito, muito, muito. Eles sentem muito, eles dão conta do nosso estado de espírito, se nós estamos mais nervosas, eles às vezes também ficam mais agitados.

(B3)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público o que significa serem indisponíveis?

R – Lá está, é que aquilo, eram três e meia, três e meia ou o que for, não sei, tipo vão-se embora. Também falo um bocado pelo que eu ouço das minhas colegas. E acabou, não há

nada, às vezes uma pessoa, quer dizer, eu também se calhar estou a falar um bocado pelo que dizem, porque eu também não tenho assim muito contacto, elas não estarem disponíveis para certas coisas, não é, lá está, se calhar para elas interessa fazer muitos passeios de manhã para de tarde irem embora.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Sim, tento sempre ser. Sempre que posso, lá está, também não vou deixar de fazer certas coisas, não é, também há limites, mas tento sempre ser disponível.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem alegres?

R – Pronto.

Q – É a mesma alegria que exprimiu no sector privado? Ou é uma alegria diferente?

R – É assim, depende, depende, eu acho que também é, acho que influência muito, o caso de elas serem contratadas ou não, é um bocado a situação profissional delas, não é? ... toda a gente, não é, mas acho que sim, devem, acho que sim, que são alegres.

Q – O ser alegre facilita o desenvolvimento do trabalho com a criança?

R – Acho que sim, acho que sim. Uma pessoa que seja muito triste, estar ali com crianças, sinceramente e eu vi não é?! Eu dei-lhes tanta alegria que eles agora, são umas pestes já estão a vir a pensar que quando voltar a pegar noutra vou tentar mudar a minha atitude com o outro não quero passar outros 5 anos iguais a este não é?! Tentar ser muito mais calminha desde bebés, porque desde bebés é diferente, foi um speed todos com eles e agora refere-se os miúdos que ficam comigo desde bebés têm um comportamento completamente acelerado, se calhar tenho que ser mais calminha.

Q – Esta também se aplica a si, aplica-se muito é positivo pela mesma razão de cima?

R – Sim, sim, sim.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa ser estritamente profissionais?

R – Eu vejo-as muito, posso estar enganada, vejo-as muito como professoras do 1.º ciclo, assumem a postura de professoras se calhar por esse grupo que eu vi que eu referi anteriormente não é, porque não conheço.

Q – Acha que elas escolarizam muito mais as crianças?

R – Acho, acho, acho que escolarizam mais, eu acho que sim, mas também é tudo mandado é assim eu custa-me estar a falar disso e na altura custou-me fazer.

Q – Diz que não se aplica a si, portanto dá uma conotação diferente?

R – É, é assim, custa-me falar porque eu não conheço o trabalho do público não é, no concreto, no ouvir elas não fazem nada porque elas têm a vida que querem, porque de manhã os meninos vão para um sítio e de tarde já não vão trabalhar, é assim um bocado o que corre por aí, não é, nós somos influenciadas porque o que corre por aí, enquanto nós temos de manhã o circo e de tarde estamos cá até às 16.30h na mesma, pode ser errado mas a imagem que o sector público tem para as educadoras do privado é o sonho de qualquer uma ir para lá e não fazer o que as educadoras não fazem mas também é aquelas ou é dor de cotovelo não sei.

Q – Portanto não se aplica a si porque a Sofia considera-se, como já referiu anteriormente, uma profissional a cem por cento?

R – Não sou, quer dizer gosto de ser profissional mas deixo-me levar muito também, profissional em termos de educadora sou, sou muito sobretudo aí sim, gosto muito de ser educadora de infância.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem mais “relaxadas” e algumas “menos profissionais”, o que é que isto quer dizer?

R – Quando falo das mais relaxadas é aquela ideia que tenho, que eu acho que não corresponde a todas as pessoas, já vai, não se preocupam se o menino comeu, nem se diz ao pai que não comeu, ou se o menino dormiu ou não dormiu.

Em relação a serem menos profissionais eu noto um certo relaxe: se fizer fiz, se não fazer não fiz ... Acho que se fosse trabalhar para o público acho que não mudava de comportamento, continuava na mesma a trabalhar. Penso que foram tão oprimidas quando trabalharam no particular que quando vão para o público, deram o salto, o salto para a liberdade.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras no sector público o que significa serem desagradáveis?

R – Não terem simpatia, a maneira desagradável que é mesmo assim, a falarem dum grupo, a comparação que fazem dos grupos mas negativa, mesmo se fosse positiva, mas é uma comparação negativa.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu desagradável, desagradável é uma palavra que eu tento não ter no meu dicionário mesmo assim, acho que pronto, desagrada-me é desagradável e desagrada-me.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco activas?

R – A nível de trabalho, não têm um trabalho tão dinâmico como nós, deixam-se estar, acomodam-se um bocado às situações e o trabalho fica um bocado esquecido.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não pelos motivos que já disse.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco criativas?

R – Acho que não há grande interesse em saber mais, acho que acomodam-se um bocado, porque eu acho que o ensino está sempre a mudar, não é, a gente está sempre a aprender, não nos devemos acomodar às situações, portanto, eu sei, eu sei isto, foi assim que eu aprendi, portanto vou fazer assim para o resto da minha vida, acho que não deve ser assim, portanto nós devemos ir mudando conforme as coisas mudam, não é, conforme as situações vão mudando nós também temos que mudar, acho que as pessoas acomodam-se um bocado, depois a criatividade delas já não é tão acentuada se calhar quanto a nossa que estamos constantemente em mudança, há pessoas que se acomodam um bocado, deixam-se levar por aquele ritmo de aprendizagem, foi assim que aprenderam e aquilo vai levá-las até ao fim.

Q – Acha que no sector público há muita acomodação?

R – Acho, acho. Porque não têm ninguém que, eu também acho que as pessoas não precisam de ser mandadas, eu acho que quando as pessoas gostam de fazer as coisas que fazem de livre espontânea vontade, mas acho que há pessoas que trabalham no público que não estão para se matar, que é mesmo isso entre aspas, acomodam-se às situações, é deixar andar, não têm ninguém que chegue à beira delas, que lhes diga, olha, é preciso fazer isto, isto, isto, isto nesta semana, por isso vocês têm que fazer, enquanto nós aqui temos um trabalho excessivo e também temos esse tipo de ordem entre aspas, temos que realmente fazer. Enquanto que no público não há ninguém que exija trabalho, que chegue à sala e que diga assim, olhe isto aqui podia-se mudar, podia-se alterar, quer dizer, as

peessoas têm aquilo ali, e aquilo permanece até ao final do ano lectivo e acho que deve haver mudanças.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pelos motivos que acabei de dizer.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco interessadas.

R – É lá está, é aquilo que eu estava a referir agora mesmo, quer dizer, não, ao fim ao cabo, também não demostram interesse nem vontade de fazer, não é, de trabalhar, aquilo permanece ali e deixa-se ficar ali até ao final do ano porque até nem estou para me cansar para estar a mudar aquilo que está ali tão bem e tão bonito, não é, acho que as coisas têm que ser remodeladas, têm que ser pensadas, têm que ser feitas por eles também, que é importante, acho que no público não acontece isso, portanto aquilo está ali e fica ali até ao final do ano, as pessoas não se cansam, porque nem têm ninguém que chegue à beira delas e que diga, ai aquilo já está ali há tanto tempo, mais vale mudar, faz-se outra coisa com as crianças ou, quer dizer, acabam um bocado por se acomodar.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa com pouca “abertura”, em que aspectos?

R – Porque eu acho que na minha maneira de ver, acho que no público as pessoas estão mais acomodadas, pronto talvez porque têm um horário mais curto e não lhes dá para fazer grandes coisas com os meninos porque o tempo é muito mais reduzido é a ideia que nós temos, penso que são um bocado mais acomodadas do que nós, é uma ideia estereotipada mas, como disse anteriormente, mas acho que nós temos, quem está no privado, tem uma carga de trabalho bastante maior do que quem está no público e talvez por isso não sejam, por estarem mais acomodadas aquele tipo de trabalho e se calhar já digo pouco polivalentes se calhar não estão tão dispostas a ser polivalentes como nós somos, que temos que fazer um bocado de tudo não é, desde cozinhar, desde nós temos que fazer um bocadinho de tudo, tanto limpezas, de sala não nos cabe a nós mas muitas vezes nestes sítios à muita pouca gente de limpeza e se não formos nós a fazer também não há ninguém para as fazer.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não se aplica porque sou uma pessoa aberta, com muita abertura até pela própria experiência e pelas funções que exerço.

(B11)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.^a ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA REDE PÚBLICA VISTA SOB O OLHAR DO SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas educadoras do sector público, direitos e regalias.	b) DIREITOS PROFISSIONAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à luta e aos direitos adquiridos.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa lutar pelos seus direitos?

R- Tão sempre ali em cima do acontecimento, não deixam passar nada acho que isso é, eu sou um bocado assim aqui nesta casa sou um bocado, sou a mais velha da casa e portanto pela minha maneira de ser não gosto de deixar passar determinadas coisas e quando acho que as coisas não estão bem ou quando não me manifeste não é. O lutar acho que toda a gente deve lutar independente de ser a mais antiga ou a mais nova porque se as pessoas acham que é assim, se realmente acreditam naquilo em que dizem que devem manifestar-se, não há que ter medo, porque se as pessoas também não falam as outras pessoas também não sabem o mau estar.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem unidas?

R – Público. Eu acho que aí é, pronto, estão todas a trabalhar para o mesmo não é, é do género de estarem todas com a mesma equiparação, com os mesmo direitos e quando há alguma coisa fazem aquelas grevezinhas e tentam sempre fazer, é mais nesse sentido de unidas.

Q – Mais em termos de carreira?

R – É mais em, sim. Aliás porque eu também tenho consciência acho eu, não sei se é assim, mas há escolas no público, às vezes só está lá uma, não é, não dá muito para ter, numa instituição privada há sempre muito mais pessoal, não é? Pronto, a união proporciona-se muito mais, aí não, porque às vezes estão uma não sei a onde, depois está outra.

Q – Portanto aplica a si, o significado aqui o unidas, é capaz de ser diferente?

R – Sim, aí é, a nível de pessoas embora nós aqui estamos mais, também a nível de carreira já não somos tão tá tá. Portanto, há sempre uma que lidera, não é, normalmente é sempre a mais antiga que tenta sempre e depois as outras vão atrás a ganhar mais força. Pela carreira também aqui já estamos mais unidas.

Q – Assim um exemplo do que têm feito que mostre essa união na carreira?

R – Olhe, temos tentado sempre que sai algum contrato, alguma coisa, vamos ao sindicato, tentamos, depois chegamos aqui e mostramos como é que as coisas são, não é, porque normalmente a entidade patronal nunca sabe de nada ou sabe mais tarde, não é, os papeis que nos chegam a nós, que nós agora já somos sindicalizadas não chegam a eles e deviam de chegar e depois chegamos nós vamos lá e eles já receberam isto e depois dizem que não receberam nada, pronto, e nós agora falamos olha já saiu isto de novo ou, percebe? Pronto, é mais dentro dessa união, não é, porque, já não deixamos as coisas passar assim.

Q – Acha que essa assimetria que existe entre o público e o privado deverá também existir em termos de carreira?

R – Não, eu acho que não, não é, acho que não, claro. Só posso dizer isso, porque somos todas iguais, umas desempenham num sector, outras desempenham noutro.

(B7)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA REDE PÚBLICA VISTA SOB O OLHAR DO SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas educadoras do sector público, direitos e regalias.	c) REGALIAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que os sujeitos do sector privado lhe atribuem como vantagens de estar no sector público.

Q - Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem sortudas?

R – Esse sortudo era aquilo que eu me estava a referir atrás. Sortudas não, só vejo sortudas nesse aspecto, salário, salário, férias e eu disse outra coisa, há as possibilidades de acções de formações que elas têm e que acho que são umas sortudas mesmo, porque em relação a outros aspectos e em relação ao grupo, em relação até ao estar longe não acho que sejam portanto sortuda aí, exclusivamente a estas três características.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem interesseiras?

R – Que é isso, é ser por créditos, só lhes interessa subir na carreira e sei o que muitas vezes deixam coisas muito importantes para trás, isso não quer dizer que isso seja importante, porque isso dá dinheiro e toda a gente gosta de dinheiro como eu gosto e como eu preciso é evidente, mas acho que é assim: uma educadora para ter que se esquecer alguns minutos desse interesse e pensar um bocado na responsabilidade que tem e que está com crianças, está com seres humanos, não está com papéis. Eu costumo dizer que a nossa profissão é espectacular nesse sentido mas também cansativa por outro não é, porque uma pessoa que está com papéis ou computadores encosta um bocadinho e vai fumar um cigarro e vai não sei o quê, e vai apanhar ar, tomar um café e nós não, pronto há pessoas de muitas profissões e os amigos dizem: tu tens um horário que ninguém tem, não é, e eu costumo dizer se nós temos esse horário por alguma razão é, não é, porque vocês podem, parou, vão dar uma volta e nós não, temos que estar sempre, sempre, sempre, sempre para as crianças porque eles também estão sempre a solicitar, não é?, nós não podemos dizer olha: esperas aí um bocadinho que eu vou lá fora, quer dizer isso não pode ser.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem cumpridoras de horários?

R – Chega aquela hora e vão se embora, deixam as coisas como estiverem.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Nós não, pelo menos falo por mim, saio daqui tardissimo quando é agora, quando foi os finalistas saí daqui uma semana às 8h da noite quer dizer e ninguém me paga isso não é, só que eu sou muito perfeccionista e gosto das coisas muito direitinhas e que saiam bem e que saiam bonitas e pronto, então dá-me mais trabalho.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa ser educadoras em part. time?

R – É quando me refiro que trabalham de manhã se forem a qualquer lado, já não trabalham de tarde, têm outra facilidade.

Q – Esta unidade também não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Trabalho muitas horas, neste momento não, estou nas aulas, mas é um esforço muito grande.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa ser “senhoras”, penso que já disse anteriormente, mas significa senhoras no sentido de?

R – É senhoras professoras, como eu via a minha professora eu acho que os pais vêm as senhoras professoras, a senhora professora isto senhora professora aquilo e no infantário ou no Jardim já não, no público é senhora educadora enquanto no privado eu já ouço o nome, pode ser uma ideia errada que eu tenho, mas é um bocado as senhoras, mantém a distância, o estatuto e nós somos muito mais terra à terra, mais próximas dos pais.

Q – Acha que o facto de chamarem senhoras educadoras ou chamar pelo nome cria distância?

R – Eu acho que cria, se calhar também é mais respeito não sei para alguns, mas acho que cria uma distância e que eu penso que é prejudicial para os meninos, porque se eles nos chamam pelo nome não é, não chamam senhora educadora enquanto na escola primária já chama senhora professora também, eu nunca soube entender isso, custa-me a entender que passado, que eles saem em Julho em Setembro, estão a chamar senhora professora a uma pessoa que para eles é a figura, deveria ser a mesma que os deixou em Julho e muda completamente para eles próprios não é, muda o estatuto, é senhora professora isto, tem que dar um licença para ir não sei, e eles também pedem para ir à casa de banho pedem isto, pedem aquilo mas acho que é uma mudança muito grande a nível de identidades e de professoras e de educadoras, acho que há interesses.

(B5)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa têm outro tipo de condições?

R – Por ex. o ordenado.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa não são tão pressionadas pelos superiores?

R – Nós aqui por ex. com a festa de fim do ano, a Mesária que nem sequer é nossa directora, quer e exige uma festa de fim de ano, nesta altura do campeonato em que nós estamos muito cansadas e que vai haver uma festa de finalistas e inclusive temos crianças a entrar na festa de finalistas e na festa de fim de ano. Nós sugerimos um piquenique que é uma coisa muito mais leve e não tínhamos que pôr meninos em palco, tirar meninos, fazer adereços, que é muito complicado. Isto é uma exigência da direcção que é composta por pessoas já de idade, que não vêm aqui ao infantário ver o pessoal, se calhar até passam por mim na rua e nem me conhecem, e exigem uma festa e nós temos que a fazer.

(B6)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem acomodadas?

R – Isso tem a ver com aquilo que eu disse, com a consciência de cada um, eu acho que no público como não têm um controle assim tão grande e cada uma é um bocado senhora de si e da sua sala, eu acho que têm muito mais autonomia do que uma educadora do privado.

Q – E acha que pelo facto de terem mais autonomia se acomodam mais?

R – Poderão, isso tem a ver com a consciência, não é, mas poderão acomodar-se porque se estiverem-se a acomodar não têm assim ninguém a bater no ombro e dizer: menina está na hora de começares a fazer alguma coisa, ou já chega, não é? E enquanto nós aqui é um bocado, há sempre uma colega, há sempre muitas comparações, há sempre uma colega que

faz mais e depois não é, temos um ritmo de trabalho, convém estarmos todas mais ou menos iguais, não é, senão começa, há comparações, não é?

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem autoritárias?

R – Eu acho que só pelo facto de estarem, de terem essa tal autonomia e serem um bocado senhoras, donas de si próprias, não é, conseguem exercer esse tal autoritarismo, só pelo facto de decidirem coisas sem terem que dar muito cavaco a alguém penso eu, eu nunca trabalhei e é isto, é a imagem que eu tenho. Nós aqui, eu para tomar alguma decisão, tenho que, temos um grupo de educadoras e tem que se calhar pedir à coordenadora se posso fazer determinada coisa, se acha bem, quer dizer, eu aqui estou um bocado limitada, não consigo, não é autoritária em relação ao grupo de crianças, não era isso que eu estava a referir, este autoritário era mais em termos de autonomia.

(B7)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa têm opções?

R – Penso que é essa liberdade que têm e essa hierarquia de valores diferentes, que realmente penso que se centra muito mais num trabalho pedagógico da crianças do que naquelas imagem de aparência que tenta transmitir aos pais, porque não têm esse tipo de iniciativas que valorizam esses aspectos e aquilo que fazem, penso que é um pouco a ideia que eu tenho, penso que aquilo que fazem tem o abono primário e valorizar a criança enquanto criança e não o aparato, conceito do Jardim tal, no concelho comparativamente ao Jardins envolventes é a ideia que eu tenho.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Eu tenho opções se pudesse aplicava.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa terem oportunidades?

R – Significa exactamente isso, poder escolher, poder optar, e não lhes ser imposto determinadas regras e exigências.

Q – Também não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, sinto a falta desse espaço.

(B8)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa terem escolha?

R – Significa isso, terem a possibilidade, são livres têm a possibilidade de escolha não é, escolha, escolha enquanto que eu por exemplo numa instituição particular não tenho possibilidade de escolha não é, eu não posso escolher o material, não posso escolher a actividade pedagógica, se não escolheria estar a trabalhar com as minhas crianças, estar a primar na vivência dum projecto directamente com elas, sem ter que estar envolvida numa festa para, portanto não posso escolher, significa mesmo essa possibilidade de escolher, gerir, os meios e os tempos com alguma opção de escolha.

Q – Não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, pelos motivos que acabei de dizer.

(B8)

Sistema Categorical – Grupo de pertença “Educadora do sector privado”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA REDE PÚBLICA VISTA SOB O OLHAR DO SECTOR PRIVADO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas educadoras do sector público, direitos e regalias.	d) LIGAÇÃO ENTRE OS DOIS SECTORES: PÚBLICO E PRIVADO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam quer vontades, quer oposições que existem entre os dois sectores.

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa não trabalham tanto?

R – Têm um horário mais reduzido e têm mais férias.

Q – Isto não se aplica a si, e agora eu pergunto, qual é o seu horário?

R – Das 9h às 4h30.

Q – E as férias?

R – As férias temos só em Agosto um mês, depois temos, esta instituição por acaso permite, que na páscoa e no natal tenhamos uma semana, só que é assim, a semana que ficamos cá para as outras colegas irem como ao contrario é desgastaste, é horrível, é horrível.

(B2)

Q – Quando pensa no grupo de educadoras do sector público, o que significa serem arrogantes?

R – Quando eu falo, é um bocado aquela diferenciação que se faz entre as educadoras do privado com as do público. São as suas senhoras, não é, nós, é aquelas confusões da, como é que é, da componente lectiva e não lectiva e não sei o quê, é aquela diferenciação que eu acho que existe muito. Aquela arrogância. Quer dizer, se calhar hoje em dia já está, como eu já disse, acho que está a mudar um bocado essa imagem, porque já tem aí colegas no público e já pude contactar com outro tipo de colegas, não é? Mas se calhar, também posso estar a confundir um bocado as professoras primárias com as educadoras, porque essas eu acho que, embora lá está, mas também já estou a contactar, já contactei com educadoras, professoras primárias talvez mais da minha geração, e se calhar já é diferente, é já completamente diferente a imagem que eu tenho delas com as outras colegas mais velhas.

Q – Esta unidade não se aplica a si, em que é que é diferente?

R – Não, não, não, não, não.

(B4)

Q – Quando pensa no grupo do sector público o que significa ser pretensiosas?

R – Isso é muito fácil eu também acho que é, pretensiosas acho que tem um certo, aquela ... bocado essa mania eu sou a melhor, eu sou boa social, eu pronto estou num estatuto diferente do vosso.

Q – Acha que as educadoras do público têm um estatuto diferente?

R – Não, não diferente quer dizer, estatuto só se for assim; comparado como tenho comparado acho que são diferentes, não são tão levadas como se fazem.

Q – Acha que há muita diferença entre o público e o privado?

R – Eu acho que nem todas são assim, tenho a certeza que nem todas são assim porque as pessoas não são todas iguais, ainda bem que não são todas iguais, mas eu falo aí é das 3 colegas que conheço portanto não generalizo o sector público.

Q – Não se aplica a si em que é que é diferente?

R – Não, não me sinto mais ativa que as outras educadoras. Sinto-me às vezes é diferente por coisas que vejo, que ouço.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem orgulhosas?

R – É não admitirem que, que também podem aprender com o sector privado.

Q – Acha que não admitem?

R – No grupo particular que eu conheço, não.

Q – E explicam porquê?

R – Porque dizem que no privado é um curso que se paga, começa por aí, e então se é um curso que se paga é mais facilitado, curso em si, profissão, que é um curso que se paga e portanto é mais facilitado, o que não é verdade.

(B9)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco disponíveis?

R – Em relação ao sector público já disse a bocado, quer dizer não tenho um grande conhecimento, se calhar será porque já há ideias que já estão estereotipadas e preconcebidas, que uma pessoa vai um bocado nessa onda e acaba por falar assim, mas eu ao dizer pouco disponíveis é das pessoas que eu conheço e que pude lidar, é que uma pessoa pronto há situações, vivem-se situações completamente diferentes no público e no privado e muitas vezes uma pessoa quer saber porque se interessa em saber como é que está a passar porque mesmo em termos comparativos e as pessoas não têm um bocadinho de tempo para nós. Estou a falar isto numa situação em particular portanto para estar connosco e para falar, para partilharmos ideias e conhecimentos pronto não se generaliza não é, porque não conheço muita gente do público.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa serem pouco polivalentes?

R – A ideia que eu tenho é que no público a educadora faz o trabalhinho com os meninos e pouco mais faz do que isso, quer dizer porque pronto chega a aquela horinha, a maioria chega às 15:15h ou 15:30h sai vai à sua vida quer dizer não tem, não acho que sejam pessoas que fiquem mais tempo com os seus meninos de maneira geral não é, é claro que à excepções como em tudo, mas possam ficar mais com eles, vão como eles arranja-los para eles irem embora à casa de banho para os pentear para o lavar, a ideia que eu tenho não é, que não fazem isso, eu tenho ideia daquela pessoa que faz o seu trabalhinho e faz não é quem faz, mas de uma maneira geral depois disso não sai muito dali quer dizer, mesmo dar o almoço, porque não dão o almoço, a maioria das educadoras não dão almoço no público não é, não dão almoço não partilham esses momentos, nós partilhamos, nós damos almoço, nós mudamos fraldas nós lavamos meninos quando eles se sujam por vezes é aí que eu falo na polivalência das tarefas, para além das limpezas que se acontecer nós estamos na sala quando um vira um frasco nós temos que limpar porque as empregas também não estão, porque à uma empregada de limpeza para um sector enorme que não vem e que não está logo disponível para vir e temos que ser nós senão ficamos lá o dia todo.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo das educadoras do sector público o que significa com pouca “abertura”, em que aspectos?

R – Porque eu acho que na minha maneira de ver, acho que no público as pessoas estão mais acomodadas, pronto talvez porque têm um horário mais curto e não lhes dá para fazer grandes coisas com os meninos porque o tempo é muito mais reduzido é a ideia que nós

temos, penso que são um bocado mais acomodadas do que nós, é uma ideia estereotipada mas, como disse anteriormente, mas acho que nós temos, quem está no privado, tem uma carga de trabalho bastante maior do que quem está no público e talvez por isso não sejam, por estarem mais acomodadas aquele tipo de trabalho e se calhar já digo pouco polivalentes se calhar não estão tão dispostas a ser polivalentes como nós somos, que temos que fazer um bocado de tudo não é, desde cozinhar, desde nós temos que fazer um bocadinho de tudo, tanto limpezas, de sala não nos cabe a nós mas muitas vezes nestes sítios à muita pouca gente de limpeza e se não formos nós a fazer também não há ninguém para as fazer.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
I.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	a) PERSPECTIVAS SOBRE AS INSTALAÇÕES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que revelam quer os aspectos positivos, quer os aspectos negativos que influenciam a formação.

Q – Agora instalações novas e adequadas?

R – Pronto o meu curso foi o terceiro ano, portanto o terceiro curso e era uma escola acabada de construir.

Q – É esta onde estamos?

R – Exactamente, é esta mesmo, ainda havia muita, pronto, estava tudo novinho e era agradável sem dúvida, as coisas novas dão um aspecto agradável e bem cuidado, pronto era, pronto, e isso vai de encontro aos funcionários, portanto pessoas competentes e que realmente zelavam pelas instalações.

Q – As instalações também têm impacto na formação inicial?

R – Um peso muito grande, eu acho, eu pessoalmente sou muito impressionável na limpeza, na organização, no arranjo, na aparência física, no trato, eu acho que é importantíssimo, porque a imagem que nós damos aos meninos também é muito importante e eu faço um esforço grande, mesmo quando vou trabalhar para ter uma apresentação cuidada, de falar sobre regras de higiene, quando é necessário logicamente, sobre apresentação, portanto trabalhamos muitas vezes esses temas porque acho importantíssimo, fazem parte da formação de qualquer um, exactamente, sem dúvida.

(A1)

Q – Quando pensa na escola de formação inicial no que teve de pior disse que foram instalações deficitárias, penso que já explicou, não sei se quer acrescentar alguma coisa?

R – Acho que já expliquei para trás.

R – Estava a falar da estrutura do curso em si, as instalações tinham que ser divididas com a formação de professores do primeiro ciclo. As instalações já estavam muito degradadas a nível de ginásios onde nós fazíamos a expressão dramática não tinha espaço nenhum, tínhamos que dividir o espaço com outros cursos não é?! E acho que não era o espaço adequado.

(A2)

Q – Quando pensa na escola de formação inicial no que teve de pior disse que havia pouca organização, em que aspectos?

R – Era isso tanto nas instalações como nos próprios professores, acho que havia, não estava bem organizado os programas, as formas de os dar e depois às vezes havia uma certa má organização mesmo de pessoas nas salas, talvez porque houvesse pouco espaço, havia mesmo desorganização.

(A2)

Q – Agora quando fala no que a sua escola de formação inicial teve de pior disse que era ser longe de casa o que significa?

R – Na altura eram 130km pelo M. velho, era longe mas acabou por ser muito bom, porque me levou à descoberta de uma zona que eu não conhecia e fiquei apaixonada por Trás-os-Montes.

(A5)

Q – A má aceitação por parte da sociedade local penso que já referimos. As casas de banho e a degradação o que quer dizer?

R – Isso é actualmente a faculdade está com alguns problemas a nível financeiro penso que será o problema geral do país e como tal está a precisar um bocadinho de obras.

(A5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foram as más condições físicas do edifício, penso que já falamos quer acrescentar mais alguma coisa?

R – É das salas grandes, frias e os corredores.

(A7)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi a inexistência de verdadeiros espaços de estudo e lazer, o que significa?

R – Pois, pronto, era só uma salinha, um barzinho onde as pessoas se acumulavam lá, estávamos num género de umas escadas, reuníamo-nos nas escadas, nós tínhamos que andar a pedir salas, a biblioteca muito fria, muito escura e com poucos livros, tínhamos que os comprar ou trocar com outras colegas, a escola assim muito desagradável.

(A7)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial o que significa o espaço físico não adaptado? Já era as faltas de condições da escola, lotação, ou não?

R – Era de pior, eu tive que pôr mais aí alguma coisa, não me chateou muito, era uma escola básica, até tinha uns recantos engraçados lá aquilo mas não eram muito interessantes.

(A8)

Q – Quando se refere à sua escola de formação inicial disse que o que teve de pior foi o fumar nas aulas quer especificar um pouco mais?

R – Estávamos ali intoxicadas, chegava a casa e o meu cabelo só cheirava a tabaco. Lembro-me que éramos todos a fumar, era uma vaga nova da libertação.

(A9)

Q – Acerca das infra-estruturas já falamos?

R – Porque fumar nas aulas, visto agora há vinte e tal anos é desagradável; a pouca liberdade em algumas aulas dos professores conservadores onde o entrar um minuto depois do toque dava direito a sair pela porta fora e já não entrar e não ir à aula. Lembro-me da Psicologia que se a professora chegasse meia hora atrasada tínhamos que esperar por ela, se a gente se atrasasse, depois do toque da campainha, era o fim do mundo. Portanto lembro-me perfeitamente destas situações que são injustas e me ficaram na memória no aspecto negativo; das infra-estruturas era porque era ali no centro da cidade, na parte ruidosa, com muitas escadas com muitas escadas, subíamos, descíamos, era um edifício todo em pedra, um pouco frio, sombrio. Eu acho que as escolas têm que ser um espaço afectivo, bonito, agradável, colorido, confortável cada vez mais nos dias de hoje, e não era, era no sentido frio, distante, sem pavilhão ...

(A9)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa a distância relativamente à minha residência?

R – Eu morava a trinta quilómetros. Era um esforço significativo, porque saía às seis e meia da manhã e chegava a casa às dezanove horas.

(A10)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa estes espaços físicos exíguos?

R – A escola era pequena para os alunos que tinha, não estava preparada para receber tantos alunos, e de apesar de tudo, embora fosse depois acabou com a ESE, existia tudo na

mesma escola, não é, e ao fim ao cabo estávamos todos para o mesmo fim, mas o que acontecia realmente é que a escola não estava preparada para receber tanta gente, e foi num ano em que, entraram bastantes alunos, quer para o curso de primeiro ciclo quer para o curso de educadores de infância, portanto era desconfortável. Nós tínhamos aulas em pavilhões pré-fabricados.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	b) PERSPECTIVAS SOBRE PESSOAL NÃO DOCENTE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as atitudes destes profissionais.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foram os funcionários competentes, o que significa?

R – Pronto, eu quando cheguei à escola superior achei que realmente os funcionários, que eram pessoas muito simpáticas, acho que entediam as nossa necessidades porque já vinham de um outra escola e, pronto, já tinham um conhecimento, vinham da escola normal de educadoras de infância, portanto, eram funcionárias que já conheciam as nossas necessidades em termos de trabalho, em termos de utilização de salas, em termos de.

Q – Esses funcionários está-se a referir a quem propriamente dito?

R – Aos funcionários, portanto auxiliares e mesmo os administrativos também. A maior parte deles eram ainda da antiga escola e portanto acho que estava muito dentro das nossas necessidades e isso é bom, não é?

R – Exactamente, é esta mesmo, ainda havia muita, pronto, estava tudo novinho e era agradável sem dúvida, as coisas novas dão um aspecto agradável e bem cuidado, pronto era, pronto, e isso vai de encontro aos funcionários, portanto pessoas competentes e que realmente zelavam pelas instalações.

(A1)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	c) BIBLIOTECA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que mencionam a importância / ausência deste espaço.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi a falta de livros/investigações relacionadas com as educadoras, o que significa?

R – Tenho essa ideia ainda que vaga, de que quando a gente queria fazer trabalhos ou levantamentos tínhamos que os fazer nós, porque havia muito poucos estudos, ainda hoje isso acontece, relacionados com educadoras de infância, com a educação pré-escolar, portanto nós tínhamos que nos cingir aos trabalhos para o primeiro ciclo ou então ao que há, pronto em termos geral.

(A1)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi a inexistência de verdadeiros espaços de estudo e lazer, o que significa?

R – Pois, pronto, era só uma salinha, um barzinho onde as pessoas se acumulavam lá, estávamos num género de umas escadas, reuníamo-nos nas escadas, não tínhamos que andar a pedir salas, a biblioteca muito fria, muito escura e com poucos livros, tínhamos que os comprar ou trocar com outras colegas, a escola assim muito desagradável.

(A7)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa a falta de equipamento e materiais adequados?

R – Não estava tanto a dizer, nessa própria biblioteca da escola, tinha sobretudo livros direccionados para os alunos do primeiro ciclo, os futuros professores do primeiro ciclo.

Q – E não tinham para as futuras educadoras?

R – Muito pouco, muito pouco mesmo, muitas vezes eram os professores que traziam os seus próprios livros e materiais e investiam muito, eu lembro da professora de matemática, que tive uma professora de matemática também me marcou bastante, à bocado não me lembrei dela mas também me marcou bastante, nós construíamos imensos jogos, imensos materiais e ela estava sempre a procurar e quando ia a qualquer congresso fora, procurava coisas novas e diferentes porque na altura não havia Internet e realmente era muito, portanto a informação chegava muito atrasada não é, e nós tínhamos realmente, nós tínhamos, ainda me lembro dos nossos livros, muitos dos nossos livros eram fotocopiados, não havia, nem sequer tinham-se os livros originais.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial”

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL	d) CURSOS MINISTRADOS
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que realçam a pouca valorização deste curso em relação a outros ministrados na própria escola de formação inicial.

Q – Quando pensa na sua escola de formação que teve de pior o que significa a pouca valorização do nosso curso em relação aos outros?

R – Eu penso que já expliquei isso atrás. Havia um certo relacionamento alguns connosco e nós com alguns, não é, mas não era generalizado, mas havia um grande desconhecimento do que era a educação de infância. Podíamos ter disciplinas comuns mas as aulas eram separadas, não havia tronco comum.

(A3)

Q – E ainda, sobre a sua escola de formação inicial o que teve de pior foi poucas ajudas monetárias e nível de estágio ou nenhuma, quer especificar melhor?

R – Pronto, já referi, porque as ajudas que a Universidade dava para as alunas estagiárias eram para as educadoras cooperantes, não é? E se havia pessoas que tinham possibilidades para pôr dinheiro do bolso delas para materiais, porque os Jardins de Infância públicos também na altura lutavam com muitas dificuldades, tínhamos outras colegas que não tinham essa disponibilidade, não é? E acho que aí era uma das falhas das escolas. Mas também posso referir aqui, que eu lembro-me que na altura, essas ajudas eram para as educadoras cooperantes, também para as motivarem um bocado a aceitarem-nos como estagiárias, foi um bocado como que uma negociação entre a Universidade e as educadoras cooperantes.

(A4)

Q – A má aceitação por parte da sociedade local penso que já referimos?

R – Essa imagem era um bocadinho, por um lado, era um bocadinho desagradável, mas depois tornou-se, tornou-se no fundo um desafio, porque a partir daí nós tentamos, eu tentei interagir com as pessoas do meio e tentei criar laço que realmente consegui para que as pessoas não nos tratassem tão mal, porque no início éramos assim um bocadinho mal apelidados.

(A5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial o que significa não estar sensibilizada para a educação de infância?

R – Em pessoas e em situações, de referir que o meu curso foi o primeiro numa escola do Magistério Primário, não é, portanto com professores do Magistério por isso é que foi, as pessoas não estavam sensibilizadas para a educação pré-escolar.

R – Luta. E tentar demonstrar, fizemos, traçamos um caminho para demonstrar o que era a educação pré-escolar, quem éramos, não é, e isso também fortalece, quando temos que traçar esse caminho, o grupo em si, a pessoa em si ainda fica mais fortalecida.

R – É isto, não estava sensibilizada porque era o primeiro curso, não conheciam.

Q – O primeiro curso de educadores de infância a ser leccionado?

R – A ser leccionado no Magistério Primário, não sabiam o que eram, a maior parte deles não conheciam um Jardim de Infância, não sabiam o que se fazia lá, nem lhes davam importância nenhuma, aliás em oitenta, em oitenta não davam, nós estamos em dois mil e dois, há colegas do primeiro ciclo que continuam a não dar, pronto. (A8)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa não ter tradição na educação de infância?

R – É isso mesmo, quer dizer, é uma escola que durante mais de vinte anos formou professores do ensino primário, mais de vinte, sei lá, muito mais do que vinte anos, portanto, não tinha era o segundo ano, o primeiro ano foi um bocado a experiência, tinham entrado uma turma de vinte e cinco alunas, e no segundo ano, foi no ano em que eu estive lá, éramos duas turmas, portanto estávamos ainda a começar, sempre provisoriamente, a ESE já tinha sido criada, não tinha entrado em funcionamento ainda, não, portanto estávamos lá emprestados, e faziam-nos sentir um bocado isso, os próprios professores que davam as aulas, mais aulas aos alunos do primeiro ciclo, futuros professores do primeiro ciclo faziam-nos sentir isso, nós estávamos lá de empréstimo, estávamos lá a mais, para cortar florzinhas não valia a pena estar lá a ocupar o lugar.

(A11)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de professores nalguma áreas, que áreas?

R – Era sobretudo, é sobretudo a nível de, na área das pedagogias que havia, tenho essa sensação de não termos assim, era na pedagogia e na sociologia da educação que nós tivemos, nunca começávamos o ano com professores, porque não havia, sim, não havia professores, e depois dos que havia eram os professores do secundário que depois faziam o favor de nos ir dar umas aulas, pronto que se calhar até investiram bastante e foi importante, não é, mas na altura era isso.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.º CURRÍCULO	a) ADAPTADO À EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA
Pertencem a esta categoria os enunciados que dão ou não visibilidade à educação de infância na formação de futuros profissionais	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem uma formação inicial importante para a construção da figura de ser educadora.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi a formação em geral, quer especificar um bocadinho o significado desta formação em geral?

R – Pronto, tudo o que tenho e tudo o que sei, pronto, a base foi realmente a escola superior que me deu, é claro que eu trabalhei muito, é claro que a partir desse, pronto, eu acho que a escola superior me deu a base, pronto, por assim dizer, as ferramentas iniciais para eu poder ir subindo, ir construindo o meu saber, pronto.

(A1)

Q – Quando pensa na sua escola de formação inicial disse que o que teve de melhor foi o provocar o espírito crítico, quer especificar o que foi isto de provocar o espírito crítico?

R – Foi nalgumas disciplinas realmente obrigava-nos a ter posturas, a reflectir-mos e a darmos a nossa opinião própria, portanto observamos situações, nomeadamente até era nos estágios, aí pediam-nos a nossa maneira de ver, como é que nós faríamos e portanto era isso.

Q – Em quais disciplinas, lembra-se?

R – Era essa que me lembro que era no estágio, nos seminários de acompanhamento, Psicologia também com um professor mas com outra professora não era assim, basicamente com esses.

(A2)

Q – E que influência teve na sua formação a observação?

R – Estava ligado ao espírito crítico aí era isso, estarmos atentos e sermos observadores para podermos depois ter uma postura crítica.

(A2)

Q – Quando pensa na escola de formação inicial no que teve de melhor que significa ter uma preparação construída por nós?

R – Ligada ao espírito crítico, nós também temos que ter um espírito também de pesquisa, de procurar, investigar para podermos construir algo, para não andarmos sempre à procura de receituários.

(A2)

Q – Em relação ao seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi o tipo de formação quer especificar o seu significado?

R – Foi aberta, uma discussão sobre o que deve ser a educação de infância, sobre as diferentes possibilidades de fazermos jogos imaginando que este espaço era um J. I., para um grupo de crianças de x anos, agora vamos justificar que áreas, que materiais lá vamos pôr dentro e depois os grupos trabalhavam e trocava-se ideias, e depois, claro, os professores faziam a ponte disto tudo. Eu gostei muito da minha formação de valorizarem a especificidade do J. I., ele é diferente e é na sua diferença que consiste a sua riqueza, é nesta diferença em relação aos outros níveis que está o que ele tem de melhor.

Este tipo de formação teve implicações na minha personalidade e na minha maneira de ser como educadora. Eu quando digo anteriormente que as educadoras estão presas à sua formação inicial eu também estou, se calhar sinto-me muito presa à minha formação, ainda

não encontrei um tipo de formação alternativa aquela que tive, vou contudo complementarizando-a com outras coisas, às vezes dou comigo a fazer coisas que quando comecei a trabalhar não fazia, isto tem de certo modo a ver com outra habilitação acrescida, com os locais de trabalho ...

(A3)

Q – O que significa na sua formação inicial a pluridisciplinaridade?

R – É isso que quando estamos a cantar uma canção no J. I . estamos a desenvolver um conjunto de coisas, que não é só estritamente cantar, por ex. quando pegamos, sei lá ...agora vou voltar à história da Menina do Mar, que a partir dela nós podemos desenvolver todas as áreas do conhecimento e das expressões com as crianças e isso foi a formação que me despertou para isso.

(A3)

Q – E o que significa na sua formação inicial a promoção do espírito crítico e vontade de aprender?

R – Tive professores que ao questionarem muito deram essa vontade. Eu quero dizer que a minha formação, eu vinha do liceu e até um bocado amargurada e enfim... e curiosamente encontrei um curso que me dava esta ligação entre a parte prática e também uma reflexão sobre isso e deu-me uma vontade de ler, de aprender, de me sensibilizar com as expressões.

(A3)

Q – Quando falou sobre a sua escola de formação inicial disse que o que teve de melhor foi preparar-me bem para o activo da profissão? Quer especificar um bocadinho o que foi este preparar-me bem para o activo da profissão?

R – Pronto, é assim, acho que a nível de currículo e de ensinamentos que me foram transmitidos, acho que foram óptimos e mesmo a nível de desenvolvimento da personalidade, eu como sou uma pessoa um pouco introvertida, acho que o próprio curso me ajudou em muito a melhorar e não senti, pronto, há sempre dificuldades e há sempre lacunas, mas quando fui para o activo, quando comecei a trabalhar, não me senti assim aos papéis como se costuma dizer. Pronto, consegui superar algumas lacunas que poderia ter, consegui vence-las com relativa facilidade, portanto e penso que tem um bocadinho a ver com a minha maneira de ser, com a minha personalidade, mas também com a formação que tive, não é? Daí depois dizer que me alertaram para as dificuldades encontradas.

(A4)

Q – E o que significa os currículos estavam actualizados?

R – Pronto, foi o que eu já referi, como estive agora este ano a fazer licenciatura, senti que o trabalho que se desenvolve agora da escola moderna, nós já, portanto, no tempo em que eu tirei o curso, já trabalhávamos dentro desse campo. E acho que apesar de ter sido há dez anos, que a escola, os currículos estavam muito actualizados. E os próprios professores preocupavam-se por inovar, por saber coisas novas, não estavam fechados só ao que antigamente se ensinava, não, estavam abertos a situações novas.

(A4)

Q – Quando pensa nos professores que tiveram de melhor o que significa serem exigentes para connosco os alunos?

R – Pronto, foram rigorosos, se calhar para nos preparar bem, não é? Pronto, e acho que foi importante nesse aspecto.

(A4)

Q – Quando fala na sua escola de formação inicial disse o que teve de melhor foi ser muito boa, quer especificar o que significa e a que nível?

R – A todos, fui bem recebida, gostei muito de lá ter estudado e essencialmente senti-me bem preparada, porque quando cheguei à realidade de trabalho não senti dificuldades que outras colegas que vinham de outras escolas sentiram, por isso é que eu tenho um termo de

comparação e enquanto muitas das colegas que eu conheço a maior parte dizem por ex. nunca terem tido formação ao nível da burocracia do J. I., eu tive, e tive estágios, tive observações portanto eu considero que venho de uma boa escola de formação.

(A5)

Q – Quer especificar o significado de acabei o curso há dez anos e não me considero desactualizada?

R – É assim, eu terminei o bacharelato há dez anos e este ano fui fazer a licenciatura e quando cheguei lá, pronto, pensei em muitos aspectos haveria conceitos que teriam evoluído, ou que teriam sido alterados, coisas que estavam como certas na altura e que neste momento fossem tidas como erradas, aconteceu com alguns dos conceitos, mas com uma grande parte dos conceitos isso não aconteceu e acabamos por concordar que afinal, nós já estávamos há dez anos atrás a usar a metodologia da escola moderna e continua a ser a grande aposta e portanto não me senti nada frustrada nem nada mal em relação à formação inicial.

(A5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi uma razoável formação teórica e prática para exercer a profissão, quer especificar um bocadinho esta razoável formação?

R – Penso que foram as bases essenciais para eu poder exercer esta profissão, que me permitiu na prática poder exercer esta profissão com sentido, talvez nos primeiros anos um pouco insegura, mas depois senti-me bem porque a formação realmente foi boa.

(A7)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa permitir a liberdade religiosa e política?

R – Significa que ninguém me questionou quanto a isso, isso é bom sinal, é sinal que há liberdade, ninguém pôs entraves nem políticos nem religiosos.

(A10)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa estar aberta à mudança?

R – Significa que sendo um curso recém criando na escola, embora os professores sentissem, se calhar com algumas dificuldades, mas na verdade eles ouviam-nos e tentavam, notava-se que tentavam adaptar-se à situação, à nova realidade, que eram as futuras educadoras de infância.

(A10)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa a metodologia de trabalho de grupo?

R – Porque eu acho que não era muito comum essa metodologia, em muitos sítios. Noutras escolas de formação, não me estou a reportar concretamente à formação específica, mas mesmo nos outros graus de ensino, ainda não era tão frequente assim.

(A10)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi abriram-me caminhos, quer especificar um bocadinho o que é isto abriram-me caminhos?

R – É assim, não foi aquela formação para transmissão de conhecimentos apenas, não foi aquela formação em que os professores são detentores de todo o conhecimento e os alunos nunca podem saber tanto como os professores, e portanto não foi, nunca foi nesse sentido, foi sempre de estamos aqui para partilhar saberes, estamos aqui para, também para conseguirmos nós aprender alguma coisa, e pronto, foi realmente prepararem para iniciar uma profissão, foi mesmo para iniciar a profissão.

(A11)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi prepararam-me para nunca deixar de aprender, o que significa, isto é muito giro?

R – É assim, é aquela, é também no seguimento da questão anterior, realmente era, a sensação que nós tínhamos era, o que sabemos hoje amanhã não é verdade nenhuma, portanto há sempre coisas novas a chegar, há sempre situações, há estudos que se vão fazendo e que vão contribuindo para o desenvolvimento da profissão e portanto foi muito nessa, a minha formação foi muito nessa linha.

(A11)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de melhor foi ensinaram-me a nunca desistir, quer especificar?

R – Aqui é sobretudo porque era assim, nós sabíamos que quando terminássemos a nossa formação inicial, que não iríamos trabalhar propriamente na cidade onde estávamos inseridas não é, por isso nós estávamos todas ávidas de tentar a rede pública, estava no início, portanto eu comecei a minha formação inicial em oitenta e a rede pública tinha sido iniciada em 1978. Portanto a rede pública estava no início e estava toda a gente entusiasmadíssima em começar a trabalhar na rede pública, portanto era a grande novidade e grande aposta por isso; mas também sabíamos que era muito difícil porque, íamos trabalhar para uma aldeia, para aldeias, ou para zonas menos desenvolvidas, íamos ter muitas dificuldades e portanto havia, por um lado nós tínhamos muita expectativa e por outro estávamos conscientes de que não ia ser fácil, porque sabíamos que não havia materiais, eu acho que para isso estávamos preparados. Portanto eles incentivaram-nos sempre muito a lutar por aquilo que queríamos e que acreditávamos.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CURRÍCULO	b) DESADAPTADO À EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA
Pertencem a esta categoria os enunciados que dão ou não visibilidade à educação de infância na formação de futuros profissionais	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que mencionam aspectos menos positivos / desajustados à futura profissão de educadora.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi a excessiva carga horária de algumas disciplinas, o que significa?

R – Portanto nós tínhamos aulas praticamente todos os dias, a todas as horas de manhã e de tarde. E nós depois começámos a ver que havia disciplinas que não havia necessidade de serem tão.

Q – Como por exemplo, lembra-se de alguma?

R – Aquelas disciplinas mais teóricas, do género filosofia, história da educação, sociologia, pronto, eram disciplinas um bocadinho maçadoras, que realmente, pronto, tenho a noção que eram importantes mas que poderíamos ter tido mais tempo, por exemplo para estágio ou para outras aulas de prática pedagógica e não, pronto, não tínhamos.

(A1)

Q – Quando pensa na escola de formação inicial no que teve de pior disse que foi a de ter um curso recente, o que significa?

R – Pois se calhar eu não me expliquei bem, era o facto de a escola ter o curso de educadores de infância recente, lá a funcionar, era isso. Não estava muito bem organizado, não estava muito bem pensado e os professores não estavam preparados para exercer.

(A2)

Q – Quando diz a pouca ou nenhuma informação sobre a realidade do público, o que significa?

R – Além do estágio na biblioteca de V. N. G. não havia estágios em mais lado nenhum a não ser em instituições privadas de solidariedade social. E uma colega no último ano conseguiu fazer num J. I. da rede pública porque era de V. do C. e a escola aceitou que fizesse lá, não sei se a rede pública não aceita estagiárias ou se a escola não quer promover a rede pública. Parece paradoxo uma escola de formação pública não dar a conhecer a realidade dos J. I. públicos, eu durante o curso nunca visitei nenhum a não ser quando comecei a trabalhar como educadora e absolutamente desconhecadora de tudo, em termos administrativos, totalmente e acho que é um falha grave, nós saímos de lá sem saber o que era uma folha de ofícios, preencher um mapa de faltas, preencher o mapa do leite, a saber zero...nada e minha sorte foi eu ter ido para as F. e ter uma colega a trabalhar na mesma sala, que já tinha muitos anos no público e ensinou-me a fazer e disse-me não te preocupes que eu quando fui também não sabia nada.

Penso que a ESE era desconhecadora de como administrativamente funcionavam os J. I. da rede pública.

(A3)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior o que significa não valorizavam os alunos mais reservados?

R – Havia os bons alunos e os outros que tinham a facilidade na escrita, como normalmente não se manifestava muito, então na escrita era o escape, mas é o que se passava se calhar agora é totalmente diferente não sei agora como é que funcionam as escolas de formação, deve haver muito mais abertura não é, e as pessoas e os alunos

gostam deles, em muitos contextos que eles vivem são diferentes, muito mais convívio, muita mais participação dos alunos é assim muitos mais dialogante e interventivos, só que no meu tempo não era assim, apesar de ser depois do 25 de abril que havia muito mais abertura já, e houve alguma mas eu senti isso.

Q – Acha que isso prejudicou a sua formação inicial?

R – Não muito, não prejudicou porque eu depois tornei-me diferente e não foi a escola que me tornou diferente, foi a prática que me tornou diferente e os contextos de trabalho em que eu tenho estado inserida.

(A6)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram o que significa a falta de articulação entre a teoria e a prática?

R – É assim se calhar o que fomos encontrar a prática por exemplo: uma vivência da aldeia não tem nada a ver com as vivências aqui na cidade, são outros contextos totalmente diferentes não é, acho que foi na prática que eu aprendi a organizar-me e a ler depois a ler também mais algumas coisas que eu aprendi mais, foi na prática que eu aprendi, ainda agora acho que aprendo mais na prática e ler algumas coisas do que propriamente da escola de formação, despertou as coisas não é, e questiona mas não foi a base para a minha formação como educadora, fiz-me, tornei-me educadora e não saí da escola como educadora, foi a prática que me levantou um bocado a auto-estima porque eu sentia-me mal.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial o que significa os conteúdos curriculares não adequados?

R – Eram os mesmos, mas isso também não, fiz os complementos de formação agora e os conteúdos curriculares são mais do mesmo.

É melhor estar calada, não é, nomeadamente a matemática lembro-me que tive um M. M. que depois foi para a Ásia, no primeiro ano, que foi um senhor fantástico, sabia mesmo o que estava a dizer, e tive outro senhor aqui nos complementos de formação na ESE do P. que além de ser surdo, o homem sabia, porque é assim, não se coloca em questão a sabedoria das pessoas, quando te digo que gostar da profissão e ser comunicativa, quem está, quem é professora, educadora no fundo devíamos ser todas educadoras independentemente dos diversos graus, o estar, o ser educadora não é ter muitos conhecimentos, porque eu não duvido que há imensos fulanos que aqui nesta faculdade que saibam muito e que sejam péssimos professores, porque não comunicam.

Não comunicam, até podem gostar de estar, é impossível falar de uma forma monocórdica, não é, ter só conhecimentos, é mais do que isso, é mais é mais do que isso. Tive um senhor que era completamente...

Às vezes ouvíamos, eu tenho uma criança surda que não ouve mesmo não é, mas às vezes ouve mais que alguns ouvidos que eu conheço.

(A8)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa a sobrecarga horária em termos teóricos, importa-se de especificar?

R – Eu não tenho, neste momento não sei ao certo quantas horas nós lá passávamos na escola, mas efectivamente acontecia. Portanto, nós tínhamos pouco tempo para estágio, embora à medida que o curso se aproximava do fim ele fosse aumentado, mas de qualquer modo se calhar era preferível ter havido outro tipo de aulas em que se pudesse articular mais a teoria com a prática. Portanto, partindo das nossas experiências já na prática ali depois passar à teoria.

(A10)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL	a) PERSPECTIVAS POSITIVAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que definem os docentes da escola de formação inicial nos seus aspectos essenciais que influenciam as alunas na construção da sua formação.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial diz que tiveram de melhor foi a competência, quer especificar um bocadinho que competência foi essa?

R – Pronto, todos os professores que eu tive, portanto eram licenciados ou com mestrados, com formação acrescida e isso, acho que dá um, transmite um certo à vontade para quem está a tirar um curso, porque pronto, o conhecimento é elevado e também transmitem uma imagem que no fundo nós podemos ver nela e transformarmo-nos também, ter essa imagem de competência, porque acho que isso é importante, os exemplos são sempre fundamentais, são sempre bons, não é?

Q – E esses professores conheciam bem a realidade do Jardim de Infância?

R – Havia um grupo que sim, o outro não, mas também a competência não se, portanto, não era, não perdia, pelo facto de não conhecerem a realidade do Jardim de Infância não perdiam competência, portanto, havia competência, ainda que por vezes não adequada à nossa formação.

(A1)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial diz que tiveram de melhor foi a exigência, o que significa?

R – Pronto, nós tínhamos que fazer trabalhos, tínhamos que estudar para as frequências e para os testes e realmente não nos deixavam muita margem de balda, acho que é a palavra.

Q – E era em todas as disciplinas?

R – Sim, em todas as disciplinas, portanto, eu tenho a ideia de que foram exigentes, ainda que por vezes a exigência não tivesse propriamente a ver com o nosso grau de ensino, mas acho que é importante um professor ser exigente, hoje reconheço que essa exigência foi útil, exactamente.

(A1)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial diz que tiveram de melhor foi a compreensão, quer especificar?

R – Pronto, eles eram exigentes e como exigentes que eram por vezes nós não tínhamos tempo para acompanhar essa exigência no sentido de estudar para os testes, no sentido de fazer os trabalhos como deve ser, não é, porque havia outras, outros interesses, então, às vezes pronto, quando chegava à hora de fazer um teste ou de apresentar um trabalho ou de entregar não, a coisa não estava pronta, então, pronto, se falássemos com jeitinho e explicássemos a situação, ou então pedíssemos mais um prazozinho ou então, acho que, eles cediam sempre, com jeitinho cediam, às vezes, pronto, podiam mostrar à primeira impressão era negativa, diziam que não, mas depois acabavam por compreender, acho que isso que era bom também e que nos faz bem, é útil.

(A1)

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi a abertura, quer especificar?

R – Era mais fora das aulas, na disponibilidade que tinham para connosco, na forma de estar, mas lá está eram alguns, não eram todos.

Q – Em que disciplinas?

R – Eram naquelas que já referi anteriormente, literatura infantil por exemplo, havia muito esse espírito.

Q – Havia uma boa relação professor aluno?

R – Sim, sim havia.

(A2)

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi o diálogo, que significa?

R – Está ligado à abertura também não é?! Uns achávamos que eram abertos mas se calhar não eram tão dialogantes mas nós podíamos estar à vontade com eles, outros eram mesmo dialogantes não é?! Estavam sempre disposto a ouvir-nos e a falar connosco.

(A2)

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi o valor à liberdade e à criatividade, o que significa?

R – É mesmo isso, acho que liberdade mesmo no aspecto político porque também naquela altura havia alguns professores que eram marcadamente, notavam-se a tendência política deles, valorizavam muito as questões da liberdade e eu também acho que sim.

A criatividade também está ligada à liberdade mas acho que é importante as pessoas serem criativas, seja em que profissão for, mas sobretudo na educação de infância.

(A2)

Q – E o que significa na sua formação inicial a promoção do espírito crítico e vontade de aprender?

R – Tive professores que ao questionarem muito deram essa vontade. Eu quero dizer que a minha formação, eu vinha do liceu e até um bocado amargurada e enfim... e curiosamente encontrei um curso que me dava esta ligação entre a parte prática e também uma reflexão sobre isso e deu-me uma vontade de ler, de aprender, de me sensibilizar com as expressões.

(A3)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de melhor o que significa a capacidade de perceber a individualidade de cada aluna?

R – É porque eles conversavam muito cada um de nós, acho que eles percebiam as diferenças, a nossa formação ideológica e filosófica, é uma das profissões que mais influência tem nas nossas práticas e eu lembro-me de uma professora me dizer assim: uma educadora que valorize por ex. que as crianças ouçam o que ela diz vai organizar a sala de forma que os espaços sejam abertos para o som circular; por ex. uma educadora que valoriza ou seja marxista vai valorizar o trabalho de grupo, mas uma que não seja vai valorizar mais o trabalho individual. Isto eu nunca tinha pensado, não é? E foi deste tipo de formação que me fizeram de facto, este tipo de frases que os professores iam dizendo, que me fez pensar e me fez fazer as opções de maneira mais consciente, isto é assim eu organizo a sala assim porque é assim que eu sou e é assim que eu acho que está correcto. Eu valorizo o trabalho de grupo mas o trabalho individual é fundamental no desenvolvimento de cada um e portanto comecei a valorizar também mais o trabalho individual mas nunca em detrimento do outro.

(A3)

Q – Quando falou sobre a sua escola de formação inicial disse que o que teve de melhor foi preparar-me bem para o activo da profissão? Quer especificar um bocadinho o que foi este preparar-me bem para o activo da profissão?

R – Pronto, foi o que eu já referi, como estive agora este ano a fazer licenciatura, senti que o trabalho que se desenvolve agora da escola moderna, nós já, portanto, no tempo em que eu tirei o curso, já trabalhávamos dentro desse campo. E acho que apesar de ter sido há dez anos, que a escola, os currículos estavam muito actualizados. E os próprios professores

preocupavam-se por inovar, por saber coisas novas, não estavam fechados só ao que antigamente se ensinava, não, estavam abertos a situações novas.

(A4)

Q – E o que significa os professores serem disponíveis para nos ajudar no que fosse necessário?

R – Pronto, senti durante o curso e senti também agora enquanto estive a fazer a licenciatura, que os professores se disponibilizavam para nos ajudar fora do horário de trabalho deles, inclusive dar-nos o número de telefone de casa e tudo, portanto acho que eram pessoas aplicadas e interessadas para que nós tivéssemos uma boa formação.

(A4)

Q – O que significa quando disse no que os professores tiveram de melhor serem bastante compreensivos e colaboradores com as nossas dificuldades?

R – Pronto, porque eu falo também, portanto, em relação ao meu estágio. Não tive a orientadora se calhar que eu mais desejaria ou se calhar que mais se adequaria a minha maneira de ser, embora tivesse tido muitas dificuldades pelo facto de ser uma pessoa tímida e tudo, eles tentaram ajudar-me nesse sentido, portanto.

(A4)

Q – Quando fala sobre os professores disse o que tiveram de melhor foi a compreensão quer especificar?

R – A todos os níveis pronto, é assim eu considero muito, muito importante os professores estarem disponíveis para nos atenderem e para nos ajudarem quando nós não conseguimos ou não entendemos o que se está a passar. Isso não se aplicou a todos os docentes mas aplicou-se a uma grande parte e além disso eles foram excelentes eu passo já para nível seguinte porque nos forneceram material para que nós podessemos fazer as cadeiras sem grandes dificuldades, sem grandes problemas, portanto tudo nos foi disponibilizado. Como éramos, neste caso como era aluna trabalhadora estudante eu acho que houve compreensão por parte dos professores para faltar a algumas aulas, para chegar atrasada e tudo isso foi muito importante para eu conseguir completar a minha licenciatura, em alguns professores posso dizer que tivemos uma relação de amizade porque ficou, ficaram boas recordações e mesmo que tendo passado dez anos quando nos cruzamos pelo corredor nas primeiras semanas as pessoas lembravam-se de nos conheciam-nos e tratavam-nos muito bem.

(A5)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram foi fornecerem uma diversidade de experiências, quer especificar um bocadinho o que é fornecer uma diversidade de experiências?

R – Pronto portanto a nível de certas disciplinas como a expressão dramática, expressão plástica, tivemos oportunidade de fazer alguns trabalhos diferentes usando mascaras, usando fantoches, usando sombras, que depois nos permitiu pronto e por exemplo essas animações no jardim, uma animação no castelo, pronto que depois nos permitiu também na nossa vida profissional ter pronto algumas ideias para as usar.

(A7)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram foi motivaram e incentivaram a autoconfiança dos alunos, quer especificar?

R – Pronto, a mim mais, mais significava realmente eles darem força às pessoas, aos alunos, quando eles estavam a fazer um trabalho, sentiam-se inseguros, não sabiam bem se era bem aquilo que eles desejavam ou não, mas esses professores estavam a incentivar, pronto, apoiavam e isso aumenta a autoconfiança da pessoa.

(A7)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa esta formação pessoal?

R – É a formação das pessoas não é, tinha lá pessoas que a sua formação pessoal, a sua maneira de estar, porque é assim, tu quando és formadora, e tu como pessoa num grupo, eu como educadora de infância não faço só aquilo que, ou como professor do primeiro ciclo não é só os conhecimentos. A tua forma de estar, a tua formação pessoal passa não é, e havia lá pessoas com uma formação pessoal excelente, que nos passaram tudo de bom, bom para nós não é?

(A8)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa os conhecimentos?

R – Os conhecimentos era o que eles sabiam, que nos passavam não é, era o que eles sabiam, os conhecimentos, o que eles sabiam, os conteúdos, passavam-nos mas não eram maçadores.

(A8)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de melhor o que significa liberdade dada?

R – É nesse aspecto e alguma liberdade nas aulas, lembro-me de a ver o professor de Saúde e as das Técnicas onde a gente conversava, porque eu estava habituada a um colégio privado, saio do colégio dá-se o 25 de Abril e vou para o Magistério para mim aquela liberdade dadas nas aulas, eu nunca me tinha levantado durante 7 anos numa aula. Agora não havia de criticar o professor, essa liberdade era restrita à parte física. Lembro-me do professor de Português também nos deixar falar e dar opinião, que às vezes até nos perdíamos.

(A9)

Q – E o que significa quando pensa nos professores no que tiveram de melhor alguma criatividade?

R – Aqui só me lembro das de Técnicas que eram inovadoras, a sua formação de base era educadoras de infância, e lembro-me dos slides que nos ponham a fazer e era tudo novidade, criatividade enorme. Também o professor de Português era criativo, ele dava-nos o princípio de uma história e nós tínhamos que fazer o fim, ele tinha criatividade nas coisas, adaptava-as ... a imagem dele era de um avô encantador e foi a sua imagem que nos seduziu e despertou para a literatura infantil.

Lembro-me da exposição que fizemos no fim do curso mas tudo com ideias e criatividade nossa, apoiadas pelas monitoras. Talvez porque as orientadoras tinham conhecimento da realidade do J. I. enquanto que a maioria dos outros professores nem imaginavam o que era, a rede pública estava na fase de arranque.

R – Não, estava a pensar só em alguns ou melhor nas de Técnicas Pedagógicas, lembro-me de ateliers onde a gente fazia bonecos, fantoches, onde se experimentavam coisas novas.
Agora da Pedagogia ou da Matemática onde estávamos ali sentados não me lembro nem me quero lembrar.

(A9)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa incentivaram-nos para derrubar as dificuldades, quer especificar um bocadinho este incentivar para?

R – O dia a dia sobre tudo na parte prática era difícil e efectivamente era necessário uma motivação, mas também o próprio incentivo dos professores para a gente continuar em determinadas ocasiões.

Q – Eram os professores de que disciplinas essencialmente?

R – Mais concretamente as orientadoras de estágio.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa tentar ajustar a teoria à prática. Havia a articulação entre?

R – Havia a tentativa, exactamente, havia professores que revelavam essa preocupação, outros não. Mas havia alguns que revelavam.

Q – Que disciplina, por exemplo? Uma disciplina que tentasse fazer essa articulação entre a teoria e a prática?

R – Psicologia.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa tentar perceber a prática do educador de infância?

R – Significa que eles tinham que nos ouvir, os nossos relatos das nossas experiências, para tentar descentrar-se da teoria e poder-nos ajudar na prática.

Q – Eles todos sabiam qual era a prática, conheciam a prática de educadora de infância?

R – Penso que alguns deles não, não sabiam. Mas ao longo do tempo penso que procuraram saber.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi partilharam os saberes, o que significa?

R – Sim, no seguimento do que tínhamos dito anteriormente, não é, portanto estavam ali, e nós tínhamos a sensação realmente que eram mais do que professores, ou não tanto aquele estatuto de professor, mas eles estavam um bocado a descobrir o que era a educação de infância que também a novidade era tanto para eles, como para nós, embora eles é evidente dentro das áreas que estavam, não é, vocacionados, mais vocacionados ou que tinham a sua formação, pronto é evidente que também sabiam, não é, mas acho que era uma descoberta mútua.

(A11)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi colaboravam, o que significa?

R – Sim, sim, muito, mesmo quando em situações de estágio, são sempre situações mais constrangedoras e angustiantes, nunca tiveram numa atitude de nós somos os professores e estamos aqui para avaliar, mas nós também porque já passamos por essa situação quando estudávamos, e se calhar sabemos avaliar o que isso é, portanto sempre nessa na linha sim, sim, de colaboração.

(A11)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa souberam transmitir?

R – Tudo, segurança, os saberes que eles traziam destas das suas disciplinas, mas foi muito importante.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	b) PERSPECTIVAS NEGATIVAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem aos docentes da escola de formação inicial que menos contribuíram para a construção da formação das alunas.

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial diz que tiveram de melhor foi a competência, quer especificar um bocadinho que competência foi essa?

R – Havia um grupo que sim, o outro não, mas também a competência não se, portanto, não era, não perdia, pelo facto de não conhecerem a realidade do Jardim de Infância não perdiam competência, portanto, havia competência, ainda que por vezes não adequada à nossa formação.

(A1)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior foi alguma falta de sensibilidade, o que significa?

R – Portanto, era a tal sensibilidade com o facto de os professores não conhecerem sequer a realidade de um Jardim de Infância, isso chocava-nos, porque nós questionávamos como era possível termos professores que não sabiam, nunca tinham estado num Jardim de Infância, isso acho que não é coerente.

Q – Lembra-se de algum professor de alguma disciplina?

R – Lembro-me do professor de drama, que, portanto era uma excelente pessoa tinha, portanto trabalhava em teatro e era uma pessoa muito, só que eu acho que ele nunca tinha estado num Jardim de Infância e como não tinha filhos, pronto isso, pronto, era muito importante, porque o faz de conta, tudo isso, a dramatização faz parte do dia a dia de um Jardim de Infância, das actividades.

O que não queria dizer que o professor não fosse competente, que não, realmente nos tivesse ajudado e nos tivesse até orientado bem, simplesmente isso era um bocadinho, pronto, não ajudava, não nos motivava realmente para desenvolver essa área.

(A1)

Q – Quando pensa na escola de formação inicial no que teve de pior disse que foi a de ter um curso recente, o que significa?

R – Pois se calhar eu não me expliquei bem, era o facto de a escola ter o curso de educadores de infância recente, lá a funcionar era isso. Não estava muito bem organizado, não estava muito bem pensado e os professores não estavam preparados para exercer.

Q – Houve uma transição dos professores que formavam para o primeiro ciclo, eles transitaram automaticamente?

R – Eles estavam a dar aulas aos educadores e estavam a pensar que estavam a dar aulas aos professores, notava-se nitidamente, e isso realmente era desagradável.

Q – Nalguns professores?

R – Nalguns professores, os mais velhos lá está, mais velhos de idade, eu acho que eles estavam e depois é que se lembravam de repente, portanto aquilo que eles davam aos professores de primeiro ciclo era exactamente igual ao que davam a nós, nomeadamente pedagogia, não tinha nada a ver.

(A2)

Q – Os professores conheciam a realidade e especificidade do J. I.?

R – Eu acho que não, que não conheciam muito bem, nomeadamente o de pedagogia, às vezes, eram coisas perfeitamente estranhas que eles diziam e as posturas dos alunos e aquilo tudo era estranho.

(A2)

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi professores preparados para formar professores e não educadores, quer especificar?

R – Isso acho que já referi várias vezes.

R – Não é uma imagem muito positiva mas talvez atendendo à idade deles e eu compreendendo que estavam lá para formar basicamente professores e de repente se viram obrigados a formar educadores, depois lá está o passado deles e as pedagogias que eles aprenderam não podia ser muito diferente, era do próprio ensino, estrutura muito recente também por isso é que a imagem lá está é este misto de positivo e de uma certa tolerância.

(A2)

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi serem “debitadores”, quer especificar?

R – Ah pois aquilo é só para dar a matéria, nós que escrevêssemos, aí incluíam-se os tais que não eram tão dialogantes, que eram mais velhos.

(A2)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram o que significa alguns professores eram desconhecedores da realidade do pré-escolar e da especificidade do pré-escolar?

R – Penso que já respondi a isso na 1.^a parte da entrevista, não tenho mais nada a acrescentar.

R – Sim, a num grupo específico de professores que nos davam as aulas limitando-se a ler, lembro-me de ter uma professora de expressão verbal que foi caótico, não se percebia nada, limitava-se a elogiar a Faculdade de Letras e não percebia rigorosamente nada de formação de professores nem de formação inicial, estava ali a fazer um frete e acho que isto é muito grave quando se trata de formar educadoras que vão formar seres humanos. Penso que a ESE quando escolhe os formadores devia ter a preocupação da especificidade do pré-escolar, nós tínhamos professores que desvalorizavam a educação da infância. Davam aulas aos outros cursos e depois completavam o horário com umas aulitas ao curso de educadoras. Lembro-me que o professor de matemática do 1.º ano dava a matéria do 12.º ano, e todos nós já tínhamos feito o 12.º ano, mas o professor que deu matemática no 2.º ano era uma pessoa que explicava, nós trabalhávamos a lógica, os sólidos tudo para aplicabilidade no Jardim de Infância, ele dava teoricamente e depois os nossos trabalhos eram de aplicabilidade daquilo e de articulação com o J. I.. Os nossos trabalhos não eram exames, eram trabalhos escritos sobre questões, por exemplo, da tridimensionalidade e o trabalho era como se pode aplicar isto no J. I.

(A3)

Q – Quando pensa na sua escola de formação inicial no que teve de pior o que significa professores com pouca experiência a nível de ensino superior?

R – Já referi, eram professores que vinham do ensino secundário, pronto, tinham algumas dificuldades, não é, e andavam a melhorar a formação deles, mas penso que tentaram, esforçaram-se por estar ao nível do ensino superior e por nos transmitir o maior número de conhecimentos.

(A4)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram foi o sentido crítico não valorizado, quer especificar?

R – É assim se calhar houve alturas que eles entravam a matar não é, não quer dizer que as pessoas também têm que reconhecer que fazem mal e que são más, toda a gente tem

capacidades, ninguém é perfeito, mas se calhar às vezes a critica, a forma de como as pessoas dizem as coisas na boa não é, e acho que houve situações em que me senti magoada e que apetecia-me o que é que estou aqui a fazer, vou ser uma péssima educadora, não estou aqui a fazer nada.

(A6)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram foi alguns formadores usavam pedagogias pouco motivadoras, quer especificar?

R – De as aulas serem um pouco monótonas, não incentivarem, pronto o aluno a dedicar-se àquela disciplina, porque utilizavam mais o tradicional, o expositivo.

(A7)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a pouca valorização da educação de infância?

R – Lembro-me do professor de antropologia cultural que era um parvalhão. E de pedagogia também que era tipo galo encrespado a fazer-se às cachopas, mas era assim, acho que como grupo que ultrapassávamos isso.

(A8)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a má formação pessoal?

R – A má formação pessoal, não é, a formação pessoal, má formação pessoal, isso é do pior, a formação pessoal, o ser má, havia uns sacanitas como há em todo o lado, não é, e havia lá professores que se pispavam com as alunas, isso é má formação pessoal, não é, pronto, que não respeitava, se não se respeita um aluno, o aluno é um ser humano, isto nesse grau e nos nossos, se eu sou educadora de infância e não respeito uma criança, uma criança é um ser humano, tudo tem má formação, a minha, não é.

(A8)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa poucos conhecimentos?

R – Não sabiam, não sabiam o que é que se passava.

(A8)

Q – Acerca das infra-estruturas já falamos e agora em relação ao pior que os professores tiveram o que significa demasiado teóricos?

R – As aulas que eu acho que eram mais importantes na formação de base para um educador que são as das artes: música, expressão plástica, dramática, a Pedagogia e a Psicologia, são áreas muito fortes, muito importantes, eram demasiado teóricas, por ex. na aula de música estava lá uma Sr.^a velhota dó ré mi fá sol lá, e nós não sabíamos como através do ritmo de uma lengalenga se pode chegar à leitura e à escrita, era mais importante que ela nos tivesse ensinado isso porque a musicalidade das palavras pode levar à divisão silábica ou outra coisa do género, nada disso aconteceu, era estarmos ali a cantar umas músicas e ela dó ré mi ao piano e umas músicas démode, ao menos a letra podiam ser feitas de bela poesia ou adapta-las à idade, nada de nada, a Sr.^a estava ali a tocar para ela própria. É neste sentido que eu acho que eram demasiado teóricas, teóricas...

Chegava o de Ginástica e dizia o corpo divide-se em não sei quantas partes e quê, em vez de nos dar psicomotricidade da criança e ver como através do movimento e da parte motora a criança constrói o seu eu, a sua lateralidade, a sua aprendizagem, o seu conhecimento, essa parte fui eu que a descobri.

(A9)

Q – Em relação ao pior que os professores tiveram o que significa matérias mal dadas?

R – Como eu dizia que o professor de Pedagogia tirava extractos sobre Piaget que não faziam sentido, era tão mal dado que eu nunca percebi as características da criança e a metodologia também, não explicava nada mesmo que lhe perguntássemos.

R – Não tenho bem a noção, talvez as coisas que mais nos marcam. Da parte do conhecimento lembro-me de ter descoberto a Psicologia e a Pedagogia, não através do Dr. B. que era o professor, mas aqueles apontamentos todos engalfinhados, tudo muito mal ... copiava aquilo mas não fazia sentido, contudo deixou-me com muita curiosidade e posteriormente ler por mim, autodidacta, ler o Piaget, a Montessori, o Decroly, o Freinet ... foi essa a tomada de conhecimento porque eu se não fosse esta tomada de conhecimento abrir-me a porta porque eu voluntariamente ou noutra curso não iria a essa área.

(A9)

Q – Quando pensa no contexto de formação inicial que teve de pior o que significa conhecer mal a realidade do trabalho em Jardim de Infância?

R – Significa que a realidade era nova e portanto eles conheciam-na mal, e era a primeira vez que contactavam com o curso de educadores de infância.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa não conseguir por vezes ajustar a teoria à prática?

R- Era esse o grande defeito que nós apontava-mos, por ex. a antropologia, não consigo recordar mais, já passaram vinte anos, já é muito tempo.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa serem demasiado expositivos?

R – Significa que o professor chegava ao cúmulo de ler textos, ler, ler, ler, e nós a ouvirmos e tentarmos apanhar apontamentos ou então depois lermos as fotocópias que eram montes delas.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de experiência dos professores na educação de infância?

R – Sim, em pessoas concretas, nomeadamente havia muita falta na altura de professores ligados à pedagogia, não havia, sempre difícil, nunca começava o ano com professores, depois a questão, lá está, de ser uma escola de formação de professores do primeiro ciclo não estava vocacionado para a educação de infância, e os professores sentiam-se, sendo essa insegurança, e transmitiram-nos um bocado essa insegurança, e depois a questão de espírito de grupo aqui, porquê, porque nós partilhávamos alguns professores com outros alunos do primeiro ciclo, de modo que às vezes havia alguma disputa entre eles e competição entre os próprios professores, e eu acho que isso de certa forma que nos prejudicava um bocadinho também a nós.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.º PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	c) RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES, ENTRE PROFESSORES E ALUNOS E ENTRE ALUNOS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as relações interpessoais entre docentes e discentes.

Q – Quando pensa nos professores da sua escola de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi a divergência de posturas, quer especificar?

R – A divergência de posturas seria positiva se eles não se maltratassem uns aos outros ou não se desautorizassem uns aos outros.

Q – Existia isso à frente dos alunos?

R – Existiam comentários nas aulas relativamente aos outros, às vezes, era muito desagradável.

(A2)

Q – E o que significa hierarquias e divergências entre alguns deles, ainda pensando no pior que os professores tiveram?

R – Uma hierarquia que se sentia com a educação pré-escolar como uma coisa menor, ESE, e portanto haver professores que não davam aulas às educadoras e davam aos outros cursos. Era uma hierarquia superior, até porque na sua formação de bases eram todas educadoras, as orientadoras da prática pedagógica, que depois fizeram as licenciaturas, os deses, mas eram todas educadoras e eles não, na generalidade eram doutores e notava-se assim ... não era visível mas era uma coisa oculta, mas que se notava umas certas faíscas, não é? E depois daquilo nas questões da avaliação aí era mais notórias as faíscas entre eles porque não valorizavam o que devia ser valorizado, depois as notas, as médias ...

(A3)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram o que significa alguns conflitos entre os professores/orientadores?

R – Pronto, as pessoas são diferentes, não é, têm maneiras de trabalhar diferentes. Foi o que aconteceu, por exemplo, nós estávamos divididos pelos três orientadores e depois entre nós alunas havia conversas, não é, e depois uns actuavam de uma maneira, as pessoas trabalham de maneiras diferentes e nós depois acabávamos por sentir isso, porque havia um dos professores orientadores que era mais exigente, outro era menos, e sentíamos aquelas que tinham os orientadores mais exigentes, sentíamos-nos um bocado lesadas nesse aspecto, não é, porque os outros eram mais benevolentes, deixavam as coisas correr, pronto, mais entre nós e as educadoras cooperantes, e essas colegas saíam com vantagens a nível de notas e tudo. Pronto, foi aí que eu vi os conflitos.

(A4)

Q – Quando pensa no grupo de professores que tiveram de pior foi não respeitar os alunos como adultos, quer especificar um bocadinho isto?

R – Posso especificar, só dizendo que alguns dos professores que foram meus professores já no bacharelato e agora na licenciatura, não nos trataram como gente crescida enfim, parecia que estavam a falar um bocadinho para pessoas que não tinham formação nenhuma para pessoas que não sabiam nada e que nós não éramos capazes de aprender certos tipos de conceitos porque isso seriam coisas que estavam muito longe de nós e isso dava motivo para lhes perguntar que metodologia é essa que elas tanto apregoam a metodologia de tratarmos bem as criancinhas e nunca as desprezarmos e nunca dizermos que o desenho

que ela fez esta mal feito, portanto olhar para o que eu digo e não olheis para o que eu faço. Eles tinham o direito de nos tratar mal mas sempre nos disseram que a última coisa que nós podíamos fazer era tratar mal as crianças.

(A5)

Q – Não conseguirem descer ao nosso nível, penso que já especificou? “Olhei para o que eu digo e não olheis para o que eu faço”, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Está explicado porque é em relação ao primeiro item eles não nos tratavam bem, houve um professor que foi capaz de expor respostas de um teste de uma aluna, num retroprojecto numa parede quando eu penso que isso é uma falta de respeito muito grande para com os alunos.

R – Principalmente a do “olhar para o que eu digo e não olheis para o que eu faço”. Eu uso essa expressão por isto, porque quando estamos a falar de formação de crianças, eles estão-nos sempre a dizer que devemos ter em atenção, devemos compreender, devemos ajudar, devemos ser solidário, devemos não maltratar, devemos nunca nos sobrepor ou sobrevalorizar em relação às crianças. Tudo bem, isso já nós sabíamos todos desde o principio. Agora essas mesmas pessoas foram capazes de se sobrevalorizarem, de fazerem, de fazem assim entre aspas um bocadinho de chacota de alguns alunos, o que me magoou realmente porque eu penso que somos todos adultos, somos todos gente crescida e merecemos respeito, e se os professores querem que nós os respeitemos, então nós também temos o direito a ser respeitados.

(A5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa esta cooperação e camaradagem?

R – Significa o grupo de educadoras que conheci lá e de amigas que conheci lá foi mais isso a nível de relações humanas.

(A6)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram o que significa serem compreensivos?

R – Significa que aceitavam a realidade de cada aluno, as diferentes formações que eles tinham e as experiências que eles tinham, apesar de haver umas ou outras não tinham andado sempre a estudar, tinham interrompidos os estudos e tinham tido uma formação profissional dentro doutras áreas, mas apesar disso eles compreendiam que as pessoas estavam mais ou menos motivadas e tinham mais ou menos uma bagagem cultural, mais ou menos aceitável ou não, mas acho que eram compreensíveis a esse nível.

(A6)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram o que significa serem interessados?

R – Eles interessavam-se pelos alunos e pela realidade deles.

(A6)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior o que significa esta competição?

R – Dos alunos, aqueles que chamavam mais a atenção, que tinham mais capacidades de diálogo, de conversar com os professores, de confrontar ideias e de os questionar também e notava-se que havia o grupo daquelas pessoas que dialogavam muito nas aulas e que eram muito participativas, eu estava a aprender ainda não era e não me sentia muito motivada e tinha medo, eu também tinha medo de participar e de não dizer nada de jeito e então reservava-me, mas como eu também havia outras colegas que se calhar sentiram também isso não é.

(A6)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a união e o bom relacionamento entre os colegas da turma, o que significa?

R – Significa em situações de ter que fazer trabalhos em conjunto, as pessoas unirem-se para os realizar e realizamos alguns trabalhos no exterior interessantes como tal como os trabalhos de feiras em jardins, em animação de jardins e de outras situações idênticas que acho que foi, que teve a ver com esse bom relacionamento.

(A7)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi o grupo de trabalho que ainda mantém laços de amizade, o que significa?

R – Portanto foi o grupo de trabalho, pois foi específico, foi o grupo de que manteve durante os 3 anos de curso, que éramos 4 colegas que mantivemos, apesar de depois na vida profissional cada uma trabalhava em lugares diferentes e fazer um percurso diferente profissional, mantemos amizade pronto voltamos a reencontremo-nos umas mais cedo, que outras mas hoje em dia temos contacto as 4 e mantemos a amizade.

(A7)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram foi a boa relação afectiva, o que significa?

R – Sim de alguns claro serem, de a pessoa se sentir à vontade com o professor ou a professora, porque a pessoa era compreensiva, tinha preocupação em relação a se a pessoa estava bem, proporcionavam-nos pronto material se precisávamos para além daquele que era dado na aula, pronto nos intervalos nos corredores conversavam tinha uma boa ligação.

(A7)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram foi o distanciamento de alguns professores, o que significa?

R – Sim, também o facto de serem pessoas mais velhas, talvez, por isso tinham gerações diferentes, personalidades diferentes também.

(A7)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram foi não serem capazes de motivar a autoconfiança do aluno, o que significa?

R – Pronto, como estavam distantes o aluno não sentia, não se sentia motivado, nem era apoiado.

(A7)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa a relação com os alunos?

R – A relação depois era aquele, o ser amigo, não é, o ser companheiro, porque temos além da relação dos professores com os alunos eu tirei o curso em oitenta e três, pronto, ainda havia lá os professores que não eram meus eram do Magistério, que eram longas conversas no café, que nós crescíamos com aquilo, aquilo era beber, não é, beber, mas tive professores também meus para além da Tila, tive a Teca M., tive outros professores que nós, as conversas, a cumplicidade na aula, não é, era ótimo.

(A8)

Q – Quando se refere à sua escola de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a camaradagem, quer especificar?

R – Era tão boa, era tão divertida, lembro-me que quando íamos fazer trabalhos de grupo, aqueles encontros de nós porque vivíamos em quartos alugados com outras colegas e havia muita partilha, muita camaradagem nas coisas, era muito bonito, lembro-me de ir ao café com as colegas ... não era a turma toda era mais os grupos com os quais fazíamos trabalhos de grupo, lembro-me de uma colega que ficou doente e nós decidimos ir cada dia sua visitá-la ver o que cada uma levava. Esta colega chumbou por faltas e nós fomos aos

professores pedir para não a chumbar, eu acho que isto é camaradagem, uníamos umas pelas outras, era agradável esta relação. Ainda estávamos na idade que pensávamos que podíamos mudar o mundo.

R – É uma boa imagem e é agradável, penso que quando se é muito jovem ainda à uma certa inconsciência em nós que prevalece portanto a imagem era de alegria, boa disposição, lembro-me da camaradagem entre as colegas e das amigas que ainda tenho hoje, que são do tempo do curso, portanto é porque realmente essa camaradagem é de facto positiva, ficou no tempo.

(A9)

Q – E o que significa na sua escola de formação inicial que teve de pior a pouca liberdade?

R – Aí tem que se entrar em contradição porque havia um núcleo de professores para um lado e um núcleo de professores para outro, por ex. tocou a campainha e um minuto depois eu sou posta fora da aula mas a Sr.^a professora chega meia hora atrasada e nós tínhamos que ficar ali, isso era a pouca liberdade. A maioria dos professores tiravam-nos a liberdade que os outros nos davam.

(A9)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa não conseguir estabelecer uma relação próxima com os alunos?

R – Significa que dado talvez à sua personalidade, à sua maneira de ser como profissional daquele sector de ensino, ao contactar connosco era sempre numa postura de alguma superioridade em relação a nós, um certo distanciamento.

Q – Mas verificava-se com todos?

R – Não, não, não, não eram todos os professores assim. Uns mais outros menos.

Q – Quais eram os mais próximos, de que disciplinas?

R – Eram as orientadoras de estágio, havia lá um professor ligado à saúde infantil por exemplo, que também era próximo, um professor de educação visual que também era próximo, uma professora de música.

Q – Talvez as orientadoras sejam as mais próximas também devido à sua formação e às suas vivências?

R – Sem dúvida, tinham a formação de base delas era também a educação de infância, portanto essas sim, conheciam bem a realidade.

(A10)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa falta de espírito de grupo?

R – Pronto é assim, realmente havia essa questão das duas formações distintas, que eles faziam muita questão em serem realmente formações distintas, e eu lembro-me que eles tinham avaliação era diferente, eles tinham umas, tinham frequências semestrais e nós não tínhamos, nós tínhamos uma avaliação continua, e fazíamos os nossos testes, mas não nunca, não me lembro de ter exames, mas eles tinham, tinham as frequências, paravam, deixavam de ter aulas, faziam frequências e depois voltavam ao normal. E nós tínhamos, portanto eles faziam muito essa questão de marcar a diferença e eu acho que entre os próprios professores, era esse aspecto negativo, porque quando, havia professores que eram só professores das educadoras e havia professores que eram só dos professores do primeiro ciclo, e depois tínhamos os que eram comuns, e eu acho que eles faziam muito, faziam sentir, faziam-nos sentir essa diferença.

R – Sim, em pessoas concretas, nomeadamente havia muita falta na altura de professores ligados à pedagogia, não havia, sempre difícil, nunca começava o ano com professores, depois a questão, lá está, de ser uma escola de formação de professores do primeiro ciclo não estava vocacionado para a educação de infância, e os professores sentiam-se, sendo essa insegurança, e transmitiram-nos um bocado essa insegurança, e depois a questão de

espírito de grupo aqui, porquê, porque nós partilhávamos alguns professores com outros alunos do primeiro ciclo, de modo que às vezes havia alguma disputa entre eles e competição entre os próprios professores, e eu acho que isso de certa forma que nos prejudicava um bocadinho também a nós.

(A11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª ESTÁGIOS Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	a) LOCAIS DE REALIZAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam os contextos onde são realizados os estágios.

Q – E os sítios de estágio, sendo esta uma ESE pública, os centros de estágio eram em locais privados, em instituições privadas ou era nos Jardins de Infância públicos?

R – Eu estagiei no primeiro e no segundo ano em locais privados, só no terceiro ano é que fui para um Jardim de Infância da rede pública, e felizmente.

Q – Porque neste aspecto, parece que há um desfasamento na formação inicial quando se tem uma formação na ESE pública com determinada filosofia, depois põem as alunas a estagiar em locais privados com outra filosofia, qual a sua opinião?

R – Sem dúvida nenhuma, eu acho que tenho tido colegas que realmente perderam muito e tiveram bastantes dificuldades devido a isso precisamente, porque foram estagiar, no terceiro ano, portanto no último ano de curso, para instituições particulares e que realmente não tinham nada a ver com a filosofia, exactamente. E eu notei isso, tive a oportunidade de constatar mais tarde, já, depois de já sermos educadoras que essas colegas não desenvolviam um trabalho como deve ser, portanto na rede oficial pública.

(A1)

Q – O que significa os estágios muito limitados às instituições privadas?

R – Além do estágio na biblioteca de V. N. G. não havia estágios em mais lado nenhum a não ser em instituições privadas de solidariedade social. E uma colega no último ano conseguiu fazer num J. I. da rede pública porque era de V. do C. e a escola aceitou que fizesse lá, não sei se a rede pública não aceita estagiárias ou se a escola não quer promover a rede pública. Parece paradoxo uma escola de formação pública não dar a conhecer a realidade dos J. I. públicos, eu durante o curso nunca visitei nenhum a não ser quando comecei a trabalhar como educadora e absolutamente desconhecadora de tudo, em termos administrativos, totalmente e acho que é um falha grave, nós saímos de lá sem saber o que era uma folha de ofícios, preencher um mapa de faltas, preencher o mapa do leite, a saber zero...nada e minha sorte foi eu ter ido para as F. e ter uma colega a trabalhar na mesma sala, que já tinha muitos anos no público, e ensinou-me a fazer e disse-me não te preocupes que eu quando fui também não sabia nada.

Penso que a ESE era desconhecadora de como administrativamente funcionavam os J. I. da rede pública.

Q – Porque é que acha que as instituições de solidariedade social aceita os estágios?

R – Porque é mão de obra gratuita. Claro que havia um certo rigor na escolha das instituições, não tenho dúvidas disso, eu lembro-me de ter feito estágio numa instituição onde a qualidade dos profissionais era muito boa, talvez porque estavam sempre ligados à ESE que lhes imprimia outra dinâmica.

(A3)

Q – E ainda, sobre a sua escola de formação inicial o que teve de pior foi poucas ajudas monetárias e nível de estágio ou nenhuma quer especificar melhor?

R – Pronto, já referi, porque as ajudas que a Universidade dava para as alunas estagiárias eram para as educadoras cooperantes, não é? E se havia pessoas que tinham possibilidades para pôr dinheiro do bolso delas para materiais, porque os Jardins de Infância públicos também na altura lutavam com muitas dificuldades, tínhamos outras colegas que não

tinham essa disponibilidade, não é? E acho que aí era uma das falhas das escolas. Mas também posso referir aqui, que eu lembro-me que na altura, essas ajudas eram para as educadoras cooperantes, também para as motivarem um bocado a aceitarem-nos como estagiárias, foi um bocado como que uma negociação entre a Universidade e as educadoras cooperantes.

(A4)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.º ESTÁGIOS Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	b) DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam as valências mais contempladas sobre os estágios e as atitudes das educadoras cooperantes.

Q – Quando fala sobre a sua escola de formação inicial disse que o que teve de pior foi muita teoria e pouca prática. Acha que não houve articulação entre a teoria e a prática?

R – Havia articulação entre a teoria e a prática, agora penso que precisávamos e eu vejo agora no currículo que está actual na mesma Universidade, que eles já têm mais prática, portanto, já tentam ligar mais a prática com a teoria. No nosso tempo não seria tanto assim, também devido às dificuldades, que pronto, em relação às educadoras cooperantes, as educadoras ainda não estavam tão abertas, tão disponíveis para esse tipo de trabalho. E os professores daí provavelmente porque muitos professores que trabalharam connosco agora na licenciatura tinham trabalhado connosco durante o curso e houve uma luta, ao longo destes dez anos, não é, para conseguir vencer essas barreiras.

(A4)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa alertar para os diferentes contextos em que nos íamos inserir?

R – Tem a ver com o ser educadora na cidade e o ser educadora na aldeia porque na altura nós fazíamos na cidade e é, no meu caso foi até na creche no grupo de dois anos, e depois eu acho que alertou para isso, como é que era a realidade na aldeia e havia uma colega que era da aldeia de V. e ela dizia que a imagem que se tinha das educadoras não era nada agradável, estava ali, o que é que esta ali a fazer, tomar conta de meninos, é essa a imagem que se tinha a uns anos atrás e acho que agora está um bocado diferente, eu espero que esteja para bem da nossa classe profissional.

(A6)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª ESTÁGIOS	c) PAPEL DOS ORIENTADORES SOBRE AS ENTREVISTADAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o papel dos orientadores na formação das alunas.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi a orientação da prática pedagógica pouco orientada, o que significa?

R – Pronto, nós tínhamos aulas de prática pedagógica, só que nessas aulas nós víamos filmes sobre várias, sobre desenvolvimento, sobre pequenas actividades no Jardim de Infância sobre, sei lá, filmes educativos, só que é assim, dizerem-nos como é que se trabalha num Jardim de Infância, darem-nos pistas para desenvolvermos trabalhos, mostrarem-nos um bocadinho da realidade, da verdadeira realidade não, talvez por não nos quererem dar imagens, para nós não ficarmos com imagens, mas acho que nós precisávamos porque eu senti essa falta depois mais tarde quando fui trabalhar para o directo no público, claro, que é onde eu estou, as coisas por vezes, a prática é diferente, muito diferente da teoria.

Q – Mesmo nos estágios não lhes davam orientação?

R – Portanto, nós só tínhamos, nós trabalhávamos directamente com a educadora cooperante, porque a nossa orientadora vinha de tempos a tempos, mas de muito longe em muito longe.

(A1)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial o que tiveram de pior foi o não acompanhamento nos estágios, quer especificar?

R – Aos professores das disciplinas principalmente de música e motricidade, mesmo incluindo a prática pedagógica, literatura.

Q – Eles acompanham os alunos no estágio?

R – Deveriam, mas não, nunca tivemos, eu no meu estágio nunca tive um professor a não ser a orientadora, portanto de estágio, nunca tive nenhum professor de música ou professor de motricidade ou mesmo de desenho ou de literatura infantil a supervisionar o nosso estágio ou até a ajudar numa actividade, nunca, nunca.

Q – E não tinham um grupo de reflexão na escola?

R – Se tínhamos não tenho ideia, portanto a gente poderia eventualmente tirar dúvidas para uma planificação com os professores, isso eles eram muito receptivos e ajudavam-nos, mas fora isso eles, não.

Q – Momentos de reflexão sobre aquilo que estavam a fazer?

R – Não, não tenho essa ideia, nós planificávamos de acordo com as orientações da orientadora de estágio e com as orientações da educadora cooperante, mais nada.

(A1)

Q – Ainda no grupo dos professores o que significa a experiência profissional que transmitiram?

R – Aí estou-me a referir às educadoras que nos faziam a formação, a orientação pedagógica, como tinham sido educadoras as coisas que elas diziam por ex. nós podíamos fazer o jogo da canção do barquinho ligeiro andava ligeirinho andava no mar sempre com os meninos da mesma maneira, para a frente e para trás, mas também podemos subverter, para os lados, ou fazer de outra maneira, isso de subverter as coisas também foi lá que eu

aprendi, a subverter a ordem lógica de alguns jogos e algumas coisas e como isso potencializa o desenvolvimento e influenciou a minha maneira de ser.

(A3)

Q – O que significa no grupo de professores a capacidade para ouvir as angústias?

R – Pois havia lá um grupinho de professores ou seja as orientadoras pedagógicas que estavam, quando as coisas não nos corriam muito bem ou quando nós íamos fazer uma prática e vínhamos de lá abanadas porque a profissional que tínhamos apanhado não correspondia em nada aquilo que nós pensávamos ser modelo ou aquilo que nós estávamos à espera, estas frustrações normalíssimas na formação, elas tinham capacidade para nos ouvir e para nos ajudarem a ultrapassar estas questões.

(A3)

Q – O que significa quando disse no que os professores tiveram de melhor serem bastante compreensivos e colaboradores com as nossas dificuldades?

R – Pronto, porque eu falo também, portanto, em relação ao meu estágio. Não tive a orientadora se calhar que eu mais desejaria ou se calhar que mais se adequaria a minha maneira de ser, embora tivesse tido muitas dificuldades pelo facto de ser uma pessoa tímida e tudo, eles tentaram ajudar-me nesse sentido, portanto.

(A4)

Q – Quando se refere ao pior que os professores tiveram disse que foi pouca relação com as educadoras cooperantes, quer especificar?

R – Pronto, é a tal situação de estarmos ainda num começo, pronto, e também se calhar não havia tempo, não havia experiências anteriores de relação com as educadoras, as educadoras ainda não estavam muito abertas, e o tempo dos orientadores provavelmente também seria limitado para reunirem com elas e para conversarem.

(A4)

Q – Quando se refere ao pior que os professores tiveram disse que foi a pouca experiência em determinadas situações, quer especificar?

R – Pronto, aí eu já referi, foi mais, só me posso referir em relação à minha orientadora de estágio, que se não tivesse tido uma educadora cooperante com quem eu me dei bem, posso referenciar isso, não tinha aprendido assim muito, porque com a orientadora senti que ela também tinha muitas falhas, embora noutras situações ela estaria bem preparada, mas em termos práticos ela pouco ou nada me ensinou. Portanto, o que eu aprendi foi mesmo com a educadora cooperante e com outros professores, com algumas dúvidas que a gente ia tirando.

(A4)

Q – Quando pensa no melhor que os professores tiveram o que significa serem capazes de motivar e despertar o sentido crítico?

R – Eu gostava particularmente de escrever e a professora de técnicas pedagógicas, acho que foi com esta que eu aprendi a saber questionar as coisas na escrita, porque eu gostava mais de escrever e ela dizia que eu não devia ter medo de expor as minhas ideias sempre na escrita, eu na oral pouco gostava e pouco falava, mas de questionar as coisas de quando nós íamos para a prática pedagógica para as observações, que era o 1.º estágio de observação, de questionar as coisas de não ter medo de questionar as coisas e foi isso, ajudou-me.

(A6)

Q – Quando pensa no pior que os professores tiveram foi a discriminação, discriminação a que nível?

R – Acho que era a nível, não era bem aceite mas era as pessoas estavam ali se calhar por ver andar os outros e aprenderiam alguma coisa, sim teoricamente mas se calhar na prática nunca seriam grande coisa na prática, e era isso que senti, e eu senti a nível de estágio

discriminação, a prática para mim foi má, o meu ano de estágio devia ter mais um ano teórico e um ano prático de estágio porque eu não consegui fazer os relatórios em função do que eles queriam tinha dificuldade em escrever a descrição de actividades e de programar as actividades e depois era discriminada porque havia outras alunas que estavam na mesma escola que eu, no mesmo centro de estágio então esses sim eram louvados e eram os melhores e mais não sei o quê, eu senti-me nesse último ano senti-me mesmo mal.

Q – Esta discriminação não a afectou profissionalmente?

R – Não porque depois tive a sorte de não ir de trabalhar com crianças de dois anos, foi bom não ter estado com crianças de dois anos, depois de ter ido trabalhar com crianças com mais idade com 5 anos 3 e 4.

(A6)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi a falta de ligação entre a teoria e a realidade que fui encontrar, o que significa?

R – Penso que é mais, se calhar, que a nível de ter por um lado, se calhar é a experiência do estágio, ser uma experiência, pronto a nível de ter estado com um grupo dois anos, e depois ter também estagiado numa instituição em que tinham espaços razoavelmente bons, e depois quando se vai para a prática as dificuldades são tantas que aplicar a teoria é difícil, porque os grupos são heterogéneos, pronto, nós geralmente estagiávamos com uma idade, só com um grupo homogéneo, depois, pronto não tínhamos aqueles obstáculos todos da vida profissional não é, porque havia uma falta de auxiliares, de falta de espaços bonitos e confortáveis, pronto, e a dificuldade efectivamente o que isso mexia com a pessoa, a insegurança que existia dos primeiros anos de trabalho fazia-nos sentir realmente que havia ali uma falta de ligação com a realidade.

(A7)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial o que significa a dinâmica do grupo?

R- Já não falamos sobre isto, eu acho que sim, que a dinâmica, falámos sobre isto, a dinâmica, a professora da prática pedagógica era a T. Q...

R – É assim, a pessoa mais importante para mim e que me marcou positivamente foi a T. Q., foi a minha professora de prática pedagógica, mas foi mais do que isso, foi uma autêntica formadora, no aspecto, em todos os aspectos que é uma formadora na essência da palavra. E o nosso grupo era fantástico, o nosso grupo de, aliás, eu continuo com o núcleo desta formação.

R – Era giríssimo, acho que fizemos coisas vanguardistas, andamos lá sempre a fazer coisas diferentes, olha, foi assim, foi engraçadíssimo, era fantástico mesmo, a T. era uma pessoa extremamente exigente mas que nos ajudava imenso, mandava-me mesmo um estalo assim, tal era, foi extremamente, foi um curso que me marcou muito, não só profissionalmente como pessoa.

(A8)

Q – Quando pensa no que teve de melhor contexto de formação inicial o que significam as práticas, quer especificar?

R – As práticas foram os meus, não só os estágios mas todas as práticas que foram criadas lá com a T., a T. inventava lá umas coisas para nós fazermos em cima da hora, eu sei trabalhar em cima do joelho graças a ela, porque nós tínhamos que desenvolver, sei lá, montar lá uma exposição não sei de quem era o homem, já não me lembro, sei que cheguei a dar entrevistas à televisão, ainda estava lá a estudar, pronto e montávamos aquilo, de dia nós tínhamos que fazer, e nós montávamos aquilo, avaliávamos, fazíamos aquilo tudo impecável, as nossas práticas, isso mexer, tínhamos que nos estripar e que arranjar isso foi ótimo, foi, foi, aquele curso foi mesmo ótimo e acho que foi.

(A8)

Q – Quando se refere à sua escola de formação inicial disse que o que teve de melhor foram as aulas práticas quer especificar um pouco mais?

R – Eram as de Técnicas Pedagógicas, como disse anteriormente, eu fiz quase todos os meus estágios sem educadoras, na casa do gaiato ... para mim as práticas eram fascinantes e obrigavam-me a desenrascar e a descobrir sozinha.

(A9)

Q – Agora nos professores que tiveram de melhor o que significa deixar experimentar?

R – Eram as tais coisas práticas, lembro-me da monitora me pôr a estagiar sozinha e de me dizer vais experimentar, depois fazes uma reflexão e depois escreves. Quando me ia visitar lia tudo e dizia-me o que correu bem ou mal, porque eu não tinha um modelo como as outras colegas que estagiavam com uma educadora, para mim era conceito de liberdade fabuloso, o poder experimentar ... porque o conhecimento constrói-se, não se adquire sentado numa cadeira, em cada dia, em cada momento.

(A9)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5.ª A ESCOLHA DA PROFISSÃO	
Pertencem a esta categoria os enunciados que mencionam a opção pela profissão.	

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi despertar a curiosidade, quer especificar um bocadinho que é este despertar a curiosidade?

R – É assim, eu a fazer o curso se calhar não tinha capacidades para mais digo já, mas depois de estar lá depois de entrar nós íamos com aquela ideia que era só a tomar conta de meninos não é, mas gostar de meninos não basta e nós vemos, quando se responde aqueles requisitos da formação inicial, porque é que se inscreveu neste curso é porque se gosta de meninos mas só isso não chega, mas é a ideia que se tem. Acabei o meu 10.º ano e inscrevi-me no 11º fui para o 12.º, também não queria muito ir para história, filosofia, e então olha vai para o curso de educadora e assim quando me inscrevi para educadoras não me inscrevi para primeiro ciclo porque não tinha jeito, e depois lá na escola de formação fui despertando o interesse pela educação pré-escolar, apesar de eu achar que a disciplina de pedagogia era uma seca para mim, primeiro despertou-me curiosidade acho que sim, porque eu ia às aulas e foi o que despertou.

(A6)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior o que significa a pouca aceitação dos diferentes contextos em que os alunos eram oriundos?

R – As expectativas que nós tínhamos em relação ao curso eram diferentes, e se calhar as pessoas não entenderam muito isso não é, cada pessoa tinha vivências e ninguém tinha culpa de umas terem mais vivências e outras terem menos não é, se calhar isso não era muito valorizado porque sempre andamos a estudar e nem sempre andávamos a estudar quer dizer só isso não era tudo e tinham outras experiência, eu lembro-me de uma colega que era retornada tinha umas experiências más não é, de retornada e as pessoas valorizavam muito isso mas muito mais abertas, acho que é um bocado isso as pessoas eram muito mais abertas, as pessoas que eram retornadas eram muito mais abertas, muito mais expansivas do que nós, eram muito mais valorizadas por isso.

(A6)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL	a) PERSPECTIVAS SOBRE AS INSTALAÇÕES
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que revelam quer os aspectos positivos, quer os aspectos negativos que influenciam a formação.

Q – No seu contexto de formação inicial o que teve de pior foram as instalações, penso que já referiu como é que eram, e os horários?

R – Era o dia todo também. Começavam para aí às 9h, eu lembro-me que para mim era um horror, é assim nunca chegava às 9 ainda por cima, porque eu tinha o meu filho de um ano e tal e tinha que leva-lo ao infantário a pé, portanto ia a pé leva-lo ao infantário, depois ainda ia a pé do infantário para a escola, pronto e de manhã é assim muitas vezes conseguia mas outras vezes ele não permitia que eu saí-se cedo portanto era uma correria, um horror, só que os professores já sabiam então quando ouviam alguém a correr já sabiam e diziam vem aí a Aida.

R – Situações, quer dizer as instalações não é uma situação, é facto físico não é?! Na altura que eu tirei o curso as instalações eram muito precárias entretanto mudou; mas agora já não é assim a escola mudou a nível de tudo, os horários também era o dia todo, eu tinha um bebé e estava grávida doutro era muito complicado; antiquada bastante, bastante, até porque não me queriam deixar entrar porque eu não era casada pela igreja, tive esse grande problema.

(B2)

Q – No seu contexto de formação inicial o que teve de pior foi a escola ser antiquada o que significava?

R – Também já referi.

Q – Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa ?

R – Não são pequenas coisas, lá está coisas.

R – É, só que acho que fui a primeira aluna a entrar que não era casada pela igreja, não me queriam deixar fazer a inscrição na secretaria, eu fiquei muito indignada porque é que não podia fazer a inscrição só porque não era casada pela igreja, o que ia ser da minha vida, ninguém tem nada a ver, entretanto ela ficou um bocado assustada e foi chamar a directora, veio lá a directora, com um ar de imponente, a perguntar: quem é a senhora que não é casada pela igreja? (como se fosse um crime). Eu pus o dedo no ar com milhares de pessoas a olhar para mim e então fui chamada ao gabinete, quer dizer processou-se tudo como eu tivesse cometido algum crime. Entretanto eu já estava naquela de não vou ficar, portanto eu não tenho nada a perder nunca, o que eu penso é para dizer e então ela perguntou-me porque é que eu não tinha casado pela igreja e eu disse-lhe que não quis. O meu sonho sempre foi casar pela igreja, mas que na altura que eu casei acho seria uma hipocrisia muito grande ter casado pela igreja porque fui forçada, isso eu não quero casar pela igreja só porque toda a gente casa pela igreja porque é um casamento bonito, eu quero casar pela igreja quando achar que vou fazer um compromisso com Deus, entre ele e eu mais ninguém tem nada a ver com isso, não achei a altura propícia, mas ela ficou tão sei lá, eu não sei o que ela pensou naquela cabeça, deve ter dado um nó aquela cabeça mas ela disse logo que eu entrava.

Q – O requisito era preciso ser católica, para entrar nessa escola de formação inicial?

R – Era mas eu era católica, eu era católica, só não tinha casado pela igreja como já disse.

Q – Pediram algum certificado de católica?

R – Não, não era preciso nada, simplesmente o que levantou a questão foi o facto de ter lá casada em que diocese, paróquia, não sei o quê e eu não preenchi, mas a secretaria disse-me mas falta aqui preencher isto, porque aqui diz que está casada, e eu disse: sou casada mas não sou casa pela igreja, e foi um escândalo, não é, entretanto eu expus o meu problema e a minha opinião. E a directora disse logo que podia fazer a inscrição e aliás foi sempre impecável comigo durante a minha gravidez, foi uma directora espectacular e ela gostava imenso de mim só que não sei deve ter sido a forma como eu me expressei, fui sincera percebe, fui sincera não tinha nada a esconder e ela disse que eu era a primeira aluna a entrar ali que não era casa pela igreja, por isso é que pus aí antiquada.

(B2)

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foram as condições físicas e rigidez da escola, penso que já falou, não quer explicar melhor?

R – Pois, próprias do tipo de escola que é, mas que não considero muito mal, não acho que nos tivesse influenciado assim muito. As regras próprias daquela escola, não é? Quem ia para lá já sabia, não é? Não é uma faculdade pública que tem aquelas liberdades todas, acho isso bem, pronto, um certo rigor.

Q – Quando vocês entravam nessa escola de formação inicial já sabiam da existência dessas leis rígidas?

R – Sim, desse cariz, porque era uma escola de cariz religioso, portanto já à partida, com conotação diferente, não é?

R – Falta de apoio não é, que eu tenho aí, isso senti, falta de formação senti muito a nível de creche e ATL, porque nós não tivemos por isso acho que a culpa é um pouco das pessoas da instituição, é pessoas, não posso falar em situações porque nós nunca tivemos directamente contacto com essas valências, não é?

E o espaço que eu me refiro, físico, é o espaço escola em si mesmo, o espaço, tínhamos poucas condições de espaço, era pequena a escola, e tínhamos algumas dificuldades em termos de sala, que depois foram superadas.

Rigidez era meia dúzia de professores que eram mais rígidos e as leis internas, visto ser de uma escola de freiras, tinha regras mais fixas, mas nada que não se aguentasse.

(B3)

Q – As instalações, o que é que tiveram de melhor ?

R – Pronto acho que foi aquele jardim, aquele jardim que nós tínhamos era mesmo, essencialmente era isso, aquelas nossas escapadelas quando íamos para lá nas nossas maluquices que todas nós fazíamos, metiamo-nos no jardim. Aqueles horas, aquelas momentos de lazer extra aulas aqueles, momentos que a gente aproveitava para cortar na casaca dos professores e da instituição era tudo no jardim. E realmente se calhar a mim marcou mais foi esse espaço do jardim que era uma maravilha.

(B4)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	b) PERSPECTIVAS SOBRE PESSOAL NÃO DOCENTE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as atitudes destes profissionais.

Q – Ao falar da sua escola de formação inicial disse que o que teve de pior foi certos funcionários, quer especificar?

R – Lá está, houve de tudo, alguns professores, alguns administrativos, mas também tive alguns que marcaram, lá está aquilo que eu disse chamar de atenção a mim ou outras colegas da maneira como estávamos vestidas, os professores que era mesmo chegar ali e toca a andar a despejar a matéria e vamos embora, é mais isso.

(B4)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	c) BIBLIOTECA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que mencionam a importância / ausência deste espaço.

Q – Quando se referiu no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a disponibilidade, diversidade de material para consulta, o que significa?

R – Pronto, era engraçado na ESE privada porque também faziam muitos ficheiros e faziam, para além da biblioteca, tínhamos ficheiros de prendas, faziam-se registos de tudo, daquelas ideias todas, portanto eu ia lá às vezes, estamos tão, não surge assim nada diferente e às vezes era importante ler esses ficheiros de e essa disponibilidade de material a nível de prendas, a nível de histórias, de canções, de lengalengas, de slides, pronto havia assim, era rica nisso, por acaso eu achava isso, também nos facilitava porque nós no início tínhamos pouca coisa, não é, pouca recolha de coisas.

(B7)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de pior, o que significa por vezes falta de bibliografia para consulta (biblioteca pobre). Era uma escola que não investia em livros?

R – A escola tinha livros, que eram livros para crianças, livros da biblioteca como nós temos aqui, livros para crianças, trabalhos, bastantes trabalhos de alunas que ao longo da sua formação tiveram que fazer trabalhos para as disciplinas, portanto esses trabalhos estavam, não eram para nós, ficavam, para a biblioteca, nós tínhamos que deixá-los ficar lá, nem os próprios trabalhos podíamos depois trazer, havia outro tipo de livros, mas o que eu acho é que para uma escola daquelas com tão boa fama, não é, que deveria de investir mais em livros.

(B10)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª ESTRUTURA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO INICIAL	d) CURSOS MINISTRADOS
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a escola de formação inicial.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que realçam a pouca valorização deste curso em relação a outros ministrados na própria escola de formação inicial.

Nota: As escolas de formação inicial formavam futuras educadoras de infância.

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.º CURRÍCULO	a) ADAPTADO À EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA
Pertencem a esta categoria os enunciados que dão ou não visibilidade à educação de infância na formação de futuros profissionais	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem uma formação inicial importante para a construção da figura de ser educadora.

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor considera a exigência, quer especificar além do que já disse atrás?

R – A escola era muito exigente em termos de acompanhamento, acompanhava-nos e exigia muito, eu acho isso foi fundamental no meu percurso profissional, porque ser exigente com razão, fazem-nos exigências e fazem-nos cumprir coisas, que no meu ponto de vista estavam certas no género fazer um relatório, fazer um plano pedagógico, ter que apresentar tudo direitinho, preparar as actividades com antecedência, depois se houver alteração nas actividades saber justificar porquê, eu acho que agora não é necessário fazer isso como educadora mas na altura foi importantíssimo que eu fizesse isso, eu percebi que programar por ex. não é a mesma coisa que fazer porque os meninos estão mal dispostos nesse dia e não vamos lá meter essa actividade à força só porque programamos, mas é preciso saber justificar porquê, porque eles estavam mal dispostos porque aquilo não era indicado para o dia, o facto de não ligarem a fazer as coisas obrigam-me a pensar depois sobre elas, e acho que nesse aspecto a exigência é fundamental.

(B5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi o acompanhamento teoria/prática, o que é que significava isto?

R – O acompanhamento havia sempre, tirando aqueles casos que já falamos não é, nós íamos para o estágio a saber o que íamos fazer, íamos com conhecimento de causa, íamos preparadas para o que íamos encontrar, embora o factor surpresa existisse sempre ainda bem, mas íamos bem preparadas portanto houve sempre a teoria aplicada à prática, vocês vão para o contexto de trabalho estagiar mas os meninos são assim e as actividades são estas, nós tínhamos a noção do que íamos fazer e para onde íamos, coisa que às vezes eu não vejo noutras escolas.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial foi formação teórica, quer especificar um pouco esta formação?

R – Eu gostei das disciplinas que tivemos, acho que foram completas, nomeadamente Psicologia, Pedagogia, Literatura Infantil, acho que foram cadeiras que estavam perfeitamente adequadas ao curso e eu gostei muito. Todos os conteúdos foram muito importantes e ainda hoje os utilizo e acho que uma boa planificação daquilo que se faz na prática tem que ter uma boa fundamentação teórica, para sabermos porque é que estamos a fazer. E eu acho que lá na escola nos deram essa formação teórica.

(B6)

Q – Quando se referiu no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a formação religiosa, quer especificar um bocadinho em que aspecto esta formação religiosa?

R – Pronto é assim, todos nós, eu também tive formação religiosa, na família, mas era pouco praticante ou nada praticante. E essa formação religiosa que eu estou a falar é mais a nível de crianças, descer ao nível das crianças, porque de facto é complicado pegar numa

bíblia e dar a conhecer a vida de Jesus. E nós tivemos muito bem, pronto, que nos foi dado com muita, muitíssimo bem a vida de Jesus mas ao nível de crianças, dar infantil, não é, pronto. E isso para mim, gostei, gostei imenso, acho que é muito importante porque é um momento, em creche não se dá, mas eu dou sempre a nível de Jardim, acho que é um momento mesmo que as crianças que não, pronto, não aprendam muito bem os passos todos e as passagens todas, é importante só o facto daquele momento de estar no silêncio e estar a pensar, por acaso acho que foi daquelas coisas que me preencheu bastante e gosto imenso de dar.

Q – E na formação religiosa foi católica ou foi...?

R – Católica.

Q – E não tiveram mais, não contemplaram outras religiões?

R – Não, não.

Q – E aqui no seu local de trabalho, contemplam outras religiões?

R – Não, não.

Q – E têm crianças de outras religiões?

R – Não, no meu grupo nunca tive, mas eu tenho conhecimento que noutra grupo de crianças havia uma que não podia, uma criança que não podia assistir, aí eu não sei como é que a educadora fez, se dava ou se não dava, eu isso não faço ideia, por acaso, mas no início do ano, quando eu dou uma ficha para os pais para preencher é uma das coisas que eu pergunto é exactamente essa.

(B7)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa esta formação profissional?

R – Significa mesmo a formação curricular, duma certa forma fazendo um balanço foi positiva, ter outros aspectos que eu há pouco dizia que há uma situação de injustiça, de imparcialidade e critérios de avaliação, tirando isso, no global foi positivo, eu aceito que contribuiu para a minha personalidade, sim em alguma parte, mas não foi fundamental, porque quando cheguei à escola com 19 anos já tinha uma personalidade como é óbvio.

(B8)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significam os valores humano-cristãos?

R – Esta escola de formação é uma escola de educadoras católicas na altura era, agora é uma escola católica de educadoras, na altura era uma escola de educadoras católicas e portanto primava pelos valores cristãos.

Q – Porque é que faz esta dicotomia?

R – Porque há uma diferença não é, é completamente diferente uma escola católica de educadoras, do que uma escola de educadoras católicas.

Q – Em que é que é diferente, a escola de educadoras católicas?

R – A escola de educadoras católicas é uma escola, em que as educadoras tinham uma exigência para entrarem, uma formação católica de base.

Q – No seu tempo era assim?

R – Era sim, agora não, agora é uma escola católica de educadoras.

Q – Como é que exigiam essa, como é que eram admitidas?

R – Que fossem baptizados, um atestado de validade de estado cristão do pároco, um acompanhamento, era necessário saber a Avé Maria, o Pai Nosso, hoje em dia elas não precisam de saber, portanto nessa escola continua a administrar conteúdos programáticas de formação cristã da criança e depois as alunas chegam com uma grande dificuldade em transmitir esses conhecimentos que não têm, que ninguém pode dar aquilo que não tem.

Q – Por isso é que agora se chama escola católica?

R – Não se chama eu é que digo, mas continua a ser escola de educadoras, mas só que na altura realmente ninguém entrava lá sem data de baptizado, hoje em dia já entram algumas alunas que não foram baptizadas, já à mais abertura, não digo que esteja mais, mas na minha altura realmente primava pelos valores humano cristãos.

Q – Tinham mesmo formação nesta área?

R – Tínhamos, tanto é que nós damos formação cristã às crianças, todas as salas têm cantinho de Jesus, mas pode ver é um cantinho onde se vai trabalhando o ano litúrgico com coisas bonitas, Deus criou as coisas bonitas, Jesus, Maria percebe, Jesus, há um trabalho do ano cristão que é trabalhado nas salas, o ano todo as crianças trabalham no cantinho de Jesus.

Q – E contempla outras religiões?

R – Não, só a religião cristã.

Q – E não têm crianças de outras religiões?

R – Até à data não temos tido como me tem acontecido a mim, já me aconteceu haverem pais que se consideram completamente ateus, não queria realmente que a criança assistisse aos momentos onde Jesus está, a mãe era muito flexível, o pai não era mesmo e pronto aconteceu isso e a criança nessa altura, nesses momentos de formação cristã começou a sair da sala para ir outra sala.

Q – Mas a criança sentia ideia do que se passava?

R – Não a criança quanto mais lhe proibiam de falar de Jesus em casa, nomeadamente na altura do Natal, fazermos trabalhos desde Jesus pequenino, Maria pequenina, nascimento de Jesus, trabalho de presépio, todas as prendas, o pinheiro de Natal todo nesse contexto cristão a criança em casa quanto mais o pai lhe proibía de falar mais ela falava.

Q – Como é que geria essa situação?

R – Geria tentando não dar muito a entender que ia a falar de Jesus, ia um bocadinho até à sala do mano e pronto não ia obrigar uma criança de 5 anos a perceber. Este ano, tenho uma criança que me parece que era doutra religião, mas os pais nunca disseram que não queriam que ela assistisse aos momentos de formação cristã, mas contemplamos a religião cristã, o cantinho de Jesus.

Q – Como pessoa também valoriza muito estes valores?

R – Sim, acho que a formação global da pessoa o ser, valorizo como católica praticante valorizo.

(B8)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor o que significa a exigência?

R – Pronto eram muito exigentes embora essa exigência realmente não fosse equivalente e lá está uma escola tem os seus critérios de avaliação que não dá possibilidade de serem questionados, mas era uma escola muito exigente porque já na altura considero que a carga horária e a carga prática comparativamente com outras escolas de formação particulares que existiam na altura, era uma escola que tinha imensa prática, uma das melhores cargas teóricas também, mas sobretudo a carga prática de estágio era a maior logo no primeiro ano de formação inicial.

A exigência foi boa, boa acho que sim evidente, que a formação prática mas depois a situação prática em campo com diversidade de situações e de idades e de instituições de meio foi muito bom.

(B8)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de melhor foram: algumas disciplinas fundamentais para uma boa formação, além da metodologia que já referiu anteriormente, quais foram as outras disciplinas que considera fundamentais?

R – Também psicologia, também tive, também gostei muito. E tive um bom professor, apesar de ser um professor muito rijo na forma como transmitia a matéria, porque queria silêncio absoluto, ninguém podia olhar para as horas, porque ele perguntava-nos logo se a gente já queria ir embora, foi, considero que foi um bom professor e a nível de estudo da criança em si também foi muito positivo.

Q – E outras disciplinas?

R – Disciplinas que pudéssemos aplicar com as crianças, também a nível de educação física, que era educação pelo movimento, também realizávamos assim alguns jogos e brincadeiras que podemos aplicar com as crianças.

Q – Também tinham a disciplina de formação cristã?

R – Tínhamos.

Q – Essa disciplina acha que foi, que é fundamental no curso de educadora de infância?

R – Eu não acho que seja fundamental, porque por acaso, nunca me aconteceu, mas há crianças que ou há pais que podem não ser católicos, eu por acaso sou, mas eu não posso obrigar uma criança que não seja católica ou uns pais que não sejam católicos, obrigar uma criança a frequentar.

Q – Mas tinham um cantinho de Jesus?

R – Tínhamos, tínhamos, tínhamos porque éramos obrigadas mesmo a ter, se eu dissesse que não queria ter era mesmo obrigada a ter e sempre tive aqui também, sempre que trabalhei e trabalho aqui também tive.

Q – E contempla outras religiões ou só é a única a católica?

R – Não, só a católica. Não é que eu seja contra a formação cristã, mas havia situações e havia parábolas que nós tínhamos que trabalhar com as crianças que eu achava um absurdo, por exemplo uma das coisas que eu nunca, nunca falei desde que acabei o curso foi a forma como Jesus morreu na cruz pregado. E elas obrigavam na altura da minha formação, obrigavam mesmo a crianças de dois anos a mostrar esse tipo de imagens, a dizer que foi pregado na cruz e que deitou sangue e a coroa de espinhos e não sei o quê, eu sempre achei, sempre fui um bocado contra isso. Quando acabei o meu curso, as únicas coisas de formação cristã que eu trabalhava e trabalho aqui com as crianças era e é a nível de Natal, nascimento de Jesus, Maria, José, quem é Maria, quem é José, pouco falo a nível de formação cristã, aquilo que falo é aquilo que eu acho que devo falar, porque aplicar às crianças, dizer às crianças que Jesus morreu assim e que depois ressuscitou e as crianças não percebem, eu acho que nem os adultos percebem isso, porque eu falo um bocado por mim, eu sou católica, não sou praticante mas sou católica, nem eu compreendo isso, como é que eu posso estar a explicar uma coisa que não compreendo, não é?

Q – Quer dizer que soube retirar das disciplinas aquilo que se adequava com a sua personalidade e com a sua maneira de ser?

R – Sim, sim, sem dúvida.

(B10)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi uma formação íntegra, quer especificar o significado desta formação íntegra?

R – Uma formação íntegra, quer dizer de, para além, de ser uma escola católica que era, eu ter escolhido porque também sou católica tem a ver com uma forma de nos abrir, de nos dar um leque muito vasto e real daquilo que era a nossa profissão, mesmo de fazermos uma formação que fosse ajudar-nos a nós a podermos mais tarde ajudar os pequeninos que nos são entregues não é, a darmos também a eles uma formação íntegra com todas as vertentes que é necessário, que são necessárias.

(B11)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi uma consciencialização da realidade profissional, quer especificar um bocadinho o significado?

R – Sim porque como eu referi anteriormente, eu não tinha consciência do trabalho, eu sempre gostei muito crianças, sempre gostei muito de estar com crianças, mas não sabia qual era a realidade dum Jardim de Infância, não sabia qual era a realidade desta profissão e aí a escola ajudou-me a ter essa consciencialização, quer dizer a saber que realmente para aquilo que eu ia ver dentro de mim se realmente era esta a minha vocação ou não, ou se estava ali só porque gostar de meninos, porque nesta profissão não basta o gostar de meninos não é, e foi isso, eu acho que a escola nesse sentido a escola ajudou-me a ter consciência de eu mesma ser esta a minha grande vocação e se era isto que eu queria fazer na vida.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CURRÍCULO Pertencem a esta categoria os enunciados que dão ou não visibilidade à educação de infância na formação de futuros profissionais	b) DESADAPTADO À EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que mencionam aspectos menos positivos / desajustados à futura profissão de educadora.

Q – E o que significa ter aprendido e descoberto que podemos ser criativos?

R – Porque lá está o ser criativo, é que depois de eu ter saído aprendi que sou criativa que no fundo eu era criativa. Descobri, porque de facto eu não poderia ser aquilo que muitas vezes nos era pedidos, às vezes íamos buscar coisas, que as coisas apareciam feitas e as coisas eram feitas.

(B1)

Q – E o que significa no grupo dos professores que tiveram de melhor empenharem-se na sua tarefa?

R – É isso o empenharem-se na sua tarefa é tentarem ser, embora eu ache que eles foram realmente profissionais e foram ... mas que mas o único erro que eu acho que houve ali foi em relação ao método que era utilizado na escola de formação inicial, era tudo em relação a isso e eu acho que isso foi uma das falhas porque realmente quem sai de lá e vem para outro lado não está habituado a mais nada.

(B1)

Q – Agora quando pensa na sua escola de formação inicial que teve de pior o que significa o isolamento de outros contextos educativos?

R – Esses isolamentos que eu me refiro é em relação à escola claro, além de nós termos de fazermos o curso de educadoras havia um J. I. e então as estagiárias eram postas a trabalhar lá, exactamente era tudo lá dentro, nós não tinham outra realidade.

(B1)

Q – Quando pensa na sua escola de formação inicial que teve de pior o que significa a falta de concretização a nível teórico-prático?

R – Precisamente porque se nos dão formação e se em pedagogia nós aprendemos outras coisas deviam ter contacto com outras realidades, deviam-nos ter mandado para outros locais de estágio sem ser aquele dentro da própria escola, onde não se inserirem naquela linha, era para nós termos conhecimentos com a nível de outras realidades e de outros métodos.

Q – O estágio ser na própria escola o que significa?

R – Era uma limitação total, o método de Montessori e mais nada.

(B1)

Q – Quando pensa no grupo de professores que tiveram de pior o que significa não terem “concretizado” a teoria?

R – É, é um bocado, por ex. a nível de pedagogia muitas vezes se nós estudamos outro lá está e não saíamos dali, o pessoal tinha os conhecimento mas não saíamos, não alargávamos os nossos horizontes a nível prático nem teórico porque só conhecíamos um método.

(B1)

Q – No contexto de formação inicial disse o que teve de melhor foi a formação teórica, o que significa esta formação teórica ?

R – É teoria que nos deram, lá está, também é lógico que foi, que foi muito positiva, muito positiva mesmo, claro que está ultrapassadíssima em muitas coisas.

Q – Como por exemplo?

R – Os métodos, não havia nada o projecto educativo quando andava na escola, era os argumentos, era aquelas vivências separadas não é, pontuais.

Não havia nada de projecto educativo de início e da instituição e aquele cuidado de haver um contacto com o ambiente e todo o meio envolvente na instituição e não se falava nada disso nada, nada, era muito mais fechado.

(B2)

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a parte teórica, quer especificar um bocadinho o que era?

R – A forma como os professores davam as aulas ou através de apontamentos ou de slides de isto ou daquilo, acho que a forma que eles foram, de uma forma geral foi bem feita e acompanhei sempre bem as coisas, mesmos se precisasse de apontamentos mais específicos eles cediam. A parte teórica foi bem acompanhada, pronto, mas a teoria não tem nada a ver com a prática.

É fácil falar, muito fácil, não estou a dizer que não esteja bem, o que lá está ou não, mas não é assim, não funciona assim a cem por cento como eles, ou poderá funcionar depois de três ou quatro ou cinco meses com a prática, com o envolvimento, com tudo, não é como eles dizem logo, teoria é papel e acontece logo exactamente assim. Não, eu acho que a prática nos diz muito, muito. A teoria é importante, mas a prática é muito mais.

(B3)

Q – O que a sua escola de formação inicial teve de pior foi a rigidez, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, penso que já referi tudo, era mais acho eu a nível de atitudes.

R – Em tudo. Portanto, a rigidez é um bocado, a rigidez da escola porque era uma escola de freiras, dita de freiras e havia coisas que para nós era, pronto, não tinha pés nem cabeça.

Por ex. do género, se uma colega nossa ia de mini saia, mais curta, elas eram chamadas à atenção e às vezes de uma forma que era assim um bocado, acho muito bruta, não é? Pronto e acho que isso aí ninguém tem nada a ver com o assunto, inclusive fui chamada uma vez a atenção, por uns calções que eu levei lá, só fui lá ver umas notas e fui chamada à atenção sobre isso.

(B4)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi o fanatismo religioso, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Penso que não.

R – Na directora, numa orientadora que também dava uma cadeira, uma disciplina, porque elas foram um bocado da Opus Dei na altura, houve assim uma mudança do primeiro ano para o segundo, houve uma mudança de ambiente na escola, e isso então percebemos que elas estavam metidas na seita de Opus Dei pronto, que as tornou um bocado fanáticas, desde não podermos andar de calções, assim uma coisa, inventavam assim umas coisas de vez em quando.

Chegaram a interferir num dia de exame, ainda por cima, só que com uma colega nossa, num dia de frequência, porque estava um calor doido, não é, foi em Junho, só que no dia seguinte fomos todas de calções, é por isso que eu digo que nós éramos todas doidas, como ela implicou com a rapariga no dia do exame, no dia seguinte fomos todas, e portanto mostramos que não valia a pena estar a implicar porque senão tinha que implicar com toda a gente. O fanatismo religioso penso que começou a desgastar um bocado a imagem da escola e agora não sei como é que ela está, mas nessa altura.

Q – Elas interferiam no trabalho pedagógico com este fanatismo religioso?

R – Não, é assim, eu sou cristã e católica, portanto não me afectava grande coisa algumas das coisas que eram ditas, temos uma disciplina História da Igreja por exemplo agora até acho inconcebível, na altura não me afectou nada, porque estava um bocado ligada à igreja, já na altura portanto não me afectou, mas pensando agora passado estes anos acho que foi perda de tempo para muita gente ter uma disciplina de história da igreja, para crianças tão pequeninas para que é que interessa isso, não é?

Q – Dava-se história da igreja às crianças?

R – Não, nós dávamos formação cristã às crianças, só que isso não implicava que nós tivéssemos história da igreja, implicava que tivéssemos noções de valores e de moralidade que é isso que interessa para as crianças não é, e contávamos a história de Jesus às crianças e mesmo aqui se faz isso, mas era uma forma que não exigia que nós fôssemos doutoradas em Teologia de facto, não é, nós temos que saber a história da igreja do princípio até ao fim, coisa que, a mim não me afectava, eu já sabia porque andava num grupo de jovens e estava um bocado ligada a isso, mas acho que foi pura perda de tempo, não é?

Q – Também tinha um cantinho de Jesus nas salas?

R – Sim, eu estagiei com bebés e tinha o cantinho de Jesus por incrível que pareça os bebés adoravam. O cantinho ficava lá alto, não é, não podia ficar ao nível deles porque senão eles mexiam nas velas e naquelas coisas, mas era assim um cantinho especial, era uma decoração especial, eu todos os dias de manhã, como era obrigatório fazer, cantamos os bons dias, e os bons dias a Jesus. Eu fechava as janelas, eles, os bebés por incrível que pareça, pela mudança de ambiente tornava aquele momento muito bonito, porque se eles estavam a chorar deixavam de chorar, tinha a velinha, tinha tudo, era assim um ambiente, cinco minutos, que era, não é, era só cantar os bons dias a eles, cantar os bons dias a Jesus, e ficava por aí, acabou, não é nada, é cantar o bom dia e ter um ambiente diferente, mas por incrível que pareça o ambiente mudava completamente.

Q – E aqui na instituição também têm o cantinho de Jesus?

R – Temos, não é com o mesmo rigor é assim, eu deixo de ser educadora, sigo, é assim a instituição é católica e por aí nos regemos, mas não vamos ser fanáticas ao ponto de ter um cantinho de Jesus na sala dos bebés e de, embora eu acho que também não influencia nada, agora os valores trabalhamos, trabalhamos muito os valores aqui, em todo o lado se deve trabalhar.

(B5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi o horário alargado, penso que também já falou, quer acrescentar alguma coisa?

R – Isso aplica-se muito a mim, ainda hoje.

R – Cansaço, é cansaço. Das nove às dezoito era muito cansativo.

(B5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial foram algumas disciplinas que considero inúteis, o que isto significa?

R – A formação cristã, a expressão plástica dada numa sala sem materiais, o que é que nós estávamos lá fazer, se calhar os conteúdos não eram inúteis, a prática é que era. Mas o chocante era a formação cristã que tínhamos que dar os anos antes de Cristo, os pergaminhos como eram escritos ... essas coisas que não nos diziam nada.

(B6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial foi o carácter religioso levado ao extremo, o que é isto, que significa?

R – Era uma escola de freiras, tínhamos missa, éramos observadas de alto a baixo, se uma levava uma saia mais curta ou uma camisola de cavas.

Q – Isso em 1994?

R – Sim em 1994. Aliás uma colega foi convidada a sair porque namorava e engravidou e foi convidada a sair pela Directora, porque naquela escola não podia permitir que uma pessoa que não era casada a frequentasse, ainda lhe foi proposto que ela casasse pela igreja.

Q – No vosso plano de estudo, esse carácter religioso, estava presente por ex. no cantinho de Jesus? Vocês eram formadas para isso?

R – Essa tal disciplina de formação cristã existia para depois nós fazermos o cantinho de Jesus. Todas as salas de estágio em que nós fôssemos todas tinham o cantinho de Jesus.

(B6)

Q – Ser elitistas já explicou á bocado o que era a escola ser elitista. E esta sobrecarga de trabalhos, de relatório, classificou do que teve de pior a sua escola de formação inicial, quer explicar um bocadinho esta sobrecarga de trabalhos e de relatório?

R – Pronto, é assim, há coisas que de facto eram-nos exigidas e pela falta de tempo há coisas que ainda hoje não compreendo, como a observação das crianças diárias, de um grupo de vinte e cinco crianças não havia várias áreas para nós, era impossível, impossível chegarmos ao final do dia e conseguirmos fazer o registo diário do grande grupo, em específico para cada criança, o que me levava a fazer e a maior parte das colegas era inventar, não é, porque quando há um excesso de informação que nos é exigido quando, nós não estávamos, não éramos simples observadores, não é, nós tínhamos actividades a fazer e a realizar e é impossível, é impossível quando nos exigem esses registos, porque ninguém é imenso.

Era impossível, completamente impossível não é, eles queriam porque havia registo das actividades, depois do grande grupo, e depois havia registo das crianças, u.i., programação e fichas das actividades, era uma coisa mesmo. Ainda hoje em dia sinto essa dificuldade, não é, quando nos é pedido o dossier, quando nós temos que fazer uma, a esta hora de, que nós temos agora que, supostamente era para ser trabalhada nesses relatórios, ainda hoje em dia tenho imensa dificuldade em manter direitinho e actualizar não é, porque surgem sempre outras coisas para se fazer e os trabalhos das festas, não é, porque, também não há tempo para tudo.

(B7)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior o que significa diferentes critérios de avaliação?

R – Significa exactamente isso, não haver um rigor de avaliação e enquanto escola, eu não chamava avaliação, em que nomeadamente a estágio não há uma prova de 1 a 20 e eu tenho um 17 porque realmente havia ali um erro e eu posso recorrer portanto e então aí favorece não é, um rigor de avaliação diferente subjectivo não é uma avaliação muito objectiva, há uma avaliação objectiva com as frequências, com as matérias teóricas, mas há uma componente que me vai dar a avaliação que é uma componente prática que tem uma avaliação subjectiva e portanto quanto isso começa logo por aí não haver imparcialidade.

(B8)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi a incoerência em algumas situações, o que significa?

R – Significa exactamente essa falta de rigor e algumas situações em que realço avaliação muito particularmente, em relação muito ao lema da escola como a escola é católica mas no fundo depois com o passar das situações olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço.

(B8)

Q – O que significa no que a escola de formação inicial teve de pior foi a falta de apoio de certas formadoras?

R – Quando eu digo essa falta de apoio de certas formadoras é ver e assistirmos a colegas que não precisam de tanto apoio porque tem menos dificuldades e serem muito apoiadas e outras que precisam de muito apoio, estão com dificuldades que às vezes até por âmbito pessoal e parece que é assim, uma coisa que não tem interesse nenhum não sei.

(B9)

Q – Também acha que o que a sua escola de formação inicial teve de pior foi as disciplinas com pouco interesse algumas, que significa essas disciplinas com pouco interesse?

R – Que nós vemos que no futuro davam muito pouco fruto ou quase nenhum.

Q – Quais por exemplo?

R – Já disse uma de trabalhos manuais, coisas que nós já sabíamos, houve outra que era de drama, mas que não foi a melhor maneira de lhe dar não acho, movimento e drama, exactamente, movimento e drama.

(B9)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de pior, o que significa esta pouca teoria para pôr em prática nos centros de estágio?

R – Portanto a matéria que muitas vezes era dada pelos professores, era matéria que a mim não me dizia absolutamente nada, que eu precisava de matéria que eles me explicassem porque é que as coisas têm que ser assim e não assim, portanto a matéria que muitas vezes era dada não tinha o mínimo de interesse e pronto, as horas passavam porque a gente tinha que estar lá, mas a vontade de estar lá não era nenhuma. Por ex. a matéria de matemática e de sociologia.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de pior foi: a matéria com pouco interesse e não adequada ao curso em si, já referiu a matemática e a sociologia, quer especificar?

R – Sim, também tive agora na licenciatura também tive a disciplina de estudo do meio que era a nível de história, que nós história não aplicamos no Jardim de Infância, é mais para termos uma cultura geral, mas a nível de trabalho prático com as crianças não é um trabalho que a gente desenvolva, acho que a matéria era interessante, também aprendi, mas pôr em prática com as crianças é uma coisa que não, é uma disciplina que não me deu formação para pôr em prática com as crianças.

(B10)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi o pouco apoio em algumas áreas, quer especificar um bocadinho mais do que já disse anteriormente?

R – Sim, sim, sim, poderia haver mais mas nessa altura, agora comparando com os dias de hoje nós ainda tínhamos mais apoio do que elas têm agora, mas era um apoio de maneira diferente no tempo que tirei o curso, não foi há tantos anos quanto isso, davam-nos bases não nos davam a papa feita, não nos diziam como é que nós tínhamos que fazer, davam-nos e nós é que tínhamos que lá chegar e depois nas aulas teóricas nós tínhamos que discutir isso e dizer como é que conseguimos, como é que não conseguimos, aí tiravam-se as dúvidas todos e toda a gente partilhava dessas experiências, agora não, agora dizem as aulas são para vir ver as estagiárias, as alunas como é que têm que fazer, dizem por itens tudo como é que elas quase que dizem como é que têm que fazer, só não vem gravado porque não há hipótese de depois por um gravador a funcionar e mesmo, mas depois não dão outro tipo de apoio, acham que elas depois tem aquilo como já têm tudo feito é mais fácil, depois chegam aqui não conseguem pôr nada em prática porque depois a situação é outra não é, os meninos nem sempre estão aptos para nós fazermos aquela actividade que programamos porque não estão muita das vezes a gente quer fazer e não consegue temos que fazer uma coisa completamente diferente porque eles estão mais inquietos ou estão muito parados, temos que fazer qualquer coisa para os espreitar, e muitas vezes não

podemos regermos pelo aquele timming, aqueles horários preestabelecidos que a escola às vezes manda ter porque elas depois não sabem dar a volta a isso a escola diz por exemplo chega lá às 9h faz o acolhimento, às 9:30h faz aquela actividade não sei o quê, depois têm o intervalo depois têm e elas chegam e se nós dissermos: olha agora não pode ser uma história porque os meninos não vão conseguir estar a ouvir essa história, porque o acolhimento foi muito longo e eles não conseguem estar mais tempo sentados, as alunas coitadas, dá-lhes uma coisa má porque elas depois não sabem como gerir o tempo e não sabem fazer porque não têm, não conseguem ter essa flexibilidade não é, nós temos que ter porque nós temos que para percebermos se o nosso grupo está capaz, de se esteve 45 minutos sentado num acolhimento que correu muitíssimo bem, foi muito fixe não vamos po-los a aturamos mais meia hora ou 45 minutos a contar uma história não é, por muito boa que seja a história, por muito bem preparada que ela tenham vindo não dá é muito tempo não é, e depois as alunas dizem-nos que elas têm que fazer assim seguido que o horário tem que ser aquele e as pobres coitadas porque nós dizemos não, não vai dar, vamos agora para actividades livre depois a seguir vemos se conseguimos fazer a actividade, elas coitadas ficam baralhadas porque a escola não lhes abre os horizontes a explicar-lhe mesmo pronto porque pode acontecer, pode não poder acontecer.

Acaba por ser um defeito da formação inicial, é uma das coisas que eu tenho debatido com as monitoras da escola, mas elas também lá está são aqueles currículos que têm que ser dados, pronto que a escola lhes entrega da forma que têm que dar às alunas e elas acham que tem que ser assim, se há professores que até ajudam nesse sentido, há outros que não, depois dão a matéria daquelas forma e dizem-lhes como é que é e pronto lançam-nas depois às feras e depois que se amanhã não é, mas que é complicado.

(B11)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi uma grande carga teórica em áreas que pouco interessavam na prática, o que significa?

R – Sim, são aquelas disciplinas que nós tínhamos e que no fundo não tinham interesse nenhum para nós pormos em prática, por ex. a história da religião.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL	a) PERSPECTIVAS POSITIVAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que definem os docentes da escola de formação inicial nos seus aspectos essenciais que influenciam as alunas na construção da sua formação.

Q – Quando pensa na sua escola de formação inicial o que significa o grau de exigência?

R – Eram super exigentes, aquilo que eu achava é que eram exigentes de mais, em relação a determinadas coisas, mas depois de ter falado com outras colegas que também andavam noutras também me apercebi que era, que também que era assim, pronto, mas na altura lembro-me que achava que era exigência a mais da escola. É isso a exigência também nos ensina a sermos exigentes connosco.

(B1)

Q – E o que significa no grupo dos professores o que tiveram de melhor serem solidários?

R – Acho que os professores que no fundo, acho que é uma característica importante do professor é não só o despejar a matéria ou estar ali a cumprir a sua aula vá lá, mas também aproximar-se porque o facto de também estarmos ali 3 anos, o curso na altura eram 3 anos e também o professor estava próximo dos alunos e não estar numa pressão como aluna acho que essa condição é importante, haver outra relação isso aconteceu em alguns professores isso aconteceu.

Q – Em que disciplinas, por ex.?

R – Olhe em psicologia, matemática, formação musical, pedagogia também, houve algumas.

(B1)

Q – Quando pensa neste grupo de professores o que significa corrigir algumas atitudes?

R – Olhe corrigir algumas atitudes seriam ... corrigir aí não estará muito correcto, eu acho que os professores muitas vezes nos alertavam para determinadas atitudes ou atitudes a ter não em relação a nós mas em relação ao grupo de crianças, era a postura exacta, postura profissional e acho que isso realmente é importante porque muitas vezes nós não temos noção das coisas e se nos chamam a atenção nós a partir daí começamos a ficar despertas para isso e a ter outro comportamento.

(B1)

Q – E o que significa no grupo dos professores que tiveram de melhor empenharem-se na sua tarefa?

R – É isso o empenharem-se na sua tarefa é tentarem ser, embora eu ache que eles foram realmente profissionais e foram ... mas que mas o único erro que eu acho que houve ali foi em relação ao método que era utilizado na escola de formação inicial, era tudo em relação a isso e eu acho que isso foi uma das falhas porque realmente quem sai de lá e vem para outro lado não está habituado a mais nada.

(B1)

Q – No contexto de formação inicial o que significa este empenho por parte dos professores que tiveram de melhor ?

R – É que há lá professores que são espectaculares.

Q – A que nível, colaboravam muito com as alunas?

R – Sim, sim, sim, sim, tenho de alguns saudades mesmo, gostava mesmo principalmente algumas monitoras, há uma monitora que adorava, foi minha no primeiro ano.

Q – E as monitoras, qual era a formação inicial delas, eram educadoras ou eram professoras?

R – Eram educadoras, é assim as monitoras eram educadoras e os professores, o de saúde era um médico, filosofia era mesmo doutorado, psicologia também, não é, era também doutorado.

(B2)

Q – No contexto de formação inicial o que significa no grupo dos professores que tiveram de melhor, a responsabilidade, a que nível era?

R – Era responsáveis a nível das alunas e dos conhecimentos, as monitoras eram espectaculares iam-nos visitar imenso aos estágios, apoiavam-nos imenso, menos aquela que eu já referi atrasado só porque eu tive o azar de pôr ao nome do meu filho o nome do filho dela.

(B2)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi o apoio nas aulas, não sei e já explicou, penso que não. Que género de apoio eles davam nas aulas?

R – Apoio sim, facilitavam os apontamentos, facilitavam livros, trabalhávamos em grupo, orientavam-nos nos trabalhos de grupo, se pedíssemos ajuda eles eram prestáveis. De uma forma geral... não é?

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi serem empenhados o que significa?

R – Eu acho que os professores se empenhavam naquilo que faziam e que gostavam daquilo que faziam. Alguns, dois ou três talvez estivessem lá porque tinham que estar, mas na grande parte, gostavam, eram professores já de vários anos que gostavam daquilo que faziam.

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de melhor foi serem dedicados o que significa?

R – Também, de uma forma geral é isso, eram dedicados aquilo que faziam.

(B3)

Q- O que significa nos professores que tiveram de melhor a dedicação?

R – Eram mesmo dedicados via-se perfeitamente que eles gostavam do que estavam a fazer, que davam de tudo, eram óptimos.

(B4)

Q – Quando pensa nos professores no que tiveram de melhor o que significa a sabedoria?

R – Via-se que eram pessoas que sabiam da matéria, que estavam ali tipo a despejar matéria, tinham conhecimento da matéria, sabiam transmiti-la, faziam compreendermos chegavam ali e tumba tumba tumba pronto sabiam explicar, sabiam transmitir os conteúdos.

(B4)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi o exemplo, teve algum significado específico?

R – É assim, olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço, eu costumo dizer isso, eu gosto mais ao contrário, olha para o que eu faço e não olhes para o que eu digo, porque a acção é toque dessas palavras bonitas mas se não faço aquilo que peço aos outros também não vale a pena é nesse sentido, é mostrar que também é assim, se a empregada de limpeza não limpa bem porque é que não hei-de ser eu a dizer como é que se limpa mas não é dizer-lhe é fazer, vamos lá é aqui pegar na esfregona e vamos limpar.

(B5)

Q – Quando referiu o que os professores tiveram de melhor foi a diversidade de aulas, quer especificar um bocadinho o que é esta diversidade?

R – Pronto, a dinâmica das aulas, não é, que eles utilizavam porque não era só aquele género de aula tradicional em que o professor falava, não é, muitas vezes éramos nós que dávamos as aulas, o facto de trazerem materiais novos para nós explorarmos, quando eram aulas mais práticas, utilização de slides, por ex. na música, movimento e drama, motricidade e literatura.

(B7)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi a profundidade na transmissão de conteúdos, quer especificar?

R – Sim no geral, no geral há sempre uma ou outra que pronto a formação dos professores não era tão profunda, porque não eram professores de faculdade não é, na altura não eram licenciados e havia alguns professores que eram educadoras e tinham uma componente prática e não tinham uma componente de formação superior, mas no geral sim.

(B8)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi a exigência, o que significa?

R – Significa porque no fundo isto tudo tinha que estar na prática.

(B8)

Q – E o que significa nos professores no que tiveram de melhor o companheirismo?

R – Companheirismo é que estiveram sempre do nosso lado, acho que perceberam muito bem quando nós podíamos cumprir com que o que eles nos propunham e quando não podíamos cumprir tentávamos sempre que houvesse uma justificação, punham-se sempre do nosso lado acho que se punham sempre, como estagiárias, tinham sempre a perceber isso e havia companheirismo, colocavam-se sempre no nosso lugar.

Q – Isto só nos estágios ou existiram nalgumas disciplinas, o companheirismo?

R – Claro nos estágios e nalgumas disciplinas, sim, sim.

Q – Quer especificar alguma disciplina?

R – Por exemplo o de matemática, pode ser um dos professores da matemática, professor excepcional, realmente que vê, por ex. que era uma matéria do 12.º ano, e nós dizemos porque é que nos estamos aqui a aprender uma matéria do 12º ano, mas para mim não era de novo porque eu fui do científico portanto tive matemática até ao 12ºano para mim nada era novo não é?! Mas ele depois no fundo explicou-nos o porquê de estar com essa matéria de 12ºano, porque no fundo se nós virmos tudo à nossa volta é matemática e é preciso percebe-la para tentarmos transmiti-la às diferentes idades, acho que foi muito bom.

(B9)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de melhor foi: empenho e dedicação de alguns professores o que significa?

R – Professores preocupados connosco, preocupados com o nosso trabalho, preocupados com a matéria que ele deu, se realmente a gente conseguiu compreender, se não conseguiu compreender, se temos dúvidas, se não temos, mesmo a nível de frequências ou exames que a gente fazia, havia professores que se demonstravam preocupados connosco, que nos diziam qual era a matéria mais importante, já sabíamos que provavelmente sairia, não é, se ele dizia que era a mais importante, quer dizer, houve professores que demonstraram bastante preocupados connosco.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foi: a forma como transmitiam os seus conhecimentos, quer especificar esta forma?

R – Enquanto que tínhamos professores que despejavam a matéria e que nem olhavam para nós porque se limitavam a ler as fotocópias, nem eles mesmos sabiam responder às

nossas perguntas quando nós fazíamos; havia professores que não, que estavam de pé, que andavam, passavam por nós, conversavam, não era, não havia um despejar de matéria, havia uma conversa em que havia um empenho do professor mas também havia o nosso empenho e acho que assim é que deve ser, tiravam-nos as dúvidas, forneciam-nos fotocópias; enquanto que houve outros professores que isso não aconteceu, a distância era grande e nem dava hipótese para uma pessoa se relacionar como aluno e professor.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foram: suas atitudes e posturas perante os alunos. O que significa estas atitudes e posturas?

R- Aí estou a falar de uma forma positiva, não é? Pronto, eram preocupados connosco alguns, alguns restrito, muito restrito, mas alguns eram, demonstravam uma grande preocupação connosco.

(B10)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi o acompanhamento, a que nível e o que significa este acompanhamento?

R – Tanto a nível teórico e de pronto de bases para aquilo que eu sei da profissão, ensinaram-nos a ser educadoras, uma parte já está connosco, já nasce connosco, mas há muitas arestas a limar e coisas que temos que aprender que não sabemos, mas também a disponibilidade que deram ou que tiveram comigo, a amizade o estar para me ouvir quando eu tinha dúvidas ou quando andava mais em baixo porque eu estava cheia de trabalho, da carga de trabalho que tinha, havia sempre alguém que estava disponível que na altura era a monitora de curso para ouvir e para nos ajudar e para levantar quando uma pessoa vai a baixo nestas fazes pronto, foi no percurso que aconteceu.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo dos professores do contexto de formação inicial o que tiveram de melhor foi a disponibilidade, o que significa?

R – Se eu tinha alguma dúvida ou se precisava da ajuda deles, de uma maneira geral existia para toda a gente.

(B11)

Q – Quando pensa no grupo dos professores do contexto de formação inicial o que tiveram de melhor foi o acompanhamento, o que significa?

R – O facto de eles estarem presentes.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL	b) PERSPECTIVAS NEGATIVAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que referem aos docentes da escola de formação inicial que menos contribuíram para a construção da formação das alunas.

Q – No contexto de formação inicial o que significa no grupo dos professores, que tiveram de melhor a exigência?

R – Eram exigentes, muito exigentes.

Q – A que nível ?

R – A nível de testes, e por outro lado também na altura era assim; na altura que tirei o curso não se podia sair com mais de 15, era a média nacional, o que nos prejudicou imenso porque cá fora no mercado de trabalho, eu tive 13,2 não sei o quê! Que é isso não é nada, mas na minha escola já era bom, não é, mas cá fora não é nada.

(B2)

Q – A falta de solidariedade já explicitou e agora o que significa nestes professores que tiveram de pior as demasiadas regras antigas, quer especificar um bocadinho melhor?

R – Hm sei lá a nível de comportamento da sala, às vezes havia professores que tinham umas regras que um pouco antiquadas tipo bater toc toc toc meninas e não sei explicar pronto, montes de situações que parecia aquela educação para aí do tempo da minha mãe, do tempo da minha avó. Elas contam, tipo decorar coisas que não tem sentido nenhum, esse tipo de situações.

R – Nada, nada, nada, não fizeram-me a vida negra no último ano só porque tive o meu filho e o meu filho tinha o nome do filho que morreu da minha monitora, portanto a monitora deu-se ao luxo de me fazer a vida negra porque eu tinha posto ao meu filho, que tinha nascido, nome do filho dela, foi assim um terror mesmo, um terror ela detestava-me. A solidariedade aí, depois como eu não podiam ir para a praia porque o meu filho tinha dois meses eu não podia fazer portanto estágio, eu não podia ir para a praia porque o médico não deixava o meu filho ir para a praia tinha dois meses e dava de mamar não é?! Eu fui trabalhar passado um mês e eles nem esse mês me queriam dar, não é só que eu disse um mês tinha que estar com o meu filho e ao fim do mês fui com ele para a instituição onde estava a estagiar, mas lá foram espectaculares comigo, foram fantásticas só que depois como se meteu Junho ele nasceu em Maio, fui em Junho depois em Julho era o mês de praia eu tinha que ir para a praia portanto não tive experiência de praia porque o meu médico não permitiu que eu fosse para a praia, então prejudicou-me imenso na nota, só por eu não ir para a praia.

(B2)

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foram as condições físicas e rigidez da escola, penso que já falou, não quer explicar melhor?

R – Pois, próprias do tipo de escola que é, mas que não considero muito mal, não acho que nos tivesse influenciado assim muito. As regras próprias daquela escola, não é? Quem ia para lá já sabia, não é? Não é uma faculdade pública que tem aquelas liberdades todas, acho isso bem, pronto, um certo rigor.

R – Falta de apoio não é, que eu tenho aí, isso senti, falta de formação senti muito a nível de creche e ATL, porque nós não tivemos por isso acho que a culpa é um pouco das

pessoas da instituição, é pessoas, não posso falar em situações porque nós nunca tivemos directamente contacto com essas valências, não é?

E o espaço que eu me refiro, físico, é o espaço escola em si mesmo, o espaço, tínhamos poucas condições de espaço, era pequena a escola, e tínhamos algumas dificuldades em termos de sala, que depois foram superadas.

Rigidez era meia dúzia de professores que eram mais rígidos e as leis internas, visto ser de uma escola de freiras, tinha regras mais fixas, mas nada que não se aguentasse.

Q – Quando vocês entravam nessa escola de formação inicial já sabiam da existência dessas leis rígidas?

R – Sim, desse cariz, porque era uma escola de cariz religioso, portanto já à partida, com conotação diferente, não é?

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi a indisponibilidade o que significa?

R – Isso é muito pouco, é muito restrita, só alguns 2 ou 3.

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi a falta de formação, quer especificar?

R – Alguns professores notava-se que estavam lá, se calhar os mais novos, lá está ou não tinham tanto à vontade a falar nas coisas, não estavam ainda bem dentro dos assuntos. Eu acho que os antigos já estavam tão embalados naquilo que já o faziam automaticamente, não é, já estava tudo tão encaixado.

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi o autoritarismo? O que significa este autoritarismo nos professores?

R – Alguns professores em termos de, queriam manter a sua posição, a sua, marcar a sua presença e a forma se calhar como nos diziam não era a mais correcta, porque nós já não éramos meninos pequeninos, alguns já mais velhos, não é, neste caso há idades diversificadas e às vezes eles não mediam muito bem como diziam as coisas para pessoas já adultas.

(B3)

Q – Ao falar da sua escola de formação inicial disse que o que teve de pior foi certos funcionários, quer especificar?

R – Lá está, houve de tudo, alguns professores, alguns administrativos, mas também tive alguns que marcaram, lá está aquilo que eu disse chamar de atenção a mim ou outras colegas da maneira como estávamos vestidas, os professores que era mesmo chegar ali e toca a andar a despejar a matéria e vamos embora, é mais isso.

(B4)

Q – Quando se refere ao pior que os professores tiveram o que significa indisponibilidade ?

R – Lá está tinha professores que eram mesmo, iam mesmo lá só dar aquela hora ou duas horas e iam-se embora, se uma pessoa quisesse pedir algum tipo de informação no intervalo ou do género, não havia nada para ninguém, era mesmo só aquilo.

(B4)

Q – Quando se refere ao pior que os professores tiveram o que significa a falta de conhecimentos?

R – Havia professores que era aquilo mesmo que decoravam, decoravam o que tinham que dizer e se a gente trocasse as voltas ou surgisse outra questão qualquer eles não sabiam como dar a volta ou do género despejavam palha e talvez na aula seguinte então retomassem a questão, não me recordo das disciplinas mas sei que havia assim algumas que deixavam um bocado ao desejar.

(B4)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi não ter experiência de Jardim de Infância, penso que também já explicou, mas quer acrescentar alguma ideia?

R – Não quero acrescentar nada, assim com em relação à ideologia e ao radicalismo fanático penso que já expliquei atrás.

Q- Falando dos professores do contexto de formação inicial disse que o que tiveram de pior foi não ter experiência de Jardim de Infância, a ideologia, radicalismo fanático, estas características estão presentes só em alguns dos formadores, em quais é que estava a pensar quando mencionou?

R – Estava a pensar num que era professor da faculdade de letras.

Q – O que é que leccionava?

R – Cultura portuguesa, língua e cultura portuguesa, e não me lembro da outra disciplina, não me lembro.

Q – Só estava a pensar nesse ou estava a pensar também em algum mais?

R – Não pensava nesse que esse era uma coisa, é, nem o sei caracterizar, mas era assim, uma única experiência de orientadora professora na faculdade então dava aulas, nós demos a carta do prólogo de D. João I em latim.

Q – O que é que isso tem a ver com o Jardim de Infância?

R – Exactamente, demos tudo o que era elementos de Eça de Queirós o verbo, o substantivo, o adjectivo, a frase, não sei o quê não sei que mais, em Eça de Queirós tudo.

Não consigo, estou até hoje para perceber, acho que é um erro da escola, e a escola admitiu esse erro e no final desse ano foi embora mas fomos todas a oral, chumbamos todas fomos todas na oral, as orais eram feitas seguidas, a pessoa que levava o substantivo e o verbo e não sei o quê e a minha foi completamente diferente porque já era quase das ultimas e então estava farto de falar daquilo e mandou-me contar uma história, era assim deste género de coisas, uma história para eu adormecer pronto eu contei uma história, ele achou que a história tinha, achou que a história tinha pouca acção.

Q – Uma história para ele adormecer, ele professor?

R – Sim, conte uma história para ele adormecer, então eu contei uma história qualquer já nem me lembro qual foi e ele diz-me que a história tinha pouca acção e tinha não sei o quê, mas não disse que era para adormecer, pronto e passei na oral, foi assim, foi uma fase má em termos dessa disciplina que acabou por ser diferente.

Q – Era chamada cultura?

R – Língua e literatura portuguesa, língua e cultura portuguesa parece que era assim, só que não tinha nada a ver com nada, quer dizer quando nós começamos a falar latim e depois só mulheres com aquele homem, era enorme, pedia licença para tirar o casaco e depois recitava poemas virado para janela, era assim uma coisa que apareceu lá não sei muito bem como e quando me refiro a não ter experiência nenhuma e é mesmo a ele porque ele marcou-me definitivamente.

Q – E os outros professores tinham experiência da realidade do J. Inf.?

R – A maioria conhecia, a maioria conhecia, esse e mais alguns não, mas faziam o esforço por perguntar como é que era, agora esse de facto não tem noção nenhuma do que era aquilo, depois o fanatismo religioso é quando falei ao bocado da directora e de algumas professoras começaram a passar-se para Opus Dei fui um problema, nas aulas não, no nosso comportamento que era uma coisa amachucada.

Q – O comportamento não tinha nada a ver com as aulas não é?

R – Exactamente mas se usávamos um decote não sei quê, era capaz de falar parece que voltamos anos atrás não é, só que lá está na nossa turma como era de maluqueira, não valia a pena porque estar com essa conversas que nós fazíamos pior.

Q – Era uma turma unida?

R – Revolucionária, muito revolucionária e muito unida, e a nossa orientadora não tinha nada a ver com esses fanatismos portanto nós apoiávamos muito nela e ela muito em nós, é assim uma cumplicidade muito grande.

(B5)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de pior foi não aprofundarem alguns conteúdos, quais por exemplo?

R – Não me lembro exactamente o quê, mas lembro-me que em matemática havia coisas/conteúdos que era pressuposto darmos e a professora chegava lá abria a porta e dizia assim: “u.i., que cheiro a mulher, abram as janelas por favor, que eu chego daqui a 10 minutos”. E depois dizia estudem esta matéria e se tiverem dúvidas venham ter comigo. Houve muitas falhas e depois ela queria que nós apresentássemos os conjuntos e não sei que mais ... e andávamos perdidas. Falhas que eu hoje, em termos práticos, sinto isso. É uma área que eu tento sempre ler coisas e estudar para ver se me encontro.

Q – É nisso que se está a referir quando diz que não mostraram empenhamento, não mostraram envolvimento?

R – Exacto.

Q – Acha que esse exemplo da prof.^a de matemática serve de protótipo?

R – É isso mesmo.

(B6)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de pior foi despejar teoria, o que significa?

R – Sim, havia disciplinas muito maçudas. Por ex. Psicologia eu lembro-me que o professor de psicologia era muito maçudo muito, religião, uma professora de religião também, havia duas, havia a professora de religião e havia a professora de formação religiosa que acho que é totalmente diferente. A professora de religião dava aulas tipo óculos escuros e não deixava sequer, era da Opus Dei, famílias para aí de quinze filhos e era uma coisa terrível, era mesmo autoritária. Tratavam-nos, eu acho que chegou a abandonar a sala para aí umas três ou quatro vezes.

(B7)

Q – E o que significa quando se refere aos professores que tiveram de pior foi o mau humor?

R – Porque havia, havia, eu acho que tem a ver também com os mesmos professores, ela em especial essa professora acho que era completamente, pronto, sabia que tinha que dar aquilo e não conseguia descontraír naquelas aulas, não conseguia passar daquilo, tinha as folhas e lia, lia o que tinha lá nas folhas.

Q – Isso como aluna marcou-a?

R – Não muito, eu tinha um feitiço diferente, não muito, mas eram umas aulas sem interesse nenhum não é, depois as pessoas acabavam por falar e levar outras coisas mais, e pronto, e só estudavam ou então só levavam copianços se podessem, porque ela como usava óculos escuros, passava a vida a olhar para o tecto, foi mesmo uma disciplina com muito pouco interesse.

(B7)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de pior foi a falta de disponibilidade, quer especificar?

R – Era só alguns, pronto, era ela, não é, porque aquilo acabavam as aulas, tinham alguma dúvida, que nem existia mas eram pouco acessíveis, não é, estavam sempre com pressa ou não dava para fazer coisa nenhuma.

(B7)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi a superficialidade na transmissão de conteúdos, quer especificar?

R – Sim porque, algumas matérias por exemplo literatura infantil ou sei lá educação musical no fundo como nós tínhamos uma componente prática tão grande transmitia-nos o quê, um bocadinho de cada e muito de nada e portanto os conhecimentos eram assim um bocadinho superficiais ficava assim pronto, é o que eu digo nós sabemos um bocadinho de cada e não sabemos muito de nada; o curso tem uma carga teórica tão grande com tantas disciplinas que no fundo é mesmo isto, era preferível estar mais condensado e realmente ter uma profundidade maior de conteúdos do que ter um bocadinho de cada e pronto e à medida que a pessoa vai fazendo alguma formação ao longo da vida profissional é que realmente vai vendo que ficou a aprender umas coisinhas só no curso e que há muito mais para saber não é, isso também haverá sempre não é, mal era se os conhecimentos tivessem esgotado.

(B8)

Q – Quando pensa no que a sua escola de formação inicial teve de pior o que significa esta injustiça de notas?

R – Injustiça de notas, que eu salientei é, quando nós sabemos que nos esforçamos, que nos esforçamos mesmo e que no final não vemos a nota que queríamos não ficamos satisfeitas e vemos à partida outras pessoas que não se esmeram tanto que são se sacrificam porque é preciso sacrificar eu acho, para se tirar grandes resultados é preciso um grande sacrifício e não haver nalgumas pessoas não há, e nas que não dão tanto de si são as mais, as que têm mais, as que nós vemos quando chegamos a uma pauta e vemos que a nota é mais elevada que a nossa e sabemos que trabalhamos com essa pessoa lado a lado e que sabemos que não é assim, quer dizer não é justo isso.

(B9)

Q – Quando disse de pior que tiveram estes professores da sua formação inicial foi não transmitiram os conteúdos mais importantes, o que significa isto, não transmitirem os conteúdos mais importantes?

R – É assim, quando esse professores nos diziam assim: olha vão pegar, davam matéria e agora peguem nestas fotocópias ou dão a bibliografia ou e procurem, meninos e procurem e nós fazíamos e víamos que aprendíamos muito mais num livro do que tinha sido transmitido por eles e que o verdadeiro conteúdo, aquilo que nós queríamos mesmo sugar, é mesmo assim estava num livro e não naquilo que eles, não acho que deva dizer.

Q – E isto passava-se em todas as disciplinas?

R – Não, não era em todas as disciplinas.

Q – Quer especificar alguma onde isto se passava?

R – Isso até foi no meu primeiro ano, portanto não me lembro assim da disciplina em concreto, acho que houve duas ou três disciplinas que não, não me deram muito interesse portanto achei que foi isso que aconteceu, achei eu e acharam colegas que não fui só eu claro, também podia ser o problema ser meu, mas não era geral.

(B9)

Q – E a falta de sinceridade dos professores, qual o seu significado quando a refere como pior que eles tiveram?

R – Essa sinceridade é nós sabermos que é assim, estamos como é que hei- de explicar, que estamos com dificuldades, que não estamos a perceber, o que é que eles nos querem transmitir o conteúdo, o verdadeiro conteúdo da matéria e não haver a sinceridade de parar e dizer vamos parar por aqui o que é que se passa, o que é que está mal, se sou eu se são vocês, o que é que falta aqui que vos que está a desmotivar.

(B9)

Q – E a tolerância em casos “justificados” não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, foi isso, é igual.

R – Lá está, na tal, que eu digo na tolerância de casos justificados. Que não tinham motivos nenhuns para reprovar a colega, acho que não era, os motivos que eles argumentaram acho que não eram suficientes para o fazer, e fizeram.

(B9)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foi: a forma como transmitiam os seus conhecimentos, quer especificar esta forma?

R – Enquanto que tínhamos professores que despejavam a matéria e que nem olhavam para nós porque se limitavam a ler as fotocópias, nem eles mesmos sabiam responder às nossas perguntas quando nós fazíamos; havia professores que não, que estavam de pé, que andavam, passavam por nós, conversavam, não era, não havia um despejar de matéria, havia uma conversa em que havia um empenho do professor mas também havia o nosso empenho e acho que assim é que deve ser, tiravam-nos as dúvidas, forneciam-nos fotocópias; enquanto que houve outros professores que isso não aconteceu, a distancia era grande e nem dava hipótese para uma pessoa se relacionar como aluno e professor.

(B10)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de pior, o que significa o pouco apoio e incentivo?

R – Por parte de alguns professores e principalmente monitoras, pelos motivos que já mencionei atrás.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de pior foi: pouco apoio e incentivo por parte de alguns professores, o que significa este pouco apoio e incentivo?

R – Era um bocado o facto de despejarem a matéria e não se preocuparem se a gente percebeu, se não percebeu, se percebemos tudo bem, se não percebermos tentem perceber por outros lados.

Q – Preocupavam-se se ela era adequada à realidade do Jardim de Infância?

R – Não, não, havia matérias que não se aplicavam nada ao Jardim de Infância. Eu também acho que nós, pronto, também acho que nós devemos ter uma cultura geral, saber um pouco de tudo, não é, mas acho que a nível de formação para quem está a formar educadoras de infância que devem ter preocupações, porque nós ao fim ao cabo vamos trabalhar com crianças e temos que ter noção de como é que se trabalha, não é, porque se nós não tivermos noção, se as pessoas não nos ensinam como é que trabalha, se calhar o nosso trabalho não vai ser tão positivo. Agora se tivermos noção, as coisas fazem-se assim, assim, assim porque é assim, assim, assim, explicarem-nos, provavelmente o nosso trabalho vai ser muito mais enriquecedor.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de pior, o que significa pouca bibliografia?

R – Eles não forneciam material de estudo. Havia professores que forneciam, por exemplo o professor de psicologia fornecia, nós tínhamos uma sebenta, até que tinha sido escrita por ele, onde tinha lá a matéria toda, havia professores que apenas despejavam a matéria com os apontamentos deles, não é, que eles liam, liam, liam, mas depois não forneciam esses papéis para estudo, portanto a gente passava as aulas a fazer apontamentos daquilo que ele estava a despejar, nem tínhamos tempo sequer de fazer perguntas, ou quando fazíamos as respostas muitas vezes não eram dadas.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi serem por vezes repetitivos, o que significa ?

R – É em vez de, pronto se nós pedíamos para nos ajudarem em determinada área, em determinada situação, pronto que fugia um bocadinho aquilo que eles estavam a dar-nos não é, não chegavam lá não iam por esse campo e acabavam por estar sempre a querer-nos meter na cabeça que tinha de ser de determinada forma e no fundo eles não sabiam o que era estar depois na prática com o grupo de meninos não é, e porque muitas vezes na escola dizem-nos que nós temos que fazer determinada forma e para mim pode resultar mas para a colega do lado, que tem outra idade com o grupo com características completamente diferentes, não resulta, e nós devíamos aprender, quando estamos em formação a lidar com essas situações todas não é, e dizem-nos que nós temos que contar uma história da seguinte forma mas o meu grupo é completamente diferente do grupo ao lado.

Acaba por nos prejudicar por não nos ajudarem naquilo que nós precisavam-mos mesmo, que era ter mais consciência, não é agora, agora sabemos, já conseguimos dar a volta a essas situações todas não é, com alguns anos de experiência mas nessa altura não tínhamos.

(B11)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi serem pouco explícitos, o que significa?

R – Em determinadas matérias, eu tinha mais sobretudo a minha maior dificuldade acabava por ser a história da igreja, porque eu sempre fui um bocado péssima aluna a história, o que eu estava a dizer era que em relação às cadeiras que tinha a história, para mim sempre foi um bicho de sete cabeças porque eu nunca fui, nunca fui uma aluna de gostar muito de estudar para depois decorar, para depois despejar tal e qual como dizia nos livros, nunca consegui fazer isso eu sempre gostei de ler e entender e depois falar de tudo à minha maneira, nessas cadeiras não dava mesmo porque tinha que dizer aquilo tudo tim, tim, por tim, tim e pronto as pessoas também acabava por ser, ler e pouco explícitos, acabava por ser maçador e porque eles liam o que estava nos manuais ou que estava nas fotocópias, as aulas eram ler, o que tínhamos que fazer era ler outra vez não é e decorar e meter na cabeça era maçador era uma coisa que era de fugir e depois no fundo nós temos a consciência que aquilo não nos ia servir para rigorosamente nada porque nós não íamos falar naquilo aos nossos meninos, história da igreja e religião que não tinha nada a ver, e depois ainda tínhamos outra que era a formação cristã da criança essa sim, era prática, essa era exemplos práticos para nós podermos trabalhar com as crianças, agora as outras aquilo era de bradar aos céus porque realmente nós chegávamos ao fim e dali espremendo, espremendo não saía nada que nós podessemos contar aos nossos meninos coitados, ou adormeciam ou fugiam de nós.

(B11)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior foi serem “maçadores”, penso que já explicou?

R – Sim, não tenho mais nada acrescentar.

R – Nada, que me dei bem com todos, mas se calhar era aquilo que os mandavam trabalhar connosco não é, era o programa que eles tinham para nos dar e por vezes era pouco explícito ou repetitivos porque especialmente nessas cadeiras de história da igreja e religião que nós tínhamos que decorar aquilo tudo e que depois não nos ia servir para nada não é, porque era mesmo fazer uma frequência e depois limpar porque aquilo não servia para nada mesmo, era nesse sentido.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à postura / atitudes dos professores enquanto formadores de futuros profissionais.	c) RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES, ENTRE PROFESSORES E ALUNOS E ENTRE ALUNOS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as relações interpessoais entre docentes e discentes.

Q – Quando pensa no grupo de professores que tiveram de pior o que significa serem pouco tolerantes em relação a algumas atitudes?

R – Olhe em relação lá está eles também eram exigentes mas havia determinados, a filosofia era muito privado, havia algumas colegas minhas que por maneiras de ser mais extravagantes não eram bem aceites e eu acho que aí que não achava bem. Os professores não tinham que interferir nesse aspecto que é de facto é que acabaram por interferir por uma maneira ou outra.

(B1)

Q – No contexto de formação inicial disse o que teve de melhor foi a camaradagem, o que significa esta camaradagem e a que nível foi?

R – Camaradagem é entre colegas principalmente, e alguns professores também que realmente eram impecáveis mas principalmente entre colegas éramos muito amigas umas das outras.

(B2)

Q – No seu contexto de formação inicial o que significa no pior que os professores tiveram os caprichos?

R – Aquela situação que eu referi dum filho para mim é um capricho, não é?

Q – O facto de ter posto ao seu filho, o mesmo do filho da monitora?

R – Acho que foi um capricho de menina, quer dizer, pelo capricho até estou a ser muito soft sinceramente não é, porque ainda por cima houve outra monitora que me veio dizer porque eu não entendia o comportamento dela comigo, eu não percebia a perseguição, aquilo havia uma perseguição que não estava a entender porque eu nunca lhe tinha feito nada, depois entretanto a minha monografia foi para outra monitora corrigir porque eu, porque essa monitora via que aquilo não era normal, então o pegou na minha monografia para corrigir se calhar eu tinha reprovado, não é, e foi essa monitora que me disse ó Aida isto é assim, isto passa-se porque ela teve um filho e tal, quer dizer...

Q – Como é que se chama o seu filho?

R – Gonçalo.

Q – Gonçalo, então era mesmo apesar de ser proibido pôr, era mesmo.

R – Eu estou em luta e não disse nada não é.

Q – Foi nesse sentido que escreveu ser caprichoso?

R – Sim, sim, sim também tem um bocado haver com isso.

(B2)

Q – Quanto ao espírito de equipa com as colegas o que classificou de melhor acha que favoreceu a sua formação?

R – Sim, sim, era daquelas momentos que sei lá acho que há pessoas que não lhe recorda os tempos de estudantes mas nós recordamos imenso e há pouco tempo tivemos um almoço, não foi muita gente mas foi muito agradável e recordamos imensas coisas do que se passou durante e a equipa que se conseguiu criar foi muito boa. Éramos unidas e conseguimos transformar muitas coisas na escola.

(B4)

Q – Quando fala nos professores do seu contexto de formação inicial disse que o tiveram de melhor foi a compreensão, compreensão a que nível?

R – Compreendia-nos, lá está, como era uma escola muito pequena, que era, nós mudávamos o mundo, cada uma de nós era conhecida pelo seu nome. Havia maior proximidade e se calhar não era só aquela relação professor - alunas, havia outro tipo de relação com eles, era uma coisa muito mais próxima e se calhar conseguíamos desabafar sobre certas coisas que a gente achava que não estava bem na escola e se calhar com certos professores nós sentiam-nos a segurança porque é assim: aquilo era uma escola pequena e a gente sabe perfeitamente se não forem com a nossa cara não vão com a nossa cara e a gente sabe que infelizmente as coisas acontecerem assim e se calhar com certos professores nós conseguimos ter aquele à vontade de desabafar um bocado, talvez contar as nossas coisas que não estávamos satisfeitos com escola não é se calhar com certos professores conseguíamos fazer isso.

(B4)

Q – Quando se refere ao pior que os professores tiveram foi a arrogância de alguns professores, em que sentido?

R – Lá está os detentores do saber e se calhar estaríamos mal habituadas não é?! Como tínhamos alguns professores que eram um bocado não era tu cá tu lá mas tínhamos outro tipo de relação não é? E se calhar quando chegava aqueles professores mais distantes que se calhar davam aulas noutras faculdades em que os alunos tinham números e não tinham nomes nós não compreendíamos bem, se calhar estávamos mal habituadas era mais a nível da disciplina de Saúde eram mais distantes.

(B4)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa companheirismo?

R – É o estar com, acho que é fundamental sentirmo-nos acompanhados, sentirmos que estamos com gente que é igual a nós ou que se faz igual a nós.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial foi a interacção com outras colegas em formação, o que é que isso significa?

R – Nós estudávamos em conjunto, havia muitas ideias que nós partilhávamos e mesmo até dúvidas. Eu não tive oportunidade de estagiar em alguns colégios e infantários, então discutíamos as várias práticas e comparávamos as situações diferentes.

(B6)

Q – Quando pensa nos professores do contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi o acompanhamento às alunas, o que significa este acompanhamento?

R – É assim, havia alguns que nos ajudavam nos trabalhos, mesmo que não fossem das cadeiras deles, sentavam-se connosco no bar a conversar acerca das nossas dificuldades e tentar ajudar-nos sempre que podiam e muitas vezes fora do horário lectivo, estavam lá. Eram dedicados e empenhados.

Q – E se eu lhe perguntar o que significa a dedicação e o empenhamento?

R – É tudo isso, está tudo interligado.

(B6)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de melhor, o que significa esta camaradagem?

R – É despirem um bocado aquele papel de professor e se calhar manterem uma ligação também mais de amizade e de partilha.

(B7)

Q – Quando se refere aos professores que tiveram de melhor, o que significa acessibilidade?

R – Pessoas acessíveis, pronto, quando tinha alguma dúvida, quando tinha algum problema era capaz de falar com ele e de expor o meu problema, estavam sempre receptivos, nunca houve assim, pronto, nenhum entrave, nenhum travão, não houve aquela parede e eu sei que as pessoas estavam completamente à vontade a falar com eles.

(B7)

Q – E em relação ao relacionamento humano, de alguns claro, quer especificar este relacionamento humano, que foi tão bom e que a favoreceu?

R – Claro também encontramos pessoas muito boas, pessoas que nos ajudam, pessoas que nós futuramente somos educadoras e que tentam ser do género tão boas ou se pudermos melhor, porque neste todos erramos e sabemos que erramos vamos tentar sermos melhorzitas e a pessoa que esteja a aprender connosco já não faz esse erros, mesmo assim se os pudermos evitar é óptimo, acho que encontrei, nalgumas pessoas acho que encontrei.

Q – Em quem?

R – Em educadoras cooperantes, exacto.

Q – E ao nível das formadoras também disse que algumas eram boas?

R – Sim, também, eu tive um caso em particular, comigo como é obvio, que foi uma pessoa excepcional, que realmente, foi mais que formadora foi uma pessoa amiga, amiga que me ajudou, que me motivou que percebeu muito bem o porquê da minha dificuldade, o que é que estava, que procurou saber o que se estava a passar comigo para eu ter resultados menos satisfatórios.

(B9)

Q – Quando disse que o melhor que os professores tiveram foi a boa disposição, alguma, quer especificar esta boa disposição?

R – A boa disposição é não estar, só ali a dar a matéria, vamos ter que cumprir matéria, vamos não! Boa disposição é no meio, dum conteúdo de matéria haver uma piada, haver um bocadinho de sei lá falar sem ser de próprio conteúdo em que estamos, na própria disciplina.

(B9)

Q – E inter-ajuda o que significa esta inter-ajuda dos professores?

R – É haver a tal cooperação acho que nós para alguns professores fomos uma equipa, formamos uma equipa de trabalho, acho que chegamos a uma certa altura que não conseguimos diferenciar, distinguir, quem era o professor e quem era o aluno, está a cima de tudo o respeito e a educação.

Q – Eram todos os professores assim?

R – Alguns.

Q – Quer especificar alguns?

R – Por exemplo a minha professora de metodologias, o meu professor de psicologia, uma série deles...

(B9)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foi: a forma como transmitiam os seus conhecimentos, quer especificar esta forma?

R – Enquanto que tínhamos professores que despejavam a matéria e que nem olhavam para nós porque se limitavam a ler as fotocópias, nem eles mesmos sabiam responder às nossas perguntas quando nós fazíamos; havia professores que não, que estavam de pé, que andavam, passavam por nós, conversavam, não era, não havia um despejar de matéria, havia uma conversa em que havia um empenho do professor mas também havia o nosso empenho e acho que assim é que deve ser, tiravam-nos as dúvidas, forneciam-nos fotocópias; **enquanto que houve outros professores que isso não aconteceu, a distância era grande e nem dava hipótese para uma pessoa se relacionar como aluno e professor.**

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foi: a relação entre professor e aluno, o que significa?

R – Aqui refiro-me a um grupo de professores restrito, aqueles que mostravam empenho e dedicação.

(B10)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial no que tiveram de melhor foi: relação de proximidade, quer especificar?

R – Sim, com alguns professores sim, havia professores que por exemplo nos intervalos eram capazes de estar a tomar um café connosco e havia outros que não, que se limitavam a ir para a sala dos professores e ficavam lá. Quer dizer, só aí demonstra um bocado a distância que existia entre professor e aluno.

(B10)

Q – Quando pensa no grupo dos professores do contexto de formação inicial o que tiveram de melhor foi a amizade, o que significa?

R – Não é só estarem-nos a ensinar coisas novas, é também saberem estar quando nós precisamos deles, extra as disciplinas não é, e nessa escola era uma coisa que havia porque tínhamos disponibilidade, tínhamos a hipótese de estar com eles no bar, eles vinham conversar connosco, estar connosco mesmo sem falar aquilo que eram as aulas, mesmo sem falar aquilo que era os estágios, estarem connosco como amigos, os professores eram muito mais velhos, pessoas já de alguma idade, mas que estavam para dar um apoio, era sempre aquele braço que se põe no nosso ombro e que para nós era muito bom porque estávamos sempre muito vulneráveis principalmente no último ano do curso que estamos sempre a achar que não vamos aguentar, que não vai chegar ao fim porque o trabalho é muito, a carga prática é muita e depois a teórica também à sexta-feira, nós chegávamos à escola e precisávamos de ter alguém para falar quanto mais não fosse para falar mal da educadora que não estava a acompanhar porque já estávamos, não é, a carga era muito grande mas as pessoas estarem, saberem estar connosco não só naquele quadrado que era a sala de aula.

(B11)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª ESTÁGIOS Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	a) LOCAIS DE REALIZAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam os contextos onde são realizados os estágios.

Q – Quando pensa na sua escola de formação inicial que teve de pior o que significa a falta de concretização a nível teórico-prático?

R – Precisamente porque se nos dão formação e se em pedagogia nós aprendemos outras coisas deviam ter contacto com outras realidades, deviam-nos ter mandado para outros locais de estágio sem ser aquele dentro da própria escola, onde não se inserirem naquela linha, era para nós termos conhecimentos com a nível de outras realidades e de outros métodos.

(B1)

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a colocação nos infantários? Quer especificar um bocadinho como é que era feita esta colocação nos infantários?

R – Eu acho que elas se situavam mais ou menos pelas zonas de que as pessoas eram, onde estavam a morar, pela área de residência, se não eram de cá, se estavam cá a viver, procuravam fazer isso, escolha de colegas ou isso não, mas também nunca tive problemas com isso, as pessoas, a escolha não era feita, elas penso que não escolhiam por amizades desta ou daquela, era mesmo pelas zonas de proximidade e de espaço, é, por causa dos transportes e disso tudo. E estive sempre colocada aqui perto do P., M., foram os meus locais de estágio.

(B3)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi os estágios porquê, quer especificar?

R – Porque me permitiu, porque gostei de estar nos sítios onde estive. Fiz o meu estágio final no sítio que queria fazer. Portanto eu já fiz antes, estava com os de 3 anos, já tinha feito o estágio não sei quanto tempo antes, um mês antes, também já conhecia a educadora, tive um bom relacionamento com a educadora foi impecável comigo, apesar de lá estar a nível de sala não teve muitas vezes mas prontos teve sempre disponível mesmo no final da entrega do projecto, do relatório, teve sempre muito disponível comigo. Gostei muito do sítio onde estive, tive no C. S. da S., adorei aquelas crianças, aquelas crianças que uma pessoa lhes dá uma coisinha de nada que para elas é uma maravilha. E a relação afectiva consegui estabelecer com eles foi muito boa e com os pais daquela zona.

Q – Os estágios eram feito em instituições privadas ou públicas?

R – Eu fiz numa IPSS, privado, mas era tudo no privado que a gente fazia os nossos estágios, e lá está, também conheci diversas realidades a nível de conhecimento e de experiência que obtive.

(B4)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial foram os estágios (contactos com várias realidades), porque é que considerou uma coisa boa?

R – Porque é uma coisa boa, porque estagiarmos em várias realidades em C., V. ... havia infantários com menos crianças, com outro tipo de práticas. Eu estagiei no colégio da P. que era completamente diferente, eu acho que esse contacto com várias realidades é muito rico.

(B6)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª ESTÁGIOS	b) DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS
Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam as valências mais contempladas sobre os estágios e as atitudes das educadoras cooperantes.

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi a falta de formação em creche e ATL, foi uma lacuna porquê?

R – Sim, mas isso foi, foi, foi, acho que foi o pior da escola realmente, porque, lá está, no meu primeiro ano de trabalho eu fui logo lançada para um ATL, em que nunca tive experiência, nem nunca estagiei. Agora sei que as coisas estão diferentes, mas no nosso tempo não, não havia estágios em ATL.

Q – Então só havia estágios onde?

R – Três, quatro, cinco anos e dois anos, mas muito, muito reduzia a dos dois anos. Portanto a parte da creche foi muito, muito reduzida. Tivemos um estágio de uma semana ou coisa do género, que não é nada, não é nada, não é nada, não é?

R – Falta de apoio não é, que eu tenho aí, isso senti, falta de formação senti muito a nível de creche e ATL, porque nós não tivemos por isso acho que a culpa é um pouco das pessoas da instituição, é pessoas, não posso falar em situações porque nós nunca tivemos directamente contacto com essas valências, não é?

E o espaço que eu me refiro, físico, é o espaço escola em si mesmo, o espaço, tínhamos poucas condições de espaço, era pequena a escola, e tínhamos algumas dificuldades em termos de sala, que depois foram superadas.

Rigidez era meia dúzia de professores que eram mais rígidos e as leis internas, visto ser de uma escola de freiras, tinha regras mais fixas, mas nada que não se aguentasse.

(B3)

Q – A falta de formação em certas áreas em relação ao que a sua escola de formação inicial teve de pior, quais são as áreas a que se refere ?

R – Não tive experiência nenhuma em ATL, portanto o que aconteceu que a maior parte das nossas colegas inclusive eu quando saímos da nossa escola fomos trabalhar para ATL e não tínhamos formação nenhuma, principalmente e noutras áreas que a gente acha que sei lá a nível de primeiros socorros outras, coisas mais práticas que a gente acha que não tivemos formação suficiente, mas se calhar talvez a experiência se formos a ver é o mais importante.

(B4)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de melhor foi a experiência em contexto de trabalho o que é que significa?

R – Foi importantíssimo termos experimentado, eu tive um ano, o último ano foi estágio, o ano todo só à sexta feira é que íamos à escola e isso deu-nos, eu considero quase o meu primeiro ano de trabalho só que foi acompanhado e vieram dificuldades depois nos seguintes que já tinha tido no anterior. Eu acho que deu-me bagagem, digamos assim, para me formar não é, para ter outras qualidade que de certo não tinha.

(B5)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial que teve de pior foi não proporcionar estágios em ATL, quer especificar?

R – Foi errado porque nós fizemos estágio na creche e no Jardim de Infância e depois no trabalho se calhar entre propostas de emprego agora já nem tanto mas na altura surgiram muitas para ATL e é assustador, são idades complicadas e assusta qualquer um, uma imagem muito errada.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial foi a interacção com outras colegas em formação, o que é que isso significa?

R – Nós estudávamos em conjunto, havia muitas ideias que nós partilhávamos e mesmo até dúvidas. Eu não tive oportunidade de estagiar em alguns colégios e infantários, então discutíamos as várias práticas e comparávamos as situações diferentes.

(B6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o contexto de formação inicial foram os estágios (contactos com várias realidades), porque é que considerou uma coisa boa?

R – Porque é uma coisa boa, porque estagiarmos em várias realidades em C., V. ... havia infantários com menos crianças, com outro tipo de práticas. Eu estagiei no colégio da P. que era completamente diferente, eu acho que esse contacto com várias realidades é muito rico.

(B6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial foi não dar oportunidade de estágio em realidades de creche e ATL, o que significa?

R – Como eu já disse atrás, foi uma lacuna.

R – É de alguma irresponsabilidade da própria escola, isso é fazer o que já está instituído, não tentar mudar. É alguma irresponsabilidade porque já havia alguns feedbacks de anos anteriores em que as coisas não estavam a funcionar bem e continuava-se a praticar as mesmas coisas. Por ex. em relação às creches e ATL é uma realidade com a qual nós nos defrontamos quando acabamos o curso. Nós dizíamos isso que gostávamos de ter estágios em Jardins de Infância diferentes, que também precisávamos de conhecer as creches e ATL. Eu quando saí nunca tinha estagiado em ATL e foi para onde fui trabalhar.

(B6)

Q – Quando se referiu no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi a prática de estágio, quer especificar?

R – Pronto, a prática de estágio foi ter acesso a diferentes idades, andar a estagiar por instituições em que havia crianças de níveis diferentes, faixas etárias diferentes, pronto eu acho que passei por quase tudo, e foi essa diversidade que me deu também, que foi muito importante.

(B7)

Q – Quando fala sobre o contexto de formação inicial, disse que o que teve de melhor foram os estágios, quer especificar?

R – Claro, eu acho que foi o melhor, uma das coisas melhores que teve foi os estágios, começamos logo a estagiar no primeiro ano uma manhã, foi muito bom o tipo de relacionamento, acho que isso foi se apreendendo e fomos vendo, fomos desabrochando, acho que foi muito importante isso, estágios muito importante, o relacionamento com as crianças, o relacionamento com os adultos, só o estar presente na sala de exercícios não diz nada mas o ver, o sentir, acho que foi muito bom.

(B9)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª ESTÁGIOS Pertencem a esta categoria os enunciados que especificam as motivações e orientações das futuras educadoras de infância.	c) PAPEL DOS ORIENTADORES SOBRE AS ENTREVISTADAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o papel dos orientadores na formação das alunas.

Q – No seu contexto de formação inicial disse que o que teve de melhor foi o apoio nos estágios, quer especificar um bocadinho isto, o apoio dos estágios?

R – Apoio dos estágios foi a, a coordenadora que esteve comigo, ou a monitora, aliás, teve sempre comigo várias vezes ao longo do estágio, se fosse preciso alguma coisa telefonar-lhe, perguntar-lhe, nunca tive, teve sempre pronta para me ajudar.

(B3)

Q- Mas trabalhavam, por exemplo no estágio tinham o cantinho de Jesus?

R – Sim, tínhamos, tínhamos.

Q – Eram obrigadas?

R – Sim, mas mesmo nos estágios que nós já frequentávamos eram todos estágios da escola não é, se calhar de muitas alunas já antigas de lá da escola, portanto aquilo era sempre. Já era hábito.

Q – Tal como o cantinho das casinha da boneca?

R- Sim, sim, muitos cantinhos que funcionam.

Q – Mas é, não é feito de maneira rígida?

R – Não, não, não, nada.

Q – E hoje tem cantinho de Jesus aqui na sua sala?

R – Tenho. Cantamos os bons dias sempre ao Jesus e os amiguinhos, e Jesus nunca esquece. Normalmente eu ligo o cantinho de Jesus com o da natureza e dos animais, faço essa ligação.

(B3)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor o que significa saber formar-se e formar-nos não para instruir?

R – Considero importante que o formador se forme se não não consegue formar ninguém não é, e eu acho que o facto de serem educadoras a orientar-nos o curso, a orientar-nos a turma, ser uma educadora a orientar cada turma foi importante porque elas estavam formadas nessa área não é, e portanto sabiam orientar-nos e formar-nos nessa mesma área. Por ex. eu acho que só posso tentar formar o meu pessoal aqui, como eu chamo a minha gente, como consegui formar a mim.

(B5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o contexto de formação inicial foi o carácter religioso levado ao extremo, o que é isto, que significa?

R – Essa tal disciplina de formação cristã existia para depois nós fazermos o cantinho de Jesus. Todas as salas de estágio em que nós fôssemos todas tinham o cantinho de Jesus.

Q – Na sua sala, aqui na instituição, tem cantinho de Jesus?

R – Fotografia e tem mais a imagem de Maria, que não é aquela imagem que se vê por aí.

Q – Nas planificações dos vossos estágios, isso era muito considerado em termos de avaliação?

R – Era porque a freira que nos dava formação cristã também fazia parte do júri de avaliação do relatório de estágio.

(B6)

Q – Quando se referiu no seu contexto de formação inicial disse que o que teve de pior foi mandar-nos para estágio sem nos ensinarem nada, o que significa?

R – Pronto, é exactamente isso, foi atirar-nos assim um bocado, ainda para mais com presença de monitores e sabendo que estávamos a ser avaliados, é terrível, não é, para uma pessoa que não sabe nada.

É esquisito, não é, é muito esquisito, mas no fundo, eu agora acho que só tenho a agradecer. Na altura ficava aterrorizada como é que era possível, não é, estava mesmo assim. Agora percebo porque é que elas teriam esta atitude, era para nós descobrirmos sozinhas. Eu acho que foi um bocado o lema daquela escola não era darem-nos tudo, mas sim não nos darem nada e nós aos poucos íamos conquistando penso eu.

(B7)

Q – Ser elitistas já explicou á bocado o que era a escola ser elitista. E esta sobrecarga de trabalhos, de relatório, classificou do que teve de pior a sua escola de formação inicial, quer explicar um bocadinho esta sobrecarga de trabalhos e de relatório?

R – Na selecção, que eu não sei escolhiam tipo as melhores estagiárias, melhores só elas é que estavam a fazer o numero de preparação não é, aquela oportunidade de situações de estágio não era igual para todas, havia aquelas mais escolhidas, aquelas alunas que sobressaíam mais e que por graxa ou não sei.

(B7)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de melhor foi o testemunho, tem um significado especial?

R – Tem, tem um significado mais ou de pessoa ou mais concretamente da monitora de estágio, que me acompanhou aqueles três anos e era sempre a mesma e muito de perto portanto tem assim a factor particular de testemunho de educadora de infância.

Q – Este testemunho aplica-se também bastante a si?

R – Em grau médio porque parece há algumas situações muito concretas nomeadamente lá está a formação cristã, em que é uma actividade que temos, que faz parte da instituição, eu tenho que transmitir esses valores, porque tenho essa noção, eu para a transmitir também valor humano, o meu testemunho eu penso que sai e tem muito mais impacto se eu falar com conhecimento, com o meu testemunho e não só uma transmissão se assim fizer, se não estiver a sentir, o que estou a dizer não é?

(B8)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de incentivo e apoio-estágio?

R – Exactamente isso, porque nós tínhamos uma cadeira de estágio que fazia parte da formação dos 3 anos e como essa monitora de estágio era a principal, o principal veículo que nos acompanhava, foi muito próxima, nessa altura sentiu-se que quando ela foi embora no último ano, que houve mais duas pessoas a avaliarmos, houve aí a falta de apoio.

Q – Ela era uma pessoa que incentivava ?

R – Portanto a monitora original era, depois lá está, as que vieram substituir no terceiro ano em que era fundamental, era um ano terrível porque nos era exigido uma apresentação de um trabalho profissional, enquanto nós estávamos numa fase de aprendizagem não é, e portanto foi muito complicado nessa situação concreta, tivemos duas substituições de monitora no primeiro período e no segundo período e senti isso na minha formação. Depois também às vezes o corpo da equipa que se fazia com a educadora que nos acompanhava também às vezes não era dos melhores, também nesse sentido, a educadora cooperante nem sempre era a melhor porque as pessoas saíam da sala, que agora a escola não permite, mas na minha altura passava o dia fora da sala, uma semana fora da sala, nós éramos estagiarias mas eram-nos postas nas costas todas as competências profissionais, estar com 33 crianças sozinhas enquanto nós estávamos em formação, a educadora

simplesmente saía, portanto é muito nesse sentido e imagem no estágio final que realmente foi terrível, uma pessoa nem tempo para comer um pão ou ir fazer um chichi tinha, era completamente das 9h às 17h com os meninos exaustivamente e portanto nesse sentido que a imagem foi um bocadinho mais negativa na formação.

(B8)

Q – Quando pensa nos professores do seu contexto de formação inicial que tiveram de pior o que significa a falta de rigor na avaliação?

R – Essa injustiça e imparcialidade de que já falei.

R – Num grupo de professores, nomeadamente o de apoio de estágio em que pronto, foi a pessoa que estava directamente responsável ficou de parto, tivemos uma mudança de acompanhamento de estágio, na carga prática tinha uma importância, muito grande sempre. Mas nomeadamente no terceiro ano, quatro dias de práticas, sentia muito aí a instabilidade e portanto conheci pessoas novas e a avaliação que é uma avaliação prática, nem sequer depois se resume a um exame no final de ano não é, que é avaliado por competências, são avaliadas as competência nomeadamente a subjectiva, em que só uma pessoa avalia não é, portanto alguém que nos conheceu durante dois anos, depois vem avaliar um parte de final de estágio, a parte mais importante tem uma componente e peso muito grande na nota final, é uma pessoa que não nos conhece muito bem pronto e também achei que realmente houve injustiças.

(B8)

Q – E o que significa nos professores no que tiveram de melhor o companheirismo?

R – Companheirismo é que estiveram sempre do nosso lado, acho que perceberam muito bem quando nós podíamos cumprir com que o que eles nos propunham e quando não podíamos cumprir tentávamos sempre que houvesse uma justificação, punham-se sempre do nosso lado acho que se punham sempre, como estagiárias, tinham sempre a perceber isso e havia companheirismo, colocavam-se sempre no nosso lugar.

(B9)

Q – Quando pensa no que a sua escola de formação inicial teve de pior o que significa esta injustiça de notas?

R – Posso especificar no meu segundo ano que eu esforcei-me inclusive passei com uma nota de estágio e depois apareceu outra nota inferior, claro que não houve justificação para essa nota portanto, não se justificação por parte das monitoras se dão uma nota inferior ou uma nota superior, se dão uma nota que nós não contamos acho que deve haver sempre uma justificação valida não é?!, Então quando nós partimos no centro de estágio com uma nota que nos dão um certo valor que nós nos esforçamos claro, não é, e depois vemos que isso não foi bem assim, é um desagrado total e desmotivação.

(B9)

Q – Quando pensa no seu contexto de formação inicial o que teve de melhor foi: os estágios, quer acrescentar, ao que anteriormente disse, mais alguma coisa sobre os estágios?

R – Pronto, eu também tive estágios na altura do, tive no primeiro, segundo e terceiro ano, que o terceiro ano é o ano todo de estágio, só tínhamos, penso que era à quarta feira aulas. Portanto segunda, terça, quinta e sexta tínhamos estágio ou era à sexta feira que não tínhamos aulas, pronto. E aquilo que eu aprendi no primeiro e segundo ano, aprendi também alguma coisa, porque tinha sempre estagiárias de terceiro ano que faziam actividades orientadas e que dava para a gente ver e aprender, pronto, mas realmente a maior aprendizagem que eu tive foi quando fiz o estágio final, que fiz, que acabei por fazer sozinha e quase sem apoio.

O primeiro e o segundo ano de estágio também foram positivos, porque também foram para além de eu ver fazer actividades de alunas do terceiro ano, também pude participar em

actividades e pude realizar actividades, praticamente então no primeiro ano não tive experiência nenhuma, mandaram-me para um estágio com crianças de três anos e de quatro anos sem eu ter, nunca tinha entrado num Jardim de Infância, nunca tinha visto um Jardim de Infância e disseram-me: a menina vai estagiar para ali, vai ter que fazer uma canção, um jogo e uma história. E eu fiquei na altura em pânico porque eu nunca tinha entrado num Jardim, eu não sabia o que era aquilo, eu não sabia como é que se contava uma história, eu não sabia como é que se fazia um jogo, não sabia como é que se cantava, fui um bocado atirada às feras entre aspas, tive que aprender, tive que fazer, porque se não fizesse, não é, era penalizada por isso. Portanto isso também ao fim ao cabo também foi positivo, ver as outras pessoas a fazerem actividades para as crianças também foi positivo, mas realmente o meu terceiro ano de estágio foi o mais positivo de todos.

Q – Qual era a formação inicial das monitoras, eram educadoras?

R – Eram educadoras. Não havia apoio nenhum, era do género, se alguma actividade corresse mal, nós fazíamos as actividades que por vezes éramos visitadas por elas, sem contarmos, não é, porque nós tínhamos que ter aquilo tudo preparadinho, se a gente soubesse que elas iam lá ainda preparávamos melhor, não é, portanto nós tínhamos que ter aquilo tudo preparadinho, por vezes elas visitavam-nos e havia, o que eu sentia, que acho que todas as minha colegas sentiam, era pavor quando sabíamos que elas estavam ali para nos ir ver numa actividade, porque a postura delas faziam com que a gente sentisse medo e que as coisas iam correr mal. Eu lembro-me que ficava vermelha, o meu coração batia, eu tremia toda, porque sabia que aqueles olhos iam ficar ali fixos em mim e ia estar alguém a olhar para mim e a escrever tudo aquilo que eu estava a dizer. Quer dizer, eu senti-me um bocado, tanto eu como as minha colegas, em pânico, depois tínhamos que ir, elas não nos dirigiam a palavra, portanto só diziam boa tarde ou bom dia, nós dizíamos boa tarde ou bom dia, não é, elas sentavam-se, a gente tinha que organizar aquilo tudo, tinha que correr tudo muito bem, porque além dessa postura que elas tomavam connosco, que toda a gente acabava por ter medo delas e da visita delas. Depois tínhamos que ir falar com elas no dia a seguir ou quando a monitora estivesse disposta a ir, porque muitas vezes nós chegávamos lá para ir conversar com elas, elas diziam: ai não posso conversar consigo, venha cá depois, depois a gente anda sempre ali atrás delas, porque tínhamos mesmo que ir conversar com elas, depois a conversa com elas, elas diziam-nos o que é que tinha corrido bem, o que é que tinha corrido mal, mas muitas vezes não eram, não eram correctas na forma como nos transmitiam as coisas, eram um bocado, a gente sentia-se um bocado, um bocado mal, porque, aquilo que eu sentia é que ela é superior e eu aqui não sou nada, tenho que cumprir ordens e isso aí metiam-se um bocado de pavor, por aquilo que eu conversava com as minhas colegas elas sentiam exactamente a mesma coisa.

(B10)

Sistema Categorical – “Contexto de Formação inicial” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5.ª A ESCOLHA DA PROFISSÃO	
Pertencem a esta categoria os enunciados que mencionam a opção pela profissão.	

Q – Agora vamos passar ao contexto de formação inicial quer especificar o que significa ter permitido tirar o curso?

R – Olhe acho que isso devo à escola que me deu a minha ferramenta de trabalho não é, era realmente o curso que eu queria tirar. E foi a primeira opção não procurei mais escolas e realmente tive sorte ou não sei também me esforcei por isso para eu ter entrado portanto é um aspecto positivo.

(B1)

Q – No contexto de formação inicial disse o que teve de melhor foi a formação prática, quer especificar?

R – Formação prática davam-nos muitos estágios, fizemos muitos estágios e achei interessante que fizemos logo um estagio mal entramos, portanto não tínhamos noções nenhuma do que era ser educadora de infância, nada e fomos logo colocadas no estágio.

Q – E isso foi bom?

R – Foi bom, foi bom porque é assim muitas colegas minhas constataram que a profissão não se adaptava nada a elas e então ainda foram a tempo de ir para outros cursos, como também aquelas que como eu fizeram e adoraram e parecia que até já sabia fazer coisas quando nem formação nenhuma tiveram teórica.

(B2)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª IMPACTO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao contacto com novas realidades, novas tradições e também às dificuldades encontradas na prática.	a) EXPERIÊNCIAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados de tonalidade positiva, que se referem ao trabalho com as crianças e com a comunidade.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o grupo de apenas dez crianças, porque é que mencionou um grupo de apenas dez crianças?

R – Porque quando uma pessoa vai trabalhar pela primeira vez há sempre aquele medo, há sempre aquela sensação de não conseguir, o facto de o grupo só ter dez crianças acho que de certo modo acalmou esse medo, porque quando uma pessoa está sozinha à frente de vinte e cinco crianças a situação é outra sem dúvida, em todas as questões, mesma para, para pronto, para motivar, em relação ao barulho, ainda hoje em dia, pronto, isso se verifica.

Q – O número de vinte e cinco crianças é o normal da rede pública, acha excessivo o número?

R – Acho, acho excessivo em relação às próprias crianças porque já tive oportunidade de trabalhar com um grupo de vinte e cinco crianças, não me custou nada, para mim é como trabalhar com um grupo de dez ou de quinze, só que o benefício que uma criança nesse grupo retira é muito menor em relação a um grupo com menos, mais reduzido, sem dúvida. O trabalho individual é quase nulo, é impossível a educadora estar a fazer um trabalho individualizado ainda que reconheça que aquela criança ou aquelas crianças precisem, é quase impossível, porque há um ritmo muito mais dinâmico, muito mais acelerado para manter vinte e cinco crianças activas, em actividade.

(A1)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de melhor foi a comunidade rural em si, que explicitar como é a comunidade rural em si ?

R – Porque não me limitava unicamente às crianças e às suas famílias de origem, como me relacionava bem como toda a comunidade desde os vizinhos do Jardim de Infância até aos tios e até a pessoas da população mais próxima, houve aí uma grande relação de envolvimento muito agradável.

(A2)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de melhor foi a primeira experiência com um grupo de doze alunos, tem algum significado especial?

R – Não é, eu quando acabei o curso fiquei um bocado receosa com o número de 25 alunos, achava que era um número um bocado grande, portanto fiquei muito contente quando vi que tinha 12 porque achei que para a primeira experiência era mais agradável do que ter logo 25 é por isso e eram muito calminhos.

(A2)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa uma realidade social absolutamente diferente da minha?

R – Penso que já respondi na 1.ª parte da entrevista porque está tudo muito interligado.

R – Estava a pensar mais em situações. Foi o meu 1.º ano de trabalho e foi nos Açores, foi a 1.ª vez que eu saí de casa, foi muito positiva neste sentido mas negativa noutros como o choque com uma realidade muito negra e a ver que ninguém fazia nada, lembro-me de

chorar algumas vezes. Foi um ano muito marcado pelas questões profissionais e também pelas questões pessoais da independência, de ganhar o meu ordenado. Fui para uma escola muito grande, éramos 12, sendo 4 educadoras, trabalhávamos duas por sala. Tive a sorte de estar com uma colega, que sendo absolutamente diferente de mim com mais anos de serviço, era do Quadro Único, numa escola de formação absolutamente diferente da minha ... mas absolutamente diferente e demo-nos super bem, por isso é que eu digo trabalho em equipa, como nos conseguimos conciliar e os conflitos eram resolvidos naturalmente, ela aceitava que eu fizesse coisas diferentes e eu também. Aliás até resolvemos muito bem o trabalho curiosamente porque ela que se calhar já estava mais cansada, deixava que fosse eu mais a gerir o grupo e em contrapartida ela estava mais sentada e dava mais apoio às actividades mais calmas, por ex. o desenho ou para recortar.

Uma vez por semana fazíamos a planificação e fizemos projectos bastante interessantes como o nosso quintalzinho com o espantalho mas para isto foi lá um avô cavar a terra e ajudar nas sementeiras porque eu estava tão curiosa como as crianças, foi uma descoberta em comum.

(A3)

Q – E o que significa, neste 1.º contexto, a alegria de se fazer o que se gosta?

R – Ah, isso é uma alegria de facto, começar a fazer e estar onde se quer isso é uma felicidade, que eu acho que potencializa o trabalho. Eu estava bem, estava feliz por estar a fazer aquilo que queria e por estar num sítio como os Açores e depois vêm as questões pessoais de sair a 1.ª vez de casa, de ser autónoma, de crescer, de ser mulher pela 1.ª vez no sentido de ter que me desenrascar sozinha e sem os mimos da família.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram poucas crianças, um grupo de dez, o que significa?

R – Isto é assim, pronto, para o primeiro ano de trabalho é óptimo, porque a gente tem sempre o trauma de serem vinte e cinco e de não conseguirmos dominar a situação em termos de actividades, como é que vamos, pronto, é completamente diferente daquilo que se aprende na teoria, não é? Depois de estarmos na prática, porque em situação de estágio temos uma educadora cooperante connosco que nos deita a mão, não é, no início do primeiro ano de trabalho se me deparasse com um grupo de vinte e cinco crianças provavelmente o meu coração palpitava mais do que assim com dez crianças, foi muito mais fácil de eu trabalhar, de eu me orientar, de eu me adaptar à nova profissão.

(A4)

Q – Quando se refere ao seu primeiro contexto de trabalho disse o que teve de melhor foi a amizade com que foi acolhida no meio, quer especificar?

R – Foi muito engraçado, o 1.º contexto de trabalho foi bom, é caracterizado logo pela minha falta de experiência, pelo medo de ir para um sítio completamente diferente que eu não conhecia e ao chegar lá, eu fui substituir uma colega que veio, que veio trabalhar para o P., ao chegar lá, cheguei lá no dia um de Abril, ninguém acreditava, começou tudo por aí, começou por ser uma situação muito engraçada, daí surgiu um carinho muito grande entre as pessoas e um bom acolhimento porque eu levei, ao mesmo tempo que levava a minha carta de apresentação, o meu alvará, eu levava a carta que dava direito à colega para vir embora, eu levei-lhe a transferência então aquilo tudo parecia uma grande anedota, porque era dia um de Abril.

Depois a nível das pessoas da localidade, fui muito bem recebida.

O grupo de crianças era excelente, eram meninos, eram meninos da aldeia mas com muita capacidade de estar, de respeito, coisa que nós não vemos muitas vezes aqui na cidade, eles mandam-nos facilmente assim a certos sítios, aqueles não, eram meninos que nos respeitavam muito e que tinham muita sede dos nossos conhecimentos, e então cada vez

que fazíamos algo diferente isso era referenciado, sempre tive a mania de registrar tudo e de por tudo nas paredes portanto ainda lá devem estar se ninguém a jogou ao lixo os meus registos, ainda lá devem estar os registos do prazer com que as crianças trabalharam comigo.

(A5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o meio rural?

R – Foi bom ainda agora gosto muito do meio rural.

Q – Nunca tinha vivido num meio rural?

R – Ah, sim, os meus pais são de uma aldeia de C. de B., o meio rural não me era estranho, viver não, ia lá de férias conhecia aquela realidade mas não vivia lá, conhecia aquela realidade mas não vivia lá no meio rural.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa novas realidades?

R- Era conhecer V., aquilo que eu conhecia era a realidade de aldeia que era C., os meus pais são de lá e eu conhecia, e V. é diferente, é uma paisagem diferente, as pessoas são diferentes também, embora também comunicativas mas é diferente, a paisagem é totalmente diferente muito bonita e muito frio.

(A6)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o edifício estar situado num caminho secundário da aldeia de P., esta situação permitia levar o grupo a brincar nos caminhos sem perigo de trânsito, passear num ambiente saudável facilitando o relacionamento com a comunidade, o que significa?

R – Pronto, a imagem contacto com a natureza e também viver ao ar livre e ter, aprender experiências diferentes, não é, aprendizagem diferente das crianças que vivem na cidade e um contacto mais directo com a comunidade, porque as pessoas, estão não é, vêm e saem fora de casa, vêm conversar, estão no campo, a pessoa passa e elas cumprimentam e a pessoa fala e há uma proximidade no meio rural, claro.

(A7)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o bom relacionamento com os pais e familiares das crianças, o que significa?

R – Pronto era mais nesse sentido de, pronto, de as pessoas estarem, me aceitarem bem, estarem próximas, de estarem à vontade para me trazer umas couves ou umas cerejas no dia a dia, de aceitarem bem uma pessoa, não é, que vem para ali de longe.

Q – E aceitavam bem o Jardim de Infância?

R – Sim, sim, aceitaram bem, era um grupo pequeno mas frequentavam bastante. Até pronto, almoçavam lá, algumas que eram de longe até almoçavam, para não fazerem tantas viagens.

(A7)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significa ser o primeiro?

R – O que significa ser o primeiro. É a primeira coisa não é, aquela inovação, prontos, exacto, como o meu primeiro namorado.

(A8)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significam as vivências?

R – Sim, aqueles putos foram assim, foram giríssimos, passava as cinco horas com eles, que eles eram de muito longe não iam a casa, levavam a marmita, já fazia prolongamento sócio-educativo na altura sem saber.

E eles levavam a marmita e comiam lá comigo, sabiam montes de coisas que eu não sabia.

Q – Conhecer os hábitos, não é?

R – Entre as pessoas depois comecei a, a minha companheira era uma senhora que vivia lá sozinha, passava lá uns tempos com ela, contávamos assim umas coisas, depois íamos lá a casa dela aprender, aprender coisas, não é, eu aprendi a cavar, a plantar lá umas favas maravilhosas, mas foram eles que desenhámos lá aquilo. Era a terra dos apitos, porque não havia lá nada para vender, não é, então iam as camionetas lá vender, chegava um apito que era o homem do pão, chegava outro apito era o homem da fruta, apitavam outra vez era o homem do peixe, era a velha terra dos apitos, mas era giro.

(A8)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significam as experiências rurais, foram essas plantações e coisas que acabou de referir?

R – Sim, sim, e a lareira, fartei-me de, como eu saía cedo e estava sozinha, acendia a lareira e engordei imenso fiquei o triplo do que sou porque as pessoas eram muito dadas, acho que foi dos sítios em que as pessoas eram, davam muito, eram muito, partilhavam e traziam-me quase todos os dias broa quente. Vinham buscar os meninos e traziam-me qualquer oferta, era assim uma ternura.

Era uma ternura, era ternurento mesmo, eu por exemplo não tinha auxiliar e as mães depois iam lá rotativamente limpar a escola, aquelas coisas, como é que eu hei-de dizer que aquilo era desagradável, não era, não é, pronto, e levavam-me sempre coisinhas, é para a senhora e tal, pronto, para a menina, ia lá a menina, depois ia para casa sozinha, ligava, acendia a lareira, quer dizer uma rapariga da cidade como eu nascida e criada no P. ligava a lareira e fazia uns cafés, uns chás e comia a broa com manteiga, estás a ver o resultado, foi, e a minha vontade era chegar à sexta feira, chegar a C., comer um pastel com chantili e beber um fino.

(A8)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o contacto com a natureza, quer especificar?

R – A natureza tem muito equilíbrio, há um equilíbrio fantástico na natureza com as cores, com as formas ... e eu descobri que preciso dessa natureza para manter o meu equilíbrio. Eu guardo uma boa imagem do meu 1.º e 2.º contexto, um pela natureza selvagem, tudo o que era campo e a outra que era um jardim grande, fora destes nunca mais apanhei um lugar com natureza. Nós íamos ao pinhal e contava-mos as pinhas, o seu tamanho, encontrava-se ali tema, motivação para histórias contadas lá no meio do campo, a caruma, as espigas, eram materiais inovadores, a natureza é muito importante.

(A9)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi as crianças, o que significa?

R – Porque gosto muito de trabalhar com as crianças mais do que com adultos, cada ano que passa é sempre bom estar com as crianças, nunca me cansam, nunca venho irritada, nunca estou exausta com as crianças, é uma coisa boa para mim, chego lá vêm todos a correr e eu a correr para eles, é bom para mim, não sei explicar mas é espontâneo qualquer que sejam as suas características, as suas origens e os seus estratos sociais, é sempre bom ter crianças à minha volta.

(A9)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram os pais, quer especificar?

R – Os pais eram espantosos, iam buscar a água para a casa de banho, traziam molhos de lenha para acender a lareira que havia lá no J. I. para os meninos não terem frio, eles revezavam-se, vinham à escola, o contacto com os pais era bom muito bom.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi a relação com a comunidade, quer especificar um bocadinho que tipo de relação com a comunidade?

R – Porque eu tentava falar com as famílias, sobretudo com as famílias, era o trabalho mais, mais frequente, tinha sempre as pessoas presentes. Elas mostravam-se sempre interessadas e portanto eu sentia que elas gostavam de saber o que se passava com os seus filhos e portanto havia uma postura próxima.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o respeito e credibilidade das famílias face ao Jardim de Infância?

R – Sem dúvida. Acho que apesar do desconhecimento da realidade do Jardim de Infância, porque a rede pública era recente, mesmo muito recente, as famílias eram muito interessadas e respeitavam muito as profissionais.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi a sua primeira experiência enquanto educadora, acho que já falámos, quer acrescentar alguma coisa mais?

R – Foi, foi realmente essa, eu acho que eu ainda me recordo como se fosse ontem esse primeiro ano, foi uma marca muito forte no meu percurso todo.

Q – Acha que o contexto de trabalho marca o percurso profissional?

R – Muito, muito, eu acho que sim, e eu acho que as primeiras experiências também marcam muito, e eu tive a sorte de ter realmente muito boas experiências, as primeiras experiências foram todas muito boas, o que de certa forma se calhar agora me ajuda a integrar as menos boas de uma forma positiva.

(A11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª IMPACTO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao contacto com novas realidades, novas tradições e também às dificuldades encontradas na prática.	b) DESILUSÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados de tonalidade negativa que se referem a obstáculos e limitações na 1.ª experiência de trabalho.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi o meio rural com pouca informação sobre o que é e para que serve o jardim de infância, o que significa?

R – Portanto, quando eu iniciei, portanto, quando eu fui para esse Jardim em noventa e quatro, portanto P. de C., nestes últimos anos tem evoluído muito, mas nesta altura essa freguesia estava mesmo fechada, pronto, fechada no sentido de pouca abertura, as pessoas eram poucas, as pessoas que tinham carro, para vir à vila ou para vir a V., isso era uma vez por ano se tanto. As crianças pronto, estavam limitadas a conviver com os pais, com os avós, além de serem tudo pessoas que trabalhavam no campo, a formação base era no mínimo analfabetos ou então quarta classe. Portanto, aqueles pais que trabalhavam na vila iam, saíam de manhã cedo e vinham ao fim do dia, as crianças, pronto, tinham muito pouco contacto com os pais e com pessoas assim, com formação. Vinham para o Jardim de Infância mas vinham como se viessem para brincar, portanto a ideia que eu fiquei que as pessoas tinham do Jardim de Infância é que os meninos vinham brincar, nós estávamos ali para tomar conta deles, pura e simplesmente, as pessoas não tinham a noção.

(A1)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa uma realidade social absolutamente diferente da minha?

R – Estava a pensar mais em situações. Foi o meu 1.º ano de trabalho e foi nos Açores, foi a 1.ª vez que eu saí de casa, foi muito positiva neste sentido mas negativa noutros como o choque com uma realidade muito negra e a ver que ninguém fazia nada, lembro-me de chorar algumas vezes. Foi um ano muito marcado pelas questões profissionais e também pelas questões pessoais da independência, de ganhar o meu ordenado. Fui para uma escola muito grande, éramos 12, sendo 4 educadoras, trabalhávamos duas por sala. Tive a sorte de estar com uma colega, que sendo absolutamente diferente de mim com mais anos de serviço, era do Quadro Único, numa escola de formação absolutamente diferente da minha ... mas absolutamente diferente e demo-nos super bem, por isso é que eu digo trabalho em equipa, como nos conseguimos conciliar e os conflitos eram resolvidos naturalmente, ela aceitava que eu fizesse coisas diferentes e eu também. Aliás até resolvemos muito bem o trabalho curiosamente porque ela que se calhar já estava mais cansada, deixava que fosse eu mais a gerir o grupo e em contrapartida ela estava mais sentada e dava mais apoio às actividades mais calmas, por ex. o desenho ou para recortar.

Uma vez por semana fazíamos a planificação e fizemos projectos bastante interessantes como o nosso quintalzinho com o espantalho, mas para isto foi lá um avô cavar a terra e ajudar nas sementeiras porque eu estava tão curiosa como as crianças, foi uma descoberta em comum.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de pior foi pouca prática, algumas dificuldades, o que significa?

R – Pronto, como eu já tinha referido, tínhamos pouca prática ao nível do curso e depois só estando nas situações é que a gente sente na pele as falhas que, as falhas que havia, não é?

(A4)

Q – E o que significa este ser um meio pobre onde assisti a situações marcantes, quer explicar?

R – Uma das situações que me marcou foi descobrir que uma das minhas, uma das crianças que eu tinha J. I. era deixada às 6:30h da manhã chovesse ou fizesse sol, com gelo ou sem gelo, era deixada à porta do J. I., por uma empregada da mãe, a mãe trabalhava, fazia um turno nocturno e tinha uma funcionária que ia dormir com a criança. O meio era muito pobre as pessoas precisavam de trabalhar mas a funcionária como depois precisava de sair então às 6:30h da manhã deixava lá a criança, eu tomei contacto com esta realidade, porque um dia que chovesse muito cá no P. eu saía muito cedo com medo de chegar atrasada ao J. I. e cheguei ao J. I. às 7h da manhã, eram 7h da manhã e a criança estava completamente ensopada à porta do J. I., eu abri a porta coloquei-a lá dentro liguei o aquecimento e entretanto tentei trocar-lhe a roupa e agazalha-la. Naquela, naquela aldeia havia situações muito complicadas de pobreza não tanto pobreza a nível financeiro mas se calhar mais pobreza a nível de espírito.

(A5)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi ser um contexto rural, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, acho que há bocado já falei bastante sobre ele, embora não me referia a essa questão que foi para mim também fundamental que foi os colegas de trabalho, porque eu era, estava sozinha, estava completamente desenraizada e foi um aspecto muito importante para conseguir ter superado essa dificuldade. Eram os professores, eu era a única educadora da freguesia, portanto eram os professores do primeiro ciclo e do segundo ciclo, o segundo ciclo que eram professores do primeiro ciclo que estavam na telescola, foram fundamentais.

R – Ora bem, situações e pessoas. É assim, realmente foi um espaço, era um contexto de vida completamente oposto ao que eu estava habituada, pronto, eu vivi toda a vida numa cidade grande e de repente via-me numa aldeia completamente isolada, sem serviços, sem um hospital sem nada, a minha aflicção quando eu comecei a trabalhar, era se acontecesse alguma coisa a um miúdo o que é que eu fazia, porque nós nem hospital tínhamos perto, tínhamos que andar cinquenta quilómetros até ao centro de saúde, portanto, foi realmente um grande choque para mim nesse sentido; por outro lado foi muito bom porque era um contexto rural, em termos de natureza era óptimo, era um sítio muito bonito, um ar puro, puríssimo, uma água magnífica, era o oposto do que eu estava habituada, mas acabou por ser agradável por um lado e angustiante por outro.

(A11)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi o 1.º choque com a realidade, quer especificar?

R – O choque com a realidade no sentido de, foi o meu primeiro contexto de trabalho, eu vinha com uma, portanto vinha com ideias, cheia de ideias ainda fruto da formação, não é, e é evidente que há sempre um choque quando se começa a trabalhar e as coisas não são assim tão bonitas como nos fazem acreditar apesar de eu ter tido uma formação que nos orientou muito para esse sentido para as diferenças e para as dificuldades.

(A11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que evidenciam o isolamento, o desconforto e também a autonomia dos próprios sujeitos.	a) INDEPENDÊNCIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam a autonomia dos próprios sujeitos quer pessoais, familiares e profissionais.

Q – E o que significa, neste 1.º contexto, a alegria de se fazer o que se gosta?

R – À isso é uma alegria de facto, começar a fazer e estar onde se quer isso é uma felicidade, que eu acho que potencializa o trabalho. Eu estava bem, estava feliz por estar a fazer aquilo que queria e por estar num sítio como os Açores e depois vêm as questões pessoais de sair a 1.ª vez de casa, de ser autónoma, de crescer, de ser mulher pela 1.ª vez no sentido de ter que me desenrascar sozinha e sem os mimos da família.

(A3)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª DISTÂNCIA	b) DIFICULDADES
Pertencem a esta categoria os enunciados que evidenciam o isolamento, o desconforto e também a autonomia dos próprios sujeitos.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao impacto negativo, do ponto de vista pessoal e profissional, entre o local de trabalho e o lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi a distância casa - Jardim de Infância, quer quantificar a distância?

R – A distância era a distância em quilómetros que eu tinha que conduzir, portanto setenta quilómetros antes de iniciar as minhas actividades como educadora de infância, portanto correspondia a uma hora de condução, tinha que me levantar às sete da manhã, para sair de casa às oito, para chegar ao Jardim às nove, já com setenta quilómetros em cima, depois a volta, o regresso, exactamente, depois de um dia de trabalho, portanto em que tinha que ficar a almoçar na cantina, sujeita ao barulho dos meninos, portanto, porque almoçava, não podia vir a casa, como é lógico, portanto eu não fazia cinco horas de trabalho, fazia seis ou seis e meia, portanto era um desgaste maior, depois no fim dessas horas vinha para casa, fizesse chuva ou sol.

Q – Acha que esta distância que implica ou acaba por implicar, sei lá, na altura do final do ano, no trabalho já que nós temos?

R – Sem dúvida, porque o cansaço é, acumula-se e chega-se mesmo a uma situação em que já quase nem se consegue mais.

(A1)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de pior foi a distância residência/local de trabalho o que significa, eram muito quilómetros?

R – Era exactamente mesmo isso que era desagradável.

(A2)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de pior foi o isolamento escolar, que significa?

R – Também era numa certa maneira muito desagradável, andei sempre em J. I. sozinha, mesmo distantes da escola do primeiro ciclo e só tinha auxiliar umas horas por dia, não estava sempre comigo mas como o grupo era pequeno não havia grande problema.

(A2)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de pior foi o cansaço das viagens, foi muito significativo?

R – Sem dúvida, significava mesmo o cansaço, era mesmo.

(A2)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de pior foi longe de casa, Madeira, foi difícil de viver essa situação?

R – Estava longe, mas consegui superar essa situação, pronto, uma primeira experiência.

(A4)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a instabilidade a nível monetário, quer especificar?

R – Pronto, era o primeiro trabalho, foram as experiências e isso tudo. Era muito complicado. As viagens, era terrível e as despesas muitas.

(A4)

Q – Quando se refere ao seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi ser muito longe, o que significa?

R – Mais uma vez foi a descoberta duma nova localidade, mais uma vez era em cento e muitos quilómetros para fazer, eu ia à segunda feira de manhã voltava à sexta feira à noite, senti falta da minha família, ainda por cima ter de ir de morar para uma casa que era coabitada com ratos, isso fez com que eu depois mudasse de casa, fui muito bem recebida na casa da auxiliar da escola do primeiro ciclo e passei a ter quase uma segunda família, então a partir daí deixei de ter problemas de estar só ou de me sentir muito longe de casa.

(A5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o isolamento, penso que já especificou um pouco o que foi este isolamento que foi estar longe?

R – Já, já, e não conhecia ninguém, chegar ali e não conhecer ninguém como é que era agora, foi, cheguei lá a V., como é que eu vou para C. do S. que eu nem sei onde é que fica, fui de táxi porque não havia transportes, foi, foi o isolamento, custou muito, a primeira semana, depois estava separada de tudo, sim, mas depois adaptei-me vim para V. para a cidade já foi diferente.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa esta adaptação?

R – Foi gradual foi, depois vim para V., conheci outras colegas e foi bom.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o isolamento, este isolamento já disse à bocado foi o estar longe?

R – Muito longe, não era só eu estar longe de casa, era aquilo estar longe, havia poucos habitantes lá, aquilo ficava longe de tudo.

(A8)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa a falta de contacto com outros?

R – Portanto, com outros, não tinha mais ninguém.

Q – Tinha as crianças, os pais que iam.

R – Que eram de longe, mais nada, a colega do primeiro ciclo trazia-me à segunda e levava-me à sexta e ia embora porque ela morava em C. e não ficava lá. Eu quebrava o isolamento a meio da semana para ir ter com uma amiga. Andava de mota e fazia assim umas coisas esquisitas.

(A8)

Q – E o que significa este isolamento, esta distância neste pior que seu 1.º contexto teve?

R – Não havia transportes lá para a aldeia, era a 18 Km da vila, havia um isolamento da família, havia um isolamento da parte cultural, ir ao cinema ou a um concerto era impossível, não havia leite à venda na mercearia porque toda a gente tinha leite, depois descobri um lavrador que mo vendia. A distância era grande, eram 80 ou 90 Km, naquela altura tinham outra dimensão.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a distância face à minha terra de origem?

R – Da minha casa, estava, não sei se sessenta quilómetros ou setenta, não dava para ir e vir porque naquela época as questões económicas colocavam-se e eu não tinha carro e as camionetas eram raras e caras.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa o isolamento face à família?

R – Sem dúvida.

Q – E é uma das características que afectou o seu trabalho?

R – Penso que não, não por presunção, mas penso que não, mas penso que pode afectar muita gente. Porque abala o sistema emocional, portanto, se houver uma personalidade menos forte as pessoas ficam emotivamente em baixo.

(A10)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª RELAÇÃO COM OUTROS AGENTES EDUCATIVOS Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações interpessoais e suas implicações no trabalho pedagógico com as crianças.	a) COLEGAS EDUCADORAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações de trabalho entre educadoras e implicações no desenvolvimento do seu trabalho.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor, o que significa havia uma óptima relação/organização de trabalhos por parte do núcleo de educadoras, quer explicar?

R – Sim. Eu quando cheguei a esse Jardim, portanto, já uma educadora tinha iniciado o ano lectivo com esse grupo de crianças, já tinha realizado trabalhos, eu cheguei, caí de pára quedas, portanto, o que me valeu foi o facto da colega ter esperado por mim quando eu cheguei ela encontrava-se na sala, explicou-me o que tinha estado a fazer, o que era necessário fazer, disse-me que quando houvesse a próxima reunião de núcleo, que eram reuniões em que as educadoras de infância se juntavam uma vez por mês para debater problemas de todas as ordens, que eu iria, pronto, aí iria-me inteirar das situações, assim foi. Pronto, éramos seis educadoras, reuníamos com o delegado escolar na altura, às vezes, outras vezes com o acessor do delegado, o vice-delegado, exactamente, expúnhamos as nossas necessidades, o que íamos fazer, havia trocas de experiências e de trabalhos, pronto havia uma certa organização do trabalho sobre o que íamos fazer isso, ajudou imenso porque não estava perdida, pronto.

Q – Estas reuniões de núcleo acabaram?

R – Acabaram, neste momento, portanto há uma reunião de conselho de docentes.

Q – Já está em agrupamento?

R – Já estou em agrupamento, a reunião de conselho de docentes é para tratar de assuntos burocráticos e assuntos relacionados com o agrupamento e não propriamente com o nosso, com a nossa especificidade, porque nós, essas reuniões de núcleo eram mesmo só para tratar de assuntos relacionados com a prática.

Eu ganhei muito com essas reuniões de núcleo porque, pronto, havia uma troca de conhecimentos, de saberes, de olhares, de opiniões, mesmo em termos de, o que vamos fazer para o dia da mãe, o que vamos fazer para o Natal, portanto e havia seis cabeças, exactamente, isso ajudava imenso, pronto. Mesmo para comprar materiais havia possibilidades de nos juntarmos e comprarmos material mais barato, ou de uma colega que vinha do P. ou que vinha de outros sítios, conhecer outras realidades, íamos, pronto, lembra-me de irmos também a Espanha comprar material quando estávamos ali na zona de P. de C. ou de V. que eram materiais diferentes e isso ajudava.

(A1)

Q – Quando pensa no 1.º contexto de trabalho disse o que teve de melhor foram as reuniões de núcleo?

R – Eram importantes porque as escolas estava muito isoladas e era um ponto da reunião das educadoras que estavam dispersas, era uma forma também de podermos desenvolver trabalhos em conjunto e portanto era muito proveitoso.

Q – Neste momento existem reuniões de núcleo?

R – Que eu tenha conhecimento, não

Q – E acha negativo/positivo e em que aspecto?

R – Acho negativo, eu realmente acho que era uma forma de trabalho em equipa que se podia manter, até trocas de experiências, de formas de trabalhar era interessante.

(A2)

Q – E quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o trabalho em equipa?

R – Eu penso que também já referi, não tanto das educadoras, mas o trabalho na sala com a outra colega onde se aceitaram as diferenças, se evitaram e resolveram pequenos conflitos, mas isto foi uma situação específica daquele ano.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o trabalhar com outra colega, quer especificar?

R – Pronto, eu aqui posso referenciar que é assim, na Madeira, um grupo de mais de sete crianças tem duas educadoras. E nós tínhamos vinte crianças e éramos duas, só que, como tínhamos outra sala disponível e o grupo era um bocadinho conflituoso, deram-nos autorização para dividir o grupo dez, dez. Pronto eu trabalhava na sala ao lado, mas tinha outra colega com mais experiência do que eu, que era o terceiro ano de trabalho e que também me ajudou a combater algumas dificuldades, porque conversávamos uma com a outra e é muito mais agradável trabalhar com outra colega, desde que entremos em acordo a nível de métodos de trabalho, pronto, maneiras de decidir e tudo isso.

(A4)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi ser muito bem acolhida pela comunidade escolar, pais e comunidade em geral, o que significa?

R – Pronto, tendo em conta que eu fui para a Madeira, era o meu primeiro ano de serviço, caí lá de pára-queadas, não conhecia ninguém. Pronto, foi mesmo o que eu senti e acho que isso foi muito importante também, as outras professoras, as auxiliares da escola, os pais e mesmo o local onde eu fiquei a residir, pronto, acho que foi, não tenho nada a dizer de mal, só tenho a dizer de bom e isso foi muito bom para me ajudar. Por isso, que eu guardo muito boas recordações do meu primeiro ano de trabalho apesar de ter, era o primeiro ano de trabalho e apesar de estar longe, eu era nova, mas acho que foi um ano, foi um ano ótimo.

(A4)

Q – Quando se refere ao seu primeiro contexto de trabalho disse o que teve de melhor foi a amizade com que foi acolhida no meio, quer especificar um pouco mais?

R – Foi muito engraçado, o 1.º contexto de trabalho foi bom, é caracterizado logo pela minha falta de experiência, pelo medo de ir para um sítio completamente diferente que eu não conhecia e ao chegar lá, eu fui substituir uma colega que veio, que veio trabalhar para o Porto, ao chegar lá, cheguei lá no dia um de Abril, ninguém acreditava, começou tudo por aí, começou por ser uma situação muito engraçada, daí surgiu um carinho muito grande entre as pessoas e um bom acolhimento porque eu levei, ao mesmo tempo que levava a minha carta de apresentação, o meu alvará e levava a carta que dava direito à colega para vir embora, eu levei-lhe a transferência então aquilo tudo parecia uma grande anedota, porque era dia um de Abril.

Depois a nível das pessoas da localidade, fui muito bem recebida.

O grupo de crianças era excelente, eram meninos, eram meninos da aldeia mas com muita capacidade de estar, de respeito, coisa que nós não vemos muitas vezes aqui na cidade, eles mandam-nos facilmente assim a certos sítios, aqueles não, eram meninos que nos respeitavam muito e que tinham muita sede dos nossos conhecimentos, e então cada vez que fazíamos algo diferente isso era referenciado. Sempre tive a mania de registar tudo e de por tudo nas paredes portanto ainda lá devem estar se ninguém a jogou ao lixo os meus

registos, ainda lá devem estar os registos do prazer com que as crianças trabalharam comigo.

(A5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significa este contacto com as colegas?

R – Foi ser bem aceite, integrarem-me bem no meio onde eu fui, fui bem aceite e ajudaram-me, saí da escola e não conhecia nada de nada, não é, e caí de pára-quedas na aldeia, não conhecia ninguém, o meio era totalmente, era uma aldeia muito isolada e foi bom estar com elas inseriram-me no grupo, foi bom.

(A6)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi ter comigo uma aluna da escola do Magistério Primário de Lamego a estagiar e foi bom ter algo para partilhar, senti-me útil e ajudou a combater o isolamento, quer especificar esta situação?

R – O facto de ser o primeiro ano de trabalho, não é, tinha estas dificuldades todas a nível de espaços e, pronto, estar longe da família, estar sozinha a trabalhar, pronto, ter ali uma estagiária ajudou porque, pronto, era uma pessoa que estava, por um lado era eu mesmo com pouco experiência e com pouco, tinha já, já sabia alguma coisa já poderia, pronto, dar algum do meu saber e, por outro lado veio-me fazer sentir um bocadinho melhor, porque ajudou a combater esse isolamento e também, pronto, a sentir que logo no primeiro ano de trabalho poder transmitir algo, não é, que eu tinha aprendido, acho que foi bom, fez-me sentir bem.

(A7)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o trabalho de equipa com outras colegas, colegas educadoras ou colegas de outros sectores?

R – Sobretudo colegas educadoras, trabalhávamos em equipa que era uma força motriz, ajudava no dia a dia a ultrapassar por exemplo as questões da distância com a família, mas efectivamente também ajudava no desenrolar do processo educativo, uma troca de experiências, sem dúvida.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa este receio de não ser capaz?

R – É isso mesmo, era primeira vez que eu estava a trabalhar com um grupo de crianças, ter que começar a pegar num trabalho do princípio até ao fim. Há aqui uma coisa neste contexto que também me ajudou imenso e que penso que nessa altura funcionavam muito bem, que era o facto de o departamento de ensino básico, uma vez que era o primeiro ano que estava, nos primeiros anos da rede pública, apoiavam bastante as educadoras, sobretudo educadoras que estavam isoladas como eu estava, não é? Portanto, elas reuniam connosco várias vezes no ano e iam fazendo o ponto da situação para nunca deixar, nunca se perdiam muito, elas nunca perdiam o contacto connosco e depois incentivaram muito à formação dos núcleos pedagógicos, que também nesta altura foram fundamentais, nós reuníamos uma vez por mês e normalmente eram educadoras na mesma situação, primeiros anos, porque eram zonas isoladas, portanto eram educadoras nos primeiros anos de trabalho fora da sua área de residência e pronto, penso que aí não referi essa questão, mas penso que foi fundamental também.

Q – E os núcleos pedagógicos serviam para quê?

R – Para reflectir, quebrar o isolamento nas pessoas, era sobretudo para nós preparávamos o ano lectivo, definíamos os nossos projectos pedagógicos, os nossos projectos educativos e durante o ano íamos discutindo aquilo que íamos fazendo, de certa forma era a partilha que se tornou, sim, para mim indispensável.

(A11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª RELAÇÃO COM OUTROS AGENTES EDUCATIVOS Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações interpessoais e suas implicações no trabalho pedagógico com as crianças.	b) OUTROS PROFISSIONAIS DE ENSINO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as atitudes / as relações entre profissionais e sua implicação no trabalho.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi ser muito bem acolhida pela comunidade escolar, pais e comunidade em geral, o que significa?

R – Pronto, tendo em conta que eu fui para a Madeira, era o meu primeiro ano de serviço, caí lá de pára-quebras, não conhecia ninguém. Pronto, foi mesmo o que eu senti e acho que isso foi muito importante também, as outras professoras, as auxiliares da escola, os pais e mesmo o local onde eu fiquei a residir, pronto, acho que foi, não tenho nada a dizer de mal, só tenho a dizer de bom e isso foi muito bom para me ajudar. Por isso que eu guardo muito boas recordações do meu primeiro ano de trabalho apesar de ter, era o primeiro ano de trabalho e apesar de estar longe, eu era nova, mas acho que foi um ano, foi um ano ótimo.

(A4)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o bom ambiente de trabalho neste contexto?

R – Neste contexto foi bom, era com a auxiliar principalmente e com a escola primária foi muito bom, dava-nos lindamente eu gostei de estar lá, apesar de ser um meio muito pobre.

(A6)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi ser um contexto rural, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, acho que há bocado já falei bastante sobre ele, embora não me referia a essa questão que foi para mim também fundamental que foi os colegas de trabalho, porque eu era, estava sozinha, estava completamente desenraizada e foi um aspecto muito importante para conseguir ter superado essa dificuldade. Eram os professores, eu era a única educadora da freguesia, portanto eram os professores do primeiro ciclo e do segundo ciclo, o segundo ciclo que eram professores do primeiro ciclo que estavam na telescola, foram fundamentais.

(A11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª RELAÇÃO COM OUTROS AGENTES EDUCATIVOS Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações interpessoais e suas implicações no trabalho pedagógico com as crianças.	c) AXILIARES DA ACÇÃO EDUCATIVA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao papel / atitude da auxiliar e suas implicações no desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi a auxiliar a acção de educação não tinha vocação/boa vontade, o que significa?

R – Nesse primeiro contexto de trabalho, portanto era uma zona rural, portanto em P. de C., numa freguesia, já bastante distante da vila, nove quilómetros, a auxiliar tinha na altura cinquenta e oito anos, à volta disso. Portanto, era solteira, muito ligada à igreja, vivia sozinha, tinha quase dois metros de altura, tinha sido auxiliar numa escola do primeiro ciclo, simplesmente, como essa escola era muito longe da escola dela, ela quando abriu a vaga do Jardim de Infância, ela foi colocada ali. Ela não estava minimamente sensibilizada para o que é o trabalho do Jardim de Infância, como não tinha filhos, não, vivia sozinha, era uma pessoa com, pronto, com uma personalidade muito egoísta, muito dela e isso criava uma certa, um certo mau estar mesmo nas próprias crianças e isso notava-se.

Em relação à auxiliar portanto ela tomava demasiada confiança porque esta tinha uma noção de que o Jardim era dela, pronto, por estar ali e ser da freguesia, as educadoras é que iam e vinham, portanto ela era sempre a dona. Quando eu cheguei a esse Jardim, portanto, que eu trabalhei duas vezes nesse Jardim, numa primeira vez, pronto, já tinha estado a colega, na segunda vez fui eu abrir o ano, iniciar o ano lectivo, quando cheguei lá, o me espanto foi que vi a sala montada, completamente, isso caiu-me mal, porque, ainda que nunca tivesse acontecido, mas tenho a noção de que quando uma pessoa vai iniciar um ano lectivo é a educadora que monta a sala, portanto eu fiz esse reparo à auxiliar, ela disse-me: ó menina as outras não se importam, as outras também deixam, está bem, então eu achei que, e como não estava aqui a fazer nada, achei que devia montar a sala, portanto, eram, dava assim este tipo de respostas.

Porque ela disse-me na altura: “ai para fazer o que a menina faz, eu podia ganhar o que a menina ganha” e eu achei isso uma falta, um atrevimento e disse-lhe mesmo a senhora está a ser muito atrevida, ela ficou toda zangada por eu lhe ter dito que ela era que atrevida, pronto, ficou por aí porque não era possível haver um diálogo porque ela não tinha, pronto. Mas lá em P. de C. há uma escola de formação para auxiliares de acção educativa. O centro de formação, portanto não sei bem o nome da instituição, mas formam auxiliares de acção educativa, já devem estar a ser algumas formadas, sabe. Eu tive estagiárias, elas disseram-me que queriam continuar para serem educadoras, portanto, vai ser complicado arranjar auxiliares com formação, porque depois elas vêem que realmente tem mais saída e mais possibilidades se continuarem o seu trabalho.

(A1)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi ser muito bem acolhida pela comunidade escolar, pais e comunidade em geral, o que significa?

R – Pronto, tendo em conta que eu fui para a Madeira, era o meu primeiro ano de serviço, caí lá de pára-quedas, não conhecia ninguém. Pronto, foi mesmo o que eu senti e acho que isso foi muito importante também, as outras professoras, as auxiliares da escola, os pais e mesmo o local onde eu fiquei a residir, pronto, acho que foi, não tenho nada a dizer de mal,

só tenho a dizer de bom e isso foi muito bom para me ajudar. Por isso que eu guardo muito boas recordações do meu primeiro ano de trabalho apesar de ter, era o primeiro ano de trabalho e apesar de estar longe, eu era nova, mas acho que foi um ano, foi um ano óptimo.

(A4)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o bom ambiente de trabalho neste contexto?

R – Neste contexto foi bom, era com a auxiliar principalmente e com a escola primária foi muito bom, davamo-nos lindamente eu gostei de estar lá, apesar de ser um meio muito pobre.

(A6)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO	a) RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais existentes.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o Jardim de Infância (J. I.), estava bem apetrechado, quer especificar o seu significado?

R – Portanto, a nível de material, portanto, de jogos, exactamente, as áreas estavam todas, como pronto, a casinha, tinha fogão, tinha frigorífico, tinha aquele louçeiro, portanto o quarto tinha a caminha, o guarda fatos, tinha um mínimo das condições, exactamente, atendendo à zona rural em que se encontrava, portanto, havia portanto dinheiro suficiente para comprar material de desgaste e outro material, portanto não havia problemas nenhuns, acho que foi bom.

(A1)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	b) ESCASSEZ DE RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais inexistentes.

Q – O que o 1.º contexto teve de pior foi a falta de material, o que significa?

R – Era mesmo falta de material como já referi assim como os graves problema sociais e a impotência para os resolver já os referi muito, muito durante a entrevista.

R – Estava a referir o contexto, mesmo a freguesia das F. era muito pobre e eu que sou duma classe média, não estava habituada a ver aquilo nem durante os meus estágios na ESE, se bem que fiz estágio no bairro S. João de Deus e lembro-me de ter vindo lá muito chocada mas não comparável a esta freguesia. A subnutrição das crianças, a falta de higiene, os problemas afectivos e não haver um psicólogo ou um pedopsiquiatra a quem se recorrer; um presidente da Junta que tivesse minimamente interessado em resolver aqueles problemas, a não haver uma cantina e ninguém querer criá-la; as colegas do 1.º ciclo a marimbarem-se para a situação; as crianças a faltarem muito quer ao J. I. quer ao 1.º ciclo e não se poder, saber o porquê desse absentismo, isto foi muito doloroso. Isto já era assim há muito tempo e não era uma continental que ia mudar os Açores.

Apesar de todas as dificuldades no 2.º ano conseguimos comprar um microondas para se aquecer a comida que as crianças traziam de casa, que no ano anterior a comiam fria.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi o edifício em péssimas condições, a casa de habitação alugada velha, sem conforto, no inverno chovia, a casa de banho à lavrador, antiga, sem recreio, não ter auxiliar de acção educativa a tempo inteiro, apenas uma assalariada a fazer limpeza algumas horas por dia, e quase inexistência de mobiliário e material didáctico, penso que já explicou, não tem mais detalhes a dizer?

R – Pois, está tudo explicado, no inverno muito frio, muito desagradável.

R – Imagem de muito frio, de muito desconforto, de uma sala muito feia, muito triste com o inverno e nós estarmos todos à volta do aquecedor nos dias de inverno e realmente a sala era mesmo assim, fria e a chover.

(A7)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 1.º contexto de trabalho o que significa o espaço?

R – Foi o que eu já te disse também.

R – A situações, à situação isto é um pleonasmo que acabo por dizer a mesma coisa não é, nas três respostas.

O espaço do Jardim de Infância não era adaptado, era um espaço incrível que eu achava o máximo porque era na sede da Junta de freguesia que tinha um relógio que dava horas para toda a freguesia.

(A8)

Q – Em relação ao 1.º contexto de trabalho o que teve de pior foi as instalações más, o que significa?

R – Eram péssimas, muito más, sem o mínimo de condições, sem casa de banho.

(A9)

Q – Em relação ao 1.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a falta de materiais, o que significa?

R – Eu estava abrir o J. I., no ano anterior esteve aberto mas a educadora faltou o ano inteiro e eu fui a segunda, tipo samaritana e lá fiquei o ano inteiro.

R – Estava-me a referir às instalações junto a um moinho que estava sempre pópópó... e os ratos invadiam o nosso J. I. todas as noites, ruíam tudo, portanto as instalações eram mesmo precárias.

R – Má imagem, é muito desumana, é muito degradada e não é nada agradável, mesmo nada. Imagine que o J. I. não tinha casa de banho, nunca em toda a minha vida vivi sem casa de banho, depois de eu tanto insistir junto da Câmara acabou por instalar uma sanita, que depois demorou dois meses a instalar a água e até lá eram as mães que traziam baldes e bacias de água. É desumano trabalhar assim.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior, o que significa as infra-estruturas, quer explicar como eram?

R – Eram demasiado precárias, chegava a ter buracos no chão e por baixo era a corte dos animais e a casa de banho era no terreiro. Não podia ser pior.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior, o que significa ter de resolver os problemas sozinha?

R – Era, o Jardim de Infância era lugar único, a freguesia só tinha esse Jardim de Infância, portanto todas as situações que surgiam quer a nível administrativo, quer a nível logístico, quer a nível pedagógico eu tinha que resolver sozinha, porque eu era directora de mim própria.

Q – Não tinha mais ninguém?

R – Ninguém, nem sequer auxiliar eu tinha nesse ano, portanto eu tinha realmente uma senhora da escola primária que ia ajudar a limpar o Jardim de Infância, que limpava no final do dia, portanto eu durante o dia estava sozinha com as crianças.

(A11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª IMPACTO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao trabalho desenvolvido, às relações com as colegas e com as Direcções.	a) RELAÇÃO DE TRABALHO COM AS CRIANÇAS E COM OS PAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam o trabalho pedagógico e o relacionamento com os pais.

Q- No seu 1.º contexto de trabalho conhecer outra realidade o ATL, também já falámos, trabalhar com um grupo que não estava habituada, quer acrescentar alguma coisa?

R – Não. Já falámos nisso tudo.

R – Porque eu fui trabalhar com ATL, e então aí também não estava preparada para trabalhar em ATL. Nós tiramos o curso de educadoras, não é para trabalhar com uma faixa etária de ATL, não é? Portanto eu nunca tinha tido contacto com crianças, contacto quer dizer, nunca tinha tido uma experiência, no meu estágio com crianças mais velhas e então aí também fui, pronto, posta numa nova situação em que tive que me adaptar.

(B1)

Q- Ser obrigada a integrar-se e ser aceite, quer especificar o que significa um bocadinho mais?

R – O ser aceite da maneira que eu era, era o facto de eu não estar habituada a trabalhar, nem a orientar trabalho para esse grupo etário, e portanto as pessoas acabaram por ter que me aceitar, e devia ser aceite da maneira com era. Foi um bocado violento.

Q – E agora, passado algum tempo acha que foi compensador e enriquecer?

R – Olhe, sinceramente acho que não. Porque o ano passado voltei a repetir a experiência de trabalhar, de seguir o grupo, dos dois até aos cinco, e no ano passado propuseram-me, porque era obrigatório ter uma educadora em ATL, propuseram seguir o grupo, o grupo de cinco, eu segui com eles para ATL, e eu tinha dito que, que embora tentasse fazer o melhor eu sabia que não, que o meu melhor não era lá. E isso voltou-se a repetir, porque realmente eu não me identifico a nível de trabalho com ATL, sei daquilo que sou capaz aqui, lá acho que sou ... que as minhas capacidades ficam ... não me identifico com o grupo, acho que não tenho capacidade de me organizar.

(B1)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi as crianças, porquê?

R – Para mim é sempre as crianças o melhor do contexto, porque adoro trabalhar com crianças, não me importo de estar o dia todo com crianças e não estar com adultos.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi os pais, a que nível?

R – Os pais, também é importante haver um relação muito boa entre e com os pais porque senão não conseguíamos fazer nada, não há trabalho, não há trabalho.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho acho que no companheirismo de colegas já falamos, na ternura dos meninos também, o número elevado dos meninos, que eram oitenta meninos, é mesmo encaixotados?

R – Num espaço mínimo ainda por cima.

R – É que foi o primeiro impacto e foi muito complicado porque fui para ATL, daí a minha falta de formação em ATL, eu fui lançada às feras com oitenta meninos sozinha e não tinha experiência nenhuma, o que realmente me valeu foi o companheirismo com as outras colegas, que não éramos muitas, tínhamos muitos meninos mas poucas funcionárias e foi

muito importante a ajuda delas e os meninos realmente apesar de serem muitos e ser uma zona complicada deram muita, muito muita alegria e deram muito carinho e muita atenção.

(B3)

Q – No seu 1.º o contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi a experiência em diversos sectores, quer especificar os diversos sectores?

R – Acho que anteriormente já falei, não sei se quer que diga outra vez? Falei, portanto, do trabalho na sala de estudo mas tinha ligação com o Jardim de Infância, a nível de secretariado e tipo de coordenação, que foi muito bom.

R – Não foi tudo bom não é?! Primeiro noutro aspecto em baixo digo outras coisas que ficaram más mas pronto, foi bom porque era um infantário pequeno, muito pequeno e eu trabalhava no ATL mas também dava apoio ao Jardim de Infância e por vezes fazia os pagamentos, fazia de secretária, um bocado coordenadora pronto, foi uma coisinha pequeninha, deu para apreender um bocado de tudo.

(B4)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o relacionamento com crianças e pais, quer especificar?

R – Lá está foi bom, foi muito bom, foi uma experiência muito positiva não é? E de hoje em dia ter contactos com certos pais, mesmo a nível de encontra-los não sei quantos anos depois e reconhecerem-me e falarem comigo é muito bom.

(B4)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o ter trabalhado com o mesmo grupo de estágio, o que significa?

R – Foi o que eu já disse, acabei o curso e fui trabalhar na instituição onde tinha estagiado e continuei com os mesmos bebés, o que foi muito bom.

R – Estava a pensar mais em pessoas, por ter trabalhado com mesmo no grupo, eu estagiei com o grupo de bebés um ano e depois mudei para o grupo de um ano e dois e trabalhei mais de um ano, andei dois anos e senti-me perfeitamente à vontade; o acolhimento foi muito bom nas colegas do sítio onde fui parar, senti-me bem acolhida, senti-me parte da equipa logo de imediato não me senti que vinha novinha que não sabe fazer nada; sentia-me capaz foi o que referi anteriormente, que enfrentei um grupo perfeitamente consciente daquilo que era estar a trabalhar como educadora, os pais, as colegas não tive, tive um certo receio é evidente mas não tive medo não senti vacilar.

(B5)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o sentir-me capaz, quer acrescentar ao que já foi dito anteriormente?

R – É assim o sentir-me capaz é vencer dia a dia as minhas dificuldades não é, às vezes não venço tenho derrotas claro, derrotas mas é tentar cada dia vencer alguma coisa.

R – Estava a pensar mais em pessoas, por ter trabalhado com mesmo no grupo, eu estagiei com o grupo de bebés um ano e depois mudei para o grupo de um ano e dois e trabalhei mais de um ano, andei dois anos e senti-me perfeitamente à vontade; o acolhimento foi muito bom nas colegas do sítio onde fui parar, senti-me bem acolhida, senti-me parte da equipa logo de imediato não me senti que vinha novinha que não sabe fazer nada; **sentia-me capaz foi o que referi anteriormente, que enfrentei um grupo perfeitamente consciente daquilo que era estar a trabalhar como educadora, os pais, as colegas não tive, tive um certo receio é evidente mas não tive medo, não senti vacilar.**

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 1.º contexto de trabalho foram as crianças e os pais, como eram para merecerem esta referência?

R – Porque era um grupo muito amoroso de 3 anos, acho que é o máximo. Criou-se uma empatia com os pais, alguns estavam de manhã à minha espera para me conhecerem, outros ficavam ao final do dia para conversarem comigo, achei muito interessante.

Q – O que é isso de crianças amorosas?

R – São amorosas, eram riquinhos, muito queridos, muito espletados, assim ... sei lá eram engraçados, era um grupo muito simpático.

(B6)

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor foi e é trabalhar na cidade com idades entre um a dez anos, quer especificar um bocadinho?

R – Sim estar num meio economico-social não é, um bem em si, é mais o medo do isolamento porque também já fiz estágio, lá está em que estive mais numa aldeia e também gostei imenso de trabalhar com essa crianças, mas é mesmo pronto a proximidade, é também a possibilidade que a instituição proporciona estarmos em faixas etárias em níveis de ensino desde creches, pré-escolar e em ATL, é um leque grande para a comunidade de um ano e dois anos, já é uma experiência grande.

O trabalhar na cidade é um pouquinho neste sentido, um bocadinho do medo do estar no isolamento de ir para uma aldeola, em que tivesse umas casas, não o meio rural que não me assusta, vivo no meio rural e gosto imenso, gosto imenso do meio rural, da calminha e isso mais nesse sentido.

(B8)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor foi: a responsabilidade que tive de criar, quer especificar melhor este criar? O que significa?

R – Tive que ganhar responsabilidades em todos os aspectos, tanto a nível do trabalho pedagógico que desenvolvia com as crianças, tanto a nível de crianças em si, a responsabilidade que tinha por cada uma das crianças, de todo o trabalho de sala que era preciso fazer, que era preciso desenvolver, de todas as actividades, de todos os planos de trabalho que tinha que fazer.

(B10)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor foi: o trabalho pedagógico junto das crianças que foi muito positivo, quer especificar assim alguma coisa sobre este trabalho?

R – Tem que haver um trabalho pedagógico para uma boa formação. Devemos preparar as crianças para uma primária, é esse trabalho pedagógico que nós fazemos ao longo dos anos em que estamos com as crianças antes delas entrarem na primária, acho que deve haver um trabalho contínuo.

(B10)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª IMPACTO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao trabalho desenvolvido, às relações com as colegas e com as Direcções.	b) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais ocorridas nas instituições.

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa não sentir fazer parte da equipa?

R – Aí, o não fazer parte da equipa, eu trabalhava em parte time, e também o trabalhar em parte time delimita um bocado, havia coisas que aconteciam, não é, e que não estando, é portanto eu sentia muitas vezes que as coisas me passavam ao lado.

(B1)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi as colegas, quer especificar?

R – Colegas, claro, claro é um suporte emocional muito grande, muito grande mesmo.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho acho que no companheirismo de colegas já falamos, na ternura dos meninos também, o número elevado dos meninos, que eram oitenta meninos, é mesmo encaixotados?

R – É que foi o primeiro impacto e foi muito complicado porque fui para ATL, daí a minha falta de formação em ATL, eu fui lançada às feras com oitenta meninos sozinha e não tinha experiência nenhuma, o que realmente me valeu foi o companheirismo com as outras colegas, que não éramos muitas, tínhamos muitos meninos mas poucas funcionárias e foi muito importante a ajuda delas e os meninos realmente apesar de serem muitos e ser uma zona complicada deram muita, muito muita alegria e deram muito carinho e muita atenção.

(B3)

Q – E equipa de trabalho, o que significa?

R – Davamo-nos bem entre nós, era mesmo um trabalho em equipa.

(B4)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o acolhimento, tem algum significado específico?

R – Tem, o saber acolher é uma das coisas mais bonitas que existe. Eu faço por acolher bem toda a gente e as crianças então essas têm que ser acolhidas com maior respeito possível e depois os pais têm, é assim no ambiente que eu estou acho que toda a gente deve saber acolher, independentemente da posição social, evidentemente seja onde for porque é o primeiro passo, ser bem acolhido há relação, se à partida as pessoas acolhem mal acabou não é, eu dou muita importância ao acolhimento.

R – Estava a pensar mais em pessoas, por ter trabalhado com mesmo no grupo, eu estagiei com o grupo de bebés um ano e depois mudei para o grupo de um ano e dois e trabalhei mais de um ano, andei dois anos e senti-me perfeitamente à vontade; o acolhimento foi muito bom nas colegas do sítio onde fui parar, senti-me bem acolhida, senti-me parte da equipa logo de imediato não me senti que vinha novinha que não sabe fazer nada; sentia-me capaz foi o que referi anteriormente, que enfrentei um grupo perfeitamente consciente daquilo que era estar a trabalhar como educadora, os pais, as colegas não tive, tive um certo receio é evidente mas não tive medo não senti vacilar.

(B5)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi a resistência de poucas colegas, não quer acrescentar mais nada?

R – Não, foram boas amigas depois.

R – Estava a pensar numa colega que por ter tirado o curso há muitos anos na mesma escola que eu, conhecer a escola onde eu tinha tirado achava que eu era muito verde, tu ainda és muito verde isto ao olhar das mais velhas, és muito verde e chegava a desautorizar-me perante as minhas crianças, havia lá um menino que ela gostava muito e ele estava de castigo uma vez por morder os outros, não é?

E ela chegou lá e coitadinho do menino e tirou-o de lá e eu disse desculpa mas não fazes isto aqui dentro quem manda nesta sala sou eu, a partir daqui ela percebeu que eu não era a verdinha que ela achava não é, porque ela achava que podia mandar e desmandar em todo o lado e nesse dia percebeu que não, que estava a fazer as coisas com consciência não estava a fazer porque me apetecia, pronto basicamente é uma pessoa que me refiro; em relação ao horário entrava às 11h e saía às 19h portanto apanhava o fim de tarde com eles, não é, que isso me tenha não é, uma imagem muito desagradável porque até às 19h ficava com todos o que me deu uma experiência além de ter o meu grupo, tinha um grupo dos mais velhos de 3, 4 e 5 anos.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 1.º contexto de trabalho o que significa as colegas que me receberam muito bem, foi aos beijinhos?

R – Não, não foi aos beijinhos, tentaram passar comigo a manhã na sala para me apresentarem aos meninos e explicarem-me como funcionava o infantário. Convidaram-me logo para a hora do café e depois seguia-se a hora indirecta, que é a preparação de actividades e onde me puseram ao corrente do que é que a colega que estava de baixa de parto fazia e para eu me enquadrar mais dentro do trabalho sala-aula que ela estava a fazer porque eu não tive oportunidade para falar com ela, porque ela foi ter o bebé de repente. Tiveram o cuidado de me integrarem na sala, de me falarem das crianças, que era um grupo de 3 anos, estávamos em Janeiro ... foi muito bom.

(B6)

Q – Agora no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor foi e é a camaradagem, o que significa esta camaradagem?

R – Pronto, é a amizade, é sabermos que vimos trabalhar e que vimos bem dispostas e estamos com pessoas com quem gostamos de trabalhar, não é, só o facto de irmos para um local de trabalho onde não haja amizade e camaradagem, não é, custa muito mais.

(B7)

Q – Quando fala no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor o que significa esta dinâmica?

R – Pronto, significa que as pessoas não são todas iguais, não é, aliás sabe que há pessoas que têm um ritmo de trabalho mais lento do que outras não é, há outras que são mais por si só, e os dias também não são todos iguais, não é, mas o facto de as pessoas não se acomodarem e não relaxarem, não é, já por si só, já estão a ser dinâmicas não é, já estão sempre, estão sempre em acção.

(B7)

Q – Quando fala no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a interactividade?

R – Eu acho que pronto, o facto de as pessoas não guardarem para si só e não deixarem as coisas ficarem só dentro da sala com que estão, a desenvolver determinado trabalho, acho que é importante a partilha e a apresentação a outras salas, não é, nomeadamente mais em Jardim, quando se faz um teatro fantoches, quando se faz uma lengalenga engraçada, se calhar fazer uma visita aos Jardins, os pequeninos gostam tanto de ver um teatro, de fazer

visitas não é, e eu de vez em quando também estou cheia de estar ali no Jardim, não é, porque os brinquedos são sempre os mesmos, não é, deveria haver mais diversidade de material, eles também às vezes estão mais aborrecidos e então vimos fazendo visita à sala da Maria ou à sala da Rita, pronto, e eu acho que este intercâmbio que é engraçado e que eles gostam.

Q – Estas três características: camaradagem, dinâmica e interactividade são muito valorizado por si no seu contexto de trabalho e interferem na sua maneira de ser?

R – Sim, como pessoa e como educadora.

(B7)

Q – Quando fala no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de pior foi os conflitos, quer especificar um bocadinho?

R – Estes conflitos poderão surgir às vezes por coisas mal contadas, algumas coisa que tenha acontecido e que uma colega saiba através de outra não é, que não a que está envolvida no assunto, pronto, não é, por nada em especial, mas às vezes há colegas que em relação a pais de outras salas, não é, se calhar metem-se em coisas que não deviam-se meter, não saber respeitar o seu espaço, não sabem estar. Eu acho que é muito importante uma pessoa também respeitar as colegas e não ultrapassar muito isso.

(B7)

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor foi e é evitar o isolamento é nesse aspecto?

R – Exacto, eu não me assustava portando o que me assustava era o isolamento isso sim, estar-se completamente isolada, agora o meio rural não me assusta, é nesse sentido exacto estar pronto, também não gostava não sei até que ponto gostaria de estar a trabalhar sozinha por exemplo uma educadora sozinha numa sala sozinha, completamente isolada acho que não gostava.

(B8)

Q – No único contexto de trabalho o que teve de melhor foi o companheirismo, quer especificar?

R – Sim, sim, claro eu estagiei no último estágio não é?! Tive a estagiar com uma colega e com uma educadora cooperante que foram excepcionais, porque houve sempre uma ajuda uma equipa de trabalho.

Q – Mas aqui refere-se já ao seu contexto de trabalho, já como profissional?

R – Sim, sim, sim, agora mais, agora mais, em tempos não era assim, não foi assim tanto como eu já salientei anteriormente, há uma equipa de trabalho com algumas pessoas, existe alguma coesão, algum núcleo de coesão aqui, claro que não são só educadoras a equipa de trabalho, são educadoras, são estagiárias, são auxiliares de educação no fundo é tudo.

R – Em situações. Sim, em situações. Essa de, que eu fiz uma equipa de trabalho, algumas pessoas, o apoio da parte de algumas pessoas estão aí em algumas situações, como é óbvio.

R – Imagem que às vezes poderíamos, poderia resultar um trabalho muito mais rico, muito mais importante para nós mas muito mais para as crianças, e não é isso que acontece. É pena que eu tenho também.

(B9)

Q – Quando pensa no pior que o seu contexto de trabalho o que significa falta compreensão de algumas colegas?

R – Já me referi, foi uma colega com quem trabalhei já não está cá.

R – Aí foi em alguém em particular. Foi com uma colega de trabalho, que eu era uma recém formada, claro que ela também não teve culpa, como é óbvio foi mandada para as feras quanto eu, mas prontos, pensei que ia encontrar outro, outro apoio do lado dela, e não, pelo contrário, ela pensou que eu ao tentar ajudar, ao tentar, prontos, como tinha saído do curso com ideias novas, podiam não ser as mais justas, as que estavam correctas, mas

pronto, e tentar querer apoiar, ser um apoio para mim e um apoio para ela, e não, ela pensou que eu estivesse a sobrepor, portanto, a ser eu a mandar, a querer mostrar, prontos, e a partir desse momento que eu senti isso, fechei-me, prontos, cada uma seguiu com o seu trabalho e prontos, para mim isso foi horrível.

(B9)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de melhor foi: a convivência e o bom trabalho entre colegas, quer salientar melhor esta convivência no trabalho entre colegas?

R – Portanto, tem que haver sempre inter-ajuda entre todas, às vezes uma está mais aflita do que outra porque se atrasou em algum trabalho e tem que haver cooperação entre todas. Tem que haver trabalho de equipa, que acho que é, que é fundamental.

Q – Esse trabalho de equipa existe aqui na instituição?

R – Existe, quando alguém precisa, uma pessoa tem que estar sempre pronta a ajudar, hoje preciso eu, amanhã precisa a minha colega, acho que isso é fundamental para um bom trabalho. Não só o trabalho de equipa entre a educadora e a auxiliar, porque nós temos sempre uma pessoa adulta connosco na sala e que esse tem que ser fundamental.

Q – Têm uma auxiliar por cada sala?

R – Sim, sim, isso tem que ser fundamental não é, mas também o trabalho entre equipa, entre outras educadoras e auxiliares, que acho que isso também é fundamental e existe.

Q – Têm reuniões regulares para planificar?

R – Sim, sim, sim, temos reuniões entre educadoras, temos reuniões.

Q – Mas fazem o projecto, têm o projecto educativo da instituição? E foi construído por todas?

R – Não, foi construído por algumas educadoras. Ainda não está, quer dizer, ele já está totalmente pronto, ainda não temos em mão, porque foi agora, vai agora para reunião para eles verem.

Q – Eles quem?

R – Quem manda, os superiores, para verem se concordam, se não concordam.

Q – Então aqui existe também hierarquia em relação ao projecto educativo?

R – Eu penso que não, porque penso que aquilo, eu por acaso não fiz, não fui eu que estive a fazer, foram outras educadoras porque não podíamos estar todas a, todas na mesma sala aqui a fazer, não é, portanto, umas fizeram esse trabalho, se calhar para o ano sou eu a fazer outro tipo de trabalho, porque não dava mesmo para estarmos todas. Mas penso que não, que o projecto vai ser aprovado.

Q – Aprovado por quem?

R – Pelo Sr. Padre, pelos membros da direcção, pelo Dr..

Q – Também estão presentes, nessa aprovação, as educadoras que fizeram o projecto educativo?

R – Não, nessas reuniões não. É um trabalho desenvolvido por educadoras que vai ser aprovada ou não pelos membros da direcção.

Q – E que será para aplicar no próximo ano?

R – Sim, que acho que vai dar, salvo erro, não sei se estou enganada ou não, que acho que dá para três anos, penso eu. Penso que é para três anos.

Q – Têm autonomia em termos de trabalho pedagógico? Ou a direcção, essa direcção do Sr. Padre e todos os órgãos e os outros membros é que a impõem?

R – Não, não, não, não. Nós é assim, nós como temos protocolo com uma ESE, temos estagiárias finalistas. Eu este ano não tenho porque estou a trabalhar em ATL, é diferente, nós temos que cumprir um bocado as ordens dessa escola de formação inicial, porque como temos estagiárias finalistas damos formação às estagiárias finalistas e a estagiárias que não são finalistas, nós temos que seguir o método de trabalho um bocado da ESE, e

isso faz com que a gente muitas vezes não se liberte porque sabemos que temos aquele horário para cumprir porque a estagiária tem mesmo que fazer aquilo por ordens da ESE.

Q – E aí não irá cortar entre aspas a autonomia?

R – Sim, sim.

Q – Acaba por não haver tanta flexibilidade?

R – Exacto. Enquanto que nós se tivermos a fazer um trabalho sozinhas sabemos que, imagine aquela hora temos planificado, imagine às dez e meia temos planificado matemática que vai a estagiária finalista trabalhar matemática. Mas se nós virmos que o grupo não está capaz para trabalhar matemática, ou porque está muito excitado, ou porque está muito agitado, ou porque não está com capacidades, nós podemos alterar, em vez de fazer às dez e meia fazemos às onze ou às onze e meia e aquela hora vamos dar uma corrida para ver se eles esparecem um bocado. Nós estamos um bocado limitadas, porque àquela hora a estagiária tem mesmo que fazer aquilo.

Q – Não podem alterar?

R – Não, geralmente, quer dizer, podemos alterar uma vez por outra, agora por sistema, se a gente vir que, o grupo pode estar durante uma semana assim agitado, não é? E nós podemos alterar, nós podíamos alterar, mas quando temos estagiárias realmente tem que se cumprir esse horário porque depois a estagiária escreve o relatório, fez aquilo, trabalhou matemática, correu bem, não correu, o que é que correu mal, o que é que correu bem, pronto, e elas têm que fazer sempre o relatório que tem que ser sempre entregue à escola, isso estamos muitas vezes condicionadas, fazer um bocado o trabalho que a gente quer ao nosso ritmo e principalmente ao ritmo das crianças, que acho que nós não temos que andar ao nosso ritmo, temos que andar ao ritmo deles.

Q – Acha que assim com essa articulação com a escola de formação que não conseguem contemplar o ritmo das crianças, com essa rigidez?

R – Se calhar elas não pensam tanto a nível de crianças, se calhar pensam mais naquilo que a estagiária tem que fazer, se tem que fazer, está no horário é para se cumprir.

Q – E esquecem o ritmo das crianças?

R – Esquecem se calhar um bocado o ritmo das crianças. Enquanto que pode haver dias em que tudo corre muito bem, as actividades que estão planificadas vão-se realizar porque até o grupo até está muito capaz, há dias em que isso não acontece, em que as crianças não estão tão capazes quanto isso, nós se trabalharmos sozinhas podemos ajustar ao ritmo das crianças, às capacidades das crianças. Tendo estagiárias estamos um bocado condicionadas, temos que ir um bocado ao encontro do que aquilo que a escola quer e aquilo que a escola pretende.

Q – Gosta de ter estagiárias?

R – Preferia não ter estagiárias. É assim, as estagiárias dão muita ajuda, porque dão. O nosso ritmo de trabalho sem estagiárias não é tanto, se não temos não é? Se a gente não tiver estagiárias tem um ritmo de trabalho totalmente diferente, porque tem menos um adulto na sala, é menos um adulto para ajudar, é menos um adulto a fazer as actividades orientadas, não é? Portanto eu prefiro, eu sempre tive estagiárias, se não era finalistas era estagiárias de outros anos, eu prefiro muito sinceramente não ter, porque eu gosto de trabalhar ao meu ritmo e ao ritmo das crianças.

Q – Não era possível mudar, falando com as monitoras da escola mudar, essa estratégia de trabalhar?

R – Não, não. Já no meu tempo era assim. No meu tempo eu tinha os horários planificados e entregávamos os horários. E elas durante a semana tinham o meu horário lá, que à segunda eu ia fazer isto, isto, isto, isto, à terça eu ia fazer isto, isto, isto, isto, portanto, quando elas quisessem fazer a visita sabiam que eu no dia tal aquela hora ia fazer aquilo, portanto elas faziam as visitas sem a gente contar. E chegou a acontecer de eu algumas

vezes não fazer uma determinada actividade porque as crianças não estavam capazes e chegarem-me a dizer que eu não fiz foi porque não quis.

Q – Não acha anormal, entre aspas, o facto de elas serem educadoras, as monitoras não deviam ter mais sensibilidade para respeitar o ritmo das crianças?

R – Acho que sim, acho que sim, mas eu acho que o que elas se calhar provavelmente pensam é que se nós não fizermos, nós estagiárias é porque não nos apeteceu, é porque não preparamos as actividades e não é porque o grupo não está capaz.

Q – Pensa que algum dia essa escola de formação irá alterar essa rigidez?

R – Não sei. Achava que até devia de alterar muita coisa, não só a nível de trabalho com as estagiárias, do trabalho que elas fazem, mas também a nível de ensino, como pessoas também deviam alterar.

Q – Porquê? Como pessoas em que sentido?

R – Boas pessoas, não serem pessoas superiores ou não se sentirem superiores a outras pessoas, que era isso que me fazia um bocado de confusão, era eu senti que havia ali uma superioridade muito acima de mim, que eu não era nada. Tinha que trabalhar, tinha que fazer isto, isto, isto, tinha de cumprir ordens e havia pouca humanidade por parte de algumas pessoas que sentia isso.

(B10)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de pior foi ter trabalhado com colegas com as quais não me identifiquei, também já respondeu, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não já está explicado o seu significado.

R – Em pessoas e situações. No primeiro ano quando me convidaram claro não havia, no quadro não havia vagas, foi para fazer substituições de parte de colegas e eu era para fazer a primeira, fiz a segunda e depois então fiquei cá e continuei, mas como não havia um lugar no quadro, não me quiseram deixar ir embora mas também não havia lugares e então eu tive que fazer primeiro três meses de substituição de parto para uma colega nos 4 anos, depois três meses de substituição de parto nos cinco anos, depois puseram-me nos bebés de manhã e como à tarde os bebés dormiam, no ATL só havia uma educadora eu fazia o ATL de tarde, quer dizer eu passava e principalmente no primeiro trimestre porque estava de manhã com bebés e à tarde com ATL, que é um bocado para primeiro ano de trabalho, é assim mas deu experiência também não é?

Depois colegas a pior situação que eu tive aqui foi depois no segundo ano de trabalho aí já estava no ATL a tempo inteiro e trabalhei com uma colega que não dava mesmo, éramos completamente diferentes dava-nos muito bem fora do contexto de trabalho, a trabalhar não dava porque eu nunca consegui entrar em competição com ninguém e estar a trabalhar duas pessoas num sítio com mais quatro auxiliares, haver uma competição medonha entre educadoras contra mim e no fim, o que acontecia era haver a competitividade e depois colocava mesmo os próprios alunos dela contra os meus, as próprias crianças entraram em competição ao ponto de se insultarem mutuamente, de deitar a baixo o trabalho uns dos outros, era uma coisa terrível e eu comecei, a não conseguia, andava doente todo o dia aqui, as auxiliares por acaso dava-se melhor comigo, com o meu feitio, com o meu tipo de trabalho e então ainda era pior porque a colega ainda ficava pior e foi horrível com os pais para me pôr contra os pais, foi um ano terrível. Eu depois nessa altura tive uma proposta para sair daqui, de fora alguém me convidou para ir abrir um infantário e eu fui falar com a direcção e disse ou me tiram deste sector ou eu vou embora e pediram-me para continuar até ao fim do ano lectivo, que prometiam-se que me mudavam, que realmente a própria direcção já andava a ver o que se estava a passar, as queixas que havia dos pais e foi o que aconteceu, eu tive que aguentar foi um ano terrível e eu na altura ainda não tinha muita experiência para responder e pronto.

(B11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª IMPACTO INICIAL Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem ao trabalho desenvolvido, às relações com as colegas e com as Direcções.	c) RELAÇÃO COM A DIRECÇÃO DA INSTITUIÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as directrizes hierárquicas que intervêm no desenvolvimento do trabalho das educadoras e nas suas atitudes / posturas profissionais.

Q – Este ser “atirado às feras” no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa?

R – O ser atirado às feras porque caí a pensar que ia ter o meu grupo, embora sabendo, eu sabia que quando vim para cá que era para um ATL, não é? Mas foi realmente atirada às feras, porque era um grupo super complicado, era um grupo grande de crianças, algumas delas bastante complicadas, que nos tinham o prazer de complicar a vida mesmo, e então uma pessoa nova sabe como é que, como é que eles ainda fazem pior, e realmente eu senti-me ali atiradas às feras.

(B1)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa deslocada?

R – Este deslocada é em relação aquilo que eu idealizava, que era a profissão de ser educadora de infância.

(B1)

Q – Quanto à arrogância da directora penso que já referiu e quanto à falta de material o que significa neste 1.º contexto de trabalho que teve de pior?

R – Em relação à directora não tenho nada acrescentar e em relação ao material não tínhamos assim material, por ali além, era muito limitado a nível de material era o material de desgaste, jogos, outras coisas, livros assim isso era muito havia muita falta e o que havia era muito usado mesmo.

R – O salário não era grande coisa, era mau e depois era prometido uma coisa e depois era dada outra e aquelas coisas todas que a gente sabe. Quem está no privado e não há uma tabela assim que eles cumpram, não é?

Em relação à arrogância era muito senhora do seu nariz e houve situações do género que ela foi ter um bebé. Nós éramos duas educadoras pronto o que ela fez foi, não colocou nenhuma como coordenadora, mas dividiu o plano das tarefas entre todas, façam isto façam aquilo, quer dizer ela teve ausente do infantário, as coisas correram às mil maravilhas e não houve problemas nenhuns e no final que é no outono houve pronto a gratificação a nível monetário mas isso até foi o menos, mas não houve um obrigado. Que muitas vezes um obrigado e uns parabéns, cabe melhor qualquer coisa não é isso, é uma coisa que não houve e mesmo quando eu me vim embora do infantário, foi a bem eu expliquei-lhe a situação que ia ganhar muito mais ela compreendeu perfeitamente.

(B4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 1.º contexto de trabalho foi o padre, porquê?

R – O padre era arrogante, esquisito, se entrava no infantário não cumprimentava ninguém, não foi ele que me fez a entrevista, mas sabia que eu estava lá mas nunca me foi conhecer e depois sabia da luta delas por melhores condições de trabalho e sabia que ele cortava sempre as pernas às pessoas que tentavam lutar por melhores condições.

Q – Intervinha nas actividades?

R – Em termos de organização de trabalho não intervinha. A imagem dele é de uma pessoa muito distante, nada preocupado.

Eu sabia que trabalhavam lá pessoas há 15 anos e estavam a ganhar tanto como eu, era uma exploração. Quando já se falava na equiparação de ordenados e na altura já se falava muito disso. Tanto que aqui, nesta instituição onde estou agora, só se começou a fazer as horas indirectas há 2 anos e eu lá há 6 anos já fazia essa tal hora indirecta, é uma hora que não se trabalha com crianças, é para preparação de actividades, portanto lá já havia eco de alguma coisa mas não era de tudo, em termos de ordenado era uma autêntica exploração.

(B6)

Q – Acho que este o andar a “tapar buracos” acho que já disse o significado, quer acrescentar alguma coisa?

R – Já, isso foi simplesmente no primeiro ano em que realmente foi uma experiência muito má para mim.

Nós pegamos num grupo e levamos este ao segundo grupo não é. Primeiro eu peguei na sala de um ano e levei até aos cinco. Depois entretanto fui para a sala mista, porque na sala mista durante dois anos estive lá, é uma sala que abrange duas ou três idades de crianças que estão em lista de espera e que formaram essa sala mista.

Q – Mas concorda com o facto de levar as crianças desde o primeiro ano até ao ATL?

R – Concordo, tem muito tempo para andar a saltar de pessoa para pessoa, quando chegarem ao ciclo preparatório. Não, eu acho que é assim, a nível de Jardim e de formação de pré, acho muito importante o facto de elas terem alguém a quem estejam ligadas mesmo afectivamente e pronto, com quem se identifiquem e seja a educadora deles, as pessoas a quem acho, não tendo a presença da mãe tem que ter, eu acho que cria instabilidade o facto de andarem a saltar de educadora para educadora, muito sinceramente, e acho que para nós a nível de trabalho é muito melhor, conseguimos fazer coisas muito mais engraçadas, conseguimos fazer coisas muito melhores do que se pegássemos um grupo assim caído do céu um ano, largamos e depois vem outro. O rendimento não é o mesmo e eles já passam muito por auxiliares e fazem finais de tarde e princípios de manhãs com outras pessoas.

R – Estava a em situações e pessoas, conflitos é com pessoas não é, embora não somos todas iguais e muitas das vezes pode haver com uma ou outra pessoa muito pouco mas poderá haver; em relação a situações não é, nitidamente andar a tapar buracos, não me senti de nada, nem ligada a nada, nem senti nada meu, porque eu ia dar aquelas aulas aos putos de cinco anos quando havia lá educadora, que havia de ser ela a fazer.

(B7)

Q – Quando fala no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de pior o que significa esta disponibilidade exigida?

R – Nesta casa eu acho que há um bocado isso não é? Pronto, eu pelo menos acho que é aquilo com que eu me debato mais, porque acontecem, tem acontecido muitas coisas, muitas desgraças, muitas falhas, muitas pessoas doentes, depois é os filhos, depois é isto, pronto, e isso reflecte-se no trabalho em geral, não é? Depois eu pelo menos quando acontece com as minhas auxiliares eu quase que me sinto na obrigação de ser eu a substituí-las e pronto, e como não há ninguém extra aqui, não é, devia haver uma pessoas que tapasse esses buracos, pronto, e como não há e falta sempre muito pessoas e depois é isto eu sinto-me um bocado usada porque também às vezes não me sinto bem em ficar uma colega minha porque tem mais disponibilidade no grupo se calhar que não lhe competia a ela.

(B7)

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa a limitação no conhecimento de outras realidades?

R – Exacto na medida em que me é imposto esta rotina, esta forma de trabalhar, as condições são assim e eu no fundo não é um meio de trabalho mas eu é que me acomodei por que devia ter lutado por outras realidades e outras experiências. Por exemplo ter arriscado e deixar de estar tão perto, não valorizar a proximidade, estar com a família, ter posto a minha profissão à frente da família por exemplo eu não pus.

Q – E aí conhecer que outras realidade?

R – Outras no oficial, muito mais, basta que não estaria no mesmo sítio, dois anos seguidos certamente, que a possibilidade de conhecer novas experiências é muito maior do que os dois anos na mesma instituição. Nesta realidade em que mudar de idade, as valências creche, J. de infância, o ATL e essa é uma mudança porque realmente estar na mesma instituição só com pré-escolar como fazíamos dantes, não fazíamos essa rotatividade, agora levamos o grupo desde a valência de creche até à segunda classe, até ao ATL, só de há dois anos a esta parte.

(B8)

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa acomodação?

R – Significa uma parte minha que me acomodei por maioria de valores pessoais, acabei por me acomodar enquanto não sentia o cansaço enquanto não sentia.

Q – Esta acomodação refere-se só a si?

R – Sim só a mim que me acomodei a esta instituição e optei, fiz uma opção de realmente não arriscar, porque se tivesse arriscado, como muitas das outras pessoas o fazem, já poderia estar com uma realidade diferente não é, poderia perfeitamente estar no oficial.

Q – Mas sente-se acomodada no contexto trabalho em termos profissionais?

R – Não sinto-me acomodada, só tem termos de instituição, porque em termos profissionais tenho feito formação, algumas coisa, realmente enquanto educadora cooperante, enquanto a instituição onde trabalho fizer protocolo como uma instituição formadora não me posso acomodar, tenho que estar sempre em contínua formação, em adaptação às novas realidades, porque cada ano que passa a escola formadora tem diferenças não é, na formação dos educandos e portanto nós temos que estar em contínua formação, também acomodação à instituição de trabalho por causa do local de trabalho e da proximidade.

Q – Todos os anos é educadora cooperante?

R – Quase todos, quase todos, nem sempre, nem todos os anos, já tive bastantes.

Q – Educadora cooperante em que género de formação?

R – No último, ai sim sou sempre, porque posso não ser do último ano de curso mas sou do terceiro ou segundo portanto neste caso não sou do 4º ano, mas sou do 2º e 3º anos que são estagiárias, agora o curso de educadora são 4 anos.

Q – O estágio é no último ano?

R – O estágio final é de 4 dias no 4º ano, no terceiro ano é um dia, no segundo ano é uma manhã e no primeiro não há, há só uma observação da instituição e relatório, não há trabalho directo com as crianças.

Q – A sua rotina diária altera-se, a sua maneira de trabalhar é alterada pelo facto de ser educadora cooperante?

R – De certa forma um bocadinho, porque há uma preocupação enquanto educadora cooperante, enquanto está uma estagiária presente na sala e vem no horário que entregue da escola de ante mão a preocupação maior de cumprir aquele horário.

Q – Horário de que actividades?

R – De actividades, horário de trabalho de rotina diária, o que não quer dizer que por qualquer coisa que eu considere mais importante que esse horário não seja alterado, é muitas vezes alterado, previsto que era aquele e depois temos o horário realizado que foi

diferente do previsto, elas têm que pôr a justificação do motivo da alteração do horário, mas como dantes não, há um horário prévio da instituição, na escola não é, isso quer dizer que pode aparecer uma monitora a vir observar a actividade da estagiária, uma preocupação maior em que esse horário seja cumprido realmente.

Q – Então não há grande flexibilidade?

R – Nesse sentido não, não quer dizer que não possa haver, haja, muitas vezes, uma mudança de horário mas muito mais nas actividades de educadoras do que propriamente nas estagiárias, porque como estão sujeitas ao aparecimento, à observação da monitora, que é duma forma imprevisível não é, duma forma surpresa, visita de estágio que temos que realmente que o horário seja cumprido.

Q – Nota que há muita rigidez na instituição de formação?

R – Não tanto, agora acho que isso não é muito maior do que uns tempos atrás.

(B8)

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de pior o que significa estes hábitos adquiridos?

R – No contexto de trabalho, somos uma instituição já muito antiga com pessoas que por vezes testavam os hábitos adquiridos e não há uma preocupação de mudar ou de sondar a opinião geral das pessoas se é essa, o hábito adquirido é uma festa ou um passeio ou uma noite no parque biológico, é assim pronto esses hábitos vão permanecendo.

(B8)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de melhor o que significa esta oportunidade, não sei se quer acrescentar alguma coisa do que já disse anteriormente?

R – Não acaba por ser isso, quer dizer foi a hipótese que me deram de ficar a trabalhar num sítio que eu tinha gostado, gostado do ambiente tinha gostado do sistema de trabalho e foi bom cá ficar.

R – Sim, situações e na situação, nessa segunda oportunidade, pronto porque eu fiz cá estágio, fiz o estágio final aqui, fiz o estágio de observação, foi aqui o estágio final foi aqui, porque pedi para vir para cá e cheguei ao fim do estágio final e a direcção convidou-me para ficar, portanto eu sempre gostei muito disto, senão não tinha pedido para fazer cá o estágio e foi um estágio muito positivo para mim e tive oportunidade, pronto, porque a direcção não me deixou ir embora e fez-me o convite para ficar.

(B11)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de melhor foi a experiência, o que significa?

R – Experiência pronto eu tive quando fiz o estágio final, eu tive uma coordenadora extremamente exigente que me ajudava muito pouco mas exigia muito mas isso fez que eu numa certa altura do ano uma certa revolta em querer o que ela exigia que não se podia conseguir responder a tudo o que ela exigia, e mas eu nunca tive nada contra ela porque somos muito amigas porque acabei por aprender aprendi muito com isso, pronto nunca me fizeram nunca me fizeram o trabalho, nem nunca tinha a papa feita tive que lutar e de aprender por os meus próprios meios não é, mas nessa altura muito menos a experiência era muito pouca e isso acabou por me dar, pronto criar umas bases que depois fez com que no futuro e nos anos que já percorri, e depois nos estágios que tive que orientar acabei por ela, acabou por ser o meu espelho, quer dizer e eu acabei por fazer com as outras, não porque depois não conseguia não ajudar porque sofri com isso, quando precisava de ajuda não ter essa ajuda da educadora e nem sequer era disponível mas não era muito de ajudar queria que fosse eu, não foi para o meu mal para eu descobrir sozinha mas eu não conseguia fazer isso porque me custava porque eu sabia o que me tinha custado a mim, e então com as alunas que por aqui passaram sempre acabei por estar um bocadinho à volta

delas e ajuda-las a procurar e a fazer com elas porque eu senti-a para mim isso foi mau, não é, não foi muito positivo então não devia fazer isso às outras pessoas aquilo que não gostei que me fizessem a mim, mas foi essa experiência quer dizer ajudou-me muito.

(B11)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de pior foi no primeiro ano ter de fazer um trabalho polivalente, penso que já explicou?

R – Tive que andar a saltar sim, sim, sim.

R – Em pessoas e situações. No primeiro ano quando me convidaram claro não havia, no quadro não havia vagas, foi para fazer substituições de parte de colegas e eu era para fazer a primeira, fiz a segunda e depois então fiquei cá e continuei, mas como não havia um lugar no quadro, não me quiseram deixar ir embora mas também não havia lugares e então eu tive que fazer primeiro três meses de substituição de parto para uma colega nos 4 anos, depois três meses de substituição de parto nos cinco anos, depois puseram-me nos bebés de manhã e como à tarde os bebés dormiam, no ATL só havia uma educadora eu fazia o ATL de tarde, quer dizer eu passava e principalmente no primeiro trimestre porque estava de manhã com bebés e à tarde com ATL, que é um bocado para primeiro ano de trabalho, é assim mas deu experiência também não é?

Depois colegas a pior situação que eu tive aqui foi depois no segundo ano de trabalho aí já estava no ATL a tempo inteiro e trabalhei com uma colega que não dava mesmo, éramos completamente diferentes dava-nos muito bem fora do contexto de trabalho, a trabalhar não dava porque eu nunca consegui entrar em competição com ninguém e estar a trabalhar duas pessoas num sítio com mais quatro auxiliares, haver uma competição medonha entre educadoras contra mim e no fim, o que acontecia era haver a competitividade e depois colocava mesmo os próprios alunos dela contra os meus, as próprias crianças entraram em competição ao ponto de se insultarem mutuamente, de deitar a baixo o trabalho uns dos outros, era uma coisa terrível e eu comecei, a não conseguia, andava doente todo o dia aqui, as auxiliares por acaso dava-se melhor comigo, com o meu feitio, com o meu tipo de trabalho e então ainda era pior porque a colega ainda ficava pior e foi horrível com os pais para me pôr contra os pais, foi um ano terrível. Eu depois nessa altura tive uma proposta para sair daqui, de fora alguém me convidou para ir abrir um infantário e eu fui falar com a direcção e disse ou me tiram deste sector ou eu vou embora e pediram-me para continuar até ao fim do ano lectivo, que se prometiam que me mudavam que realmente a própria direcção já andava a ver o que se estava a passar, as queixas que havia dos pais e foi o que aconteceu, eu tive que aguentar foi um ano terrível e eu na altura ainda não tinha muita experiência para responder e pronto.

(B11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	a) ESPAÇOS FÍSICOS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam quer pela positiva, quer pela negativa os edifícios que são utilizados para o desenvolvimento do trabalho com as crianças.

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que significa que teve de pior foram péssimas instalações?

R – Uma casa horrível.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho acho que no companheirismo de colegas já falamos, na ternura dos meninos também, o número elevado dos meninos, que eram oitenta meninos, é mesmo encaixotados?

R – Num espaço mínimo ainda por cima.

(B3)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 1.º contexto de trabalho foram as instalações, o que são instalações boas, assim como estas?

R – Era um edifício plano, as salas eram enormes com muita luz, as casas de banho eram sempre às portas das salas, tínhamos um espaço exterior coberto e um espaço interior muito grande que dava para fazermos as sessões de ginástica, juntarmos as salas todas e fazermos umas brincadeiras todos juntos enquanto esperávamos pela sopa na mesa. Tínhamos muito boas instalações.

(B6)

Q – O apoio de algumas colegas também já referiu.

E a falta de espaço para trabalhar, considera que tem pouco espaço para trabalhar?

R – Agora não, agora não, mas já tive, já tive.

Q – A falta de espaço prejudicou-a a que nível?

R – Prejudicou-me a mim mas acho que prejudicou muito mais as crianças a todas os níveis, a todos os níveis tanto pessoal, o contacto que eu tenho pessoal, por que não dá são muitas crianças e é num espaço, lá está, muitas vezes o que é que causa a falta de espaço é haver um grande número de crianças não é?! É mesmo isso.

Q – Quantas crianças têm por sala?

R – Agora vinte nove, por vezes trinta, são bastantes.

(B9)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	b) RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as condições humanas, remunerações e horários impostos pelas direcções.

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que significa que teve de pior foram péssimas condições humanas?

R – Sim, não havia pessoal.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho o que significa que teve de pior a falta de salário digno?

R – Tipo 20 contos, aceita ou não aceita, a pessoa sai da escola cheia de vontade de trabalhar com montes de sonhos não é!, e depois quando é colocada a estagiar é tudo razoável, são escolhidas as instituições, mas depois o mercado de trabalho o que me aparecia era assim terrível.

(B2)

Q – No seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi a falta de espaço e falta de pessoal de apoio. Quantas pessoas eram?

R- Era eu, era a senhora que transportava os meninos à escola na carrinha, era a directora e de vez em quando tínhamos outra pessoa.

(B3)

Q – Em relação ao que teve de pior no seu 1.º contexto de trabalho disse que foi o salário, o salário era pouco?

R – Era baixo, muito pouco.

R – O salário não era grande coisa, era mau e depois era prometido uma coisa e depois era dado outra e aquelas coisas todas que a gente sabe. Quem está no privado e não há uma tabela assim que eles cumpram, não é?

Em relação à arrogância era muito senhora do seu nariz e houve situações do género que ela foi ter um bebé. Nós éramos duas educadoras pronto o que ela fez foi, não colocou nenhuma como coordenadora, mas dividiu o plano das tarefas entre todas, façam isto façam aquilo, quer dizer ela teve ausente do infantário, as coisas correram às mil maravilhas e não houve problemas nenhuns e no final que é no outono houve pronto a gratificação a nível monetário mas isso até foi o menos, mas não houve um obrigado. Que muitas vezes um obrigado e uns parabéns, cabe melhor qualquer coisa não é isso, é uma coisa que não houve e mesmo quando eu me vim embora do infantário, foi a bem eu expliquei-lhe a situação que aí ganhar muito mais ela compreendeu perfeitamente.

(B4)

Q – Quanto à arrogância da directora penso que já referiu e quanto à falta de material o que significa neste 1.º contexto de trabalho que teve de pior?

R – Em relação à directora não tenho nada acrescentar e em relação ao material não tínhamos assim material, por ali além, era muito limitado a nível de material era o material de desgaste, jogos, outras coisas, livros assim isso era muito havia muita falta e o que havia era muito usado mesmo.

(B4)

Q – Quando pensa no seu 1.º contexto de trabalho que teve de pior foi o vencimento e o horário, quer dizer mais alguma coisa?

R – Não.

R – Estava a pensar numa colega que por ter tirado o curso há muitos anos na mesma escola que eu, conhecer a escola onde eu tinha tirado achava que eu era muito verde, tu ainda és muito verde isto ao olhar das mais velhas, és muito verde e chegava a desautorizar-me perante as minhas crianças, havia lá um menino que ela gostava muito e ele estava de castigo uma vez por morder os outros, não é?

E ela chegou lá e coitadinho do menino e tirou-o de lá e eu disse desculpa mas não fazes isto aqui dentro quem manda nesta sala sou eu, a partir daqui ela percebeu que eu não era a verdinha que ela achava não é, porque ela achava que podia mandar e desmandar em todo o lado e nesse dia percebeu que não, que estava a fazer as coisas com consciência não estava a fazer porque me apetecia, pronto basicamente é uma pessoa que me refiro; em relação ao horário entrava às 11h e saía às 19h portanto apanhava o fim de tarde com eles, não é, que isso me tenha não é, uma imagem muito desagradável porque até às 19h ficava com todos o que me deu uma experiência além de ter o meu grupo, tinha um grupo dos mais velhos de 3, 4 e 5 anos de idade.

Q – Ficavam aquelas idades todas juntas ?

R – Estavam a partir das 5h começávamos a juntar os grupos todos e ficava sempre eu com eles e a auxiliar, a auxiliar depois ia embora e eu ficava mesmo até às 19h, o facto de entrar às 11h é que já apanhava o meu grupo de um ano e dois, já os apanhava muito cansadinhos em termos de trabalho, não consegui trabalhar assim também pedagogicamente que não queria porque já estavam na hora de almoço, com sono e acabava por ir mais cedo para trabalhar com eles, porque à tarde eles dormiam, essa hora às 11h já era a hora do sono, mas acabava muitas vezes por ir mais cedo e trabalhar com eles, e o vencimento na altura era pouquinho mas era geral.

(B5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 1.º contexto de trabalho foi o vencimento, era a tempo inteiro?

R – Sim mas ganhava menos que colegas minhas, varia de instituição para instituição e o padre não fazia força para as coisas melhorarem.

(B6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 1.º contexto de trabalho foi o horário de trabalho, quantas horas eram?

R – Eram 8 horas diárias.

(B6)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de pior foi a carga excessiva de trabalho, quer especificar mais alguma coisa?

R – Seis horas directas, portanto é das onze e meia à uma e meia e das duas e meia às seis e meia. Portanto tenho uma hora. No ano passado é que tinha hora e meia, este ano tenho uma hora.

Q – Além das horas directas com as crianças existe ainda mais algumas horas de trabalho?

R – Às vezes há trabalho que tem que se fazer em casa, às vezes avaliações das crianças quando não temos tempo de fazer aqui temos que ter tudo em ordem, tem que se levar para casa para fazer. Nós dantes tínhamos, eu no ano passado pelos menos tinha, eu e as minhas colegas, quem trabalha aqui no Jardim tinha uma hora indirecta em que podia fazer esse trabalho, mas essa hora era quase impossível porque tínhamos sempre que fazer com as crianças, portanto, nessa hora indirecta que a gente fazia para poder fazer trabalho escrito muitas vezes não tirávamos essa hora porque tínhamos que estar a trabalhar com as crianças. E acabávamos por ter que levar para casa para ter tudo em, ter tudo em ordem.

(B10)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de pior foi a grande carga de trabalho, o que significa?

R – É uma coisa que eu sinto agora não é, porque tenho muita coisa que tenho de ser eu a resolver e estar para além de ter, dois grupo comigo, porque eu tenho o terceiro e quarto ano, com quem trabalho, também tenho de um manhã e outro grupo de tarde, facilita por um lado mas por outro ocupa-me porque eu estou no ATL, eles quando tinham um horário de regime normal saíam às 15:15h, saíam todos e eu tinha os dois grupos e trabalhava com eles, só teria que entrar às 11h da manhã ou às 11:30h no ano passado, mas não entrava vinha às 9h na mesma e das 9h às 11:30h e meio dia que era a hora de eles chegarem para almoçar, eu tinha disponibilidade para andar nas salas do Jardim de Infância, da creche, agora como tenho um grupo de manhã porque só têm aulas de tarde e depois à tarde tenho cá o outro grupo que esteve nas aulas de manhã, acabo por estar com o tempo, tenho que fazer actividades com eles e se tenho alguma coisa para resolver para vir à creche, para vir ao Jardim de Infância eles acabam por ser prejudicados, prejudicados quer dizer não têm uma actividade orientada, então tenho que dar instruções às auxiliares nesse sentido que no ATL é complicado, porque as auxiliares de manhã são elas que têm que fazer as limpezas da casa, das salas portanto não podem estar como eles, aí uma tem que sair já vai ficar o serviço dela prejudicado quer dizer e isso acaba-me por me stressar porque não consigo abarcar tudo como gostaria.

(B11)

Sistema Categorical – “1.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	c) DISTÂNCIA / PROXIMIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o caminho percorrido entre a casa e a instituição e os seus malefícios / benefícios.

Q – Quando pensa no seu único contexto de trabalho no que teve e tem de melhor o que significa esta proximidade da área de residência?

R – É eu estar perto, realmente na deslocação, da família, é dar-me tempo que eu considero mesmo necessário para dar apoio à família.

(B8)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de pior foi a distância entre casa/trabalho, o que significa?

R – A distância em si, porque morar em M. e trabalhar em G. e vir de transporte é muito complicado, chega-se a um certo ponto que já se está super cansada de fazer essas viagens todos, todos, todos os dias.

Q – Acha que isso pode interferir no seu trabalho com as crianças?

R – Não, não, não.

(B10)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho que teve de pior foi o stress diário, o que significa?

R – Acaba por estar relacionado com a viagem e com o excesso de trabalho aqui na instituição.

(B10)

Q – Quando pensa no seu 1.º e único contexto de trabalho no que teve de melhor foi o estar perto de casa, o que significa?

R – Isso facilita o trabalho porque acabo por ter muito mais disponibilidade que em 5 minutos me ponho em casa não é, posso estar até mais tarde que estou muito perto.

(B11)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM A COMUNIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido com as crianças, famílias e comunidade em geral.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o grupo de dez crianças, quer especificar?

R – De haver um trabalho individualizado, eram crianças com bastantes dificuldades, o trabalho tinha que ser feito logo aquelas coisinhas básicas, o trabalhar as cores, pronto, os dias da semana, trabalhar as rotinas, cantar os bons dias, pronto eram crianças pouco sensíveis ao canto, portanto não gostavam de cantar, não tinham paciência para ouvir uma história, uma história não lhes dizia absolutamente nada, nem ligavam sequer, nem sabiam muitas delas o que era uma história, portanto a única coisa que lhes agradava era fazer massa de farinha e brincar com os legos, adoravam porque não tinham em casa, como não tinham essas coisas eram todas novidade para eles, rasgavam os livros, no fim do ano estavam destruídos.

Em casa não tinham livros, eles portanto, nem jogos, nem sequer. E eu cheguei a emprestar puzzles a miúdos para levarem para casa, para eles fazerem em casa, os puzzles vinham pretos, eles iam minimamente aceitáveis e depois vinham pretos, porque os pais nem sequer tinham o cuidado de lavar as mãos aos miúdos e apesar de eu avisar para eles limparem as mesas antes de fazerem os puzzles ou para porem uma toalha ou um pano isso não acontecia porque os puzzles vinham muito sujos, engordurados, às vezes faltavam peças, enfim, não havia um mínimo de cuidado, mas eu achava que era mais importante os miúdos levarem para casa e sujarem os puzzles do que ficarem privados do seu contacto e também para sensibilizar os próprios pais.

(A1)

Q – Quando pensa no 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o envolvimento com as famílias, quer especificar este envolvimento?

R – Porque o envolvimento, porque iam muitas vezes à escola, participavam em várias coisas nomeadamente em questões de agricultura, plantações de canteiros, de espantalhos, de criações patos, foi muito com o envolvimento das famílias, porque aí já não houve tanto envolvimento com a comunidade porque era uma povoação muito maior e diferente da primeira, mas com a família houve envolvimento com os avós e tudo mais houve envolvimento.

(A2)

Q – Quando pensa no 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o grupo fantástico de crianças, o que significa?

R – Porque olhe eram muito diferentes umas das outras, tinham um ambiente familiar muito diferente, desde uns que vivem só com os avós, outros tinham muitos irmãos, outros que eram muito pobres, havia ali uma diferença muito grande, mas eram todos muito activos, muito sempre prontos a criar coisas e a inventar coisas era espantoso trabalhar com eles.

(A2)

Q – Quando no seu 2.º contexto de trabalho diz ninguém incomodava ninguém, o que significa?

R – Eu também já falei nisso era no meu 2.º contexto era ninguém estava preocupado em alterar o que quer que fosse e a melhorar que aquela escola bem precisava de uma lavagem de cima a baixo, de uma transformação radical. Por ex. quando ia ao director dizer que ia com as minhas crianças para a praia, a resposta era vai, vai, ou por ex. quando lhe dizia que ia levar os instrumentos musicais para a minha sala, a resposta era leva, leva ...ninguém incomodava e também ninguém usava o material, era uma maneira de lhe tirar o pó.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho no que teve de melhor o que significa ter um bom grupo de crianças?

R – Pronto, aí o que eu posso referir, não é, um grupo também muito grande, era um grupo heterogéneo, que eu gosto de trabalhar, não era um grupo muito grande porque eu acho que também trás muitas desvantagens serem muitas crianças, porque nós depois não podemos dar muita atenção a cada uma delas e eram crianças muito sociáveis, muito compreensivas e isso acho que, não eram crianças conflituosas e acho que isso contribuiu para um bom desenvolvimento, porque se nós temos crianças, pronto, com mais problemas a nível de comportamento, destabiliza um bocadinho o nosso trabalho e o trabalho com o grupo.

(A4)

Q – Esse quilometro e meio de casa que ia a pé facilitou e o óptimo relacionamento com as crianças, quer especificar?

R – Eu nesse ano tive com apoios educativos, mas as crianças que faziam parte do J. I. eram filhas de pessoas que eu conhecia, alguma malta que tinha andado comigo na escola portanto houve um bom relacionamento com as crianças.

(A5)

Q – Ainda no seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi tomar conhecimento de realidades complicadas, quer especificar um bocadinho?

R – Esse nível inclui-se quase num ponto um e o ponto dois estão incluídos porque eu estava nos apoios educativos e estive a trabalhar com uma criança portadora de estrúfia muscular progressiva, um caso muito complicado, uma criança que se recusava a participar, que nos primeiros dias eu andei um mês para me tornar amiga dela, e foi uma criança que rejeitou logo à partida, rejeitou, rejeitava tudo e qualquer tipo de apoio, porque já tinha uma tarefaira e considerava que eu a perseguia. E ela não queria mais ninguém e então como na altura se começava a falar de escola inclusiva então eu resolvi muito bem o problema de ir dizendo tu pensas que eu estou aqui a trabalhar só contigo mas estás um bocadinho enganado, porque eu e a educadora que cá está, somos as duas para o grupo inteiro, e a partir daí ficou muito zangado porque achava que tinha direito a uma educadora só para ele, então integramos a criança perfeitamente no grupo ele participou naquilo que lhe era possível, trabalhamos essencialmente a nível da estimulação para que ele fosse capaz de se levantar sozinho quando dava as quedas, para que ele fosse capaz de ser autónomo a nível da sua higiene pessoal, para que ele fosse capaz de comer sozinho. Foi difícil para mim porque foi a primeira vez que contactei com um caso tão, tão grave e não tinha formação específica para tal, portanto era uma educadora contratada, uma simples educadora de infância sem especialização, única e simplesmente usei da minha capacidade de colaboração, compreensão, da amizade e a nível de atitudes e foi essencialmente tentando saber. Tive muito bom relacionamento com as colegas da equipa dos apoios educativos e elas foram uma escola muito importante para que eu conseguisse trabalhar como o menino. (A5)

Q – E o que significa a dificuldade em ser vista, não como educadora mas como uma amiga de outros tempos, neste 2.º contexto de trabalho que teve de pior?

R – Neste contexto de trabalho foi o facto de os filhos, as outras crianças da turma serem filhos de amigos meus que andaram comigo na escola, então era o tú cá, tu lá, eu tive de manter uma certa, sem também entrar em conflito com ninguém mas tentar mostrar que fora da escola não havia problema nenhum nós éramos amigos de antigamente mas dentro do J. I. havia limites a respeitar porque senão depois então era a confusão total ninguém se entendia, ninguém fazia nada.

(A5)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o trabalhar com os pais e autarquia, importa-se de explicar um pouco mais?

R – Pronto, as pessoas eram muito colaborantes, mesmo em qualquer situação que eu pedia alguma coisa, as pessoas colaboravam, pronto e fizemos festas, até chegamos a fazer um passeio no final do ano, porque as pessoas, por um lado também já tinham esse hábito e por outro pronto, eram pessoas abertas e que aceitavam muito bem o Jardim de Infância, e que valorizavam o trabalho da educadora. Autarquia também porque, para além das condições serem boas, elas ainda melhoraram. A maior parte dos Jardins lá naquele concelho eram construídos de raiz.

(A7)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa o meio envolvente?

R – Meio envolvente era C., no segundo contexto de trabalho fiquei colocada em C. porque sou efectiva num sítio longe, longe, eu não pedi nada, aquilo fechou porque não tinha crianças então deslocaram-se para C. porque era no concelho.

C. era uma cidade segura andava-se à noite na maior, tinha uma vida nocturna jovem, solta, os pais dos meus meninos eram fantásticos tinha uma relação, foi bom ter uma relação com os pais das crianças acho essencial, penso que só no contexto de trabalho que foi, aldeia, aldeia, aldeia fechadas é que não houve.

(A8)

Q – As crianças têm o mesmo significado do contexto anterior?

R – Sim sim.

R – Porque gosto muito de trabalhar com as crianças mais do que com adultos, cada ano que passa é sempre bom estar com as crianças, nunca me cansam, nunca venho irritada, nunca estou exausta com as crianças, é uma coisa boa para mim, chego lá vêm todos a correr e eu a correr para eles, é bom para mim, não sei explicar mas é espontâneo qualquer que sejam as suas características, as suas origens e os seus estratos sociais, é sempre bom ter crianças à minha volta.

(A9)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	b) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais e aos projectos desenvolvidos através desses intercâmbios.

Q – O que significa neste 2.º contexto de trabalho a relação camaradagem entre colegas?

R – As almoçadas, as jantaradas, os divertimentos, as anedotas, o dizer mal uns dos outros enfim de maneira agradável: então tu casaste, a tua mulher está grávida e agora quando te vamos ver passear de carrinho de bebé, apesar dos açorianos serem um bocado machistas, a gente ria-se daquilo tudo.

(A3)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o companheirismo quer dizer mais alguma coisa?

R – Penso que esse companheirismo já está explicado atrás.

R – Pensei no espaço físico, que era pertinho e que dava para eu ir a pé, fazer um bocadinho de ginástica. Pensei também em pessoas que foram muito amorosas, que me receberam muito bem e pensei, pensei também um bocadinho na situação e nas crianças, foi um ano muito, muito proveitoso.

(A5)

Q – Ainda no seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi tomar conhecimento de realidades complicadas, quer especificar um bocadinho?

R – Esse nível inclui-se quase num ponto um e o ponto dois estão incluídos porque eu estava nos apoios educativos e estive a trabalhar com uma criança portadora de estrúfia muscular progressiva, um caso muito complicado, uma criança que se recusava a participar, que nos primeiros dias eu andei um mês para me tornar amiga dela, e foi uma criança que rejeitou logo à partida, rejeitou, rejeitava tudo e qualquer tipo de apoio, porque já tinha uma tarefaira e eu considerava que eu a perseguia. E ela não queria mais ninguém e então como na altura se começava a falar de escola inclusiva então eu resolvi muito bem o problema de ir dizendo tu pensas que eu estou aqui a trabalhar só contigo mas estás um bocadinho enganado, porque eu e a educadora que cá está, somos as duas para o grupo inteiro, e a partir daí ficou muito zangado porque achava que tinha direito a uma educadora só para ele, então integramos a criança perfeitamente no grupo ele participou naquilo que lhe era possível trabalhamos essencialmente a nível da estimulação para que ele fosse capaz de se levantar sozinho quando dava as quedas, para que ele fosse capaz de ser autónomo a nível da sua higiene pessoal, para que ele fosse capaz de comer sozinho Foi difícil para mim porque foi a primeira vez que contactei com um caso tão, tão grave e não tinha formação específica para tal, portanto era uma educadora contratada, uma simples educadora de infância sem especialização, única e simplesmente usei da minha capacidade de colaboração, compreensão, da amizade e a nível de atitudes e foi essencialmente tentando saber. Tive muito bom relacionamento com as colegas da equipa dos apoios educativos e elas foram uma escola muito importante para que eu conseguisse trabalhar com o menino.

(A5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa conhecer novos colegas?

R – Sim, eram professoras, era um do pré-escolar, um educador.

Q – Educador?

R – Educador, foi ótimo, era um ótimo profissional, ele era de C., tirou o curso em V., está lá a trabalhar em M., na zona de M., conheci-o nesse ano também numa reunião do sindicato. Depois ficamos amigos e estava com ele e com esta minha colega que depois fui viver para casa dela. Estes colegas foram uma força para o trabalho.

(A6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa as reuniões de núcleo. O que eram estas reuniões de núcleo?

R – Aí era, nesse ano nós fizemos, eram reuniões em que temos um jornal com a programação das actividades. Eram compostas por educadoras, só educadoras. Eram aquelas reuniões mensais que eram autorizadas na altura, tínhamos uma dispensa à tarde, tínhamos dispensa porque umas aldeias eram isoladas umas das outras e não havia transporte, tínhamos essas reuniões de núcleo uma vez por mês, era bom, trocava-se ideias, fazia-se coisas engraçadas e era a maneira de as pessoas se conhecerem, porque cada uma estava isolada na sua aldeia, não havia, pode-se comunicar mas de uns Jardins para os outros era difícil haver comunicação nem transporte nem telefone e na altura não havia telemóveis. Era a única hipótese de nos encontrarmos era nas reuniões de núcleo, trocar ideias e fazerem coisas e quebrar o isolamento, principalmente isso, acho que era principalmente era ir quebrar o isolamento.

(A6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa as colegas de trabalho?

R – Tinha um grupo de colegas duas ou três que fizemos um trabalho muito interessante lá de C., não me lembro do nome, fizemos um trabalho engraçado.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a relação com outras colegas do pré-escolar?

R – Significa que houve um intercâmbio também de experiências que nos permitiu levar mais longe o trabalho diário com as crianças e torná-lo mais diversificado.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa as colegas com quem trabalhei?

R- Realmente era um grupo, lá está, também, era um grupo muito coeso, este aqui, eu se calhar abrangia mais o grupo pedagógico onde eu me inseria, portanto que coincidia com o concelho onde eu estava a trabalhar, portanto eram todas educadoras do concelho, que na altura éramos poucas, portanto era, ainda existiam muito poucos lugares de Jardim de infância, e portanto acho que aí não só as condições de infância tiveram importância mas sobretudo o núcleo em si, acho que nessa altura foi absolutamente fundamental.

(A11)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa projecto de trabalho?

R – Foi o projecto que nós desenvolvemos a nível do núcleo, também, que coincidiu também com o projecto que nós desenvolvemos também a nível de Jardim de Infância e que foi muito importante.

(A11)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	c) RELAÇÃO COM A AUTARQUIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à sensibilidade dos autarcas face ao J. de Inf.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foi um bom apoio do presidente da junta, a que nível é que teve apoio?

R – Portanto, eu no Jardim anterior nem sequer tive a oportunidade de conhecer o presidente da junta porque ele nunca estava, nunca se encontrava disponível, nas horas em que eu lá estava. Este presidente da junta, apesar também de ser uma pessoa ocupada e de trabalhar, portanto, interessou-se em me vir visitar, interessou-se em ajudar portanto quando eu lhe pedi, portanto via-se que era uma pessoa que estava sensibilizada e que lhe interessava realmente que o Jardim fosse para a frente e pronto, ele também via da minha parte um empenho e eu acho que isso foi bom para ambas as partes, sem dúvida.

(A1)

Q – Quando pensa no 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi a colaboração da autarquia que significa esta colaboração, em que aspectos?

R – Era uma autarquia, o presidente era muito jovem, estava muito não sei se era curioso por um lado, talvez fosse novidade para ele ainda o Jardim de Infância, portanto estava muito receptivo aquilo que se propunha e realmente quando houve um problema que nós tivemos de instalações porque estavam muito más, tivemos um problema porque a água estava imprópria para consumo, ele desenvolveu todos os esforços para mudarmos de local e nesse mesmo ano mudamos. Portanto penso que valorizava o Jardim de Infância.

(A2)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o trabalhar com os pais e autarquia, importa-se de explicar um pouco mais?

R – Pronto, as pessoas eram muito colaborantes, mesmo em qualquer situação que eu pedia alguma coisa, as pessoas colaboravam, pronto e fizemos festas, até chegamos a fazer um passeio no final do ano, porque as pessoas, por um lado também já tinham esse hábito e por outro pronto, eram pessoas abertas e que aceitavam muito bem o Jardim de Infância, e que valorizavam o trabalho da educadora. Autarquia também porque, para além das condições serem boas, elas ainda melhoraram. A maior parte dos Jardins lá naquele concelho eram construídos de raiz.

(A7)

Q – Em relação ao 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi poucos materiais e falta de equipamentos exteriores, quer especificar?

R – Havia um jardim muito grande, muito bonito que não tinha lá nada mas a meio do ano com ajuda do presidente da junta, que foi maravilhoso esse Sr., fizemos uma festa grande com as crianças onde juntamos dinheiro e com essa parte, uma parte que ele deu e os pais conseguimos comprar o equipamento para o exterior.

Poucos materiais era um J. I. do início dos anos 80 estava tudo abrir na rede pública, tinha dois móveizitos, 4 ou 5 jogos para 25 crianças, que ao longo do ano se foram comprando mas lembro-me de chegar e ver aquela imagem desoladora num espaço tão agradável.

(A9)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	d) AXILIARES DA ACÇÃO EDUCATIVA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao papel / atitude da auxiliar e suas implicações no desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foi uma auxiliar muito competente, a que nível?

R – Sem dúvida, uma senhora também, já com uma certa idade, mas com outra noção, apesar de não ter conhecimentos, pronto, uma pessoa muito receptiva, muito, portanto, competente dentro da formação dela, portanto, ouvia, fazia, portanto, era muito, tinha uma relação muito boa, que foi isso que mais me sensibilizou com as crianças e mesmo com os adultos era uma pessoa muito dócil, portanto eu nunca a ouvi dizer mal fosse de quem fosse, portanto ela não levava nem trazia, não dava opiniões, pronto, poderia eventualmente sugerir ou até dizer, tratava-me por menina, menina olhe isto, ou olhe, o ano passado fez-se isto assim, mas nunca impunha a sua vontade, nunca se tonava pesada nem desagradável, pelo contrário.

(A1)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o óptimo relacionamento com a auxiliar do Jardim de Infância, quer especificar?

R- Portanto, isso foi fundamental. Acho que é muito importante haver uma boa relação com a auxiliar porque estamos e mais a mais, em todas as situações que eu trabalhei e que referi aí, era só uma sala, a não ser na primeira, que estava outra, mas nessa situação aí eu estava na sala com a educadora e com a auxiliar. Se eu não tivesse um bom relacionamento com a auxiliar isso poderia reflectir-se a nível, inconscientemente não é, mas poderia reflectir-se a nível do trabalho com as crianças, pronto, e se eu fosse para lá trabalhar frustrada por não gostar da pessoa com quem eu estava a trabalhar acho que era prejudicial para todos, para ela, para as crianças e para mim.

(A2)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa a relação com a auxiliar, pode-me explicar um bocadinho?

R – É a relação humana, era bem mais velha do que eu, mas era muito jovem e como eu estava sozinha acho que era a minha parceira.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior, quer explicar um pouco esta relação com a auxiliar da acção educativa?

R –Não gostei da relação simplesmente porque não gostei da maneira de ser da pessoa e isso perturbava a nossa relação de trabalho. Penso que a grande questão era que era uma pessoa que confundia as suas funções com a da educadora de infância.

(A10)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INFª - ESCOLA DO 1.º CEB Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	a) ELOS DE LIGAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que valorizam a articulação / continuidade entre os dois contextos educativos.

Q – Acha que hoje já há mais articulação?

R – Acho que sim, eu pelo menos, eu tenho tido algumas experiências boas nesse sentido, não é, não sei se, penso que há algum, na generalidade pode não ser, na generalidade, não é, mas penso que já há alguns casos em que isso é possível, já se começa a ver a fazer o trabalho de articulação.

Q – Mas era saudável se houvesse articulação entre o Jardim de Infância e a escola do primeiro ciclo?

R – Eu acho que era essencial, acho que era muito importante, de muita utilidade.

Q – E acha que os agrupamentos quer horizontais ou verticais que eles querem permitir precisamente essa articulação, esta continuidade. Acha que vão conseguir? Já está em agrupamento?

R - Vou agora iniciar este ano, no próximo ano lectivo, penso que a ideia é essa também, não é, de permitir esse ligação, pronto, essa continuidade, espero que consigam, pronto, penso que nos primeiros anos será difícil porque ainda há muitas professoras do primeiro ciclo que estão, pronto, no final da sua carreira e têm dificuldade em fazer este trabalho de continuidade, pronto e de mudar, mas penso que, agora com os novos professores e educadores, não é, esta nova geração espero que as pessoas estejam mais abertas a esta ligação.

(A7)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa os colegas de outros níveis de ensino?

R – É assim, nós estávamos nesse ano inseridas numa escola primária, portanto era, funcionávamos no recreio da escola primária, num pré-fabricado e havia um trabalho de intercâmbio muito grande com os colegas e portanto as crianças não sentiam a transição do Jardim de Infância para a escola primária, havia sequência no que se fazia.

(A11)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INF ^a - ESCOLA DO 1.º CEB	b) AUSÊNCIA DE LIGAÇÃO
Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que não atribuem importância a esta articulação.

Q – Quando refere a dificuldade de trabalhar em equipa no 2.º contexto de trabalho o que significa?

Q – Pois, porque ninguém estava interessado em trabalhar e portanto não havia possibilidade nenhuma de trabalhar em equipa, a única coisa que nós fizemos, e não se pode falar em equipa, foi porque lá na R. S. dá-se muita importância ao carnaval, aliás ali naquela freguesia aquilo era festas dia sim, dia não, era uma festa sempre permanente. Não pense que até fiquei cheia daquilo, mas não, até tenho saudades porque até acho que se estivesse lá mais tempo e com cuidadinho ia conseguindo, não digo para as outras, mas para as minhas crianças ir utilizando este espaço, ir limpando aquele espaço, tinha que ser eu a fazer, mas até ia dar às minhas crianças o aproveitamento do espaço.

Agora voltando à questão a única coisa que fizemos foi o cortejo de carnaval ao domingo, porque os cortejos são de uma grande grandiosidade, aquela escola era cheia de dinheiro, não me pergunte como, mas disseram-me tens 75 contos (agora converta em euros) na papelaria para gastares só com a tua sala em material mas foram logo dizendo não gastes muito porque nós fazemos o cortejo de carnaval e é preciso dinheiro. Lá está material de papelaria era muito mas material pedagógico era muito pouco.

O cortejo foi enorme mas o trabalho das crianças foi zero, as auxiliares é que fizeram os fatos em plástico, em papel. A única coisa que se fez em conjunto foi a escolha do tema sobre o espaço ar, percebe, então eram libelinhas, foguetões, borboletas, astronautas, mas não havia nada que nos ligasse a esse tema, eu penso que o tema mais adequado era sobre os desportos, mas havia a auxiliar que era quem mais se dedicava à causa, a fazer os fatos durante a noite, dizia que era muito difícil e por isso apareceu o espaço ar, tal era a idiotice. Eu como vivia a 25Km livre-me de trabalhar fora de horas mas as minhas colegas, nomeadamente a colega continental que dava aulas ao 1.º ciclo e vivia lá, trabalharam fortemente.

Outra coisa que eles faziam todos os anos era um presépio, que abrangia toda a frente da escola, e como o director da escola era bombeiro havia a facilidade de arranjar grandes escadas.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi: as intrigues pessoal auxiliar da escola; os conflitos entre a associação de pais e a auxiliar da escola; professora primária um pouco conflituosa. Quer especificar estas situações?

R – Sim. Isto não tinha nada a ver comigo, embora eu estivesse inserida nas mesmas instalações da escola, mas o Jardim era à parte, a auxiliar do Jardim era à parte da escola, mas no fundo a associação de pais era da escola, nós estávamos no mesmo edifício, acabávamos por ouvir de um lado, ouvir doutro e quer queiramos quer não, pronto, não era directamente nada nem comigo nem com a auxiliar nem com as crianças do Jardim nem com os pais do Jardim, mas acaba sempre por nos afectar um bocadinho. Mas também, acho que também ajuda a crescer às vezes esses conflitos.

(A4)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi a pouca comunicação com a escola do primeiro ciclo, quer especificar esta comunicação?

R – Pois, as colegas, talvez também, não sei bem, neste ano não me lembro bem, penso que era de facto, por um lado, por eu também estar a começar, não é, ainda era o meu segundo e terceiro ano de trabalho, ainda fizemos, penso que algumas festas em conjunto, mas também o facto de nessa altura os Jardins de Infância e as escolas do primeiro ciclo também trabalhavam muito separadamente, não é, faziam mais aquelas festas, pronto grandes de Natal ou de final de ano, ainda não havia muito.

Q – Trabalhavam um bocado de costas voltadas?

R – Sim, sim.

(A7)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho o que significa a ligação ao 1.º ciclo?

R – A ligação ao primeiro ciclo acho que não se fez, funcionava lá, eu ia lá tomar um chá, mas não funcionava.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior, o que significa a não existência de relação com a escola do primeiro ciclo?

R – Porque efectivamente aquela escola do primeiro ciclo não estava predisposta para a relação com o Jardim de Infância, portanto não foi possível estabelecê-la.

Q – Acha importante essa relação com a escola do primeiro ciclo?

R – Muito importante, porque as crianças saem do Jardim de Infância e entram na escola do primeiro ciclo normalmente mais próxima, portanto a partir do momento que há uma aproximação naturalmente as crianças vão sentir-se melhor, a sua integração será mais fácil e o que se poderá repercutir nas próprias aprendizagens de todos.

Q – Eles já conhecem alguns grupos de pares, não é?

R – Sem dúvida, já levam um apoio ao nível dos pares e o medo que muitas vezes existe por parte das crianças do Jardim de Infância verifica-se quando ainda não conhecem as professoras que os vão seguir.

(A10)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	a) PROXIMIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam aproximação do local de trabalho e lugar geográfico de origem.

Q – Esse quilometro e meio de casa que ia a pé facilitou e o óptimo relacionamento com as crianças, quer especificar?

R – Pensei no espaço físico, que era pertinho e que dava para eu ir a pé, fazer um bocadinho de ginástica. Pensei também em pessoas que foram muito amorosas, que me receberam muito bem e pensei, pensei também um bocadinho na situação e nas crianças, foi um ano muito, muito proveitoso.

(A5)

Q – Penso que já falamos das instalações espaçosas que o seu 2.º contexto de trabalho teve de melhor e a proximidade, o que significa?

R – Lembro-me que já vinha ao P., íamos ao teatro, ao cinema, íamos à discoteca, já estava perto de algo de bom.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a localização geográfica. Porquê?

R – Porque já era num meio muito próximo da cidade, os transportes públicos eram muito melhores e portanto uma série de outras consequências eram boas.

Q – E já vinha para casa?

R – Não, não vinha para casa, mas o facto de estar inserido num meio citadino, mais próximo da minha realidade, fazia-me sentir melhor, o outro era no meio do campo, muito longínquo e era um contexto rural, completamente diferente, contexto diferente da minha existência.

(A10)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	b) DIFICULDADES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao impacto negativo, do ponto de vista pessoal e profissional, entre o local de trabalho e o lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a distância casa - Jardim de Infância, quer quantificar?

R – Aqui já eram, eram noventa quilómetros, portanto eram cento e oitenta, ainda era pior, eram cento e oitenta quilómetros por dia e está tudo explicado exactamente e o cansaço de ano para ano agravava-se.

(A1)

Q – Quando pensa no 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a distância da residência/escola, era longe?

R – Sim, é o mesmo tipo de distância, embora fosse mais próximo, era distante.

(A2)

Q – Quando pensa no 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foram as despesas com alimentação e deslocação, eram muitas?

R – Eu vou-lhe explicar por que aí está e no 1.º contexto não está. Porque no primeiro ano as pessoas eram tão simpáticas que eu volta e meia quase não almoçava sozinha, almoçava sempre em casa da tia Palmira que era em frente, ou no Sr Manuel ou na avó não sei de quem, as pessoas convidavam-me para almoçar portanto eu não gastava tanto em refeições aí, aqui neste ano eu almoçava mesmo aí num cafezinho lá na aldeia e tudo mais era diferente.

(A2)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 2.º contexto de trabalho o que significa transporte?

R – Ai significa que eu tinha que me levantar às sete da manhã e que demorava hora e meia a chegar ao local de trabalho, era de camioneta mas gostei, mas não me importava do sacrifício.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho o que significa o isolamento. Tem o mesmo significado que tinha a bocado o sentir-se só ou é outro?

R – Aí era apesar de eu estar na vila, o isolamento em que eu estava sozinha, não tinha auxiliar, eram poucos miúdos, era uma aldeia muito isolada, aí também era muito mau. Era isolamento mesmo, não era sentir-me só, porque eu depois não me sentia só porque vinha para V. e tinha colegas conhecidas, não é, aí era, no local de trabalho não tinha ninguém conhecido, ia ao cafêzito, o professor primário também estava na escola primária e até era dessa aldeia, portanto tinha já lá pessoas conhecidas, mas eu não me senti bem lá, estava muito isolada mesmo.

(A6)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi a inexistência de cafés ou restaurantes que servissem refeições quentes, penso que já referiu anteriormente?

R – Sim, já falei sobre isso.

R – Tenho uma imagem de um bocadinho desagradável a nível de desconforto a nível das refeições, mais porque eu tenho uma necessidade de comer bem e de pronto e de não estar sozinha nas refeições não é, porque pronto a auxiliar ia comer a casa, não é claro e depois eu ficava sozinha a comer, não é, tinha que levar os termos e os tupperwares, aquelas coisas.

Também o facto de as boleias serem situações delicadas porque temos que andar a pedir a pessoas e sujeitarmos a horários.

(A7)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi a dificuldade de arranjar “boleia”, transporte, o que significa?

R – Porque tínhamos que andar quilómetros sempre a pedir.

Também o facto de as boleias serem situações delicadas porque temos que andar a pedir a pessoas e sujeitarmos a horários.

(A7)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho o que significa a distância?

R – A distância, era longe mas nada disso me afectou.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a distância que tinha de percorrer diariamente?

R – Já referi, eram cento e tal quilómetros, assim como as condições físicas também, era um pré-fabricado, sem grandes condições.

R – Situações e lá está, é essa a velha questão que se tem mantido, não tanto ultimamente mas que se manteve durante muitos anos na rede pública, que é a falta de condições físicas, materiais, realmente, pronto, e o facto que também me constrangia bastante que é a mobilidade a que nós estamos sujeitas e nessa situação concreta eu tinha que fazer muitos quilómetros, eu tinha que fazer cerca de cento e cinquenta quilómetros todos os dias para trabalhar, pronto para conseguir ficar em casa e não ter que estar alojada fora de casa.

(A11)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO	a) RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais existentes.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a não existência de cantina e carrinha, o que significa?

R – Pronto, o Jardim era numa sala também de escola do primeiro ciclo, portanto os meninos do primeiro ciclo vinham de manhã e iam a casa almoçar e depois vinham à tarde novamente, os do Jardim tinham que fazer a mesma coisa, só que as crianças do Jardim são mais pequenas, algumas moravam longe e muitas vezes só vinham da parte da manhã ou então quando chovia ou quando estava muito frio não vinham, portanto, havia um absentismo. Porque realmente pronto M. é no inverno muito frio e as crianças, pronto, para virem à chuva e ao frio era muito desagradável.

As próprias avós faziam questão de ficar com as crianças em casa e diziam ai para que é que agora vai lá para a escola, fica em casa, a mãe não trabalha, fica quentinha, não havia aquela noção de que o Jardim não é para tomar conta, tinham essa noção, não tinham a noção de que o Jardim lhes ia ajudar a desenvolver.

Numa segunda fase já estive lá, voltei a estar lá três anos e já havia cantina e já havia carrinha, o absentismo não era, portanto não havia absentismo, as crianças iam e vinham todos os dias, havia outra atitude já mesmo por parte dos pais para as crianças frequentarem o Jardim de Infância.

(A1)

Q – E este muito material ligado às expressões, o que significa?

R – Ter muito material para trabalhar com eles, o contrário do outro J. I. que não tinha nada. Tinha uma diversidade de material.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi boas instalações físicas do Jardim de Infância, o que significa?

R – Tinha recreio e tudo, pronto e a nível de materiais, de jogos, pronto, é agradável uma pessoa chegar a um sítio, estar tudo limpinho e com muito equipamento, acho que isso é bom.

(A4)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi dar-me a possibilidade de trabalhar num edificio adequado para a educação pré-escolar, nestes quinze anos de trabalho este foi o edificio com as melhores condições físicas em que exerci, o que significa?

R – De facto pois foi. Pronto, foi sorte, mas apesar de tudo acho que foi bom ter essa possibilidade já que, a nível geral não se encontram edificios como este, pronto, foi muito bom. Dá animo, claro, mas também ao fim destes anos todos ainda continuo a trabalhar em condições provisórias, não é, portanto isto foi um brinquedo no segundo ano de trabalho. E fez-me bem, pronto, porque consegui realizar um trabalho, pronto, com alguma frequência porque estive lá dois anos, pronto, gostei muito do trabalho da auxiliar e pronto, o espaço permitia-me fazer uma série de actividades que eu não conseguia fazer no outro.

(A7)

Q – Penso que já falamos das instalações espaçosas que o seu 2.º contexto de trabalho teve de melhor e a proximidade, o que significa?

R – Uma imagem de calma, eu tinha dois miúdos muito agitados ponha-os cá fora com um cavalete de pintura ou uma mesa, e eles passado meia hora estavam calmissimos, porque era aquele ambiente com jardim, baloiços ... sentia-se um certo bem estar.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa estas infra-estruturas?

R – Significa que já era uma casa mais digna, já não havia buracos.

Q - Também eram provisórias ou já não?

R – Era uma construção de raiz, ou seja, era uma construção de cimento e pedra e, mas não era com um projecto próprio de Jardim de Infância, mas era uma construção recente, muito recente. Tinha as condições necessárias perfeitamente para estar a funcionar.

(A10)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	b) ESCASSEZ DE RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais inexistentes.

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a não existência de cantina e carrinha, o que significa?

R – Pronto, o Jardim era numa sala também de escola do primeiro ciclo, portanto os meninos do primeiro ciclo vinham de manhã e iam a casa almoçar e depois vinham à tarde novamente, os do Jardim tinham que fazer a mesma coisa, só que as crianças do Jardim são mais pequenas, algumas moravam longe e muitas vezes só vinham da parte da manhã ou então quando chovia ou quando estava muito frio não vinham, portanto, havia um absentismo. Porque realmente pronto M. é no inverno muito frio e as crianças, pronto, para virem à chuva e ao frio era muito desagradável.

As próprias avós faziam questão de ficar com as crianças em casa e diziam ai para que é que agora vai lá para a escola, fica em casa, a mãe não trabalha, fica quentinha, não havia aquela noção de que o Jardim não é para tomar conta, tinham essa noção, não tinham a noção de que o Jardim lhes ia ajudar a desenvolver.

Numa segunda fase já estive lá, voltei a estar lá três anos e já havia cantina e já havia carrinha, o absentismo não era, portanto não havia absentismo, as crianças iam e vinham todos os dias, havia outra atitude já mesmo por parte dos pais para as crianças frequentarem o Jardim de Infância.

(A1)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho o que significa não ter auxiliar?

R- Trabalhava isolada, as auxiliares às vezes também são, incomodam não é, porque isso, não estou a pôr em causa muitas vezes a competência delas, mas às vezes também são boas companhias, algumas não, mas se tivesse lá ajudava a não ter tanto isolamento.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho o que significa o espaço físico?

R – Aí tive que colocar três coisas porque não teve assim nada de pior o espaço era adaptado, mas nada por além, era uma escola do primeiro ciclo muito antiga e ficava no centro da cidade e tinha algumas condicionantes que não se resolveram.

(A8)

Q – Em relação ao 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi poucos materiais e falta de equipamentos exteriores, quer especificar?

R – Havia um jardim muito grande, muito bonito que não tinha lá nada mas a meio do ano com ajuda do presidente da junta, que foi maravilhoso esse Sr., fizemos uma festa grande com as crianças onde juntamos dinheiro e com essa parte, uma parte que ele deu e os pais conseguimos comprar o equipamento para o exterior.

Poucos materiais era um J. I. do início dos anos 80 estava tudo a abrir na rede pública, tinha dois móveizitos, 4 ou 5 jogos para 25 crianças, que ao longo do ano se foram comprando mas lembro-me de chegar e ver aquela imagem desoladora num espaço tão agradável.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a escassez de material didáctico?

R – Sim, nessa altura, era quase inexistente.

R – Situações e lá está, é essa a velha questão que se tem mantido, não tanto ultimamente mas que se manteve durante muitos anos na rede pública, que é a falta de condições físicas, materiais, realmente, pronto, e o facto que também me constrangia bastante que é a mobilidade a que nós estamos sujeitas e nessa situação concreta eu tinha que fazer muitos quilómetros, eu tinha que fazer cerca de cento e cinquenta quilómetros todos os dias para trabalhar, pronto para conseguir ficar em casa e não ter que estar alojada fora de casa.

(A11)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5.ª CONSTATAÇÃO DE INDIFERENÇA FACE ÀS CRIANÇAS E AO J. DE INF.ª Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam a não valorização do J. de Inf. quer por parte das famílias, de outros profissionais e também quer por parte dos agentes económicos.	

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a não existência de cantina e carrinha, o que significa?

R – Pronto, o Jardim era numa sala também de escola do primeiro ciclo, portanto os meninos do primeiro ciclo vinham de manhã e iam a casa almoçar e depois vinham à tarde novamente, os do Jardim tinham que fazer a mesma coisa, só que as crianças do Jardim são mais pequenas, algumas moravam longe e muitas vezes só vinham da parte da manhã ou então quando chovia ou quando estava muito frio não vinham, portanto, havia um absentismo. Porque realmente pronto M. é no inverno muito frio e as crianças, pronto, para virem à chuva e ao frio era muito desagradável.

As próprias avós faziam questão de ficar com as crianças em casa e diziam ai para que é que agora vai lá para a escola, fica em casa, a mãe não trabalha, fica quentinha, não havia aquela noção de que o Jardim não é para tomar conta, tinham essa noção, não tinham a noção de que o Jardim lhes ia ajudar a desenvolver.

Numa segunda fase já estive lá, voltei a estar lá três anos e já havia cantina e já havia carrinha, o absentismo não era, portanto não havia absentismo, as crianças iam e vinham todos os dias, havia outra atitude já mesmo por parte dos pais para as crianças frequentarem o Jardim de Infância.

(A1)

Q – O que pensa sobre a impotência para resolver problemas neste contexto?

R – Penso que já expliquei, o que podia eu fazer sozinha e sabendo que não ficava lá.

R – É uma imagem de muita tristeza e de muita impotência perante a pobreza e a prostituição de que as crianças eram vítimas. É uma imagem muito angustiante.

(A3)

Q – E sobre a indiferença dos colegas perante a realidade social das crianças o que isso significa?

R – Exactamente o que disse anteriormente, mesmo conhecendo casos, por ex., de crianças que se prostituíam nada faziam. Eu fui ao centro de saúde tentar alertar para a situação e ninguém fez nada, era uma indiferença total.

(A3)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 2.º contexto de trabalho foi a pouca motivação em frequentar o Jardim de Infância, quer especificar?

R – Era os miúdos, estavam pouco motivados, o Jardim até era mais ou menos, era um edifício da Junta da freguesia, mas eles quando iam, iam por ir, já funcionava não sei há quantos anos mas já funcionava, eles iam com os pais para o campo, na altura eles ainda iam muito com os pais para o campo, ou estava muito frio, eles arranjavam sempre desculpa, iam muito poucos, muito poucos. Brincar para eles era perder tempo, é isso. Eu sei que no meu 1.º ano de trabalho tinha um miúdo que vivia mesmo ao lado do Jardim de Infância e ele à tarde não ia porque ia com os pais para o campo.

(A6)

Q – Em relação ao 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi o meio industrial envolvente, o que significa?

R – O J. I. estava numa zona verde bastante boa mas andávamos 100 metros e começava haver fábricas de cortiça, havia muita industria, havia muito movimento de camiões e os problemas dos pais nas fábricas que às vezes falavam comigo, tudo isso pesava.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a não colaboração dos agentes económicos do meio?

R – Significa que não tive apoio económico de ninguém aqui no, portanto, muito próximo, era um meio industrial e apesar das tentativas ninguém colaborou em termos financeiros, o que seria bom para o Jardim de Infância que está sempre reduzido nas suas verbas.

(A10)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM OS PAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam o trabalho pedagógico e o relacionamento com as crianças e com os pais.

Q – No seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa “pegar” num grupo pequenino?

R – Acho que isso para uma educadora é fabuloso, é pegar num grupo e começar a ir descobrir porque é e o que há ali... Acho que é maravilhoso isso.

(B1)

Q – Colaboração entre a equipa de trabalho e pais que significa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor?

R – Pronto, isso também acho, em relação à equipa de trabalho nós teremos também que nos moldar, embora muitas vezes não me poderei identificar mais com uma do que com outra, mas estamos todas no mesmo trabalho, tem que haver equipa. Temos que trabalhar em equipa. E em relação aos pais a mesma coisa. Acho super importante.

(B1)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as crianças, quer especificar?

R – Sim e o pessoal também, crianças já disse que gosto muito de trabalhar com elas, o pessoal era só a auxiliar, e o espaço envolvente era giro, era gira a casa, não era o ideal, dava para correr, tinha um escorrega e balouços.

(B2)

Q – No seu 2.º e actual contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o apoio dos pais, o que significa este apoio?

R – Nunca tive problemas com os pais em termos de se precisar alguma coisa, eles estavam disponíveis ajudavam, problemas com os meninos que, alguma coisa falava e eles compreendiam e vice versa. Tenho boa relação.

Q – Acha que essa boa relação com os pais é importante para o trabalho que desenvolve com as crianças?

R- É, estando à vontade com os pais, com os meninos também, depois há aqueles pais que são muito autoritários ou que não se chegam, não perguntam nada, se eu tenho algum problema com a criança é mais fácil dirigir-me ao pai ou à mãe, dizer ao menos se se passar alguma coisa em casa algum clima, precisam de falar, e não sei o quê, aconteceu e fizeram-lhe isso sem eu perguntar nada, nem eles próprios dizer-me, desabafar, por assim dizer, isso é importante, porque ajuda a compreender muito mais as crianças e saber lidar com elas.

(B3)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o estar numa misericórdia, já me falou que foi um sonho?

R – Foi um sonho concretizado.

Q – E continua a ser?

R – Continua, mas agora é um sonho viciado ainda é pior agora não consigo sair daqui.

Q – Viciado em que sentido?

R – É assim, é tão rico este contexto, não a misericórdia se calhar, a instituição, este infantário eu considero-a uma mini sociedade porque tem crianças de todas as classes por exemplo gente muito rica a gente muito pobre passando pelos os intermédios todos, se conseguir-mos fazer com que estas crianças vivam bem enquanto aqui estão eu acho que quando forem grandes se levarem com eles este selo, desta sociedade pequenina vão conseguir viver na sociedade que está à sua frente e que nós vivemos agora, que há de tudo, portanto eu acho que a misericórdia é mesmo não é, a misericórdia que se falava dantes dos ranhosos e dos pobrezinhos e não sei do quê, é a misericórdia acolhe neste momento toda a gente, acolhe toda a gente, é tão rica em termos de relações quer entre pais quer entre crianças que eu acho que é mesmo assim a preparação para o futuro deles.

(B5)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foi ser seleccionada pelas minhas qualidades, quer dizer mais alguma coisa?

R – Não, já falamos na 1.ª parte da entrevista.

R – Estou a pensar em mim própria, sempre foi um sonho meu estar numa misericórdia, e por obra graça não sei de quem consegui, porque isto tem história em relação aos empregos acho que não vale a pena estar a falar nela, sempre foi assim, eu sempre quis trabalhar num sítio onde houvesse crianças carenciadas, crianças necessitadas e as misericórdias são ou eram basicamente para isso, então foi um sonho meu e quando concorri à misericórdia achei que nunca iria entrar porque quando se pensa na misericórdia pensa-se logo em cunhas não é, e eu paguei a minha cunha paguei no sentido de oferecer um raminho a não sei a quem que tinha dito que ia dar uma palavrinha à direcção, não foi cunha nenhuma porque depois cheguei a saber que não tinha chegado cunha nenhuma quanto tive mais confiança com as pessoas disseram-me que eu não tinha entrado por cunha nenhuma, nem se quer tinham lá apontamento nenhum na minha, eu tive acesso a isso, portanto o saber que entrei pelas minhas capacidades depois e não por cunha nenhuma foi muito bom, foi muito bom.

Q – Aumentou o seu ego?

R – Ah muito, muito, porque é assim, eu tinha confiança em mim própria, mas quando se vem com cunha vem-se sempre com aquele ar de afilhadinha, não é, eu entrei assim um bocado com ar de que prontos, roubei um lugar de alguém e afinal não roubei o lugar a ninguém, conquistei-o eu própria e isso passado uns tempos fez-me bem ouvir isso e tenho a certeza que é verdade porque tive acesso ao processo e vi que não tinha lá nada, tinha os apontamentos indicado por não sei quem, indicado por não sei que mais e eu fui escolhida na altura pelas minhas qualidades segundo dizem.

(B5)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor foram as crianças carenciadas, agora já não há tantas como havia?

R – Não quer dizer, é assim há mas não é aqueles pobrezinhos ranhosos que andavam na rua, eu digo ranhosos porque é assim que era vista a misericórdia dos ranhosos, há uma classe media baixa muito carenciada, continua a ser carenciada e cada vez mais, eu acho que está a mudar agora são os muito ricos e muitos pobres, que são a classe media que luta por tudo quanto é coisa para ganhar mais, trabalham de sol a sol e não chega.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 2.º contexto de trabalho foram as crianças, melhor porquê?

R – Sim o melhor porque eu aprendi muito com eles, depois fiz grandes amigos, inclusive 2 que ainda hoje cumprimento e eles conhecem-me perfeitamente.

(B6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 2.º contexto de trabalho foi a 1.ª experiência em salas de estudo, o que tem de bonito?

R – Não é pelo trabalho em si porque eu limitei-me ajudar a fazer os trabalhos de casa porque é isso exactamente que se faz nas salas de estudo e era isso que a D. Média queria que eu fizesse, ela não queria que eu fizesse mais nada.

Era uma experiência interessante, era uma actividade muito de ajuda, porque eu acabava por viver os problemas deles e eles acabavam por me contar os episódios na sala de aula dos professores e os desentendimentos com os professores e alguns portavam-se mal e eu conversava com eles acerca disso, era mais um acompanhamento.

(B6)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	b) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais ocorridas nas instituições.

Q – Agora, no seu 2.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa meio ambiente de trabalho (colaboração)?

R – Sim acho que já falei que um bom ambiente de trabalho favorece o próprio desempenho profissional.

(B1)

Q – Colaboração entre a equipa de trabalho e pais que significa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor?

R – Pronto, isso também acho, em relação à equipa de trabalho nós teremos também que nos moldar, embora muitas vezes não me poderei identificar mais com uma do que com outra, mas estamos todas no mesmo trabalho, tem que haver equipa. Temos que trabalhar em equipa. E em relação aos pais a mesma coisa. Acho super importante.

(B1)

Q – No seu 2.º e actual contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi o companheirismo de colegas, quer especificar um bocadinho?

R – Sim, é diferente, porque aqui é no sentido de quando precisamos de fazer alguma coisa, troca, de nos ajudarmos, interajuda. Esta troca permite estar sempre em formação, porque quebra o isolamento e há sempre uma ideia nova, há sempre uma palavra nova, há sempre qualquer coisa que nos faz pensar e repensar na atitude e reformular, não é? E acho que isso faz parte um bocadinho da nossa formação, não é só acções de formação fora, também nós vivemos aqui no dia a dia, também nos faz bem pensar.

(B3)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as instalações, a relação de trabalho com toda a equipa e o salário, quer acrescentar mais alguma coisa em relação ao que já foi dito?

R – Já falei de tudo, apenas reforçar que gostei muito de trabalhar na P., digo-lhe já que foi daqueles sítios que me marcou mais.

R – Acho que em tudo, as instalações porque lá está era um infantário pequenino que era uma casa adaptada para um infantário que foi construído de raiz, tinha as medidas numa salas superiores a estas, estas são grandes mas as outras eram maiores, pronto muito bom.

Em relação às colegas foi engraçado que fui trabalhar para a P. e quando me foram mostrar as instalações e as educadoras, eu entrava nas salas e conhecia quase todas as educadoras, foi uma surpresa, pronto eu conhecia-as da escola de formação inicial não é?! E conseguíamos criar uma boa equipa de trabalho, mesmo divertidas, mas também era assim havia uma rapariga que era a coordenadora mas pronto era coordenadora mais de nome do que acto.

Q – Era trabalho em equipa mesmo?

R – E a nossa directora raramente lá ia que era mesmo assim, raramente lá ia mas as coisas corriam como percebe assim mesmo tínhamos tudo programado, uma tarde acordávamos

os miúdos e não queríamos fazer nada, fazíamos umas brincadeiras entre todas e pronto não, mas tínhamos um bom relacionamento entre todas por acaso.

O salário era muito bom.

(B4)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a resistência da aceitação e o prestar provas de competência, já explicou o significado?

R – Também já.

R – Toda a instituição. A instituição é infantário, não é, porque toda a gente que passa por esta casa tem que prestar provas, só depois é que eu percebi, cada elemento novo é posto à prova, entra nos conflitos, aqueles conflitos e diz que disse e diz que não sei o quê, dos contos e ditos das mulheres, muito característico das mulheres, apanham sempre a pessoa que entra de novo, portanto eu fui apanhada também nisso não é, depois percebi que colegas minhas educadoras que não se falavam há anos, eu só percebi isso, eu entrei Setembro, só percebi isso em Fevereiro e trabalhávamos lado a lado, só que era, vai dizer isto a não sei quem, eu ia dizer, olhe, eu dizia as coisas naturalmente, só depois é que percebi, vai lá tu, então não sabes que nós não falamos? Era assim, foi um ambiente diferente, do meu 1.º contexto, não é, a casa era muito maior, o ambiente era, embora eu gostasse muito de trabalhar aqui houve muita resistência por ser muito novinha, eu tinha vinte e um anos ou vinte e dois na altura, era muito novinha, era considerada a caçoilinha da casa, não é, mesmo assim. Há muito tempo que não entrava um elemento novo, portanto eu era assim um elemento novo recém chegado e a seguir a mim entraram muitas, houve sempre entradas quase consecutivas, mas naquela altura fui eu a primeira a entrar, e portanto fui posta à prova, quer por auxiliares, a minha auxiliar fez questão de dizer aos pais até Fevereiro que eu não era educadora, só soube também nessa altura, os pais pensavam que eu era auxiliar, não sei.

É, ter medo de perder, porque uma educadora que estava anteriormente com ela não era muito competente e deixava nas mãos dela o grupo, ela percebeu que eu não ia fazer o mesmo, mal entrei comecei a agarrar o grupo, ela com medo disso começou a dizer que eu não era educadora, que era só auxiliar e tal, e os pais não sabiam que eu era educadora, que eu até comecei a conversar com eles, porque eu era catraia, a catraia, a que estava lá com os meninos.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 2.º contexto de trabalho foi a cozinha, porque é que merece esta referência?

R – Porque era a minha única colega, só por isso.

(B6)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO	c) RELAÇÃO COM A DIRECÇÃO DA INSTITUIÇÃO
Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as directrizes hierárquicas que intervêm no desenvolvimento do trabalho das educadoras e nas suas atitudes / posturas profissionais.

Q – O que teve de pior foi os salários em atraso, a atitude/arrogância da direcção e a localização, penso que estas situações já foram explicadas anteriormente?

R – Pessoas e situações, não é ?! Lá está tive que sair de lá porque realmente tive que restringir o contracto porque estava com salários em atraso não é?! Foi o mal mas pronto é a vida senão fosse acho que ainda continuava lá porque adorei.

A atitude da direcção e arrogância porque foram pessoas e são pessoas mesmo sem escrúpulos porque não havia dinheiro para nós mas havia dinheiro eles continuarem a levar a vida deles não é?! Ainda hoje estou com o meu dinheiro todo em atraso, agora não estou nada, porque já desisti da causa, não quero mais saber daquilo, já me tirou uns bons anos de vida.

A localização tinha que dizer alguma coisa de mal de lá, disse a localização porque era, era longe e não era porque era assim; eu saía de casa às 8h e entrava as 9.30h mas pronto às 9h estava na P. mas saía às 4:30h e às 5h estava em casa quer dizer era longe a nível de custo, era mais longe que aqui. Só que não me importava de estar longe.

(B4)

Q – Quando pensa no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foi a minha afirmação profissional por ser nova em idade, o que significa?

R – Foi, foi porque havia cenas muito caricatas não só pelas colegas, quando passei a directora, mas com os pais que mandavam chamar a directora e eu aparecia e diziam mas eu mandei chamar a directora mas sou eu, mas desculpe mas não pode ser, houve uma cena e disse desculpe mas não pode ser, tem aí muitas colegas mas agora eu não posso perder tempo.

Q – Como imaginavam a directora?

R – Aquilo que me diziam depois de ter confiança comigo era óculos na ponta do nariz, o puxo na cabeça, o cabelo com puxinho, fato de saia e casaco e cabelos brancos.

Era por ser uma misericórdia, mas normalmente era aquela pessoa assim já com o posto de idade e aquela posição, sim era, o que imaginavam quando chegava ao pé deles achavam que eu era alguma coisa não sei o quê, era a catraia.

(B5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 2.º contexto de trabalho foi a 1.ª experiência em salas de estudo, o que tem de bonito?

R – Não é pelo trabalho em si porque eu limitei-me ajudar a fazer os trabalhos de casa porque é isso exactamente que se faz nas salas de estudo e era isso que a D. M. queria que eu fizesse, ela não queria que eu fizesse mais nada.

Era uma experiência interessante, era uma actividade muito de ajuda, porque eu acabava por viver os problemas deles e eles acabavam por me contar os episódios na sala de aula dos professores e os desentendimentos com os professores e alguns portavam-se mal e eu conversava com eles acerca disso, era mais um acompanhamento.

(B6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 2.º contexto de trabalho foi a dona que era arrogante e prepotente, o que quer dizer?

R – Era muito, fez-me a entrevista e disse: “Olhe 2.ª feira vem trabalhar, espero que esteja cá a horas e faça o que tem que fazer e digo-lhe já não quero que converse com os pais, aos pais falo eu e o meu marido e mais ninguém”.

(B6)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	a) ESPAÇOS FÍSICOS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam quer pela positiva, quer pela negativa os edifícios que são utilizados para o desenvolvimento do trabalho com as crianças.

Q- Agora no seu 2.º contexto de trabalho que teve de pior foram as condições físicas de trabalho mas que já estão mudadas, não é verdade?

R – Exacto, eu aí referi-me às instalações antigas agora estas são óptimas.

(B1)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as crianças, quer especificar?

R – Sim e o pessoal também, crianças já disse que gosto muito de trabalhar com elas, o pessoal era só a auxiliar, e o espaço envolvente era giro, era gira a casa, não era o ideal, dava para correr, tinha um escorrega e balouços.

(B2)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior, o que significa péssimas instalações?

R – A nível da cozinha que era péssima, a casa de banho, também muito precária.

(B2)

Q – No seu 2.º e actual contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi as condições físicas, agora aqui refere-se a estas actuais, e recentes, não é?

R- Sim, sim, que são óptimas.

(B3)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as instalações, a relação de trabalho com toda a equipa e o salário, quer acrescentar mais alguma coisa em relação ao que já foi dito?

R – Já falei de tudo, apenas reforçar que gostei muito de trabalhar na P., digo-lhe já que foi daqueles sítios que me marcou mais.

R – Acho que em tudo, as instalações porque lá está era um infantário pequenino que era uma casa adaptada para um infantário que foi construído de raiz, tinhas as medidas numa salas superiores a estas, estas são grandes mas as outras eram maiores, pronto muito bom. Em relação às colegas foi engraçado que fui trabalhar para a P. e quando me foram mostrar as instalações e as educadoras, eu entrava nas salas e conhecia quase todas as educadoras, foi uma surpresa, pronto eu conhecia-as da escola de formação inicial não é?! E conseguíamos criar uma boa equipa de trabalho, mesmo divertidas, mas também era assim havia uma rapariga que era a coordenadora mas pronto era coordenadora mais de nome do que acto.

(B4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 2.º contexto de trabalho foram as instalações eram reduzidíssimas, o que significa?

R – Eram 40 crianças pré-adolescentes dentro de uma lojinha pequena. Eles não tinham recreio, não tinham nada, ficavam ali dentro o dia todo, se quisessem brincar vinham para o passeio do prédio.

(B6)

Sistema Categorical – “2.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	b) RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as condições humanas, remunerações, horários de trabalho e localização.

Q- Falta de material pedagógico e rotinas que dificilmente podiam ser quebradas o que significa neste seu 2.º contexto que teve de pior?

R – Ainda há pouco material e de pouca qualidade. Quanto às rotinas é em relação a pessoas. Aí era restritamente a pessoas, porque, pronto, se nós muitas vezes, imaginemos, eu vou concretizar aqui essa situação. Eu queria fazer uma digitinta ou queria uma pintura por ex. na sala dos seis anos, só tinha uma mesa na sala, e então eu pegava no grupo e vinha trabalhar com eles para o refeitório onde tinha mais mesas. E então a senhora, que pronto, já era uma pessoa de idade, já lhe quebrava a rotina, porque a parede ficava pintada e ela tinha que ir limpar, as mesas ficavam sujas, havia tinta no chão, e isso embora muita vezes ela não dissesse directamente, que era, pronto, eu notava que ela ficava incomodada, não é, mas não as deixava de fazer, e portanto isso refere-se particularmente a esse tipo de situações. Se chegava atrasada, se ia fazer um passeio e chegava atrasada era porque já estava em cima da hora do almoço, era esse tipo de coisas.

(B1)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a falta de condições de trabalho, era a que nível?

R – Não nos forneciam nada, não é, não havia material também justamente, era mesmo e estar com meninos de 2 anos ou 3 anos tudo misturado, mais parecia um armazém desarrumado.

(B2)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a falta de remuneração?

R – Falta de remuneração é não me pagar, nem os tais 20 contos.

(B2)

Q – No seu 2.º e actual contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi falta de condições, falta de espaço e de pessoal aqui estava a referir-se às antigas instalações?

R – Sim. Nestas ainda falta aí umas coisinhas mas prontos, a seu tempo vão. E recheada de pessoal novo, de carinhas novas, algumas estão a fazer substituições, mas a maior parte pertence ao quadro da instituição.

(B3)

Q – No seu 2.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as instalações, a relação de trabalho com toda a equipa e o salário, quer acrescentar mais alguma coisa em relação ao que já foi dito?

R – Já falei de tudo, apenas reforçar que gostei muito de trabalhar na Póvoa, digo-lhe já que foi daqueles sítios que me marcou mais.

R – E a nossa directora raramente lá ia que era mesmo assim, raramente lá ia mas as coisas corriam como percebe assim mesmo tínhamos tudo programado, uma tarde acordávamos os miúdos e não queríamos fazer nada, fazíamos umas brincadeiras entre todas e pronto não, mas tínhamos um bom relacionamento entre todas por acaso.

O salário era muito bom.

(B4)

Q – O que teve de pior foi os salários em atraso, a atitude/arrogância da direcção e a localização, penso que estas situações já foram explicadas anteriormente?

R – Já, já.

R – Pessoas e situações, não é?! Lá está tive que sair de lá porque realmente tive que restringir o contracto porque estava com salários em atraso não é?! Foi o mal mas pronto é a vida senão fosse acho que ainda continuava lá porque adorei.

A atitude da direcção e arrogância porque foram pessoas e são pessoas mesmo sem escrúpulos porque não havia dinheiro para nós mas havia dinheiro eles continuarem a levar a vida deles não é?! Ainda hoje estou com o meu dinheiro todo em atraso, agora não estou nada, porque já desisti da causa, não quero mais saber daquilo, já me tirou uns bons anos de vida.

A localização tinha que dizer alguma coisa de mal de lá, disse a localização porque era, era longe e não era porque era assim; eu saía de casa às 8h e entrava às 9.30h mas pronto às 9h estava na P. mas saía às 4:30h e às 5h estava em casa quer dizer era longe a nível de custo, era mais longe que aqui. Só que não me importava de estar longe.

(B4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 2.º contexto de trabalho foi o vencimento, ganhava pouco?

R – Era pouco e vinha a más horas e só recebi tudo junto quando me vim embora, ao fim de 3 meses, só passado 8 dias ela passou-me um cheque sem cobertura. Depois tive que ir lá, parecia que andava a pedir uma coisa que não era minha, eu tinha mais vergonha do que ela, só que eu precisava do dinheiro e não lhe ia desculpar e ainda muitas refeições fui eu que paguei com o meu dinheiro.

(B6)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM A COMUNIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido com as crianças, famílias e comunidade em geral.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o apoio da junta e do pároco da freguesia, a que nível é que é a intervenção do pároco e da Junta?

R – O pároco, portanto era uma pessoa muito acessível, como a igreja era mesmo vizinha do Jardim ou o Jardim vizinho da igreja, facilitava-se muito o contacto do pároco, aparecia muitas vezes no Jardim, de surpresa, portanto, como ia para a igreja, portanto ele tinha várias igrejas, portanto, ele uns dias vinha para aquela e então quando vinha ele ia visitar-nos. Nós com todo o gosto convidávamo-lo para almoçar connosco e que aceitava, não é, nunca vinha sozinho trazia umas maçãs, um dia, um dia trazia um queijo, coisas que por vezes lhe davam também e vinha também colaborar não é, acompanhava-nos no almoço com as crianças, as crianças gostavam dele, conheciam-no muito bem, e ele a elas, fizemos actividades, portanto a festa de Natal juntos, a ceia portanto fizemos uma ceia, um almoço - ceia de Natal, fizemos a Páscoa portanto fomos visitar a igreja, ele explicou-nos várias coisas relativas à Páscoa e foi muito importante.

A Junta era muito, uma pessoa muito acessível e todos os reparos e tudo o que nós precisávamos ele conseguia na hora portanto também nos visitava com frequência para saber se estava tudo bem, porque a junta era portanto próximo, estava próximo do Jardim e isso favorecia o contacto.

(A1)

Q – E o que significa o envolvimento dos pais na vida do J. I.?

R – Os pais são muito colaboradores e quando é preciso comprar por ex. uma televisão, eles organizam feiras, rifas etc., por ex. fomos também a Lisboa ao Oceanário com o dinheiro que arranjaram. Claro que não são todos, mas é a maior parte e gostam de saber o que os filhos fazem no J. I..

(A3)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho no que teve de melhor o que significou ser bem acolhida pela comunidade e pais?

R – Pronto, aí foi isso, fui muito bem acolhida, os pais aceitaram-me muito bem. Também era na Madeira e foi fundamental para eu ter lá ficado, porque senão acho que tinha-me vindo embora, se não fosse essa recepção ótima que tive.

(A4)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o acolhimento que me foi proporcionado na Madeira, que género de acolhimento pode especificar?

R – Eu cheguei à Madeira, logo também tive a sorte de ser acompanhada por uma colega, que já conhecia a ilha portanto, fui acompanhada por uma colega que já conhecia, já lá tinha estado portanto não tive que andar às apalpadelas atrás disto ou atrás daquilo, além do mais a nível da recepção da DRAP foi-me logo cedido toda a papelada e tudo o que eu precisava para vir para a localidade.

Foi muito engraçado ter que fazer uma viagem lá só sobe serra desce serra, por lá pelo meio, a localidade chamava-se J. do M., ficava assim, era uma baíazinha ao pé do mar com

muito poucos habitantes, o J. I. só tinha três crianças, que normalmente ficavam a ver televisão até às 10:30h da manhã, porque até essa hora estavam com a mãe a assistir às telenovelas e não vinham para o J. I. antes, portanto eu até essa hora tinha tempo para toda a papelada do J. I. em ordem e só depois disso é que iniciava a actividade com eles até às duas de tarde.

(A5)

Q – E o que significou, no 3.º contexto de trabalho que teve de melhor este óptimo relacionamento com as crianças?

R – Sim, sim quase que foi, porque nós tivemos, nós já éramos mesmo amigos aí assim porque havia muita cumplicidade, porque o tempo que tínhamos para estar juntos era muito e depois eu morava a trinta metros do Jardim e eles também moravam ali muito pertinho e passavam a tarde na minha casa, saltavam a vedação ou abriam o portão e passavam o tempo comigo, portanto criou-se uma intimidade muito grande entre nós, embora nunca se tenha perdido o respeito, cá fora eram uma coisa mas quando estávamos na escola era diferente, os meninos foram muito colaboradores, aliás eram meninos de cinco anos que iam para o primeiro ciclo no ano seguinte, eram crianças muito solícitas e que gostavam imenso, porque nós tínhamos muito tempo também para as actividades lúdicas e para tudo o que tudo o que nos dava prazer, fazíamos passeios íamos à praia fizemos tudo o que nos apeteceu.

(A5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho foi o ambiente de trabalho quer especificar um bocadinho o que é este ambiente?

R – Este terceiro foi bom, foi, fizemos um trabalho em conjunto, uma exposição na Câmara, foi isso, e foi bom, tive vinte e cinco miúdos, ainda era na vila mesmo no centro mas havia bom ambiente de trabalho.

(A6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho o que significam as crianças?

R – Porque eram participativas e iam, não era como no outro em que só tinha duas ou três, aqui não, iam quase todas, havia uma ou outra que era mais, quer dizer daquelas que nos dão cabo da cabeça, não é, mas no geral eram participativas e gostei, gostei de estar lá nesse ano de trabalho.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 3.º contexto de trabalho o que significa alguns pais?

R – Tive lá problemas com alguns pais, já não posso precisar mas penso que era um professor primário, que era arrogante, não aceitavam as dificuldades dos filhos, não havia boa aceitação entre os miúdos devido aos pais, havia competição pela parte dos pais na limpeza dos filhos, havia pais que faziam essa separação.

(A6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho o que significa o trabalho com a comunidade?

R – Também já falei que era com os pais essencialmente, com a auxiliar que foi fantástica e a comunidade em si porque nós mexemos com a comunidade com a autarquia, mexemos com aquilo tudo.

Q – Pensa que é possível uma educadora trabalhar sem a comunidade?

R – Consegue trabalhar sem a comunidade mas não trabalha tão bem, falha, claro que falha estamos isolados, a educação se a ideia que temos de educação é um acto isolado, então estamos maravilhosas dentro de uma sala até os meninos ficam em casa e que mediante um tubinho pequenino inventa-se um shipe e mete-se na pele e está óptimo; agora a riqueza

está na partilha de levarmos a comunidade à escola e de levarmos os meninos à comunidade não é, não é só de um lado, são aquelas duas setinhas.

(A8)

Q – Às vezes há crianças que estão no Jardim de Infância e não conhecem o meio envolvente, o que significa?

R – Pois, o Movimento da Escola Moderna, na sua organização no tempo lectivo, tem um dia dedicado ao meio, as crianças saem ao meio ou o meio vai à escola.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significam as crianças?

R – O significado é o mesmo que disse atrás, fosse timorense, fosse japonês porque havia de tudo um pouco pelas salas, eram as crianças que são sempre boas e comunica-se sempre com elas, mesmo com algumas ... lembro-me de chegar uma filipina à sala e só falar tarau tarau ou ter indianas que só falavam tamil ou indi, é encantador como passado pouco tempo se comunica, se entende, como se evolui, como se progride, é muito bom.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa multiculturalidade?

R – Exactamente isto que acabei de dizer, lembro-me por ex. de ter 2 alunos timorenses e pedi aos pais e eles foram fazer uma dança de Timor ao J. I., depois tinha um grupo de pais que pertenciam a uma associação chinesa e foram fazer uma dança do dragão, uma mãe vinha fazer comida chinesa, uma mãe portuguesa foi fazer um bolo, é esta multiculturalidade que eu recordo.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o trabalho em equipa e com a comunidade. Existiu algum trabalho entre colegas? Quer especificar um bocadinho?

R – Existiu um trabalho de grupo, houve situações durante o ano que foram pensadas em grupo e portanto deu asas a situações mais, mais ricas. E com a comunidade porque efectivamente os pais, as famílias também foram intervenientes em muitas das situações.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho com a comunidade?

R – Com autarquias, os seus pais, às vezes, até pessoas que embora não tenham filhos na escola mas que estão ligados, ou porque são pequenos artesãos, ou porque são pessoas que se interessam pela, ou que nos podem também ou que nos interessam a nós na comunidade e que são elementos, que partilham e que podem gerar trabalho interessante na escola.

(A11)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho em equipa?

R – Era, aqui neste caso concreto, mas é em qualquer situação acontece, é o trabalho, com a colega com quem se está, ou com as colegas com, e o estar também com a escola primária também é fundamental e ao fim ao cabo depois com todas as pessoas que estão envolvidas, porque também os outros elementos da comunidade, pois também estão integrados, não é?

(A11)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	b) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais e aos projectos desenvolvidos através desses intercâmbios.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor foi a colaboração da colega de apoio, refere-se à colega do ensino especial?

R – Exactamente, pronto, eu fui para esse Jardim, portanto essa colega estava, portanto, a trabalhar com o grupo, mas depois como ela tinha concorrido para o ensino especial, portanto ela ficou colocada em apoio nesse mesmo grupo, a uma criança e eu fui colocada como sendo a educadora substituta e a titular, no fundo o lugar, portanto eu é que seria responsável pelo grupo, só que como ela já tinha iniciado o ano lectivo, eram vinte e cinco crianças, o apoio dela foi realmente fantástico, dávamo-nos como unha com a carne, portanto eu dizia faz-se e ela assinava por baixo, foi realmente um ano excelente, muito trabalho, muitas crianças.

Ela também disse uma frase que eu nunca mais me esqueci, ela virou-se para mim e disse: olha Cris, este ano nunca mais na vida vamos ter um ano como este, eu realmente concordo, porque atendendo a estas situações que se verificam e inclusivamente a redução nos lugares de apoio, portanto nunca mais vai acontecer o que aconteceu.

(A1)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor foi uma óptima relação/organização do trabalho por parte do núcleo de educadoras, quer acrescentar mais alguma ideia?

R – Fizemos trabalhos em conjunto, actuações, fizemos um piquenique, tudo organizado pelo núcleo de educadoras, as nossas reuniões mensais como já éramos um número elevado, não é, aqui neste caso éramos dezasseis educadoras, no outro éramos seis. Todas as educadoras uma vez por mês levavam duas, uma sobremesa ou um lanche, pronto, nós na reunião tínhamos direito, partilhávamos também um lanche e havia um convívio muito agradável e acabávamos sempre por discutir todos os assuntos, mas partilhávamos esse lanche que se tornava agradável, pronto, no fim de um dia de trabalho era óptimo.

(A1)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho no que teve de melhor o que significou a ligação com os colegas da escola e o Jardim mais próximo?

R – Sim, pronto, porque eu estava num Jardim isolado, horrível, lá assim num monte isolado de tudo e de todos. O Jardim também não tinham muito boas condições físicas, mas isso eu consegui ultrapassar, prontos, juntamente com a auxiliar tentamos melhorar. Era lá num buraco e eu também naquele ano não estava muito preparada para ir para a Madeira e se não tivesse sido esses factores positivos, tinha-me vindo embora.

(A4)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o acolhimento que me foi proporcionado na Madeira, que género de acolhimento pode especificar?

R – Eu cheguei à Madeira, logo também tive a sorte de ser acompanhada por uma colega, que já conhecia a ilha portanto, fui acompanhada por uma colega que já conhecia, já lá tinha estado portanto não tive que andar às apalpadelas atrás disto ou atrás daquilo, além

do mais a nível da recepção da DRAP foi me logo cedido toda a papelada e tudo o que eu precisava para vir para a localidade.

Foi muito engraçado ter que fazer uma viagem lá só sobe serra desce serra, por lá, pelo meio, a localidade chamava-se J. do M., ficava assim, era uma baíazinha ao pé do mar com muito poucos habitantes, o J. I. só tinha três crianças, que normalmente ficavam a ver televisão até às 10:30h da manhã, porque até essa hora estavam com a mãe a assistir às telenovelas e não vinham para o J. I. antes, portanto eu até essa hora tinha tempo para toda a papelada do J. I. em ordem e só depois disso é que iniciava a actividade com eles até às duas de tarde.

(A5)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi trabalhar com três colegas num verdadeiro trabalho de equipa, quer especificar alguma coisa mais?

R – Pronto, penso que não tem mais, porque, acho que sim, que conseguimos articular, pronto, havia reuniões, pronto ou, algumas vezes, formalmente, outras informalmente, muitas vezes informalmente para tratarmos as actividades em conjunto, o facto de ter aquela colega dentro da minha sala também foi uma situação única que tive, pronto que tive também a sorte de realmente ser uma colega que tinha, uma forma de trabalho idêntica à minha, foi um trabalho muito bom, muito rico em aprendizagens e realmente apesar de as pessoas terem diferentes formas de trabalhar havia um respeito. Cada pessoa dentro da sua sala tinha a sua forma de trabalhar e não havia interferências, nem influências negativas, não é, as pessoas não interferiam, nem criticavam e quando precisávamos e queríamos fazer actividades em conjunto as pessoas participavam e aceitavam ideias e corriam muito bem.

(A7)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho o que significa o trabalho de núcleo? Tem alguma coisa acrescentar?

R – Era um trabalho fantástico.

R – Muito boa. É agradabilíssimo foi, este contexto de trabalho, foi mesmo, nove anos, e foi fantástico marcou positivamente a minha pessoa, pessoa, com a minha vida e como profissional.

E em vários contextos, dentro do 3.º contexto de trabalho, porque no contexto da comunidade educativa, porque se realizou um trabalho fantástico com pais, com parceiros, com a comunidade educativa mas a nível de parceria com colegas, num grande grupo. O núcleo pedagógico fez um trabalho fantástico durante esse tempo, levamos inclusive trabalhos, mostramos os trabalhos fora e concorremos e ganhamos uns concursos, naquela altura já tinha sido há uns anos, e o projecto de ateliers é a parceria com outra colega.

(A8)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho o que significa o projecto de ateliers?

R – O projecto ateliers surgiu porque o espaço do Jardim de Infância, era um pré-fabricado tinha três lotes muito pequenos e aquilo estava mal aproveitado achava eu, quando cheguei lá funcionavam duas salas que eram muito pequenas e uma terceira sala tinha as mesmas dimensões estava para arrumos, eu optei quando lá cheguei pôr a utilizar as três salas e então montamos os ateliers, estávamos duas colegas e as crianças circulavam pelos ateliers, só o último trabalho que já estava em instalações novas, foi fantástico todas as vivências nesse Jardim de Infância no nosso pequeninho foram boas.

(A8)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o convívio com outras colegas e que colegas?

R – Colegas do pré-escolar. Convívio porque, consegui estabelecer para além da relação profissional uma relação de amizade, o que é óptimo para quem está longe de casa.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o trabalho em equipa e com a comunidade. Existiu algum trabalho entre colegas? Quer especificar um bocadinho?

R – Existiu um trabalho de grupo, houve situações durante o ano que foram pensadas em grupo e portanto deu asas a situações mais, mais ricas. E com a comunidade porque efectivamente os pais, as famílias também foram intervenientes em muitas das situações.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor a colega (amiga) com quem trabalhei, quer acrescentar mais alguma ideia?

R – Não, não, vem sempre, é muito importante e cada vez mais, portanto haver uma ligação à pessoa ou às pessoas com quem se trabalha, um entendimento, porque se não houver esse entendimento e um bom ambiente entre as colegas reflecte-se em tudo, no trabalho e no trabalho que se faz com os pais.

(A11)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho em equipa?

R – Era, aqui neste caso concreto, mas é em qualquer situação acontece, é o trabalho, com a colega com quem se está, ou com as colegas com, e o estar também com a escola primária também é fundamental e ao fim ao cabo depois com todas as pessoas que estão envolvidas, porque também os outros elementos da comunidade, pois também estão integrados, não é?

(A11)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
I.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	c) RELAÇÃO COM A AUTARQUIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à sensibilidade dos autarcas face ao J. de Inf.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor foi o apoio da junta e do pároco da freguesia, a que nível é que é a intervenção do pároco e da Junta?

R – O pároco, portanto era uma pessoa muito acessível, como a igreja era mesmo vizinha do Jardim ou o Jardim vizinho da igreja, facilitava-se muito a, portanto contacto o pároco aparecia muitas vezes no Jardim, de surpresa, portanto, como ia para a igreja, portanto ele tinha várias igrejas, portanto, quando vinha ele ia visitar-nos, nós com todo o gosto convidávamo-lo para almoçar connosco e ele aceitava, não é. Nunca vinha sozinho trazia umas maçãs, um dia, um dia trazia um queijo, coisas que por vezes lhe davam também e vinha também colaborar não é, acompanhava-nos no almoço com as crianças, as crianças gostavam dele, conheciam-no muito bem e ele a elas. Fizemos actividades, portanto a festa de Natal juntos, a ceia portanto fizemos uma ceia, um almoço - ceia de Natal, fizemos a Páscoa portanto fomos visitar a igreja, ele explicou-nos várias coisas relativas à Páscoa e foi muito importante.

A Junta era muito, uma pessoa muito acessível e todos os reparos e tudo o que nós precisávamos ele conseguia na hora portanto também nos visitava com frequência para saber se estava tudo bem, porque a junta era portanto próximo, estava próximo do Jardim e isso favorecia o contacto.

(A1)

Q – Quando pensa no 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi abrir um Jardim de Infância novo, quer especificar?

R – Era portanto, tinham acabado de construir um J. I. e só tinha paredes não é?! E era a primeira vez que ia funcionar naquela aldeia, portanto o presidente da junta não percebia nada de educação de infância e chamou-me e disse olhe: eu vou começar a pôr as mesas e as cadeiras portanto depois já pode trabalhar. E eu acho que foi engraçado foi precisamente por isso porque eu tive que lhe explicar que não era assim que funcionava o J. I., o que se é que se pretendia com um J. I. e depois então ele mandou-me desenhar todo o tipo de móveis que eu precisava, foi muito engraçado eu a desenhar, alguns até exemplifiquei com caixas e percebeu, e quando não percebia ia lá perguntar, lá está eu com as autarquias por acaso tive mais ou menos sorte não é?!

Q – Ele percebeu o porquê da necessidade desses móveis e desse tipo de material?

R – Pelo menos disse que sim, tanto que os fez não é?! Exactamente, senão acho que punha entaves e até não os daria, e nunca me encheu lá a sala com as mesas e cadeiras que ele tinha previsto.

Ele seguiu tudo exactamente conforme eu lhe fui explicando e pronto abrimos e já com as coisas como eu pretendia daí eu ter dito qualquer coisa do género imprimir o meu próprio cunho pessoal não?

Q – Acha importante esta ligação com a autarquia e a educadora?

R – Eu acho que sim.

Q – Imagine que a autarquia não tem ideia nenhuma do Jardim de Infância?

R – Pois eu acho o que acontece em muitos sítios não é? E acho importante, lá está ele aí podia não saber muito bem o que era um jardim de infância mas depois também estabeleceu-se muito boa relação e aceitou as sugestões todas, mesmo com os pais e tudo, mas lá está reunimo-nos não é?

Quando fizemos a abertura fui eu que fiz uma sessão de slides onde mostrei outros Jardins de Infância porque também tinha que explicar aos pais como é que se trabalhava noutros sítios, porque eles nunca tinham visto não é? Ali não existia nada e achei que foi uma forma mais conseguida de expor o trabalho do J. I. .

(A2)

Q – O que quer dizer com as conquistas nas instalações?

R – É um pouco da luta que disse anteriormente e quando se conseguem, apesar do cansaço, as conquistas têm um sabor a vitória.

R – Há alturas que é agradável quando nós conseguimos mas depois é um cansaço diabólico, é um cansaço muito grande, é ofício para a frente é ofício para trás. Eu moro no P. e trabalho numa freguesia de B. mas que fica a meio caminho entre a cidade de B., onde está o agrupamento, onde está a Câmara Municipal e sempre que preciso de pôr uma carta no correio, ou ir à Câmara, ou ao agrupamento tenho que me deslocar cerca de 11 Km, no meu carro para tratar dos assuntos do J. I. É um cansaço muito grande e depois não é compensado, já não digo monetariamente, mas que a nossa luta por melhorar o J. I. seja reconhecida.

Por ex. há muitas crianças que não o frequentam porque os pais não podem ir buscá-las à hora de almoço, temos espaço para a cantina mas por mais que eu diga à Vereadora ... talvez seja um problema político e também porque não cria impacto no eleitorado ... e eu não aceito isto, mas é a nossa realidade.

(A3)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foi a dificuldade em resolver problemas de instalações, o que significa?

R – Toda a luta com a Câmara Municipal e o que mais me chocou era a facilidade com que diziam fecha-se o J. I., a educadora ganha o mesmo, até se resolverem os problemas, o facto das crianças ficarem em casa não fazia mal, daí eu achar que havia pouco reconhecimento da importância do J. I. no desenvolvimento das crianças.

(A3)

Q – E quando se refere à incapacidade da autarquia em desenvolver a componente sócio-educativa, o que significa?

R – Foi o que já disse atrás porque criar uma cantina por ex. não dá impacto eleitoral e a própria autarquia não conhece nem está, penso eu, muito interessada na especificidade do trabalho que se desenvolve no J. I. e do seu contributo no desenvolvimento das crianças.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior foram as relações com a autarquia, quer especificar?

R – Não, eu penso que há bocado já expliquei a situação, era uma câmara muito fechada.

R – Situações, sobretudo e pessoas também. É assim, realmente este contexto de trabalho foi muito interessante pelo facto de realmente ter que implementar um serviço que não existia na comunidade, mas que se teve, como ponto marcativo realmente à relação que se estabeleceu com a autarquia, eram pessoas muito fechadas, muito sensíveis até, e foi um bocado difícil lidar com elas, porque nós queríamos realmente arrancar com o J. I., porque fazia falta, tínhamos muitas inscrições, e eles queriam que nós começássemos, mas não queriam nem fornecer material, nem investir, queriam que nós trabalhássemos com mesas e cadeiras.

(A11)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações de trabalho e o trabalho desenvolvido com os diversos agentes educativos.	d) AXILIARES DA ACÇÃO EDUCATIVA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao papel / atitude da auxiliar e suas implicações no desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho no que teve de melhor o que significa esta boa relação com a auxiliar e crianças?

R – Pronto, pronto, foi também uma na situação da Madeira. Foi como eu já referi anteriormente, se não me der bem com a pessoa que tenho na sala, é difícil levantar-me e pensar, aí que seca, vou ter com uma pessoa com quem eu não me dou muito bem, não é. Foi como eu já referi anteriormente, acho que é fundamental haver um bom relacionamento entre a auxiliar que está a trabalhar connosco.

(A4)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o 3.º contexto de trabalho foi a auxiliar, já tinha auxiliar?

R – Tinha auxiliar tinha. Já estava mais integrada e era na vila, era no centro, já era diferente.

(A6)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foram as boas relações humanas e afectivas entre educadoras e auxiliares, o que significa?

R – Pronto as colegas que já estavam lá pronto já trabalhavam lá há alguns anos e realmente havia, já tinham conseguido essa relação e pronto continua connosco e foi bom porque isso favorece o ambiente de trabalho, favorece o bem estar, favorece a relação entre as pessoas e entre mesmo sentir que as crianças, as crianças mesmo que sentem quer dizer enriquece também o trabalho.

(A7)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INFª - ESCOLA DO 1.º CEB Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	a) ELOS DE LIGAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que valorizam a articulação / continuidade entre os dois contextos educativos.

Q – Quando pensa no 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi conviver com os professores de primeiro ciclo, quer especificar?

R – Sim, sim ,sim, sim, por essa troca, porque tirando a directora que talvez fosse uma figura mais complicada, mas os professores eram muito abertos e receberam-me muito bem e faziam muitas perguntas acerca do trabalho, sabiam muito pouco, porque já estavam ali há muitos anos e nunca tinham estado assim de perto com um Jardim de Infância , portanto achei que foi bom nessa medida também.

(A2)

Q – E o que significa neste 3.º contexto de trabalho as boas relações entre o J. I. e o 1.º ciclo?

R – Foram muito boas, como eu só tinha três meninos e o colega que estava no primeiro ciclo tinha oito e como a sala do primeiro ciclo não tinha muito material para trabalhar a nível das expressões, trabalhamos em conjunto e os meninos do primeiro ciclo sempre que queriam vir fazer pintura, recorte e colagem e as expressões mesmo para fazer dramatizações trabalhamos em colaboração e funcionou lindamente, porque eram muito poucas crianças no total eram 12, conseguimos funcionar muito bem.

(A5)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa trabalho em equipa?

R – Era, aqui neste caso concreto, mas é em qualquer situação acontece, é o trabalho, com a colega com quem se está, ou com as colegas com, **e o estar também com a escola primária também é fundamental** e ao fim ao cabo depois com todas as pessoas que estão envolvidas, porque também os outros elementos da comunidade, pois também estão integrados, não é?

(A11)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INFª - ESCOLA DO 1.º CEB	b) AUSÊNCIA DE LIGAÇÃO
Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que não atribuem importância a esta articulação e que se acomodam face à situação.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior foi a falta de pessoal para acompanhar os alunos do primeiro ciclo durante a refeição, o que significa?

R – Pronto, nós, portanto, isto era um Jardim construído de raiz, tínhamos uma cozinha, portanto, tínhamos também um refeitório. E a escola primária era relativamente próxima e havia crianças que, pronto, por variados motivos necessitavam, de almoçar lá no Jardim porque a escola não tinha cantina e então nós, pronto cedemos a vinda de dez crianças apenas do primeiro ciclo para almoçarem connosco, portanto nós tínhamos vinte e cinco meninos mais dez do primeiro ciclo, eram trinta e cinco, esses meninos vinham sozinhos, ficavam sozinhos, portanto não traziam ninguém para os acompanhar, nem professora, nem auxiliar. Isso como devem calcular, exactamente, tinha auxiliares e a nossa cozinheira que, pronto, eles portavam-se às vezes mal como é normal não é, e davam maus exemplos aos nossos meninos e eu não gostava muito disso e quando não gostavam, da comida por qualquer motivo diziam-no alto e faziam insinuações que depois os nossos aprendiam quando não deveriam não é, fazer isso.

(A1)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	a) PROXIMIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam aproximação do local de trabalho e lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a localização geográfica?

R – Sim, sim, era um meio também rodeado de tudo aquilo que nós costumamos precisar, nós que estamos habituados à cidade.

(A10)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª DISTÂNCIA	b) DIFICULDADES
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao impacto negativo, do ponto de vista pessoal e profissional, entre o local de trabalho e o lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior foi a distância casa - Jardim de Infância, aqui quantos quilómetros aumentaram?

R – Não, aí diminuíram, eram sessenta. Mas o trabalho em termos de cansaço também era exigente porque tínhamos duas horas de almoço, portanto eu entrava às nove e saía às quatro, nessas duas horas de almoço eu almoçava com as crianças e juntamente com os meninos também que tem do primeiro ciclo porque era muito difícil sair, para tomar um café, mas às vezes estava a chover e depois nas aldeias os cafés não são muito agradáveis.

(A1)

Q – Quando pensa no 3.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a distância residência - escola, cansaço das viagens, despesas em transportes, aqui já não teve despesas de alimentação?

R – Ah, Ah curiosamente nós fazíamos as refeições juntas com uma das professoras do primeiro ciclo, tinha um horário já não sei como era aquilo, elas cozinhavam para nós todas, portanto ela ia à loja comprava e depois dizia é tanto, mas aquilo dividido por todas não era quase nada e alguns pais ofereciam legumes e mais não sei o quê.

Penso que as outras características já estão explicadas.

R – É nitidamente menos agradável, que as duas anteriores. Porque o relacionamento com as auxiliares era mais difícil, os pais não estavam tão próximos, foi isso embora a autarquia eram muito colaborantes mas depois esses factores de distância não é?! Existiram não sei porquê?! Não me fez ligar tanto lá! Mas depois houve outro factor também, depois nesse ano também engravidei e portanto não tive lá até ao fim do ano. Isso também altera portanto as relações com as pessoas e também altera os humores.

(A2)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de pior foi estar a hora e meia de avião quer especificar?

R – Foi mais uma barreira a passar as viagens de avião, as aterragens no aeroporto que era pequenino, que são celebres.

O custo de vida lá que é extremamente alto, que me obrigou a ter mais capacidade de poupar e de fazer uma melhor gestão financeira do meu vencimento que não era maior do que era aqui, e foi, foi tudo isso foi o que era de pior.

E também o facto do isolamento da localidade, fazia-se sentir porque a localidade mais próxima era a 7 quilómetros e era uma subida íngreme e só tínhamos um autocarro que sai de lá às 6:30h da manhã à segunda feira e outro às 6:30h da manhã à sexta o que implicaria para quem quisesse vir para fora, implicaria ter que, ter que faltar a um dia de trabalho para poder sair dali, salvavam-nos as boleias porque desde os senhores do camião do lixo ao senhor carteiro a todas as pessoas que saíam da aldeia ofereciam boleia e toda a gente que estava na aldeia.

(A5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 3.º contexto de trabalho o que significa a distância para a reunião de núcleo. Tinha que andar muito era?

R – Aí era terras de B. ter que ir de camioneta e ficar lá horas e horas à espera e às vezes não apareciam, e não se fazia nada, porque aqui também havia isolamento, em que muitas pessoas não iam fazer um trabalho no G., eu tive de outra vez em rio do C. que era muito mais abaixo, Rio do C., quer dizer, não havia hipótese porque o isolamento continuava porque era uma distância muito grande não dava para receber grandes trabalhos de pareceria, não dava para fazer porque eram muito isolados uns Jardins dos outros.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 3.º contexto de trabalho o que significa a distância?

R É isso de que já falei anteriormente da distância, do espaço físico e dos horários, mas não há mais nada a dizer.

R – Foi os horário, de distância ligado aos horários, horários desfasados visto que eu como estava longe de casa apanhava transportes públicos tinha que, pronto, fazer as ligações e às vezes havia muitos tempos de espera e que tive que os preencher de alguma forma.

O espaço físico não era mais, aliás, entre mal ou melhor, soube aproveitar essas coisas negativas. Portanto, foi bom, o quando acontece alguma coisa de mal dá para contrabalançar, não é, porque não era um espanto, uma maravilha, que andávamos todos ali, há sempre coisas que pesam e isso é bom para nós crescermos e avançarmos e tive muitas. Lembro-me fui coordenadora vários anos no núcleo, cresci muito com as minhas colegas porque eu sou muito exigente e sou muito radical em muitas coisas, cresci em termos pessoais, crescimento interior e profissional, acho que crescemos sempre, a partir do momento em que estamos em contacto com outra pessoa crescemos, nem que seja para nos distanciarmos dela, pronto, mas afinei a minha forma de estar, a minha relação com os outros, e as pessoas também relativamente a mim, não é, porque estar à frente de um grupo, tive que saber gerir.

(A8)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO	a) RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais existentes.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de melhor o que significam as infra-estruturas?

R – Eram infra-estruturas que tinham tudo do bom e do melhor, desde o ar condicionado 24 horas ligado para estar a humidade a 65%, desde casas de banho com sensores para não espirrar só com uma pressão muito baixa para que os meninos não se molhem, sanitas muito baixas não é como estas que tem que se pôr um estrado para a criança chegar à sanita, era tudo muito colorido: amarelo, azulão, as salas jogavam com as cores uma era cor de rosa com vermelho, outra era verde alface com outra cor, eram combinações e todos os anos pintavam, existia sempre uma harmonia nas cores.

Materiais importados da Suécia, da Alemanha, da América fabulosos mesmo, não posso esquecer porque aquele material para que a criança aprenda, se desenvolva a parte cognitiva.

Um ginásio encerado ou seja envernizado com tudo o que é material desde pára-quedas, desde os bancos suecos ao pelintro, a tudo tudo tudo.

Uma sala para música com apoios com um jardim, aqui posso-me queixar um bocadinho porque era relva artificial porque senão apodrecia com a humidade.

Tínhamos cá fora castelos, casinhas, caixa de areia, piscina para uma parte do tempo os meninos se banharem e estarem frescos, tintas da Pentel japonesa, cada frasquinho pequenino custava mil e tal escudos que podíamos gastar 20 ou 30 por dia, material nunca disse que não e o material fazia-se questão de ser do melhor, isto nunca posso esquecer na minha vida porque era assim que eu gostaria de ter um J. I.. Agora aqui no nosso país nem sombra de nada.

Era tudo bom desde materiais de desgaste, a materiais didácticos, de instalações com vídeo porteiro, tudo, nós estávamos no ginásio e estávamos a ver quem estava a entrar pelo monitor, na mini televisão que havia no ginásio, era tudo como deve ser eu lembro-me de vir uma cadeia alemã fazer uma reportagem, um ano antes da transferência de Macau para a China, e de ficar fascinada. Eu visitei muitos J. I. na Alemanha e que são de uma qualidade, lá era proibido ter um J. I. como este onde eu estou aqui em Portugal.

Tínhamos uma óptima cantina, não é como aqui que os meninos comem e dormem nas salas, num vão de escadas faz-se um prolongamento, não ... Havia uma biblioteca com milhares de livros que foram de Portugal para lá, era um espaço interactivo com roupas, com fantoches para aplicar e dinamizar as histórias.

Às vezes penso que vivi um sonho e agora penso que vivo num pesadelo.

(A9)

Q – Quanto ao seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior penso que já explicou o que significava ter muitos adultos, o clima e a instituição ser muito grande, quer acrescentar mais alguma coisa?

R – Não, apenas dizer que as instituições devem ser pequenas e afectivas para se tornarem espaço afectivo, não gosto muito... Em Macau, era grande, porque era o único de língua portuguesa e portanto todas as crianças filhos de portugueses iam para lá e também os

chineses ou timorenses ou outros que queriam a transferência para Portugal e também porque era uma escola gratuita.

R – Era uma instituição com 20 salas de J. I., 20 educadoras, 20 auxiliares, 20 serventes, mais uma secretaria, era às vezes um pouco incomodo ter uma reunião, que nunca mais se saía dali, mas não negativo, era mais complicado.

R – Não é assim tão mau, não chega a ser desagradável. Talvez o clima, que em Macau é tórrido, quente e húmido sempre, sempre, 24h por dia mas ao fim de uns anos estamos climatizados, também não chegou a ser negativo para mim mas para outras pessoas foi.

(A9)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a mudança de instalações a meio do ano?

R – Sim, porque isso afecta, há toda uma adaptação da parte das crianças aos materiais e à parte física e ao espaço, isso de algum modo vai perturbar, até as pessoas se sentirem, as crianças se sentirem novamente bem e eu como educadora também senti isso.

Além da questão da mudança do carregar a tralha, o mais preocupante é o voltar a gente adaptar-se, afeiçoar-se e a adaptar-se.

(A10)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	b) ESCASSEZ DE RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais inexistentes.

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho o que teve de pior foi: o estar longe de casa, na Madeira; más condições físicas e também lutar com muitas dificuldades económicas, quer especificar?

R – Sim, pronto, porque tinha que me deslocar, pagava muito de taxi e as viagens e o nível de vida era muito caro. E também eu aí, pronto, porque eu já tinha estado um ano na Madeira, no primeiro ano gostei imenso, naquele ano tive que ir para não perder tempo de serviço e daí o não estar tão preparada para ir, porque já estava habituada a estar aqui no Continente custou-me dar o salto outra vez para lá. Pronto daí ter-me custado um bocadinho mais, embora eu já conhecesse o lugar, portanto já era um meio familiar.

R – Aí, foi um ano muito complicado para mim, porque embora eu já tivesse estado na Madeira, mas tinha estado numa situação muito mais agradável. Aqui, pronto, quando eu falo que estava com muitas dificuldades a nível económico, eu tinha que me deslocar do sítio onde vivia para o local de trabalho e acarretava muitas despesas. É uma imagem muito dispendiosa e foi um ano muito muito complicado.

E se não fosse realmente a parte afectiva, não me afectou tanto as más condições do Jardim, pronto, porque isso são situações que a gente tenta ultrapassar e tenta melhorar. E se não fosse a boa relação que tinha com a auxiliar, com os pais, com a comunidade, se calhar não tinha conseguido aguentar até ao fim o ano lectivo.

(A4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o 3.º contexto de trabalho o que significa espaço era muito degradado?

R – Aquilo era uma escola muito velha, tinha uma família a viver da parte de baixo, era tudo muito degradado, paredes de estuque, chovia lá, casa de banho de adultos, mas era um espaço amplo com muita luz.

(A6)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de pior foram os espaços exteriores e interiores mas que não considera obstáculos porque neste ano só ficaram boas recordações.

R – Já que os espaços exteriores e interiores não dependem de nós, por isso as características boas superam as piores.

R – Pois este contexto de trabalho não era propriamente mau, tinha algumas condicionantes, pronto, que não era tão bom como o anterior, mas isso acabou por não me fazer sentir que era desagradável não, porque realmente nós trabalhávamos em conjunto e pronto resolvíamos as situações e, pronto, a relação de amizade, de profissionalismo e de recuperação fez ultrapassar todas as situações e acabou por não ficar imagem negativa nenhuma.

(A7)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a exiguidade de materiais?

R – Significa que as verbas eram quase inexistentes e portanto os materiais eram muito, muito poucos.

(A10)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa os poucos recursos económicos?

R – Que eram flagrantes os recursos económicos.

Q – Além da verba mínima (doze mil escudos) do Ministério, que vinha uma vez no ano, não havia mais nada?

R – Eu creio que as famílias contribuíam com um donativo muito, muito pequeno.

A verba que vinha do Ministério ainda tínhamos que ir à Porto Editora ou à Olmaca de São João da Madeira que éramos obrigadas a comprar lá o material, havia obrigatoriedade de comprar o material nestas livrarias.

(A10)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5.ª NOVOS DESAFIOS Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à tomada de consciência sobre novos campos do exercício profissional e sobre as exigências, dado os apelos exteriores.	

Q – Quando pensa no 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi abrir um Jardim de Infância novo, quer especificar?

R – Era portanto, tinham acabado de construir um J. I. e só tinha paredes não é?! E era a primeira vez que ia funcionar naquela aldeia, portanto o presidente da junta não percebia nada de educação de infância e chamou-me e disse olhe: eu vou começar a pôr as mesas e as cadeiras portanto depois já pode trabalhar. E eu acho que foi engraçado, foi precisamente por isso porque eu tive que lhe explicar que não era assim que funcionava o J. I. ,o que se é que se pretendia com um J. I. e depois então ele mandou-me desenhar todo o tipo de móveis que eu precisava, foi muito engraçado eu a desenhar, alguns até exemplifiquei com caixas e percebeu, e quando não percebia ia lá perguntar, lá está eu com as autarquias por acaso tive mais ou menos sorte não é?!

(A2)

Q – Quando pensa no 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foi o seu imprimir o seu próprio cunho pessoal e bem marcado, não é?

R – Pois porque foi um bocado, imagine eu a desenhar os móveis, eu a programar as coisas conforme é a minha visão não é? Porque se fosse outra colega concertiza podia dar um outro empurrão doutra maneira, eu dei o meu.

Estava só, ainda por cima estava no espaço da escola do primeiro ciclo e a par dessas explicações todas tive que as dar também às auxiliares e também às professoras do primeiro ciclo, também não sabiam muito bem como é que aquilo funcionava e depois achavam que tinham que dar os seus pareceres e que eu tinha que fazer assim e assim e assim, era tudo ordens delas, nomeadamente a directora do primeiro ciclo, que me entrava pela porta dentro muitas vezes e achava que eu tinha de a atender logo e essas coisas todas.

(A2)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho o que quer dizer a autonomia pedagógica?

R – Quer dizer ser eu própria a gerir o espaço, as actividades, a decidir e a trabalhar segundo a minha filosofia, a ser eu como pessoa e como profissional, sem estar limitada às posturas, como aconteceu nos outros contextos.

(A3)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho disse que o que teve de melhor foi a integração de uma criança com paralisia cerebral no grupo e a experiência muito positiva e enriquecedora de pela primeira vez e única trabalhar com um grupo de 15 crianças, a criança adaptou-se bem ao grupo?

R – Adaptou-se, eu no início tive um pouco de receio era a primeira vez que ia trabalhar com uma criança deficiente mas pronto ela foi extraordinária, eu é que aprendi imenso com ela, porque ela tinha uma força de vontade tão grande que surpreende, porque ela queria fazer tudo sozinha e tanto tentava que era capaz, os amigos aceitaram-na muito bem, muito

bem e ajudavam-na e gostavam imenso dela e todo o trabalho que se fez à volta foi muito bom e ela própria nos surpreendia com os progressos e vontade de querer fazer mais.

Q – Foi uma aprendizagem diferente para o grupo?

R – Sim, sim.

Q – E como foi aceitar a diferença?

R – Sim, aceitar a diferença, sim, mas eles aceitam, por isso cada vez mais estou convencida que as crianças aceitam muito melhor a diferença do que nós adultos, têm uma facilidade maior.

(A7)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa a implementação da rotina do Jardim de Infância?

R – Pois, aqui, foi a, o que teve de pior realmente esse contexto de trabalho foi essa questão, é assim, portanto era um serviço para o qual as pessoas não estavam preparadas, portanto pensavam que o Jardim de Infância era uma preparação para a escola primária, as crianças depois iam para a escola primária, para o Jardim de infância e aprendiam as letras, aprendiam a ler, e portanto era óptimo, quando chegassem à escola primária já levavam a escola primária feita, portanto, foi nesse sentido. Foi difícil fazer perceber aquela comunidade que o Jardim de Infância era um espaço para os meninos crescerem e se desenvolverem e que se calhar o aprender a ler e a escrever tinha o seu tempo, foi muito difícil e só conseguimos ao fim de um trabalho de um ano inteiro. Os pais depois perceberam realmente que era importante por exemplo sujarem os, as mães em princípio não gostavam que os filhos fossem com a bata suja para casa, a bata era para não sujar, e demorou tempo a perceberem que era importante, que o irem sujos para casa significava que tinham trabalhado, que tinham mexido na terra, que tinham mexido nas tintas, que tinham brincado, que era para isso que eles lá estavam, não é, mas tivemos, inclusivamente tivemos, portanto, nós fizemos um trabalho, a escola era novinha em folha, era óptima, essa aí tinha boas condições físicas, era uma escola integrada, portanto tinha Jardim de Infância, escola de primeiro ciclo e tinha também um ginásio óptimo, era uma escola muito boa em termos físicos, e portanto nós fizemos um trabalho muito interessante, um dos nosso projectos era manutenção da limpeza dos recreios, a plantação de flores, pronto, um ajardinamento e então, um dia fizemos um trabalho muito engraçado, andamos com os miúdos, decoramos os baldes do lixo e andamos a apanhar papeis do recreio pronto para incutirmos um bocado essa necessidade nas crianças e então aí, foi por acaso, a nossa colega embora não exercesse, não estava, já não exercia, portanto tinha trabalhado um ou dois anos e aí tinha dedicado à família e então veio-nos dizer que o marido achava que a filha não tinha nada que ir para a escola e estar no recreio, para isso é que existiam empregadas de limpeza, portanto, e demorou, mesmo estas pessoas.

Por isso demorou, realmente as pessoas demoraram um ano inteiro a perceber o que era o trabalho do Jardim de Infância, rotina é nesse sentido, portanto as actividades que se desenvolvem habitualmente no Jardim de Infância, não uma rotina rotineira, realmente as actividades que se fazem sempre repetitivas.

(A11)

Q – Quando pensa no seu 3.º contexto de trabalho que teve de pior o que significa o trabalho com outros professores?

R – Foi nesse sentido, quer dizer, que teve, foi uma situação agradável e desagradável ao mesmo tempo porque, lá está, era a primeira vez que também funcionava como uma escola básica integrada, portanto os professores do primeiro ciclo não estavam minimamente preparados para isso e fizeram alguma resistência, nomeadamente eles no princípio do ano não queriam que nós deixássemos os pais entrarem na escola, porque achavam que se os pais entrassem na escola que estavam a interferir no trabalho deles e no nosso, portanto e

não perceberam que o pai de uma criança de três anos tem que entrar dentro da sala para ver se a filha ficou lá ou não, não deixar à porta da escola, portanto foi nesse sentido que eu referi como um assunto menos importante mas que depois se mostrou agradável no final.

(A11)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	a) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM OS PAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam o trabalho pedagógico e o relacionamento com as crianças e com os pais.

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as crianças, o significado é o mesmo que tem lhes atribuído?

R – Sim as crianças são muito importantes.

(B2)

R – Penso que já falei o essencial na 1.ª parte da nossa entrevista, assim como em relação às características que este 3.º contexto teve de pior. Os aspectos positivos superam os negativos, por isso é que continuo, ainda, nesta instituição.

R – É assim se formos a ver isso aí é mais se calhar muito com os pais da minha sala são mais experiências negativas infelizmente que tive com pais doutras salas não é?! E se calhar o que eu aprendi hoje dia foi se calhar não foi o meter-me se calhar sei lá assim nas regras tipo de entrar até às 9:30h, quer dizer eu com os meus pais conseguia lidar não é?! E se calhar eu chamava a atenção aos outros pais e quer dizer eu por outro lado devia fazer porque sou educadora mas os outros pais não compreendiam e se calhar eu chamava mas havia educadoras doutras salas que não chamavam, quer dizer eu era a má e então eu preferi principalmente com certos pais e disse à directora que acabou, só respondo pela minha sala, em relação aos outros não quero saber e outros problemas tipo, outros pais, uma pessoa até quer ser simpática e ouvi coisas que não quero mesmo por amor de Deus, ainda não vou deixar mesmo, já superei com esses pais, uma pessoa tem que ser profissional, fala-se o essencial e tenta-se ser simpático mas também arrumou, acabou, só até ali, tem que ser infelizmente com certos pais a maior parte tem que ser assim uma distância.

(B4)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	b) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as relações de amizade, de partilha de saberes ocorridas nas instituições.

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as colegas, o que significa?

R – As colegas eram um suporte, eram amigas mesmas.

(B2)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de pior foi a adaptação, quer explicar em que aspecto ?

R – Foi um bocadinho, custou um bocadinho, porque quer dizer, a adaptação custou-me porque é assim as pessoas já trabalhavam aqui há muito tempo, já estavam juntas há muito tempo, já tinham vincos de amizade e eu apareci assim não é! Novita, um aspecto mais nova do que eu tenho, cheia de vontade mas também custou um bocadinho mas, mas como sou um bocado social.

Não foi a adaptação com crianças, foi a adaptação com os adultos.

(B2)

Q – Quanto ao 3.º contexto de trabalho, que é onde se encontra actualmente, tem a proximidade do local de habitação uns 5 minutos, o horário também das 9 horas às 16,30, a equipa de trabalho, penso que também já explicou quer contudo acrescentar outras coisas?

R – Penso que já falei o essencial na 1.ª parte da nossa entrevista, assim como em relação às características que este 3.º contexto teve de pior. Os aspectos positivos superam os negativos, por isso é que continuo, ainda, nesta instituição.

R – Específico quando vim para aqui já conhecia 3 educadoras, 2 mais tinha uma relação mais próxima, as outras duas estavam assim mais distante, foi bom trabalhar com pessoas que já se conhecia, que já se tinha uma relação extra.

Foi giro a proximidade 5 minutos de casa aqui.

O horário é muito bom 9/4:30h quem dera a muita gente não é?!

R – As instalações porque lá está, eu vinha do infantário, posso dizer ideal, cheguei e deparei-me com uma antiga e velha casa, actualmente são óptimas as instalações.

Em relação ao relacionamento com algumas colegas pronto no início foi assim um bocado, com algumas assim um bocado, foi preciso limar arestas se calhar com essas que de início não me dava muito bem, neste momento estou-me a dar muito bem com elas e se calhar com outras piorou por motivos pessoais, não profissionais, por motivos extras.

(B4)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 3.º e actual contexto de trabalho foi os colegas do ATL, o que significa, em que é que eles foram de melhor?

R – Exactamente pelas razões ... se calhar eles perceberam muito bem porque andavam sem espaço, sem nada, só se tinham uns aos outros e já trabalhavam juntos há muito tempo. Eles estavam à espera que viesse alguém mandar neles, porque eram todos auxiliares, tinham todos a mesma categoria e achavam que ninguém podia dar ordens. E o que é que eles faziam: os trabalhos de casa com os miúdos, uns jogos de futebol e um folclore, este folclore era para as meninas e para alguns meninos que quisessem. Eles

estavam à espera que alguém viesse mandar neles porque eu era educadora. Pronto, eu quando entrei, encontrei o Pedro que me pôs muito à vontade, foi espectacular e avisou-me logo: são pessoas espectaculares, mas são pessoas que trabalham aqui já há muito tempo e têm vícios e alguma resistência à mudança porque arranjam sempre qualquer argumento para não fazerem, mas eu acho que tu vais conseguir porque as pessoas querem trabalhar mas não estão para se esforçar muito.

E, pronto, de início formamos uma equipa e como estávamos perto da cozinha começamos a fazer culinária, também não era preciso muito espaço para fazer bordados ... aproveitamos aquele espaço com aquelas mesas e cadeiras para fazermos ali dentro. Tínhamos é que estar à espera que todos acabassem de fazer os trabalhos de casa mas eles como estavam motivados faziam-os depressa. Depois fizemos também um clube de teatro, que utilizávamos o pavilhão das festas, fui dando ideias e os auxiliares acabaram por participar activamente.

(B6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 3.º e actual contexto de trabalho foi a 1.ª experiência em ATL, foi boa porquê?

R – Foi rica por isso, porque eu não fui líder nenhum, foi mais uma pessoa que veio trabalhar com eles. Embora eles tivessem à espera de uma pessoa que viesse mandar neles, isso nunca aconteceu e foi aí que eles acharam piada e foi aí que formamos uma equipa e também muito com o apoio do Pedro, porque tanto ele como eu pensávamos na mesma linha. Cada um contribuía com aquilo que tinha de melhor, por ex. já existia o folclore e as crianças continuaram com a auxiliar, que tinha muito jeito e ainda hoje existe, ela teve medo que eu fosse mandar, que fosse uma rival mas não.

(B6)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam as relações no desenvolvimento do trabalho com as crianças, pais, colegas e com as Direcções.	c) RELAÇÃO COM A DIRECÇÃO DA INSTITUIÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as directrizes hierárquicas que intervêm no desenvolvimento do trabalho das educadoras e nas suas atitudes / posturas profissionais, quer pela positiva, quer pela negativa.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o seu 3.º e actual contexto de trabalho foi a educadora-coordenadora, porquê esta referência?

R – Foi a minha grande referência quando cá entrei porque eu estava à espera de uma Directora com poupo na cabeça, óculos na ponta do nariz e entrei pelo gabinete dentro numa casa velha, porque o edifício antigo era uma casa velha, e também nunca pensei que entrasse porque vinha de longe e uma instituição como esta só devem entrar por cunhas e não me vão querer. Porque quem me tinha avisado era uma amiga que telefonou para cá a dizer que tinha uma amiga desempregada e a Directora disse-lhe para trazer o curriculum e na hora fazia a entrevista. E eu cá vim de curriculum na mão, fez-me a 1.ª entrevista, depois passei para a final e fui assim seleccionada. A coordenadora foi uma pessoa que me acolheu muito bem mesmo em relação às outras colegas porque eu tinha horário diferente, que o ATL era um bocado visto como os sem abrigo, eram os maus cá do sítio, eram os que entravam a correr e faziam todas as patifarias e mais algumas. As pessoas do ATL acabam por não ter muita ligação com os outros profissionais porque eram horários completamente desfasados. Depois eu vim como educadora e quis fazer parte dos encontros delas, isto para haver alguns feedbacks, a pessoa que me deu mais apoio, mais conforto foi a Directora, ia comigo tomar café, coisa que as outras pessoas não faziam, acabei por me ligar mais a ela no início, também ela era o meu ponto de referência além dos colegas do ATL.

(B6)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	a) ESPAÇOS FÍSICOS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam quer pela positiva, quer pela negativa os edifícios que são utilizados para o desenvolvimento das actividades com as crianças.

Q – Quanto ao 3.º contexto de trabalho, que é onde se encontra actualmente, tem a proximidade do local de habitação uns 5 minutos, o horário também das 9:4,30, a equipa de trabalho, penso que também já explicou quer contudo acrescentar outras coisas?

R – Penso que já falei o essencial na 1.ª parte da nossa entrevista, **assim como em relação às características que este 3.º contexto teve de pior.** Os aspectos positivos superam os negativos, por isso é que continuo, ainda, nesta instituição.

R – As instalações porque lá está, eu vinha do infantário, posso dizer ideal, cheguei e deparei-me com uma antiga e velha casa, actualmente são óptimas as instalações. Em relação ao relacionamento com algumas colegas pronto no início foi assim um bocado, com algumas assim um bocado, foi preciso limar arestas se calhar com essas que de início não me dava muito bem, neste momento estou-me a dar muito bem com elas e se calhar com outras piorou por motivos pessoais, não profissionais, por motivos extras.

(B4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 3.º contexto de trabalho foi as instalações onde funcionava o ATL, como eram?

R – Era o refeitório e o pior espaço que a instituição tinha. Dar abrigo a 60 crianças quando era o refeitório onde eles comiam, faziam os deveres, faziam tudo.

(B6)

Sistema Categorical – “3.º Contexto de trabalho” no sector privado

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO	b) RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS
Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos espaços, às remunerações, ao pessoal docente e não docente e à localização geográfica.	Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam as condições humanas, remunerações, horários de trabalho e localização.

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de melhor foram as melhores condições de trabalho, quer especificar?

R – As melhores condições de trabalho passa a ser, o quanto mais não seja, contar tempo de serviço não é? porque até este contexto não me contou. E também por melhor salário, as instituições onde eu estive anteriormente nem chegava ao ordenado mínimo, portanto não podia descontar, não contava nada.

(B2)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de pior, o que significa, este muito longe?

R – Muito longe!! É ser mais longe não é, do que estava habituada eu moro no P., agora, tenho carro é mais fácil.

(B2)

Q – No seu 3.º contexto de trabalho o que teve de pior, o que significa, as instalações?

R – As instalações é assim, eu pus em último porque nós estávamos não eram estas, não é, mas é assim eu sinceramente vou dizer, neste momento tenho saudades das instalações antigas, porque estávamos mais unidas, acho que esta casa assim, acho que o projectista quando faz uma instituição destas deve ter o cuidado de não isolar, devia ter esse cuidado, eu acho que nesta instituição não houve esse cuidado, há um isolamento que não havia lá em cima, as pessoas estão muito por elas, estão mais separadas, pronto e eu noto isso, porque nós antigamente, naquela casa ali em cima, fazíamos brincadeiras que nem imagina só porque estávamos muito juntas e depois juntávamos todas na mesma sala e fazíamos uma borga enorme, percebe?, o que não acontece agora, agora não há borgas, tem tudo o seu espaço, faz tudo certinho, eu gosto de borgas e não há aquela camaradagem que havia porque as pessoas estão mais separadas, ainda não percebi, nós estamos aqui desde Novembro, se calhar ainda é uma adaptação, não sei mas que mas não sou só eu que digo, se perguntar a toda gente daqui toda a gente lhe responde que tem saudades da casa de cima.

(B2)

Q – Quanto ao 3.º contexto de trabalho, que é onde se encontra actualmente, tem a proximidade do local de habitação uns 5 minutos, o horário também das 9:16,30, a equipa de trabalho, penso que também já explicou quer contudo acrescentar outras coisas?

R – Penso que já falei o essencial na 1.ª parte da nossa entrevista, assim como em relação às características que este 3.º contexto teve de pior. Os aspectos positivos superam os negativos, por isso é que continuo, ainda, nesta instituição.

R – Especifico quando vim para aqui já conhecia 3 educadoras, 2 mais tinha uma relação mais próxima, as outras duas estavam assim mais distante, foi bom trabalhar com pessoas que já se conhecia, que já se tinha uma relação extra.

Foi giro a proximidade 5 minutos de casa aqui.

O horário é muito bom 9h às 16,30 quem dera a muita gente não é?!

(B4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 3.º contexto de trabalho foi o horário reduzido (3h30m por dia), era depois do horário normal da escola?

R – Era, eu entrava às 15h30m e ficava com eles até às 19h.

(B6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o seu 3.º contexto de trabalho foi a viagem de 150km diários, como aspecto negativo?

R – Exacto, eu não tinha nada para fazer, entre estar em casa sem fazer nada e ir fazer a viagem de comboio, é lógico que eu preferia fazer a viagem.

(B6)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	a) ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam os modos de organização de trabalho que facilitem um melhor desenvolvimento das crianças e da comunidade em geral.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de melhor foi o trabalho organizado, o que significa?

R – Eu quando cheguei, portanto eu fiz uma substituição em Dezembro, fim de Novembro que se prolongou até às férias, ao início das férias de Natal, que a colega estava bastante cansada e meteu um atestado e eu fui substituí-la, quando cheguei à sala, vi que realmente a sala tinha uma organização de trabalho fantástica e eu olhava para os placares e via qual era a sequência de trabalho, as rotinas que existiam, o trabalho que já tinha sido feito, o que se ir fazer, portanto estava tudo muito planificado, muito organizado, talvez um bocadinho escolarizado mas, atendendo ao nível das crianças, portanto eram crianças da cidade, praticamente, que realmente já têm uns conhecimentos que lhes permite, portanto avançar, o primeiro impacto foi logo agradável, depois no dia a dia verifiquei que as coisas desenrolavam muito bem.

Depois vim-me embora, fiquei durante o mês de Janeiro todo em casa e no fim do mês fiquei colocada num outro Jardim aqui em V. também que já não aconteceu precisamente a mesma coisa, foi o contrário, tive um choque muito grande, porque cheguei à sala, em fim do mês de Janeiro, olhei para as paredes e não vi nada, ninguém me disse nada, as crianças, eu comecei a ver que eram crianças muito agitadas, que não conseguiam, manter-se caladas e quietas um mínimo de tempo pelo menos naquele início da manhã onde há o acolhimento, onde a gente decide o que vai fazer, verifiquei que não havia rotinas, ou que as rotinas não eram cumpridas, que as crianças não estavam minimamente interessadas em trabalhar, estavam interessadas sim em brincar e em fazer o que elas queriam, isso chocou-me porque eu de certo modo tive que agir, tentar pronto fazer um trabalho, eu sabia que ia ficar um mês, não quis mexer muito no tipo de trabalho, mas eu tinha que fazer alguma coisa, portanto, e tive que alterar algumas regras de jogo e isso não caiu bem aos meninos e também às colegas, principalmente à directora do Jardim onde eu estava e eu isso também achei muito mau porque para quem vai substituir é muito desagradável e muito delicado, é, mas entre o não fazer nada ou o deixar andar eu preferi agir.

(A1)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de melhor foi trabalhar num Jardim de Infância com vários lugares, aqui já não estava sozinha, quer especificar?

R – Não, estava com mais três. Era trabalhar numa escola onde há outras salas também de Jardim de Infância, não havia primeiro ciclo, é muito mais agradável, porque a pessoa pode trocar, lá está, as tais impressões e as pessoas estão ali muito mais próximas.

Existiu algum trabalho de equipa.

(A2)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de melhor foram as reuniões de pais, quer especificar melhor o significado das reuniões de pais?

R – Porque como eram 4 salas, as reuniões de pais eram muito grandes, eram com muita gente, muita afluência, eu nunca tinha estado assim com tanta gente e achei que foram

muito interessantes, porque apesar de ser muita gente, nós fizemos várias reuniões de pais e foi muito proveitoso e compreenderam o trabalho que nós fazíamos e programamos muita coisa juntos nessas tais reuniões de pais.

(A2)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro contexto de trabalho o que significa o apoio educativo?

R – Eu nunca trabalhei com alguém do apoio educativo, tinha péssima impressão das colegas do apoio educativo, embora tenha amigas que acho competentes, felizmente é uma delas que eu a apanhei e que porque não se restringiu e acho que é esse mal as pessoas sectarizam a sua actuação profissional eu só faço isto com esta criança e eu acho que as colegas do apoio devem estar integradas, o estar integradas o que é que significa? É o estar lá em cima, estar integrado no grupo do trabalho e participar mas também que a colega do regular, eu não gosto nada desse nome, que permita isso que às vezes há, quando se estou falar no apoio educativo também falo nas outras colegas que são titulares do grupo não é, também não deixam é isso, mas foi muito interessantes porque a colega estava lá quase sempre porque eu tinha uma criança que tinha de passar as informações através da língua gestual para o menino a maior parte das vezes e dava apoio a outros meninos que precisava e estava integrada no grupo e participou com os seus saberes.

Q – E tu com os teus?

R – Exactamente e as crianças com os delas.

(A8)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro contexto de trabalho o que significou esta parceria educativa?

R – Fomos um grupo muito bom, eu, a colega de apoio e a colega da outra sala. Foi mesmo parceria educativa, pronto e eu acho que a parceria educativa diz tudo.

(A8)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de melhor o que significa o trabalho em equipa?

R – A instituição era isolada, mas dentro da instituição funcionávamos muito bem em equipa. Planeava-se, tínhamos objectivos comuns, éramos várias salas, várias educadoras, várias auxiliares e havia uma grande articulação entre as diferentes salas e as diferentes pessoas.

(A10)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa, o projecto desenvolvido?

R – Este aqui concretamente foi o projecto que realmente que nós desenvolvemos com a comunidade e portanto intervenção comunitária que foi fundamental para conseguirmos realmente sobreviver às adversidades do contexto.

(A11)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	b) NOVA GESTÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à mudança do modelo de gestão para agrupamentos.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de pior foi o excesso de trabalho burocrático?

R – Pronto nós como estamos, este Jardim de Infância está numa escola de primeiro ciclo, temos uma cantina e partilhamos uma carrinha que depois o pagamento dessa cantina e dessa carrinha era feito às educadoras, as educadoras tinham que fazer as contas e entregar o dinheiro às professoras do primeiro ciclo e pagar às senhoras das carrinhas, portanto havia mapas de leite para fazer, havia ofícios para pedir reparações à Câmara, que por vezes tinha que se mandar vários ofícios para poderem para virem reparar, porque à primeira vez não vinham portanto havia como estamos num agrupamento isso traduz-se em muito papelada, muita burocracia.

Q – O facto de estar em agrupamento não reduz a burocracia?

R – Não, não, pelo contrário aumenta e complica, eu acho.

Q – O agrupamento não tem uma secretaria para eles tratarem de tudo?

R – Não, eles inclusivamente uma coisa que suscitou um certo foi as faltas, a secretaria mandou-nos uma mapa de faltas que nós teríamos que preencher à medida que íamos faltando no Jardim e depois entregar no final de cada semana um mapa com as respectivas justificações, isso traduzia-se numa confusão e crescente de trabalho portanto isso gerou logo uma situação de conflito numa reunião de conselho de docentes, umas colegas que não se importavam de preencher mas outras já se importavam pronto enfim...

(A1)

Q – No outro contexto de trabalho que teve de melhor disse que foi o acolhimento no meio isolado (serra do ^a) quer especificar?

R – Acabou por ser, este foi um acolhimento assim fantástico porque quando eu cheguei ao agrupamento de escolas descobri uma grande parte dos professores que lá estavam a trabalhar tinham sido meu colegas de curso ou antes ou depois era malta conhecia, era tudo essencialmente gente que tinha tirado o curso na U portanto todos com a mesma metodologia de trabalho, todos muito voltados para o mesmo, fui bem acolhida foi muito bom ter trabalhado com eles; esse companheirismo eu sou uma felizarda porque fui encontrando ao longo da vida sempre escolas onde isso tem acontecido nunca houve um sítio onde eu não fosse bem recebida.

Q – E isso contribui para a sua maneira de trabalhar?

R – Ah ... eu acho que é muito importante porque se uma pessoa está bem e se é bem recebida de certeza que tem mais vontade de trabalhar e trabalha com mais estímulo.

(A5)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa o agrupamento vertical?

R – É o facto de englobar o pré-escolar e os outros ciclos, pode vir a permitir a articulação entre todos, para já a única coisa que funciona em comum é a secretaria e cada um trabalha para o seu lado.

(A6)

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro contexto de trabalho o que significa o agrupamento?

R – O agrupamento.

Q – Explica-me o agrupamento é horizontal ou vertical?

R – Horizontal, com muita prepotência à mistura, com falta de conhecimento e com a não aceitação das opiniões das pessoas.

Q – E aceitam as educadoras?

R – Aceitam as educadoras, eu também tive azar porque eu estou em G. há quatro anos e vim de outro Jardim de Infância para este, onde estou agora tem agrupamento, há para aí, acho que lhes deram más referências minhas ao pessoal e eu estava na defesa, só que comigo é assim, eu as coisas que tenho a certeza sou interventiva e reivindicativa e onde estava, também nestas coisas, aquelas coisas todas que eu dizia que as educadoras eram e acho que deviam ser às tantas acho que deviam ser, acho que toda a gente não se deve calar quando tem razão e então quando nos estão a dizer uma coisa que eu acho que não está correcta e que eu leio, e sei que as coisas são assim, e o que nós temos sido até agora é muito autónomas e os agrupamentos estão-nos a aprisionar muito.

Q – Estão a reduzir a liberdade de acção?

R – E não nos têm trazido, o que é que eles nos iriam trazer era mais a nível de organização de gestão, passar a parte da gestão para eles, aquelas coisas que nós fazíamos todas e tal, papelada, faço tudo na mesma, estás a perceber, isto é puramente fictício, é incrível é mais trabalho a nível, porque há mais reuniões, eu não me queixo porque até gosto de reuniões, gosto imenso de estar nas reuniões, e gosto de mandar bastantes bitites, e acho piada estar a falar com as pessoas, há pessoas que não gostam, eu gosto, pronto, e vou e gosto e normalmente estou em cargos de coordenadora.

Q – Aqui ocupa algum cargo neste agrupamento?

R – Sou coordenadora do conselho do centro pré-escolar e faço parte do pedagógico, do conselho pedagógico. Pronto, a parte do executivo entrei em litígio por várias razões, primeiro porque ofereceram-me um com coordenador do estabelecimento que não o era, e que queria mandar em mim. Ó pá, isto é assim, somos parceiros, seja lá ele quem for, até o ministro da educação é meu parceiro se não tiver razão também não tem, pronto, e à que ter respeito pelas pessoas, e não é por ser presidente do executivo que vem berrar comigo, está lixada porque eu passo-me logo, fico logo danada, e pronto. O respeito nem está, nem é a gente tratar-se por você, não está em tratar-se, está em respeitar mesmo as colegas e ver se tem ou não tem razão, é chegar, eu não porque as pessoas depois têm-me um certo receio dessa minha cara, porque às vezes tenho uma cara muito chateada muito por falar, mas exageram, porque são naqueles casos que ficam muito afubadas, isto é assim, as colegas do primeiro ciclo e mesmo nós os educadores de infância não temos currículo a nível de gestão, fazemos uma gestão muito caseirinha, pronto, quem fazia a maior parte da gestão eram as Delegações Escolares e não sei o quê, com isto ganhamos as pessoas que estão nos executivos que são realmente do primeiro ciclo e do pré-escolar ficaram com grande peso, não é, e muitas vezes saem inseguranças. E quem faz essas inseguranças, perguntas demais às vezes as perguntas incomodam, não incomodam, a gente costuma-se dizer quanto mais se baixa mais se te vê o rabo, não é, pronto, há certas coisas que não se perguntam, há coisas que não se perguntam, lêem-se e não sei o quê, a submissão não é boa para ninguém porque nós sabemos que há dados que as pessoas, é assim não é? Pronto e houve ali uns rame rame que teve que se acertar umas coisas tive que ir à lei, tive que ir ao sindicato e fomos afinando mas desgastei-me mas ganhei-as, pronto também só entrei para elas porque achei que era possível fazer portanto foi muito mal, ainda agora andamos assim de um bocado de olho, mas isso não quer dizer que eu não participe no agrupamento

e o que eu sinto é que eu, e o pré-escolar, temos lá um lugar marcado, porque eu acho que nós não temos que nos calar.

Estamos sempre em minoria, nós somos dois Jardins de Infância e são cinco ou seis escolas do primeiro ciclo, eles são sempre muito mais. A gente fala e numa reunião quem se ouviu falar são as educadoras, e quem soube-se oferecer para as coisas são as educadoras, não é? Pronto, e é assim que tem que ser. E é assim que temos que nos afirmar como grupos profissionais.

(A8)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	c) RELAÇÃO COM AS CRIANÇAS E COM A COMUNIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que caracterizam o trabalho desenvolvido com as crianças, famílias e comunidade em geral.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de melhor foi o grupo de crianças, o que significa?

R – O grupo de crianças, como o trabalho estava muito organizado, elas próprias já sabiam que faziam, portanto, quando era necessário eu ficar com um grupo ou com outro eu não tinha problemas absolutamente nenhuns, elas próprias me ajudavam, me lembravam que se tinha que fazer, o que não tinha, já o ritmo de trabalho, o ritmo de, estava tudo muito bem estruturado, as crianças respondiam, pronto, havia situações menos agradáveis como, agradáveis como sempre, não é, ou porque havia mais barulho, mas após uma pequena intervenção elas voltavam ao normal, não é, as coisas correram muito bem, o grupo realmente estava muito bem trabalhado e era excepcional, gostei muito.

Nós todos os dias fazíamos o plano diário e resolvíamos naquela hora o que iríamos, o que íamos fazer durante o dia, mediante, planeávamos as nossas actividades em conjunto, que acho que a democracia numa sala de jardim de infância é muito importante, sem dúvida.

(A1)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de melhor foi o envolvimento com a comunidade, o que significa?

R – Era um meio rural, não se trabalhou tanto com a comunidade como os outros contextos, mas também se conseguiu algum envolvimento, principalmente por parte dos pais.

(A2)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de melhor foi óptimo grupo de crianças, o que significa?

R – Sim, era um grupo de crianças de quatro e cinco anos, todos diferentes uns dos outros, mas vinham também muito bem preparados do ano anterior, que isso também contribui, não é, eram crianças, a maior parte das crianças já vinham do ano anterior, tinham tido uma educadora que eu considero, eu não conhecia a colega, mas pelo que vi nas crianças desenvolvia um bom trabalho, era crianças muito organizadas e ajudou, se calhar o trabalho que a colega tinha feito anteriormente coincidia um bocadinho com o meu, daí o não ter sido muito difícil.

(A4)

Q – E o que significou neste outro contexto de trabalho este bom relacionamento com crianças, pais, comunidade?

R – Como o projecto era o ^a vivo e estávamos todos a trabalhar em colaboração para valorizar a aldeia e as aldeias do A., o que elas tinham de bom e os materiais, os pais foram chamados à escola a intervir, os avós foram chamados a intervir portanto houve um relacionamento muito, muito forte com a comunidade.

Q - Daí essa entrega do projecto A. vivido por todos os professores?

R – Sim, toda a gente estava numa de levar o projecto avante, aliás o projecto continuou que agora era o primeiro ano que funcionava, o projecto era para 4 anos e continuou, penso que este ano estará a terminar.

(A5)

Q – Quando pensa neste contexto de trabalho que teve de melhor o que significa as crianças?

R – É o mesmo dos outros contextos, sem as crianças não sei viver.

(A9)

Q – Quando pensa neste contexto de trabalho que teve de pior o que quer dizer com os pais?

R – Os pais estão muito indiferentes, não sei o que fazer, mas os pais queixam-se que não podem faltar ao emprego para virem ao J. I. e depois são implicativos porque o meu filho anda sem chapéu porque passou aqui a vizinha e viu. Eles estão demitidos das funções de pais. Nós temos que estar em 2.º plano nunca nos podemos substituir à família porque o mais importante de tudo é a família e a criança chega ao J. I. e é fruto da família, do meio de onde vem e a gente pode limar ou sublimar outras coisas mas é muito importante que os pais se aproximem do J. I..

(A9)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de melhor foi o intercâmbio cultural e étnico. Quer explicar um pouquinho este intercâmbio cultural e étnico?

R – Havia crianças de diferentes países, havia crianças asiáticas e dentro das asiáticas: filipinas, chinesas, macaenses, havia algumas crianças portuguesas e havia algumas crianças inglesas.

(A10)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa, trabalho com a comunidade?

R – Vem na sequência precisamente do projecto, sim, sim.

R – Este aqui concretamente foi o projecto que realmente que nós desenvolvemos com a comunidade e portanto intervenção comunitária que foi fundamental para conseguirmos realmente sobreviver às adversidades do contexto.

(A11)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	d) RELAÇÃO COM AS COLEGAS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem às relações interpessoais e aos projectos desenvolvidos através desses intercâmbios.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de melhor foi a relação com as colegas, quer especificar?

R – Portanto, eu neste Jardim actual, depois, a partir da Páscoa, depois das férias da Páscoa voltei a substituir a mesma colega, onde estive em Dezembro, que teve que ser, também entrou de atestado, aí voltei a constatar que o trabalho estava muito bem organizado, que as colegas eram realmente óptimas, puseram-me à vontade para lhes sugerir o que fosse e para trabalhar com elas, portanto, tanto com uma como, eu fui substituir uma, mas como existiam duas salas e duas colegas elas, portanto, havia um intercâmbio conforme as necessidades de cada sala o que foi muito agradável para mim porque estava também numa situação de substituição.

(A1)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de melhor foi a boa relação com a auxiliar e com a educadora de apoios educativos, quer especificar?

R – Pronto, isso é o que eu já tenho dito, que considero fundamental e também o apoio, tínhamos lá uma associação e tinha uma colega de ATL que estava na sala ao lado, porque é sempre bom porque uma pessoa ir, eu fazia tantos quilómetros para um Jardim sozinho, se não tivesse ninguém, a escola primária era longe, se não tivesse outras pessoas com quem falar, é difícil não é de ultrapassar às vezes certas situações.

(A4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa as colegas de trabalho?

R – Não estavam muito motivadas este ano, cada uma trabalhou para o seu lado.

(A6)

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro contexto de trabalho o que significou o ambiente de trabalho?

R – O ambiente de trabalho é isso pronto. Foi esta parceria e mais, nós estávamos incluídas numa escola do primeiro ciclo e também funcionamos bem com as colegas, embora elas com aquele distanciamento e com não sei o quê, pronto, o espaço físico não ajudou porque é, como é que hei-de explicar é uma escola de plano centenário portanto tem duas entradas, uma entrada para o Jardim de Infância e outra entrada é para a escola, portanto não há ligação, não é, tu para ires à escola tens que sair à rua e entrar, etc., não é pronto e isso, bloqueia a comunicação, mas existiu, em ambiente privado, agradável e às vezes íamos lá beber o chazito, fomos menos do que devíamos, também estas paragens também com a minha ideia de ser muito aplicada, tinha manias, aquilo são manias, não é, aquelas coisas já vou, já vou, já vou.

Q – É engraçado, eu nunca tomei chá a meio da manhã no J. I.?

R – Mas olha que é um espaço de comunicação muito importante às vezes para dizer, os meninos estavam no recreio com a auxiliar estão numa altura, são alturas livres não é?

Q – Sabes porquê, porque a minha auxiliar não ia ficar com os meninos, portanto, quem fica sempre no recreio sou eu.

R – Eu também fico, este ano, a não ser naqueles casos.

Q – Mas não condeno isso, porque às vezes perguntam a que horas é que tu vais tomar café? Eu tomo café antes de entrar para o J. I.

R – Pois, pronto, mas eu não concordo que saiam do estabelecimento, não concordo que saiam, se tiver que sair, é assim, sinto-me muito mal, parece que estou a fazer um grande crime, é impressionante, são coisas da nossa cabeça, mas uma paragem até é saudável.

(A8)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho, que é o actual e apesar de ter 19 anos de serviço só tem 4 contextos, disse que o que teve ou tem de melhor foi a camaradagem quer especificar?

R – Porque há muita partilha, há muita amizade apesar de sermos diferentes, somos 3 educadoras mas há uma certa camaradagem, uma certa interajuda, um certo apoio umas nas outras, por ex. houve uma educadora que teve problemas com os pais, foi qualquer coisa que não foi conveniente na hora certa, e levantou algum sururu e houve logo uma reunião de associação de pais onde tudo queria deitar uma acha à fogueira, eu como sou do pedagógico a Sr.^a da associação de pais veio falar comigo e eu demovia em 5 minutos e disse-lhe: não discuto qualquer assunto quando vocês se reuniram e não deram qualquer oportunidade à pessoa em causa para estar presente. É neste sentido que há camaradagem porque eu e a outra colega tomamos logo esta posição de defesa a ela ou seja não é de defesa se ela está incorrecta, agora de lhe dar uma oportunidade de ela se explicar. Acho que nós educadoras temos que nos proteger umas às outras porque ninguém nos protege.

(A9)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a colega com quem trabalhei?

R – No contexto anterior, mas quer num quer noutro foram fundamentais, porque, um no anterior por ser realmente uma situação com que me deparei, nova, porque realmente era, o edifício em si era excelente, mas não havia tradição do trabalho do Jardim de Infância, portanto foi um trabalho que foi necessário fazer, e que também foi importante a colaboração da colega. Aqui educadora, a colega educadora sim, e aqui, por realmente as condições do contexto serem tão más, que também foi importante, e só conseguimos desenvolver o projecto porque nos entendemos enquanto pessoas.

(A11)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.ª RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	e) RELAÇÃO COM A AUTARQUIA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem à sensibilidade dos autarcas face ao J. de Inf.

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa o Presidente da Câmara?

R – É o facto de ser arrogante, penso que já falei dele anteriormente.

R – O presidente da câmara é arrogante, teve problemas comigo por causa de que eu dizer que fechava o Jardim de Infância porque considerava que não tinha condições para abrir, ele tentou-me, não é, tramar, mas portanto ainda hoje não consigo olhar de frente nem consigo enfrentá-lo, portanto, para mim é uma pessoa que está à margem, posso ir lá a Câmara pedir coisas para os miúdos, isso, quer dizer, não tem nada a ver uma coisa com a outra, na altura outra coisa é a nível pessoal, mas não consigo enfrentá-lo e falar com ele, porque está-me aqui atravessado é arrogante, é arrogante, eu acho que ele.

É uma imagem de arrogância dessas pessoas que referi.

(A6)

Q – Quando pensa neste contexto de trabalho que teve de pior o que significa as instalações, infra-estruturas, materiais e equipamento?

R – São péssimas, são más, eu acho que as instalações e o resto ainda conseguem ser piores do que no início de rede pública. Aqui em G. as mesas eram de pernas de ferro todas cheias de ferrugem, com o tampo todo escrito, porque vieram da primária, as crianças não podem meter as pernas debaixo da mesa então têm que estar de lado o que é um atentado à saúde das próprias crianças. Eu fui à Câmara dizer que aquele J. I. era medieval e fui insultada.

Q – Acha que a autarquia tem sensibilidade para o que deve ser um J. I. da rede pública?

R – Não, aqui em G. não têm sensibilidade nenhuma para as questões de educação porque prometem e estão de acordo e vão enganado com aquela coisa de político.

(A9)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.º RELAÇÃO COM O TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à organização do trabalho, aos agrupamentos, às relações de trabalho entre os diferentes intervenientes educativos.	f) AXILIARES DA ACÇÃO EDUCATIVA Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao papel / atitude da auxiliar e suas implicações no desenvolvimento do trabalho.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa a auxiliar?

R – É uma pessoa participativa e colaborante e é amiga das crianças.

(A6)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INFª - ESCOLA DO 1.º CEB Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	a) ELOS DE LIGAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que valorizam a articulação / continuidade entre os dois contextos educativos.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro contexto de trabalho o que significou o ambiente de trabalho?

R – O ambiente de trabalho é isso, pronto. Foi esta parceria e mais, nós estávamos incluídas numa escola do primeiro ciclo e também funcionamos bem com as colegas, embora elas com aquele distanciamento e com não sei o quê, pronto, o espaço físico não ajudou porque é, como é que hei-de explicar é uma escola de plano centenário portanto tem duas entradas, uma entrada para o Jardim de Infância e outra entrada é para a escola, portanto não há ligação, não é, tu para ires à escola tens que sair à rua e entrar, etc., não é pronto e isso, bloqueia a comunicação, mas existiu, em ambiente privado, agradável e às vezes íamos lá beber o chazito, fomos menos do que devíamos, também estas paragens também com a minha ideia de ser muito aplicada, tinha manias, aquilo são manias, não é, aquelas coisas já vou, já vou, já vou.

Q – É engraçado, eu nunca tomei chá a meio da manhã no J. Inf.?

R – Mas olha que é um espaço de comunicação muito importante às vezes para dizer, os meninos estavam no recreio com a auxiliar estão numa altura, são alturas livres não é?

(A8)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
2.ª COMUNICAÇÃO ENTRE J. INFª - ESCOLA DO 1.º CEB Pertencem a esta categoria os enunciados que valorizam / desvalorizam articulação entre os dois microssistemas.	b) AUSÊNCIA DE LIGAÇÃO Pertencem a esta subcategoria os enunciados que não atribuem importância a esta articulação e que se acomodam face à situação.

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa a professora do 1.º ciclo?
R – É uma que tem por lema deixa andar, tem aquela imagem de professora primária de antigamente, eu sou eu, era fazer o trivial.

(A6)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.^a DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	a) PROXIMIDADE Pertencem a esta subcategoria os enunciados que evidenciam aproximação do local de trabalho e lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no que de melhor teve o outro/actual contexto de trabalho o que significa estar perto de casa?

R – É assim é estar perto mas suficientemente longe para ir e vir, não gosto de estar perto que dê para ir a pé.

(A6)

Q – Quando pensa neste contexto de trabalho que teve de melhor o que significa a proximidade?

R – É a meia idade, fico ao lado de casa, posso ir a pé, é bom sair do J. I. e passado meia hora estar no centro do P., é bom ir à FNAC e encontrar um livro do Chá e de ter este tempo, ficar próximo das amigas, da família que é boa e confortável.

(A9)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.ª DISTÂNCIA Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem aos benefícios / malefícios da deslocação das educadoras e suas implicações no trabalho desenvolvido.	b) DIFICULDADES Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao impacto negativo, do ponto de vista pessoal e profissional, entre o local de trabalho e o lugar geográfico de origem.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de pior foi a distância, é uma característica fixa nos seus contextos de trabalho, não é?

R – Foi um factor quase permanente, se por um lado me trouxe angústia, por outro lado possibilitou-me conhecimentos e alegrias, parece um paradoxo, mas é verdade existe um misto de bom e de mau, mas o bom supera o mau.

(A2)

Q – O estar longe de casa também já está, já falamos anteriormente?

R- Não era muito longe de casa, mas pronto é complicado quando não se gosta de conduzir.

R – Pensei mais em situações. Fazia 45 Km por dia, não eram muitos, mas como eu não gosto muito de conduzir, para mim tornavam-se muitos. E foi um ano, pronto, eu aqui recordo, que foi um ano de muita muita muita chuva. Portanto foi um ano muito complicado para mim.

O Jardim, em termos físicos, estava a sala em si tinha boas condições, agora os acessos é que eram deficientes e tínhamos uma criança com paralisia dos membros inferiores e tentamos, eu, a auxiliar e a educadora de apoios dividirmos um bocadinho mas chegamos ao final do ano todas nós exaustas, a criança era muito pesada, e isso foi o mais negativo. Mas tentamos superar, com ajuda umas das outras.

(A4)

Q – E o que significa neste contexto de trabalho que teve de pior foi ser o muito distante?

R – Era, era mais duzentos e não sei quantos quilómetros por dia.

A escola também tinha poucas condições, mas o frio e a neve de inverno também prejudicavam tornaram desconfortável a estrada mas tudo isso foram obstáculos vencidos, conseguiu-se e não foi preciso faltar, não foi porque no meu caso eu conseguia chegar à escola, houve colegas meus que não conseguiam descer as rampas porque faziam patinagem com os carros mas no meu caso nunca tive esse problema conseguia sempre chegar à escola.

(A5)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de pior o que significa a distância?

R – A distância era o grande problema, porque fazer a viagem de avião era muito cara, sempre que nos apetecia ou que nos dava uma saudade não se podia fazer, era sublimar de outra forma.

(A10)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	a) RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais existentes.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de melhor o que significa os recursos humanos, físicos e materiais?

R – Significa que eram muito bons, eram muito superiores aqueles que eu estava habituada em Portugal, aqui não havia escassez de meios económicos. A qualidade era boa. Nós também podíamos comprar livremente até x quantia, mas estávamos mais bem servidos em termos económicos.

(A10)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.ª CONDIÇÕES DE TRABALHO Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem às instalações físicas e materiais pedagógicos do J. de Inf.	b) ESCASSEZ DE RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS Pertencem a esta subcategoria os enunciados que se referem ao tipo de recursos humanos e materiais inexistentes.

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de pior foi a falta de pessoal?

R – Exactamente, portanto havia uma auxiliar para duas salas, ainda por cima, essa auxiliar está a tirar o curso de educadora de infância portanto é trabalhadora estudante, tinha direito a umas horas e ainda dificultava mais o trabalho, por acaso a Junta colocou uma pessoa em substituição mas só que era uma pessoa que não estava minimamente sensibilizada para o Jardim porque é uma senhora que anda a varrer as ruas é uma pessoa pronto com um conhecimento muito reduzido da realidade do Jardim e isso traduzia-se em pouca rentabilidade do trabalho.

(A1)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que é o actual que teve de pior foi o espaço físico não adequado?

R – Portanto como se tratava duma escola de primeiro ciclo portanto, as salas do Jardim de Infância estavam numa sala de primeiro ciclo que não tinham os 50 metros quadrados, portanto que a lei diz para uma sala de Jardim de Infância, portanto nós com 48 metros quadrados e mais uns centímetros para 22 crianças, porque tínhamos cada sala uma criança com necessidade educativas especiais era bastante, porque a quantidade de cadeiras imensas para as crianças se sentarem ocupava imenso espaço e depois o espaço ficava reduzido para as áreas de brincadeira portanto

(A1)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de pior foi não ter auxiliar de acção educativa, o que significa?

R – Tinha mais não era só daquela sala, ficavam doentes e não as substituíram. Trabalhei quase sempre sem auxiliar, havia na escola, no Jardim não é, mas quando eu pretendia tinha que a andar sempre a chamar.

Q – Acha que o facto de não ter auxiliar da acção educativa pode impedir o seu trabalho ou a realização do seu trabalho?

R – É assim impedir, impedir, talvez não mas que dificulta, dificulta. Porque as crianças têm pouca idade e se nós não contamos com as auxiliares por isso é que elas existem, não são meras empregadas de limpeza, elas têm outra função que nós podemos repartir com elas, mas este sistema de uma auxiliar por cada 2 ou por cada 3 lugares, é um bocado difícil.

(A2)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho o que teve de pior foram as más condições do edificio, quer especificar?

R – Era um edificio à partida novo, relativamente mas estava muito mal concebido e fazia muito eco, tinha um pé direito enorme, eu acho que as crianças se deviam sentir formigas quando olhavam para o tecto. Foi construído de raiz, mas acho que estava muito mal concebido.

Aliás eu acho que continuam a conceber Jardins de Infância da mesma maneira, já foi há uns anos mas continuam a construí-los da mesma forma e a fazer adaptações muito mal feitas.

Acho que existem educadores de infância nas Câmaras, mas não existem com um papel muito activo no que diz respeito a essa questão de equipamentos, não são muito ouvidas, não é e às vezes também não vão ver porque há questões que já estão muito bem definidas na Lei e nem sequer são tidas em conta, senão não faziam aberrações como fazem.

(A2)

Q – E o que significa neste contexto de trabalho que teve de pior foi ser muito distante?

R – Era, era mais duzentos e não sei quantos quilómetros por dia.

A escola também tinha poucas condições, mas o frio e a neve de inverno também prejudicavam tornaram desconfortável a estrada mas tudo isso foram obstáculos vencidos, conseguiu-se e não foi preciso faltar, não foi porque no meu caso eu conseguia chegar à escola, houve colegas meus que não conseguiam descer as rampas porque faziam patinagem com os carros mas no meu caso nunca tive esse problema conseguia sempre chegar à escola.

(A5)

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro contexto de trabalho o que significa as instalações?

R – Não são grande coisa, principalmente a parte da, são adaptadas e a parte higiénica é assim um bocadinho.

(A8)

Q – Quando pensa neste contexto de trabalho que teve de pior o que significa as instalações, infra-estruturas, materiais e equipamento?

R – São péssimas, são más, eu acho que as instalações e o resto ainda conseguem ser piores do que no início de rede pública. Aqui em G. as mesas são de pernas de ferro todas cheias de ferrugem, com o tampo todo escrito, porque vieram da primária, as crianças não podem meter as pernas debaixo da mesa então têm que estar de lado o que é um atentado à saúde das próprias crianças. Eu fui à Câmara dizer que aquele J. I. era medieval e fui insultada.

(A9)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior o que significa, o estado deplorável em que se encontrava o Jardim de Infância, penso que já falamos?

R – Sim, respondi à bocado sim.

R – Estava a pensar em situações e em pessoas, que realmente era uma comunidade muito, era uma comunidade completamente posta de lado, portanto era uma, era uma situação em que a freguesia, o centro da freguesia estava desenvolvido e aquela comunidadezinha mais pequena e mais localizada, portanto tinha ocupado, eram as pessoas menos favorecidas tinham ocupado os terrenos baldios, e os terrenos baldios tiveram um crescimento tão grande populacional que tinham mais, a densidade populacional neste terrenos era superior à do centro da freguesia. Portanto as pessoas viviam sem condições nenhuma, não tinham água, não tinham luz, as casas tinham sido construídas por elas sem condições mínimas, e o Jardim de Infância tinha o mesmo estado, portanto era um dos pavilhões pré-fabricados completamente velhos a cair de podres, e as condições eram horríveis; depois claro que a juntar isto tudo eram crianças com umas histórias de vida incríveis, eram miúdos que vendiam droga à porta da escola, que eram mal tratados, que eram, tudo que se possa imaginar de mal em termos sociais existia na sua comunidade e apesar de tudo, lá está, nós conseguimos fazer, realmente foi um trabalho sobretudo um trabalho, o nosso projecto foi

social, foi muito grande, trabalhamos muito muito com os pais, com a comunidade, com a Junta, porque era, era preciso fazer tudo, foi um trabalho de educação comunitária.

R – Realmente o que me deixou, a marca desagradável da questão realmente foi as condições do Jardim de Infância que não eram muito melhores das que as condições que as pessoas tinham em casa. Por isso, isso realmente foi muito desagradável, e pronto, porque quando nós, uma das vezes que tivemos que fechar o Jardim porque entrava água por todos os lados, chovia pelas lâmpadas, os miúdos se se encostassem à parede, a parede andava um bocadinho para fora, quando tivemos que fechar o Jardim porque era impossível, não é, não conseguíamos, não havia condições, era perigoso, as mães diziam em casa, também me acontece o mesmo, eles aqui estão melhores do que em casa.

(A11)

Sistema Categorical – “Outro Contexto de trabalho” no sector público

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5.ª UM OLHAR DIFERENTE Pertencem a esta categoria os enunciados que se referem à tomada de consciência sobre novos campos do exercício profissional e sobre as exigências, dada uma nova “maturidade”.	

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho no que teve de pior foi as instalações físicas não adaptadas, em que aspecto?

R – Não adaptadas a crianças condicionadas fisicamente. Havia umas escadas que nós tínhamos e tínhamos que, a criança tinha a cadeirinha de rodas e tinha que ficar cá em baixo e nós tínhamos que subir com a criança ao colo e ela era extremamente pesada. E pronto, foi esse o obstáculo, mas que conseguimos com as três, entre a educadora de apoio e a auxiliar, fomos tentando superar estas deficiências, mas deixou-me mazelas ao nível da minha saúde.

(A4)

Q – Quando pensa no que de pior teve o outro contexto de trabalho o que significa o meio social?

R – O meio social é muito agressivo acho que foi dos meios sociais mais agressivos, era assim meio esquisito, era ausente, este era sinistro, desconfiados, engraçado, trabalhei pertíssimo dali, no outro sítio, e eram porreiros, mas foram educados, foram conquistados pelo nosso trabalho.

(A8)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de pior o que significa a adaptação ao meio?

R – Foi uma mudança brutal, porque viver em Portugal vinte anos e de repente ir para a Ásia sem família, sem ninguém conhecido, efectivamente a diferença é muito, muito grande. A adaptação foi-se fazendo porque a boa vontade era muita e porque fomos de livre arbítrio, portanto, fez-se bem.

Q – E foi enriquecedora essa experiência?

R – Foi muito enriquecedora, valeu a pena, claro.

(A10)

Q – Quando pensa no outro contexto de trabalho que teve de pior o que significa o clima pouco favorável para a saúde. Quer explicar?

R – O clima para mim especificamente porque era muito quente e muito húmido era-me prejudicial, eu não me sinto bem nesses climas, mas até então eu não conhecia e para mim foi um grande senão, o clima.

(A10)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior quer especificar só mais um bocadinho as histórias de vida das crianças?

R – Ora bem, eram crianças muito, portanto de três, quatro anos, tinham alguns de cinco, é evidente, mas as que mais me marcaram foram as mais pequenas e que apesar de terem três ou quatro anos de vida tinham umas histórias de, que correspondiam a quase vinte, vinte anos quase de uma vida normal, não é, porque são crianças que têm de lidar diariamente com tantas situações negativas, sei lá, desde pais que estavam presos até miúdos que tinham sido abandonados pela família e estava a ser criados por vizinhos, haviam assim tantas situações complicadas, pronto que realmente, eram histórias muito marcantes. Aliás,

é no primeiro dia em que fui colocada nesse Jardim, no primeiro dia de escola um menino rachou a cabeça e eu quando vou ao centro de saúde a enfermeira deitou as mãos à cabeça e disse: aí onde a senhora foi parar, coitada de si realmente foi para ao pior lugar da freguesia; e pronto, realmente, quer dizer foi no princípio um choque muito grande mas por outro lado também conseguem-se, eu acho que quando se vê algum trabalho feito também é mais gratificante.

(A11)

Q – Quando pensa no seu outro/último contexto de trabalho que teve de pior o que significa, o abandono que a população (comunidade) estava?

R – Realmente era quase como nós vemos na televisão as comunidades de minorias étnicas, até aquilo que a gente pensava que só existia nos filmes e que sabíamos que era a realidade mas que não podíamos acreditar que era realidade e realmente estas pessoas portanto eles faziam na freguesia, no centro da freguesia faziam turmas à parte para os meninos desta, deste lugar desta comunidade, o centro de saúde tratava-os de forma diferente, eram marginalizados em todos os lados.

Q – A freguesia era perto do P.?

R – Muito perto, sim.

Q – Às vezes pensamos que isto só existe noutros países de terceiro mundo?

R – Isto existe aqui, e era mesmo em termos eram pessoas assalariados mal pagos, depois eles eram explorados no trabalho havia pessoas que não, sabiam assinar mas não percebiam o que liam e depois assinavam coisas que não deviam assinar, punham-lhe os papéis à frente e eles assinavam de cruz. O nosso trabalho foi muito nesse sentido, mesmo de incentivar as pessoas a sei lá, a inscreverem-se numa escola para aprenderem a ler, a não serem sobretudo para evitar a serem enganados, porque eles eram enganados pelos patrões.

(A11)